EDOI LELIA DOURA

antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa

organizada por

HERBERTO HELDER

EDOI LELIA DOURA

ASSÍRIO E ALVIM
COOPERATIVA EDITORA E LIVREIRA, CRL
RUA PASSOS MANUEL, 67B, 1100 LISBOA

CAPA DE MANUEL ROSA
TIRAGEM: 3000 EXEMPLARES
EDIÇÃO 184, EM JANEIRO DE 1985
DEPÓSITO LEGAL N.º 6924/85

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA GUIDE - ARTES GRÁFICAS, LDA.
PÓVOA DE SANTO ADRIÃO — 2675 ODIVELAS

EDOI LELIA DOURA

ANTOLOGIA DAS VOZES COMUNICANTES DA POESIA MODERNA PORTUGUESA

organizada por

HERBERTO HELDER

assírio e alvim

Eu podia contar gemeamente duas histórias: uma afro-carnívora, simbólica, a outra silenciosa, subtil, japonesa. De cada uma delas acabariam por decorrer um tom e um tema. A história carnívora foi colhida algures, de leitura, e respeita a uma tribo que sepultava os seus mortos no côncavo de grandes árvores. As árvores, a que tinham dado o nome do povo: baobab, devoravam os cadáveres, deles iam urdindo a sua própria carne natural. Pelo nome tirado de si e posto na alquimia, a tribo investia-se nas transmutações gerais: a morte levava o nome, e o nome, activo e tangível, crescia na terra. Emocionam-me a fome botânica e o triunfo das copas, o empenho tribalmente mágico, regrado pelo insondável entendimento das metamorfoses da carne no esquema orgânico da matéria. E apanho aqui o símbolo, como se intelege neste livro: uma imagem de si mesma, uma imagem absoluta, universal, devora esta gente, e esta gente põe a assinatura na imagem devolvida ao mundo. É quase tudo quanto há para dizer no plano prático da poesia. Num Japão corolário, o discípulo pergunta ao mestre o que é o Zen, e o mestre descalça as sandálias e coloca-as em cima da cabeça. Eu penso que o discípulo era ainda pouco lavado na inteligência das coisas, do seu pouso e geometria, pouco inteligente da inteligência que aparelha o caos em relações sensíveis de elementos. Não lhe era enfim sabido que discorrer sobre a ordem do mundo, e de qualquer capítulo dele, é menos que nomear. É o desencontro no acto das palavras. Como ressalta então o recôndito, o lugar onde a carne é comida, e ressurge, mercê da aliança da linguagem com as formas! Não se discorre. A vitalidade nominal é intrínseca, metabólica: pode tender para o silêncio ou tomar o ganho de uma voz, mas não explica, age apenas, age como substância, forma e nome da realidade. Vejo eu mesmo, à custa de operações secretas — alimentos, silêncios — que me sustenho no âmbito mais avesso ao exterior de uma arte que é interna, arte cerrada a que se chega por dote e exercício próprios, das cercanias para o meio, um combate com as armas inocentes e astuciosas da magia, carne contra carne, imagens, sopro, os terríveis substantivos da terra, objectos vivos. Se me acontece tomar como argumentos meus aquilo que os poemas indicam e dirigem, ou fazem, aquilo que sai em jeito de visibilidade e música, a desocultação, a versão ponderável, fica assente em espécie de nota que se capta a razão inteira, no centro. Todo o livro vai sendo o seu prefácio, e o posfácio, a inacessível e prontamente acessível evidência. E assim quero eu pôr em escrito rápido que ele, livro, com as suas vozes comunicantes, incita quem puder a poder encontrar a razão das razões, pessoal, pessoais, e o fundamento agora inabalável de

uma figura da realidade que, apenas manifesta, se torna encontrada como única. O que se faz segundo as posses dos encontros. Neste sistema de vozes não deixa a natureza que entrem outros veios: é uma clepsidra para ajuste de certas horas, porventura nocturnas, marcando a dominação e os passos de um sol negro magnificante. Fique indiscutível que é uma antologia de teor e amor, unívoca na multiplicidade vocal, e ferozmente parcialíssima. Quando os lemos lado a lado, a todos estes poetas e poemas, sabemos estarem eles entregues ao serviço de uma inspiração comum, a uma comum arte do fogo e da noite, ao mesmo patrocínio constelar. O que varia é a política das formas, maneira de guerra e hipnotismo das pessoas e dos tempos. Nunca o estilo de alimento, de morte, de mudança. Nada disto aclara, nada pretende: ache cada um a sua árvore vorazmente nupcial, sem inquirir de um silêncio que só responderá mostrando o absurdo no absurdo, aludindo com a técnica oblíqua de um exemplo qualquer à qualidade da acção, mesmo que a acção, no domínio dos silêncios, seja verbal. Ache, na sua própria cegueira, a vista de uma paisagem transfigurada: a vida começa a ser real. Algures, aqui.

Os poemas e textos que constituem a presença de cada autor foram distribuídos, não segundo a data de publicação ou a sequência em que se encontram nos livros de onde se extraíram, mas conforme a uma norma que garanta, em cada caso, uma possível organicidade particular.

Quanto aos textos inéditos ou de procedência estranha a livros individuais — tal como antologias, volumes colectivos ou revistas — dar-se-ão as indicações nos sítios adequados.

Entre parênteses rectos aparecem os títulos da nossa lavra, que são apenas designativos — poema, soneto, etc. — ou repetem o título do livro ou da série de que provêm, ou se aproveitam de elocuções do próprio escrito original.

Nas notas que acompanham os nomes dos autores, apenas se fornecem sucintos elementos biobibliográficos. Só se transgride a regra quando se impõem outras observações, contudo resumidas sempre, estritas.

Se porventura existem desequilíbrios quantitativos na representação de alguns autores, deve-se isso mais ao volume limpo das respectivas obras que à importância individual atribuída pelo antologiador (e quando dizemos «limpo», significamos que foi tida em balanço, das obras de todos, apenas aquela parte indisputável ao espírito desta antologia).

[CANTIGA D'AMIGO]

Eu velida non dormia,
lelia doura,
e meu amigo venia,
edoi lelia doura.

Non dormia e cuidava,
lelia doura,
e meu amigo chegava,
edoi lelia doura.

E meu amigo venia,
lelia doura,
e d'amor tan ben dizia,
edoi lelia doura.

E meu amigo chegava,
lelia doura,
e d'amor tan ben cantava,
edoi lelia doura.

Muito desejei amigo,
lelia doura,
que vos tevesse comigo,
edoi lelia doura.

Muito desejei amado,
lelia doura,
que vos tevesse a meu lado
edoi lelia doura.

Leli leli, par Deus, leli,
lelia doura,
ben sei eu que[n] non diz leli,
edoi lelia doura.

Ben sei eu que[n] non diz leli,
lelia doura,
demo x'é quen non diz lelia,
edoi lelia doura.

Pedro Eanes Solaz
Jogral, séc. XIII

GOMES LEAL

Nasceu em Lisboa em 1848 e aí morreu, meio louco e na miséria, em 1921. À sua vasta e desigualíssima obra poética prestou Vitorino Nemésio precioso serviço, ao seleccioná-la severamente no volume *Destino de Gomes Leal* (s/d, 1953), antologia precedida por um estudo crítico e biográfico, e que já antes (s/d, 1942), e de proporções mais modestas, fora publicada com o título *Gomes Leal, Poesias Escolhidas*. O livro de Nemésio mereceu na altura os ataques quase generalizados da crítica, mas acabou por revelar-se da maior oportunidade e pertinência. Obras principais: *Claridades do Sul* (1875), *A Fome de Camões* (1880), *História de Jesus* (1883), *O Anticristo* (1886, nova versão: 1907), *Fim de um Mundo* (1900), *Serenadas de Hilário no Céu* (1900), *A Mulher de Luto* (1902), *Mefistófoles em Lisboa* (1907). Em edições posteriores de algumas das colectâneas, o autor refundiu poemas e acrescentou outros, inéditos ou aparecidos em jornais e folhetos.

À MEMÓRIA DE MINHA IRMÃ

A ti, Sombra gentil, que talvez com deleite
Cruzas ligeira o Céu, — como asa de andorinha —
Sobre os rios azuis e as baías de leite
Dos astros da noitinha...

A ti, que tanta vez desfolhas, nas caladas
Noites, com tuas mãos rosadas e cetíneas,
Neste meu coração, crivado de facadas,
Punhados de glicínias...

A ti, Bíblia ideal encadernada em rosas,
Estátua do Pudor trazendo um lírio ao peito,
Que roças tanta vez tuas tranças sedosas
Nos sonhos do meu leito...

A ti, que tanta vez, pelos bosques de mirtos,
Ou nos lagos do Céu religiosos e calados,
Talvez te lembre a hora em que os teus dedos hirtos
Me apertaram, delgados...

A ti, de quem eu vi ternas pupilas pretas
Filtrarem, ao morrer, um pranto solitário,
Como outrora a Jesus choraram as violetas
Na noite do Calvário...

A ti, cuja saudade, igual a espadas finas,
Machucou no meu peito a alegria e o conforto,
Como um ai de Jesus fez dobrar as boninas
Orvalhadas do Horto...

A ti, a cuja morte, alegrias doiradas,
Esp'ranças e visões fugiram baças, mudas,

Como dos seus pombais as pombas assustadas
Pelo archote de Judas...

A ti, pluma subtil do peito de alva pomba,
Cortando aérea o Azul — *laranjal de quimeras* —
Talvez te lembre a hora em que o sol meigo tomba,
Osculando as anteras...

A ti, que tanta vez — em túnica de neve —
Roças por minha febre a trança de veludo,
E sinto, mansamente, o passo aéreo e leve,
À lâmpada do Estudo...

A ti, a ti dedico, astro dos céus risonhos,
Este livro do *além*, escrito em largas velas,
A fim de que lembre e te recorde os sonhos,
Fiados às estrelas...

A fim de que recorde este livro de penas
Os dramas e as visões dos romances que amámos,
Do violino os ais, e o céu todo açucenas,
Para onde tanto olhámos!...

A fim de recordar-te, a ti, cheia de palmas,
De goivos, de cecéns, de *escabiosas* abertas,
As nossas convicções de outrora de que há almas
Em estrelas desertas...

A fim de recordar-te os colóquios amigos
Sobre as almas leais dos Castos e dos Justos,
Quando a lua branqueava os pinheiros antigos,
E a fonte entre os arbustos...

A fim de relembrar-te o pavor das baladas,
Recitadas ao alvor do crescente, nos campos,
Quando ladrava o cão da noite nas caladas,
À luz dos pirilampos...

E sobretudo — enfim — lembrar-te o sonho etéreo
Em que tu me trouxeste uma pena cor de ouro,
Mandando-me escrever sobre o sacro mistério
Das Almas e o seu coro.

Cumpro hoje esta missão. — Às almas que a vil Parca
Estrangulou, sem sol, sem Deus, sem confiança,
Hoje trago aos seus ais, como a pomba da Arca,
Um ramo cor da Esp'rança.

Às almas que a Revolta enegreceu as asas,
Com as unhas rasgando o magro peito intenso,
Queimo neste incensório, em cima destas brasas,
O Amor, como um incenso.

Às almas ao abandono e agarrando-se à hera
De um rochedo feroz, com hirta mão adunca,
Trago um céu de esmeralda onde se lê *Espera!*
Em vez do amargo *Nunca!*

E às desoladas mães e às amantes transidas,
Goivos fatais da histeria, almas que uivam de tédio,
Trago um óleo com que unjo as pálpebras doridas
Dos prantos sem remédio.

Uivantes batalhões de almas, mostrando as chagas,
Nos seios nus que rasga a *Espada da Saudade...*
Eu trago ao vosso mal das noites aziagas
O meu mel da piedade!...

Uivantes batalhões de almas desesp'rançadas,
Carpindo sem cessar nos lívidos rochedos,
Alevantai ao Céu as mãos alucinadas,
Vossos trágicos dedos!...

Desgrenhadas visões das paisagens funéreas,
As retorcidas mãos da febre erguei aos Céus,
Alçai as magras mãos, que afilaram histérias,
Porque o *Amor* é Deus.

Ele dará a todo o ensanguentado bando
O frenesim do amplexo e os beijos siderais.
Dará a uma o filho... a outra o noivo brando...
Morto nos ervaçais.

E também, doce irmã das longas tranças pretas,
A mim me fartará dos teus róseos carinhos,
Que faziam inveja aos lírios e às violetas,
E ao olhar dos passarinhos...

Toma pois este livro, ó jamais *Esquecida!*
Acolhe-o, pois que é teu. — Só tu o inspiraste,
Nas noites em que pende a lua enternecida,
Qual camélia na haste...

Leva-o para as regiões enigmáticas e belas,
Em que chorem de amor as relvas que tu pises...

— E possa ele sarar também lá, nas estrelas,
Os ais dos infelizes!...

O VISIONÁRIO *OU* SOM E COR

I

Eu sou um visionário, um sábio apedrejado,
Passo a vida a fazer e a desfazer quimeras,
Enquanto o mar produz o monstro azulejado
E Deus, em cima, faz as verdes Primaveras.

Sobre o mundo onde estou encontro-me isolado,
E erro como estrangeiro ou homem de outras eras,
Talvez por um contrato irónico lavrado
Que fiz e já não sei noutras subtis esferas.

A espada da Teoria, o austero Pensamento,
Não mataram em mim o antigo sentimento,
Embriagam-me o Sol e os cânticos do dia...

E obedecendo ainda a meus velhos amores,
Procuro em toda a parte a música das cores,
— E nas tintas da flor achei a Melodia.

II

Bem sei que a planta engana e a Natureza mente,
E que a flecha do Sol nos pode assassinar,
Que a Peste torna o azul sereno e resplendente,
E que a pérola sai das infecções do Mar.

Tudo é Matéria, Força, e Lei omnipotente!
E enquanto o lírio incensa e azula-se o luar,
Impassível talvez, em baixo, surdamente,
A terra cria a flor que me há-de envenenar.

Bem sei! — mas, na floresta imensa das Teorias,
Eu amo divagar, ouvindo as melodias
Que as plantas musicais dão aos astros e aos Céus.

— Ah! eu vejo Jesus no coração das rosas!
— Só eu vejo as leais flores melodiosas!
— E o lírio é para mim a hóstia onde está Deus.

III

Alucina-me a Cor! — A Rosa é como a Lira,
A Lira pelo tempo há muito engrinaldada,
E é já velha a união, a núpcia sagrada,
Entre a cor que nos prende e a nota que suspira.

Se a terra, às vezes, brota a flor que não inspira,
A teatral camélia, a branca enfastiada,
Muitas vezes, no ar, perpassa a nota alada
Como a perdida cor de alguma flor que expira...

Há plantas ideais de um cântico divino,
Irmãs do oboé, gémeas do violino,
Há gemidos no azul, gritos no carmesim...

A magnólia é uma harpa etérea e perfumada.
E o cacto, a larga flor, vermelha, ensanguentada,
— Tem notas marciais, soa como um clarim.

IV

Mas aquela que adoro, a hierática duquesa,
Nobre como as reais senhoras de Brabante,
Como a hei-de pintar igual e semelhante,
Se não há Som nem Cor em toda a Natureza!

Seu colo tem do lírio a rígida firmeza,
Seu amor é um céu católico e distante...
Mas a luz desse olhar sonoro e radiante
Eleva como a Cor, soa como a Beleza!

Nunca lhe ousei falar, nem sei se amor lhe inspiro.
Mas quando enfim morrer, então, como um suspiro
Meu seio florirá, em vez do meu amor...

Numa flor que porá talvez sobre a janela,
Uma flor rubra e negra, em forma de uma estrela,
— Como uma sinfonia obscura de terror.

NEVROSE NOCTURNA

— Bela! dizia eu, como um navio à vela,
Para um país polar, por um silêncio amigo.
Bela! como uma estátua e gélida como ela.
— Bela! dizia eu, como um sepulcro antigo.

— Bela! dizia eu, ágil como um jaguar,
Assim me inspire o Fado e Satanás me deixe!
— Bela! dizia eu, fria como o luar
Sobre o dorso luzente e excepcional de um peixe.

— Bela! dizia eu, como uma mesa lauta
Para um festim pagão: a Forma, o Som e a Cor.
— Bela! dizia eu, como uma nocturna flauta
Desafiando, no mar, a ladainha-Dor.

— Bela! dizia eu, fria como o marfim.
Bela como um calado e longo cemitério,
Em que se vê vagar, como no seu jardim,
O coveiro, ao luar, vegetativo e sério.

Bela! como um perdão ao pé do cadafalso,
Bela como o luzir do orvalho nas searas,
Nevada como um pé, curto, branco, descalço,
Fugitivo através das grandes ervas claras.

Bela! como o sentir as espirais do gozo
Num fundo sensual de sombras perfumadas.
Bela! como aos clarões de um céu calamitoso
As plantas tropicais, direitas como espadas.

Bela! como os portais e as torres ao abandono
Saxónias, que entreviu Ana Radcliffe.
Bela! e solene, sim, como o tranquilo sono
De um perfil virginal, na sombra de um esquife.

Bela! como um espelho esférico, polido,
Aonde colos nus luzem palidamente.
Bela! como o sentir a seda de um vestido
Arrastar, como arrasta a cauda da serpente.

Bela! como o sorrir vermelho de um rainúnculo.
Bela! como uma flor aquática do mar.

Bela! como na treva o brilho de um carbúnculo,
— Bela! dizia eu, como um azul polar.

Bela! como a expressão das notas de Mehul.
Bela! como uma flor num muro de cadeia.
Bela! como a sonhar, sobre um divã azul,
Fumando, perseguir a nebulosa Ideia.

— Bela! dizia eu, como uma Feiticeira
Da Tessália, invocando a ensanguentada Lua.
Bela! como, no Outono, a luminosa esteira
Azulada e sem fim de uma comprida rua.

Bela! como arrendado e flamejante altar,
Onde se vão unir os corações dos noivos.
Bela! como o silêncio algente e tumular
Em que se escuta, ao fundo, o germinar dos goivos.

— Bela! dizia eu... Mas nisto, sobre o leito
Em que cismava assim, voltou-se, levemente,
A invencível mulher que me inflamava o peito,
E os meus olhos no quarto erraram novamente.

E foram-se cravar num pente de metal,
E as várias coisas mil que, ao baço candeeiro,
Vinham-se reflectir sobre um espelho oval
Destacado da cor branca do travesseiro.

E então minha nevrose armou um largo cinto
De monstros colossais, fatídicos de ver!
À hora em que o burguês profunda o labirinto
Das mil complicações do *deve* e do *há-de haver*.

Desfilava-me em torno um batalhão medonho
De monstros anormais, de escamas reluzentes.
Tomavam Som e Cor as proporções do Sonho.
Olhavam-me animais de olhos surpreendentes.

— Bela! dizia eu, por todas as potências
Celestes, infernais, terrestres e de horror!
— Bela! concordo eu, cheia de transparências:
Mas sem um grande *quid*... a crispação da Dor!

Sim, a Dor, sem a qual a argila humana passa
Sem um rasto deixar na vasta natureza,
A Dor, gama final na música da graça,
A Dor, último tom na escala da beleza.

A Dor, foco onde vão reencontrar-se as cores
Do vivo sol do Amor despótico e cruel.
O perfume subtil que nos completa as flores,
A voluta ideal que beija o capitel.

Por isso eu quero ver como o seu belo rosto
Se crispa à sensação estranha do meu braço.
E quero, na tenaz sinistra do Desgosto,
Fazê-la ressaltar como uma mola de aço!

Quero vê-la quebrar essa monotonia
De linhas ideais, divinas, impassíveis;
Coagi-la a sair da gélida apatia
Que é como a estagnação das Cousas Insensíveis.

Quero vê-la tremer, os lábios roxeados,
Fazendo exclamações eufónicas na sala;
E em várias gradações, seus olhos injectados
Terem a fulva cor quimérica da opala.

Quero, sim! Quero ver!... Mas nisto, rudemente,
Prostrou-me o plúmbeo sono, invicto, pesado,
e a cabeça caiu-me, ah! invencivelmente
No seu negro cabelo esplêndido e azulado.

A DUQUESA DE BRABANTE

Tem um leque de plumas gloriosas,
Na sua mão macia e cintilante,
De anéis de pedras finas preciosas
A Senhora Duquesa de Brabante.

Numa cadeira de espaldar doirado,
Escuta os galanteios dos barões.
— É noite: e, sob o azul morno e calado,
Concebem os jasmins e os corações.

Recorda o senhor Bispo acções passadas.
Falam damas de jóias e cetins.
Tratam barões de festas e caçadas
À moda goda: — aos toques dos clarins,

Mas a Duquesa é triste. — Oculta mágoa
Vela seu rosto de um solene véu.
— Ao luar, sobre os tanques chora a água...
— Cantando, os rouxinóis lembram o céu...

Dizem as lendas que Satã, vestido
De uma armadura feita de um brilhante,
Ousou falar do seu amor florido
À Senhora Duquesa de Brabante.

Dizem que o ouviram ao luar nas águas,
Mais loiro do que o sol, marmóreo, e lindo,
Tirar de uma viola estranhas mágoas,
Pelas noites que os cravos vêm abrindo...

Dizem mais que na seda das varetas
Do seu leque ducal de mil matizes...
Satã cantara as suas tranças pretas,
— E os seus olhos mais fundos que as raízes!

Mas a Duquesa é triste. — Oculta mágoa
Vela seu rosto de um solene véu.
— Ao luar, sobre os tanques chora a água...
— Cantando, os rouxinóis lembram o céu...

O que é certo é que a pálida Senhora,
A transcendente Dama de Brabante,
Tem um filho horroroso... e de quem cora
O pai, no escuro, passeando errante.

É um filho horroroso e jamais visto! —
Raquítico, enfezado, excepcional,
Todo disforme, excêntrico, malquisto,
— Pêlos de fera, e uivos de animal!

Parece irmão dos cerdos ou dos ursos,
Aborto e horror da brava Natureza...
— Em vão tentam barões, com mil discursos,
Desenrugar a fronte da Duquesa.

Sempre a Duquesa é triste. — Oculta mágoa
Vela seu rosto de um solene véu.
— Ao luar, sobre os tanques chora a água...
— Cantando, os rouxinóis lembram o céu...

Ora o monstro morreu. — Pelas arcadas
Do palácio retinem festas, hinos.

Riem nobres, vilões, pelas estradas.
O próprio pai se ri, ouvindo os sinos...

Riem-se os monges pelo claustro antigo.
Riem vilões trigueiros das charruas.
Riem-se os padres, junto ao seu jazigo.
Riem-se nobres e peões nas ruas.

Riem aias, barões, erguendo os braços.
Riem, nos pátios, os truões também.
Passeia o duque, rindo, nos terraços.
— Só chora o monstro, em alto choro, a mãe!...

Só, sobre o esquife do disforme morto,
Chora, sem trégua, a mísera mulher.
Chama os nomes mais ternos ao aborto...
— Mesmo assim feio, a triste mãe o quer!

Só ela chora pelo morto!... A mágoa
Lhe arranca gritos que a ninguém mais deu!
— Ao luar, sobre os tanques chora a água...
— Cantando, os rouxinóis lembram o céu...

[A RAINHA DE KACHMIR]

O vestido de noivado
Da rainha de Kachmir
Era a diamantes bordado,
Como o luar num terrado!...
Parecia o Céu estrelado,
Ou a visão dum «fakir»,
O vestido de noivado
Da rainha de Kachmir.

Se é a Via Láctea, em suma,
Não há olhar que destrince!...
Nenhuma vista, nenhuma
Jurará se é neve ou pluma,
Se é leite, ou astro, ou espuma,
Nem o próprio olhar do Lince...
Se é a Via Láctea, em suma,
Não há olhar que destrince!

Levava, nas mãos patrícias,
Leque de rendas e sândalo...
Oh! que mãozinhas... delícias
Para animar com blandícias,
Para beijar com carícias,
Que adorariam um Vândalo...
Levava, nas mãos patrícias,
Leque de rendas e sândalo.

Cor da lua, os sapatinhos
Eram mais subtis que o leque!...
Seu manto, púrpura e arminhos,
Não rojava nos caminhos,
Pois sua cauda, aos saltinhos,
Levava-a um núbio moleque.
Cor da lua, os sapatinhos
Eram mais subtis que o leque!

Eis que, no meio da boda,
Entrou um moço estrangeiro...
Calou-se a alegria douda
Da grande assembleia, em roda!
E a brilhante sala toda
Fitou o jovem romeiro.
Eis que, no meio da boda,
Entrou um moço estrangeiro...

Pegou no copo, com graça,
E brindou, em língua estranha...
E a rainha, a vista baça,
Como a um punhal que a trespassa,
Encheu de prantos a taça,
E o seu lenço de Bretanha...
Chorou baixo, ao ouvir, com graça,
Esse brinde, em língua estranha!

Encheu de pranto o vestido,
Encheu de pranto os anéis...
E, sem soltar um gemido,
Chorou, num pranto sumido,
O seu passado perdido,
Os seus amores tão fiéis!...
Encheu de pranto o vestido,
Encheu de pranto os anéis.

Quem era o moço viajante
Que fez turbar a rainha?...

Era o seu primeiro amante,
Tão leal e tão constante,
Que, do seu reino distante,
Brindar ao Passado vinha...
Tal era o moço viajante,
Que fez turbar a rainha.

Saudades de amor quebrado
Fazem lágrimas cair!
Por um brinde ao amor passado,
Ficou de pranto alagado
O vestido de noivado
Da rainha de Kachmir.
Saudades de amor quebrado
Fazem lágrimas cair!

O VIÚVO

I

Como eu mostro em meus olhos uma Essa,
Levantada em minha alma, sem tocheiros,
Sem buxo, círios, liturgias bárbaras,
Mas *trevas interiores*...
As jovens que me vêem magro e ascético,
— Como o leproso da cidade de Aosta, —
Mostram-me, umas às outras, cochichando:
— *É ele! É o Viúvo!*

II

As andorinhas dos telhados róseos,
E dos beirais floridos — ou nos nichos
Das catedrais musgosas — dos Apóstolos
Nas barbas chilreando...
Ao verem-me enroupado em negros trajos,
Silente, esguio, passar rente aos muros,
Magoadas, suspiram, dando às asas:
— *É ele! É o Viúvo!*

III

As laranjeiras e as Saudades roxas,
Scabiosas de funestas cores,
Teorias de ciprestes pensativos,
Amostras cor do luto...
Mais as magnólias castas à tardinha,
Suspirando, como harpas melindrosas,
Queixosas gemem, meneando as folhas:
— *É ele! É o Viúvo!*

IV

Eu não estou doido, não. A mão da Angústia,
— Tão férrea! — não varreu todo o Intelecto.
Sim: oiço os choupos e amarelos lagos,
Mais as pardas lagoas...
E as portas dos palácios em ruínas,
Lastimosas chorando nos seus gonzos,
E o cata-vento: — à chuva rechinando:
— *É ele! É o Viúvo!*

V

Como o leproso vindo das Cruzadas,
Como o maldito, nas papais cidades,
Como o histrião na *Corte dos Milagres*,
Esgueiro-me entre as turbas...
E coço a lepra da minha alma em luto,
Que faz clamar às bordadeiras loiras,
Mais aos mendigos das igrejas velhas:
— *É ele! É o Viúvo!*

VI

Ontem entrei numa baiuca infame,
Numa taberna de bandidos reles —
Pois que eu desci às espirais misérrimas
Do Lameiro de Job!...
E até estes de mim se condoeram,
E remexendo os sórdidos baralhos,
Rosnaram baixo, meneando as frontes:
— *Ai dele! É o Viúvo!*

MISERERE MEI!...

I

Eis-me sentado e só, na *Rua da Amargura*,
Como um mendigo vil, de rota capa escura,
Sem ter pátria, nem lei.
Desci, mais do que Job, ao lameiro corrupto.
— Ó piedosa Mulher, das tranças cor do luto,
Miserere mei!...

II

Por teus olhos subtis, mais raros que as safiras,
As aras poluí, fiz a batina em tiras,
Minha estola rasguei.
Agora sou *Dagon*, Rei das dores insondáveis.
— Ó piedosa Mulher, dos olhos admiráveis,
Miserere mei!...

III

Por teu amor, desci às trevas lacrimosas.
Por teu amor, vaguei nas ruínas leprosas.
Por ti, uivei, chorei,
Nas galés, hospitais, na Insónia, na Demência.
— Ó piedosa Mulher, Senhora da Clemência,
Miserere mei!...

IV

Como Saul, cruzei as estradas devassas.
Nos cardos, nos tojais, nas alfurjas, nas praças,
Os farrapos larguei
Da minha alma sangrenta, estrelada em martírios.
— Ó piedosa Mulher, dos dedos cor dos lírios,
Miserere mei!...

V

Por teu amor, desci às pávidas geenas,
Dos não ouvidos ais, das não ouvidas penas.
Por ti, eu blasfemei.
Por ti, eu me estorci nas palhas da enxovia...
— Ó piedosa Mulher, Flor da Melancolia,
Miserere mei!...

VI

Bradam que te ofendi. — Mas os teus olhos castos
Mal conheceram como, as mãos postas, de rastos,
Eu poli e escavei,
Com meus prantos de sangue, as lapas dos retiros.
— Ó piedosa Mulher, Senhora dos Suspiros,
Miserere mei!...

VII

Arrastei-me no pó das solidões tisnadas.
No inferno das galés, nas insónias suadas,
De nostalgia, uivei,
Como o proscrito inf'liz, nos grandes gelos russos.
— Ó piedosa Mulher, Senhora dos Soluços,
Miserere mei!...

VIII

O suor empastou meus pávidos cabelos.
Junto ao leito febril, torvo de pesadelos,
Pai, nem Mãe encontrei!
Só teu pranto sorvi, nas angústias agudas...
— Ó piedosa Mulher, Mãe das lágrimas mudas,
Miserere mei!...

IX

Agora, livre enfim dos *Ciclos da Loucura*:
Já transpondo os portais da *Babilónia Escura*,
Mais órfão me encontrei.
Órfão, meu Deus, de ti, dos teus ais, teus cuidados...
— Ó piedosa Mulher, Mãe dos Abandonados,
Miserere mei!...

CAMILO PESSANHA

Nasceu em Coimbra em 1867 e morreu em Macau em 1926, minado pelo abuso do ópio. Publicou em 1920 o livro *Clepsidra,* que comportava, dos trinta que o constituíam, quinze poemas já antes aparecidos na revista *Centauro* (1916), e que em edições posteriores foi integrando textos dispersos. Outro volume — ensaios e traduções de poesia chinesa antiga — foi editado postumamente sob o título *China* (1944).

INSCRIÇÃO

Eu vi a luz em um país perdido.
A minha alma é lânguida e inerme.
Oh! Quem pudesse deslizar sem ruído!
No chão sumir-se, como faz um verme...

[SONETO]

Desce em folhedos tenros a colina:
— Em glaucos, frouxos tons adormecidos,
Que saram, frescos, meus olhos ardidos,
Nos quais a chama do furor declina...

Oh vem, de branco, — do imo da folhagem!
Os ramos, leve, a tua mão aparte.
Oh vem! Meus olhos querem desposar-te.
Reflectir-te virgem a serena imagem.

De silva doida uma haste esquiva
Quão delicada te osculou num dedo
Com um aljôfar cor de rosa viva!...

Ligeira a saia... Doce brisa impele-a...
Oh vem! De branco! Do imo do arvoredo!
Alma de silfo, carne de camélia...

[SONETO]

Floriram por engano as rosas bravas
No inverno: veio o vento desfolhá-las...
Em que cismas, meu bem? Porque me calas
As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!...
Onde vamos, alheio o pensamento,
De mãos dadas? Teus olhos, que um momento
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!

E sobre nós cai nupcial a neve,
Surda, em triunfo, pétalas, de leve
Juncando o chão, na acrópole de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!
Quem as esparze — quanta flor! — do céu,
Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?

[SONETO]

Foi um dia de inúteis agonias.
Dia de sol, inundado de sol!...
Fulgiam nuas as espadas frias...
Dia de sol, inundado de sol!...

Foi um dia de falsas alegrias.
Dália a esfolhar-se, — o seu mole sorriso...
Voltavam os ranchos das romarias.
Dália a esfolhar-se, — o seu mole sorriso...

Dia impressível mais que os outros dias.
Tão lúcido... Tão pálido... Tão lúcido!...
Difuso de teoremas, de teorias...

O dia fútil mais que os outros dias!
Minuete de discretas ironias...
Tão lúcido... Tão pálido... Tão lúcido!...

[SONETO]

Imagens que passais pela retina
Dos meus olhos, porque não vos fixais?
Que passais como a água cristalina
Por uma fonte para nunca mais!...

Ou para o lago escuro onde termina
Vosso curso, silente de juncais,
E o vago medo angustioso domina,
— Porque ides sem mim, não me levais?

Sem vós o que são os meus olhos abertos?
— O espelho inútil, meus olhos pagãos!
Aridez de sucessivos desertos...

Fica sequer, sombra das minhas mãos,
Flexão casual de meus dedos incertos,
— Estranha sombra em movimentos vãos.

BRANCO E VERMELHO

A dor, forte e imprevista,
Ferindo-me, imprevista,
De branca e de imprevista
Foi um deslumbramento,
Que me endoidou a vista,
Fez-me perder a vista,
Fez-me fugir a vista,
Num doce esvaimento.

Como um deserto imenso,
Branco deserto imenso,
Resplandecente e imenso,
Fez-se em redor de mim.
Todo o meu ser suspenso,
Não sinto já, não penso,
Pairo na luz, suspenso...
Que delícia sem fim!

Na inundação da luz
Banhando os céus a flux,
No êxtase da luz,
Vejo passar, desfila
(Seus pobres corpos nus
Que a distância reduz,
Amesquinha e reduz
No fundo da pupila)

Na areia imensa e plana,
Ao longe, a caravana
Sem fim, a caravana
Na linha do horizonte,
Da enorme dor humana,
Da insigne dor humana...
A inútil dor humana!
Marcha, curvada a fronte.

Até ao chão, curvados,
Exaustos e curvados,
Vão um a um, curvados,
Os seus magros perfis;
Escravos condenados,
No poente recortados,
Em negro recortados,
Magros, mesquinhos, vis.

A cada golpe tremem
Os que de medo tremem,
E as pálpebras me tremem
Quando o açoite vibra.
Estala! e apenas gemem,
Pavidamente gemem,
A cada golpe gemem,
Que os desequilibra.

Sob o açoite caem,
A cada golpe caem,
Erguem-se logo. Caem,
Soergue-os o terror...
Até que enfim desmaiem,
Por uma vez desmaiem!
Ei-los que enfim se esvaem,
Vencida, enfim, a dor...

E ali fiquem serenos,
De costas e serenos...

Beije-os a luz, serenos,
Nas amplas frontes calmas,
Ó céus claros e amenos,
Doces jardins amenos,
Onde se sofre menos,
Onde dormem as almas!

A dor, deserto imenso,
Branco deserto imenso,
Resplandecente e imenso,
Foi um deslumbramento.
Todo o meu ser suspenso,
Não sinto já, não penso,
Pairo na luz, suspenso
Num doce esvaimento.

Ó Morte, vem depressa,
Acorda, vem depressa,
Acode-me depressa,
Vem-me enxugar o suor,
Que o estertor começa.
É cumprir a promessa.
Já o sonho começa...
Tudo vermelho em flor...

VIOLONCELO

Chorai arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas,
Pontes aladas
De pesadelo...

De que esvoaçam,
Brancos, os arcos...
Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio, os barcos.

Fundas, soluçam
Caudais de choro...

Que ruínas, (ouçam)!
Se se debruçam,
Que sorvedouro!...

Trémulos astros...
Soidões lacustres...
— Lemos e mastros...
E os alabastros
Dos balaústres!

Urnas quebradas!
Blocos de gelo...
— Chorai arcadas,
Despedaçadas,
Do violoncelo.

AO LONGE OS BARCOS DE FLORES

Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
— Perdida voz que de entre as mais se exila,
— Festões de som dissimulando a hora.

Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.

E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém. Só modulada trila
A flauta flébil... Quem há-de remi-la?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora...

VIOLA CHINESA

Ao longo da viola morosa
Vai adormecendo a parlenda,
Sem que, amadornado, eu atenda
A lenga-lenga fastidiosa.

Sem que o meu coração se prenda,
Enquanto, nasal, minuciosa,
Ao longo da viola morosa,
Vai adormecendo a parlenda.

Mas que cicatriz melindrosa
Há nele, que essa viola ofenda
E faz que as asitas distenda
Numa agitação dolorosa?

Ao longo da viola, morosa...

[POEMA]

Porque o melhor, enfim,
É não ouvir nem ver...
Passarem sobre mim
E nada me doer!

— Sorrindo interiormente,
Co'as pálpebras cerradas,
Às águas da torrente
Já tão longe passadas. —

Rixas, tumultos, lutas,
Não me fazerem dano...
Alheio às vãs labutas,
Às estações do ano.

Passar o estio, o outono,
A poda, a cava, e a redra,

E eu dormindo um sono
Debaixo duma pedra.

Melhor até se o acaso
O leito me reserva
No prado extenso e raso
Apenas sob a erva

Que Abril copioso ensope...
E, esvelto, a intervalos
Fustigue-me o galope
De bandos de cavalos.

Ou no serrano mato,
A brigas tão propício,
Onde o viver ingrato
Dispõe ao sacrifício

Das vidas, mortes duras
Ruam pelas quebradas,
Com choques de armaduras
E tinidos de espadas...

Ou sob o piso, até,
Infame e vil da rua,
Onde a torva ralé
Irrompe, tumultua,

Se estorce, vocifera,
Selvagem nos conflitos,
Com ímpetos de fera
Nos olhos, saltos, gritos...

Roubos, assassinatos!
Horas jamais tranquilas,
Em brutos pugilatos
Fracturam-se as maxilas...

E eu sob a terra firme,
Compacta, recalcada,
Muito quietinho. A rir-me
De não me doer nada.

POEMA FINAL

Ó cores virtuais que jazeis subterrâneas,
— Fulgurações azuis, vermelhos de hemoptise,
Represados clarões, cromáticas vesânias —,
No limbo onde esperais a luz que vos baptize,

As pálpebras cerrai, ansiosas não veleis.

Abortos que pendeis as frontes cor de cidra,
Tão graves de cismar, nos bocais dos museus,
E escutando o correr da água na clepsidra,
Vagamente sorris, resignados e ateus,

Cessai de cogitar, o abismo não sondeis.

Gemebundo arrulhar dos sonhos não sonhados,
Que toda a noite errais, doces almas penando,
E as asas lacerais na aresta dos telhados,
E no vento expirais em um queixume brando,

Adormecei. Não suspireis. Não respireis.

ÂNGELO DE LIMA

Nasceu no Porto em 1872. A partir de 1894 passa um período de quatro anos no Hospital do Conde de Ferreira, instituição psiquiátrica da sua cidade natal. Em 1901 é internado no Rilhafoles, em Lisboa, aí morrendo em 1921. No segundo número da revista *Orpheu* (1915) aparece um grupo de poemas seus. As *Poesias Completas* publicam-se apenas em 1971, e nelas se reúnem também cartas e outros escritos. Do soneto «Pára-me de repente o pensamento», de que existem diversas versões, apresenta-se aqui a da revista *Sudoeste*, preferindo-a à das *Poesias Completas*. Dado o carácter expressivo, significativo, que a ortografia possui neste autor, em caso algum a actualizámos, salvo no soneto atrás referido que, na revista de onde provém, respeita as normas então vigentes.

[AUTOBIOGRAFIA]

Nasci em 1872 a 30 de Julho no Porto.

Na minha mocidade, grandemente atento mentalmente à vida, que reflexionada com um certo prazer meditativo, era um indolente materialmente, conservando-me horas imóvel quase na contemplação e reflexão sobre um só objecto, brinquedo ou espectáculo da natureza, atento fixo.

No entanto, qualquer ideia de maior facto no exterior, como mais notável exemplo, as ideias um pouco mais turbulentas de meu irmão, interessavam-me às vezes muita vez em pôr da estima tal ou qualmente cuidadosa que a este meu irmão (mais novo que eu um ano) notava e mais especulativo-intelectual eu refinava, dando-lhe maior franqueza, e alcance, e assim valor, as já então comuns turbulências. Aos dez anos notavelmente adiantado em cultura intelectual, pois solidamente sabia ler desde os 6 anos ou 7, e escrever de há pouco, mas ortográfica e caligraficamente suficientemente, além de contar notavelmente bem, mesmo até ao cálculo de quebrados, e conhecer um pouco de francês e cosmogonia rudimentar, — aos 10 anos entrei no Colégio Militar, aonde fui sempre, por tendência e um tanto por preocupação, embora em menor grau, sobre um turbulento — o maior desde 10 havia, diziam, talvez porque raciocinasse com certo valor as turbulências, um leal e dedicado bom camarada: isto me valeu a expulsão que aos 16 anos sofri, quando distinto frequentador do 4.º ano do curso (menos em inglês em que apenas suficiente se tanto, como padecente em pecha de pouco jeito para o árido estudo de cor, como o obstruso dos absolutos gramática e dicionário — o estudo das línguas) repetente neste 4.º ano, no entanto, após uma repetência total do terceiro, que seguira a frequência regular, e até algo notável do 1.º e 2.º.

Expulso, fui para o Porto e frequentei umas aulas, a que gazeteava notavelmente, e entre as quais a aula de desenho na Academia de Belas-Artes do Porto — frequência que deixei para sentar praça. Com uma certa noção moral da disciplina, não fui militar insubordinado, o que da parte dos superiores me não criou pelo menos desagrado: fui suficientemente compe-

tente no meu serviço, menos como soldado, sobretudo, porém, como cabo e 2.º sargento, graduação máxima que atingi.

Era bom para os subordinados: isto naturalmente, e satisfazia bem no serviço.

Porém, noctâmbulo de tendência, e aborrecendo a maçada inútil, algo estroina, como se costuma dizer, na medida das minhas posses, faltei quase constantemente, além da muita dispensa a quase todos os actos inúteis militares, notavelmente à formatura do recolher, e entre alguma embriaguez que várias vezes tomei, uma delas me levou a tais distúrbios no quartel depois do silêncio, que sofri por 30 dias de prisão correccional.

Durante o meu serviço, andando com licença para estudos e tendo-me alistado então num projectado batalhão académico, batalhão que o governo proibiu, lançado na corrente de ideias simpáticas ao meu carácter aventureiro, de uma ida à África, pedi e obtive que me abrangessem no pessoal da expedição a Manica.

Deixei o Porto, e providencialmente aquele galcimatia de criancice e presunção em que estava envolvido, como aliciado, e que se chamou a revolta, depois fixada em data por facto em 31 de Janeiro — do que soube em Adem, indo em viagem — julgando-a sucedida como foi ao princípio rejubilei por alguns amigos que na revolta envolvidos tinha — e sofri com a decepção deles — e tal ou qualmente ao menos, da instituição do País, que aquele insucesso foi.

Na África andei 7 meses, como quem diz, com as vísceras flutuando em vinho, que nessa abundância arranjava com facilidade, no entanto satisfazia, tanto quanto me requeriam ao meu serviço especialmente incumbido — correio e um serviço auxiliar de navegação da expedição.

Quase no fim daquela restrita aventura do exército nacional, fui em Quelimane posto ao serviço — aborrecido e tendo-me deixado de beber, não só por menos fácil obtenção de vinho em quantidade, mas sobretudo por cuidado de deixar o hábito alcoólico a tempo, nessa hora do quase regresso ao Reino, sofri ali o ataque das duas biliosas, ou gástricas sobrelevadas, que me tiveram às portas da morte, e me deixaram aquela fraqueza e infecção aumentada ao meu temperamento, de muito onanista na mocidade de colegial e antigo — desde os 11 anos — fumador, já bilioso, sobre que dominou a infecção por aquele ambiente palúdico, em palustre infeccionação e anemia consequente...

Uma bronquite seguida de uma pneumonia dupla me auxiliou creio, no reerguer do sistema central, sobre que há muito, há talvez uns dez anos, a minha enorme energia faz viver, e até tem vivescido e beneficiado, a saúde orgânica material.

Foi depois que vim da África e frequentando a Academia de Belas-Artes do Porto, com algum aproveitamento por esta 2.ª vez, que, após irregularidades de conduta, por excitações irregulares de sentimento, creio que judicialmente, a sociedade portuense acordando tardia da bronquidão de sentimentos mentais legais, à sobreexcitação prematura de uma espécie de

poltronaria, — isto num grosseirismo, a que a vaidade de parvena não deixou na sombra, e assim bem me foi sensível — me encerrou no Hospital do Conde de Ferreira, aonde a ingénua reclamação do revoltado na surpresa mais auxiliou mentalmente o só motivado encerramento, bastante, custosamente sofrido durante 3 anos e tal. Dali saí, algo sobreexcitado daquele sofrer, para o Algarve, aonde estive 2 anos, e pintei, com irregular facilidade, alguma coisita; vim para Lisboa, há dois anos quase, e aqui tenho vivido quase sem ter que fazer, com alguma irregularidade, embora melhor, com umas 4 ou cinco, se tanto, maiores estroinices em todo este tempo de 2 anos — e ainda quase sempre nas horas de enfastio — aplicado geralmente a trabalho de gestão em ilustração e correcção em censo, da mentalidade. E agora aqui estou, resultado final, sob concorrente exótica — a determinação tão arbitrária desse acobertado com a autoridade legal — resultado final até aqui, deste viver aqui neste papel descrito.

[SONETO]

Pára-me de repente o pensamento
Como que de repente refreado
Na doida correria em que levado
Ia em busca da paz do esquecimento.

Pára surpreso, escrutador, atento,
Como pára um cavalo alucinado
Ante um abismo súbito rasgado.
Pára e fica, e demora-se um momento.

Pára e fica, na doida correria.
Pára à beira do abismo, e se demora.
E mergulha na noite escura e fria

Um olhar de aço, que essa noite explora.
Mas a espora da dor seu flanco estria,
E ele galga e prossegue sob a espora...

(Revista «Sudoeste», n.º 3, Novembro de 1935.)

DEUS

Ó Deus...
No Céu
do Sempre Além!...
No Improfundável!...
Teu modo é o Gesto que Elege o Bem...
— Fatal... — Eterno
... sobre ao Mutável!...
— Eras nos Tempos
Antes da Idade!...
Teu Gesto Imenso Gerou a Vida...
E, após teu Gesto...
— Supremo, Imesto...
Depós..., — é a Noute da Imensidade!...

EDANE!
(À Lua)

Edane Clara e Santa...
Edane Pura!
— Purfictrio do Símbolo de Prata...
Erta Emmemor na Alma
— Erta Hierata!
Clareia Calma na Alta Noute Escura

Quando For do Mergir na Sepultura
Teu Sereno Clarão na Alma Extracta...
E Puríssima à Alma os Céus Dilata
— Os Puríssimos Céus, Dê a Morte Impura...

— Em n'esse nosso Desgraçado Estar
Salva... Ressalva — Elege do Miser
A Alma Adolida e Doce ao Teu Mandar.

E se a Paixão Infera ali quiser
— Edane, Pura no Teu Santo Amar...
Faze da Alma — Como Amor Fizer!...

CÂNTICO SEMI-RAMI

— Oh! Noute em Teu Amor Silenciosa!
— Oh! Estrelas, na Noute, Cintilantes,
Como Ideais e Virginais Amantes!...
— Oh! Memória de Amor Religiosa!...

— Já Fui... uma Criança Pubescente
Que des'brocha em Amor Inconsciente
Como n'um Vago Sonho... Comovente
Desabrocha uma Rosa Olorescente
— A Adolescente... Casta e Curiosa!

— E já Fui... a Galante com Requinte
Para dar-me, Esquivando-me em Acinte
De P'rigos da Ventura Cispresinte
— Sensitiva... Ao Brisar, do Sol Orinte...
— A Nubente... Temente e Desejosa!

— E já Fui... a Noivada pelo Amante,
A Cingida de Abraço Palpitante,
Anxe do Sacrifício Inebriante!
— A Flor que Quebra o Gineceu... Hiante,
— A Desvirgada... Grata e Dolorosa!

— Oh! Memória de Amor Religiosa!
— Oh! Estrelas, na Noute, Cintilantes
Como Ideais e Virginais Amantes...
— Oh! Noute em Teu Amor... Silenciosa!

Já Fui... como a Senhora, sim, durante
Uns Tempos de Ventura Confortante
Nos Confortos de um Lar... Hoje Distante...
— Como Dista, da Noute, um Paço Encante...
Já Fui... uma Matrona Virtuosa!...

E já Fui... a Devota pelo Amor,
A Adulterin... que Trai o seu Senhor!...

E a que sentiu Doer o Coração
Ao Fim de Tanta e Cada uma Vez
Por cada Intento só Colher Revés
Nas Esp'ranças da Sua Devoção!...

Oh! Noute! em Teu Amor Silenciosa!
Oh! Estrelas, na Noute, Cintilantes
Como Ideais e Virginais Amantes...
Oh! Memória de Amor Religiosa!

.....

E se Há de Amor, algum Amor Eleito
Aquela também Fui, que Ninguém Fosse,
Que, n'um Mistério, como o Inferno, Doce,
Amei a Minha Filha, no seu Leito...
Sim, se Há de Amor algum Amor Eleito,
Minhas Irmãs, Cingi-me ao Vosso Peito
E Ouvi-Me esta Memória Dolorosa...

Já Fui Aquela que Perdeu a Esp'rança,
E Errou Espasma Noutes sem Termino.
Entre a Treva das Selvas Pavorosas,
Anxe em busca de Amantes do Destino...

— E A que Lembrou os Tempos de Criança!...

— E já Fui como a Sombra da Saudade
Amando a Lua, pela Imensidade!

— Oh Noute! em Teu Amor, Silenciosa!
— Oh Estrelas, na Noute, Cintilantes
Como Ideais e Virginais Amantes!
— Oh Memória de Amor, Religiosa!...

NEITHA-KRI

Ó Noute Imensa pela Imensidão!
Recebe em Ti a minha Confissão.
Eu Nunca disse ao Verdadeiro, Não!
Nem devoro em Remorso o Coração!...

Sou a Grande Rainha Neitha-Kri...
Sou Devota da Noute Pensadora...
E Neith é grande, pelos Céus Senhora...
E eu, Sua Filha, Sou Nofrei-Ari!...

Meu Irmão era o Rei Mentha-Suf'reh!...
— E Morreu Enlevado em Sonho Ideal
D'um Filtro que Eu lhe dei para tomar!...
— Mentha-Suf'reh não Conheceu o Mal
— E o Destino Elegeu-me p'ra Reinar
Sobre os Milagres do País d'Esneh!...

— Sou a Grande Rainha Neitha-Kri!
— Sou Devota da Noute Pensadora
— E Neith é Grande! pelos Céus Senhora!
— Sou a Rainha!... Sou Nofrei-Ari!...

— No meu Corpo Divino e Perfumado
Tenho a Carne Cor Mate da Beleza
Que é Amarela de Cor e Delicada,
Da Cor Loura da Chama Incendiada...
— Tenho o Porte das Damas da Nobreza
Nas Formas do Meu Corpo Consagrado!...

— A Tiara Suprema que Investi
Coroa a Minha Fronte Sobranceira,
Real, Sagrada, Místice, Altaneira...
— E então — Ó Neith — sou Divina em Ti!...

Na Sombra d'Esta C'roa dos Thanitas
Palpitam-me no Seio Delicado
Anseios de Desejos Escondidos,
Misteriosos, quase Indefinidos,
Mesmo ao Saber do Meu Olhar Velado
— Que tu, ó Noute! em Teu Amor Excitas...

O Peitoral Sagrado da Magia
Repousa nos seus Ouros Esmaltados,
Frio sobre os meus Seios Excitados,
Como Tacite, Oráculo, do Dia...

— Sob o Pe-chente Cintural Pendente
Sobre o Vigor Suavemente Curvo
Das minhas Coxas no meu Star de Hierata
Que Antros Ardentes e que, Amor Dilata
De um Ardor Fulguroso... porque Turvo...
De que Imanência... de que Imanescente?...

— Ó Noute minha Mãe na Imensidão!
— Ó Noute Grande, pelos Céus Senhora...
— Cintil d'Estrelas n'essa Solidão...
— Eu, Sobre a Terra, Sou a Vencedora!...

— Erguida nas Sandálias Encurvadas
Sou de Pé ante Ti, ó Verdadeira!
Dama da Vida, pelo Amor Ungida...
Senhora Principal... Dama da Vida!
Eu, Tua Padre-Mãe! — a Derradeira...
— Entre as Vagas de Incenso a Ti Votadas...

— Meu Olhar é Fulguro docemente,
Como se n'este Espelho da Verdade
Da minha Alma Política de Rei,
— N'Aquela Presciência com que Sei
— Se Reflectisse a Minha Lealdade
— Ou a Luz d'Algum Astro Transcendente...

— E os meus Braços Frementes Alongados,
Cingidos nos Anilos Rituais,
Têm na Mão o Seter dos Grandes Pais
Como as Chaves dos Selos Reservados...

Sou mais Sábia que os Sábios — Eu enfim
— Eu que Sei o Segredo Consagrado
Das Filtragens do Lótus Divinal
Que Floresce em o Rio de Ocidente
E que Evocam o Sonho Absorvente
Em que Esquecem — a par da Dor do Mal —
Os Estrangeiros, o seu Lar Deixado...
— Que encontram outro Lar junto de Mim...

— Meu olhar é Fulguro docemente
Em Profunda Dulcíssima Certeza
Como os Astros do Céu Imanescente...

E Mãe — ó Neith - eu! ó mais que Pura!
— Como as Estrelas d'um Fulgor Fremente...
— Sou a Ventura Filha da Tristeza
D'Esse Teu Meditar Saudosamente...

— E assim como os Astros Fascinantes
Geram Fatas as Horas dos Instantes,
— Meu Amor — o Sem Fim — gera a Loucura!

NINIVE

— Além Foi — a Ninive da Piedade,
A Cidade do Luto Singular
E a Sepultura da Semi-Rami...
— E Hoje... stá por Ali, Vaga, a Saudade...
— E anda no Céu Supremo a Eterna Istar...
— E... Passa, às Vezes, a Serpente... — Ali!...

*

Na Câmara Longínqua e Silenciosa
Da Sepultura da Semi-Rami...
— Relegada da Vida Gloriosa
— Na Paz Final da Morte Misterosa
— Fria e Saudosa
— Dorme a Semi!...

— Morreu na Guerra em um País Distante...
— Na Expedição Fatal em que Morreram
Três Milhões de Soldados... — e ainda Mais...
— E os Guardas d'A Que Fora a Triunfante
— Fiéis..., os Seus Cem Guardas Imortais...

Na Piedade Final do Último Preito
Denotando os Seus Corpos Vigorosos
— Mantendo sobre os Ombros Pressurosos
O Féretro Sagrado da Semi...
— Por Caminhos Infindos Escabrosos

Em Terras de Inimigos... e Chacais...
— Por Sois de Fogo... — Vastos Areais...
— E Pavores Sacros de País Levante...
— Trouxeram Seu Cadáver do Distante
— E Inumaram-A Ali...
— Fria e Saudosa!...
— Na Câmara Longínqua e Silenciosa
Da Sepultura da Semi-Rami!...

[POEMA]

— E a Mãe do Rei do Reino Sul-Ocaso
Disse a Mu-Ang — Alguma Vez, Acaso...
— Olha a Nuvem no Céu... e como Corre!...
— Assim as Horas da Ventura Minha...
— Quem Tem Filhos na Terra — Esse não Morre!...
— Desposai — Se Sois Rei — uma Rainha
— Que é tanto como Vós Pela Grandeza...
— E... Depois... de Esposardes a Beleza
Podeis Seguir Então Vossa Encaminha!...

.....

— E o Rei Mu-An' disse à Rainha, Então...
— Junto de Vós... Enlevo-me de Encanto...
— Longe, Porém, do Meu País — Há Tanto, —
Que Nem, Meus Reinos, Já Eu Sei se São...
— Volto ao Meu Reino... n'Esta Dor Tamanha...
— Seja — A da Mãe do Rei — Esta Montanha
Onde Alastra Este Bosque de Arvoredo
Junto ao Lago... em que Estamos... em Adeus!...
— Ó Mãe do Rei... Vós M'Enlevais nos Céus
— Mas o Meu Coração Sofre em Segredo!...

.....

[POEMA]

— Quantos... desde Chu-Si a Kuan-Su
— Filhos do Céu nas Filhas do Kiang
— Consagraram no Trono dos Hoang
— Aureolados do Pavão Azu?...
— E Algum Dia... Encostaram-se Tranquilos
Sobre a Mesa de Joias do *Estar Manso*
— E Cerraram os Olhos nos Seus Cilos...
— E Abateram Seu Gesto Sossegado
De Imp'radores do Império Consagrado...
— No Gesto da Decência e do Descanso!...

EDD'ORA ADDIO... — MIA SOAVE!...

Aos meus Amigos d'Orpheu

— Mia Soave... — Ave?!... — Almeia?!...
— Mariposa Azua!... — Transe!...
Que d'Alado Lidar, Canse...
— Dorta em Paz... — Transpasse Ideia!...

— Do Ocaso pela Epopeia...
Dorto... Stringe...o Corpo Elance...
Vai À Campa... — I! C'or descanse...
— Mia Soave... — Ave!... — Almeia!...

— Não doi Por Ti Meu Peito...
— Não Choro no Orar Cicio...
— Em Profano... — Edd'ora... Eleito!...

— Balsame — a Campa — o Rocio
Que Cai sobre o Último Leito!...
— Mi'Soave!... Edd'ora Addio!...

[POEMA]

— Estes Versos Antigos Que Eu Dizia
Ao Compasso Que Marca o Coração
Lembram Ainda?... — Lembrarão um Dia...
— Nas Memórias Dispersas Recolhidas
Sequer, na Piedosa Devoção
D'Algum Livro de Cousas Esquecidas?...
— Acaso o que Ora Canta... Vive... Existe
Nunca Mais Lembrará — Eternamente?...
— E, Vindo do Não-Ser, Vai, Finalmente,
Dormir no Nada... Majestoso e Triste?...

O MAR...

Semelhante a Algum Montsro, Quando Dorme
— O Mar... Era Sombrio, Vasto, Enorme...
— Arfando Demorado
— Imenso sob os Céus!...

— Tal Imenso e Sombrio, o Mar Seria
— E assim Em Vagas Tristes Arfaria
No Tempo Em que o Espírito de Deus
— Sobre Ele era Levado!...

EPITÁFIO

Aqui Dorme e Descansa um Coração!
Palpito outrora...
— Qual Dorme Agora...
— Vivo na História...
— Vibrou d'Amor e Comovente Glória
Mas — Algum Dia...
— Veio afinal...

— Fatal!...
— Aquela Fata Místera e Sombria...
— Que os Homens chamam Morte e Despiedade...
— E é Invencível... Místera e Sagrada!...
— Talvez Piedosa...
— ou Al Descoroada...!
— E o Palpitar do Coração Parou!
— E assim — Pois... ora
— Palpito outrora...
— Qual Dorme agora!
— Transe Emmorte de Efémera Ilusão...
— Aqui Dorme e Descansa um Coração!

[CARTA]

G.° da República Portuguesa

Comissão ao Governo Provisório da República Portuguesa

Ministério do Interior
Em sua sede — Lisboa — Portugal

Acabo de ler em jornais, como só informo o parecer da comissão sobre a questão da Bandeira Nacional de Portugal —

À carta junta, e como a esta exigindo da lealdade do Governo a publicação, cidadão livre em Portugal como íntegro, mais declaro —

A comissão, que compõem Columbano, um grande viciozita, desestetizador, na ufruição de sua licença pessoal em artismos como Abel Botelho... e outros... e enfim veto, incompetentes em, como arte, incumbência tão grave... — acusa qualidade como designe adjectiva em português — *pateta* — requeiro.

E... — não ilustra:

A bandeira azul e branca, tal como se usava em Portugal até aqui, com seu escudo de quinas e castelos, a compôs, e mandou usar D. João 2.° — e talqualmente — filha da sua subjectiva heráldica, e se usou desde, na 1.ª armada, a de Vasco da Gama que partiu para a Índia, como ensigna, como hoje substitui a flâmula, de privilégio de Régie que então do Rei, mas simbolizando do Reino ou Nação —

mais —

Como n'uma tal bandeira, os castelos simbolizavam, as cidades baluartes do Reino — modificado de outra anterior significação.

O vermelho do Escudo Principal, como se diz em documento de instrutivo, embora do Reino, é Púrpura Régia como então confunde, em que se insere o heraldo místico escudo (paládio) da Casa Borgonhesa, Henriquina...

Quanto ao Verde... também sabe pouco, como se deve atenta na Heráldica, ou simbólica, a comissão citada...

Depois do Vermelho (símbolo da supremacia) (Gueule se diz em francês) verde é a cor simbólica blasonal — como azul (símbolo d'Alma) mas mais rico... — e discreto como hierático exteriorizando sobre símbolo... de mar, da esperança (vamos que é fenício... como a heráldica então porém... como o espírito desta meridional civilização) mas além ainda símbolo de campo e Pátria — Pátria Fértil — se escuro... e se claro é português, como a cavalaria da Ala dos Namorados em Aljubarrota...

Isto reflicto... rectificando, e exigindo publicação — ante o Governo Provisório da República Portuguesa — por como é por mim julgado tão grave

que até nem compreendo como se vão ver os panos que haja na Cordoaria Nacional, que em insígnia de Pátria, falsificando como certos símbolos em matéria, no templo do Catolicismo. Menos que seda, se empregue? S.....

ÂNGELO DE LIMA

Ajunto, para lealdade do Governo Provisório da República Portuguesa — informar ao seu publicamento adjunto conselheiro Guerra Junqueiro — Poeta, e funcionário maior do Estado.

Eu — exclame em Portugal:

informe também a República Azul e Branco Adeus —

Ó Pavilhão!...

Com saudade é que a minha Alma Cavalheiresca se despede de ti, dossel trazido pelo Ré vindo do sul (aonde a ave corvo assiste à morte como ao amor, à transe mística), ao promontório de Portugal, na nave de Cuja Vela Purpurata se reflectiu a Cruz Vermelha pelas velas dos lançados barcos portugueses das primeiras mais aventuras marítimas dos de cântabros lusitanos — por aquele [?] Heróico Doado... e depois enflorido de ornatos fantasiosos — em dossel ao leito circundado de tragédias, da sua amante Rosa... a Serrana... das cordilheiras da Estrela... — assim mesmo [?] d'honra [?] do elmo de Portugal Cavalheiresco... cujo penacho branco abateu entre o ambiente esbraso do poente de Alkacer Kibir... — como a memória lhe foi grinalda a campa arrasa dos tempos da dominação Filipina, que à semelhança das grinaldas de saudades sobre a campa de algum último Romance, alfim volvida a era, durante o Reinado dos Braganças — empobreceu e rastejou... extinguindo em um último suspiro lírico... de alguma saudade, entre o dissoluto dos ouros... e das flores...

Eu... ó Poeta... eu é que pre-sei... como entendo na História... quem foi o Ré audaz, que impôs a Portugal, o discorde álacre colorido azul e branco, como o mar e as Velas, como a fortuna aventureira do Thyrreno... que é quem por certo o conhece como mais seu próprio estandarte, que não nunca pavilhão próprio da ovante nação Luso-Portuguesa, que venceu a República em Lisboa para todo o Português País!...

ÂNGELO

P. Scriptum — notando a outros.

E o Preto... esse breve, muito breve — e como ingénito é impressionalista — se habituara louvando, ao álacre pavilhão Verde e Vermelho que substitua o azul e branco... — antes até que feitos novos de bandos sob a nova Bandeira, lh'o impressionem mais imponente... que não o azul e branco que é só Venerando... —

ÂNGELO

P. P. S.

Se eu guardo o Pavilhão Azul e Branco para mim — é porque são as emblemes cores, do Céu da Virgindade... da Esperança (em Talassa) Fenícia — Aventureira... do Achiles legendário — da Cavalaria...

Eu — Cavaleiro

ÂNGELO

1910

Assim ouro e Prata são em Heráldica cores Timbres... só!

TEIXEIRA DE PASCOAES

Nasceu em Amarante em 1877, onde morreu em 1952. Publicou, entre outros, os seguintes volumes de poesia: *Sempre* (1898), *Terra Proibida* (1899), *Vida Etérea* (1906), *As Sombras* (1907), *Senhora da Noite* (1909), *Marânus* (1909), *Regresso ao Paraíso* (1912), *Elegias* (1912), *O Doido e a Morte* (1913), *Cantos Indecisos* (1921), *Elegia do Amor* (1924), *O Pobre Tolo* (1924). Desta data em diante escreveu predominantemente livros de prosa, avultando as biografias, dentre as quais se destaca a de *São Paulo* (1934). A obra de Pascoaes ganharia, como ganhou a de Gomes Leal, com uma criteriosa escolha. Não raras vezes, o autor piorou os textos com as remodelações neles praticadas a cada nova edição.

VENTO DO ESPÍRITO

Senti passar um vento misterioso,
Num torvelinho cósmico e profundo.
E me levou nos braços; e ansioso
Eu fui; e vi o Espírito do Mundo.

Todas as cousas ermas, que irradiam
Como um nocturno olhar inconsciente,
Luz de lágrima extinta, não sentiam
A trágica rajada, que somente

Meu coração crispava! Ó vento aéreo!
Vento de Exaltação e Profecia!
Vento que sopra, em ondas de mistério,
E tanto me perturba e me extasia!

Estranho vento, em fúria, sem tocar
Na mais tenrinha flor! E assim agita
Todo o meu ser, em chamas, a exalar
Luz de Deus, luz de amor, luz infinita!

Vento que só encontras resistência
Numa invisível sombra... Um arvoredo,
Ou bruta pedra, é como vaga essência;
E, para ti, eu sou como um penedo.

E na minha alma aflita, ó doido vento,
Bates, de noite; e um burburinho forte
A envolve, arrasta e leva, num momento;
E vai de vida em vida e morte em morte.

Vento que me levou, nem sei por onde;
Mas sei que fui; e, ao pé de mim, bem perto,
Vi, face a face, a névoa a arder que esconde
O fantasma de Deus, sobre o deserto!

E vi também a luz indefinida
Que, nas trevas, se fez, esclarecendo
Meu coração, que voa, além da vida,
O seu peso de lágrimas perdendo.

E aquele grande vento transtornou
Minha existência calma; e dor antiga
Meu rude e frágil corpo trespassou,
Como a chuva uns andrajos de mendiga.

E fui num grande vento; e fui; e vi:
Vi a Sombra de Deus. E, alvoroçado,
Deitei-me àquela sombra, e, em mim, senti
A terra em flor e o céu todo estrelado.

A SOMBRA DA VIDA

Sombra da vida, fala! Vem dizer-me
O teu segredo eterno.
Ó sombra cósmica,
Ilumina-te. Quero surpreender-me,
Em teu íntimo seio doloroso.
Quero-te ver e conhecer, ó vida!
Quero tocar tua divina essência.
Quero-te ver directamente, e não
Através da mentira e da aparência.
Ah, dize-me a palavra derradeira;
A mágica palavra, que tem sido
Um pálido murmúrio imperceptível,
Um reflexo de voz, indefinido,
Mais um silêncio vivo e deslumbrado,
Na boca dos profetas e dos santos...
E sussuro mecânico e pesado,
Na boca seca e árida dos sábios...
E perfume na flor que desabrocha,
E vagido de névoa, em lábios de água,

Árido e mudo verbo em tosca rocha,
E brando som de luz em branda areia;
Deslumbrante canção das sete cores,
Em Íris, onde amor divino existe!
Grito febril na boca a arder do sol
E sepulcral palor na lua triste.

Eis o que eu disse, aflito, à Sombra negra
Da vida. E a negra sombra despertou.
E uma nocturna voz, nos meus ouvidos,
Se fez resplandecente; e assim falou:

Teu coração ausculta, se desejas
Reconhecer a essência, eterna e viva,
Que se entranhou nas formas transitórias
E nelas foi ceguinha e foi cativa.
Nelas chorou, com trágica amargura,
Sofreu mortes, degredos e miséria,
Até que, um dia, se viu livre, enfim,
Da densidade bruta da matéria.

Olha, contempla o espírito soturno
E original; contempla a Sombra enorme
Que, de alto a baixo, se rasgou, tal como
Os negros véus do templo.
E dessa informe,
Estranha sombra cósmica saiu
Claridade espectral, quase invisível;
Um desmaio que, pouco a pouco, abriu
Seus olhos num olhar de Nebulosa.

E logo a etérea Névoa desejou
Ser uma estrela a desfazer-se em luz.
E a estrela ardente quis ser mundo gélido,
Regado com o sangue de Jesus...

Então, a clara estrela arrefecida,
Sob os beijos da aurora que a fecundam,
Mudou-se em tenra planta enverdecida,
Que depois se tornou, por um milagre,
Criadora também...
E as aves voam
No céu; e pelas selvas, que estremecem,
Sinistros animais, ainda indecisos
E grandes como sombras, aparecem...
O sol, em fúria e raiva, neles arde...
São deuses monstruosos, sanguinários,

Que vão criar o homem que, mais tarde,
Será Buda e Jesus...
E estes dois Santos
Deram, por sua vez, divina origem
A Deus, o Ser perfeito e sempiterno;
A Vida Espiritual, mais alta e virgem,
Que todos nós sonhamos, sobre a terra.

Sim, criar é viver e amar, sofrendo.
Tudo o que existe é já vertida lágrima.
O primeiro criador é monstro horrendo
E Deus é a criatura derradeira.

E em Deus esplende, em límpido fulgor,
A originária Sombra misteriosa,
Pois, nele, a morte é vida; e puro amor
O que, em nós, é fraqueza miserável.

Ó corpo, para sempre, condenado
À dor, à imperfeição!
E, todavia,
Continuamente geras o perfeito
Ser espiritual, que se extasia,
Em si próprio; e medita, sonha e reza;
E só vê o Infinito e a Eternidade...
E sem fomes, angústias, negros crimes,
Vive; e é fonte de Vida e de Bondade...

Por isso, o homem criador apenas
É perfeito na sua criatura;
Isto é, em Deus, emanação etérea
Do seu vulto, essa trágica escultura.

O ser espiritual, imaginário,
Existe, na verdade, como existem
As urzes deste monte solitário
E a estrela matutina.
É a essência mãe,
A sombra originária, a luz inerte,
Que, depois de encarnar em corpo humano,
Nesse corpo, se exalta e se converte
Em sentimento eterno.
O sonho e o amor
São tão reais que, às vezes, nos parecem
Tangíveis e palpáveis; podem ver-se!
E quase choram, sim; quase entristecem,
Numa vaga lembrança do que foram...

Ah o espírito existe, porque vive!
E tudo o que o espírito criou,
Quer em sua alegria ou dor amarga,
Na terra e céu, extático, ficou!

E Pã eternamente nos deslumbra!
E há-de cantar as ninfas e a esperança,
Nos bosques, sob a chuva de penumbra;
Pelos outeiros verdes, onde o sol
Se casa com as águas murmurosas!
E Vénus, para sempre, em harmonia,
Há-de viver e confundir seu riso
Com as lágrimas santas de Maria!
E Cristo não morreu; está na cruz,
Amarrado, a sangrar, como no instante
Em que nas mãos do Pai rendeu a alma
E o céu se fez nocturno e trovejante!
Olhai os altos cerros do Calvário!
A multidão escura e o negro espaço!
E, ameaçando o mundo, o vento vário,
Com sua clava hercúlea de relâmpagos!
Olhai as brutas rochas que estremecem
E, ao longe, o mar em ondas de furor!
E os mortos acordados e espantados
E os sepulcros abertos com fragor!
E a Virgem Mãe, na sombra (Estrela d'Alva
De luto e de joelhos!) Vede o Filho!
É sempiterna aquela dor que salva,
Como a alegria universal de Pã!
E as Ninfas não morreram! Quantas vezes,
Nos momentos de Graça, as descortino,
Em nossos ermos vales portugueses,
Entre sombrios montes, com pinheiros.
Ouço-as cantar nas claras fontes vivas!
Chorar nas fontes secas, tristemente...
Pobres fontes que deitam, em vez de água,
Aridez e poeira e sede ardente!
E tu, Santo da minha devoção,
Ó mártir D. Quixote, és sempiterno
E a tua lança que rasga a escuridão.
E em teu cómico e magro Rocinante,
Entre chufas, escárnios e maldades,
Como uma luz sozinha, sobre a terra,
Vaguearás, para sempre, alto e divino
E triste, contra o Mal em santa guerra!
Vítor Hugo foi homem? João Valjean
É homem sempiterno. Shakespeare

Foi homem? Olha Ofélia: é mais irmã
De tua própria alma e sentimento;
É mais nesse teu peito enamorado,
Na tua carne e sangue e nos teus olhos;
Bem mais perto de ti, mais ao teu lado,
Do que a própria mulher que tu amaste!

E sempre em cada nova criatura,
Vida que doutras vidas resultou,
É mais real ainda e verdadeira
Do que o ser anterior que a fecundou.
As aves são mais vivas do que a terra;
E o rouxinol mais vivo que uma flor.
Ainda mais vivo um homem; e portanto,
Só Deus é que é perfeito em dor e amor.

Mas um homem deseja ser igual
À criatura eterna, idealizada
Na febre do delírio genial,
Que lhe dissipa as trevas do Infinito!
Contenta-te, criador, em ser perfeito
Na tua criatura! Ó penitente
E miserável corpo, que não podes
Viver sem destruir, sê tu contente!
Homem, exulta e canta! Foste a origem
De Deus, tu que és Satã! Tu que és o Imundo
Concebeste a Pureza! E, sendo o Crime,
Foste a fonte do Bem! Tu, que és um mundo
De morte, imperfeição e maldição,
Fizeste o Paraíso! Ergue os teus olhos,
E ergue neles teu forte coração;
E a tua obra contempla, de joelhos.
Não aspires a mais, pois sempre fica
O Criador distante da Criatura.
Bem longe fica o sol da bela aurora
E a própria escuridão da noite escura!

Dize à terra que seja semelhante
À flor que dela nasce! E diz ao lírio
Que seja igual à ave! E ao lobo errante
Que seja irmão de Buda e Jesus Cristo!

A SOMBRA DO LUAR

Ouve-se o luar cair, sobre as ramagens,
Como chuva miudinha, humedecendo
As estéreis e pálidas paisagens,
Que a treva, negro lume, ressequiu...
E, pouco a pouco, a terra seca e dura,
Envolta em brandas mágoas luminosas,
Vai-se cobrindo de íntima verdura
E de mimosas flores espectrais...
Alta vegetação indefinida;
Ramos, folhas, ervinhas transcendentes,
Filhas da luz apenas reflectida...
Criaturas de sonho que viveis,
Como, junto duma árvore sensível,
A sua verde sombra...
E o luar cresce;
É branca rosa abrindo... E do Invisível
Nascem Aparições desconhecidas
Que me saem, de súbito, ao caminho
Ou, na distância triste, se desenham,
Quando passeio, à noite, ermo e sozinho,
Como os doidos e a lua...
Hora sagrada,
Hora profunda de milagres, quando
De nossas trevas íntimas afluem
Sombras ao nosso olhar, e as cores vivas,
Na turbação alvente, se diluem...
E os pinhais têm um rosto de quem dorme
E um espírito oculto que vagueia,
Longe deles, talvez... e, em outras terras,
Cria funda raiz e ao vento ondeia...

Hora de amor e dor e piedade,
Quando as folhas das árvores felizes
Em busca de luar, no céu, penetram,
Como, no chão, as sôfregas raízes.
Hora de encantamento e de mistério...
Hora santa do Enigma; hora divina
De vidas e de mortes, quando o Olimpo
É alto e largo e a terra pequenina!
Hora de invocações, visões e síncopes,
E de vozes sem lábios, e de olhares
Sem olhos, e de formas intangíveis,
E andam ventos de mármore, nos ares...

Ah, desce ao fundo dos meus olhos, lua!
Quero sofrer a mística tristeza,
Que à superfície do luar flutua,
Como avezinha morta à tona d'água!
Tristeza que ele trouxe lá dos céus...
Tristeza do Infinito e da Distância!
Santa tristeza cósmica de Deus!
Calma tristeza ideal da Eternidade!
Tristeza do Indeciso, do Princípio,
Do Vago, do Crepúsculo! Tristeza,
Eu bem te sinto, em mim, pois também sou
Indecisão, crepúsculo e incerteza!

Luar! Luar! Estranha lividez
Da Sibila, que fala vagamente,
Comendo terra, a uivar e a estrebuchar,
Na exaltação profética e vidente...
Misteriosa luz evocadora,
Alva cinza de espíritos e essências;
Luz de condão que, mal as almas toca,
Logo as veste de cores e aparências...
Ó sol do mundo ignoto dos espectros!
Ó sol verde, fluídico e marmóreo,
Que dás vivente e nítido relevo
A tudo o que é invisível e incorpóreo!
Luz, de dorido encanto, que enverdece
A paisagem fantástica de nuvens
Que, na absorpção da noite, nos empece,
Embora dentro em nós seja criada!

Ó mãos da lua pálida, esboçando,
Num lácteo, aéreo gesto que deslumbra,
Perfis espirituais, vultos de sonho,
Que perpassam nos longes de penumbra...
Ó mãos da lua que moldais em sombra
Troncos de névoa e anímicos rochedos,
Assim como, de dia, as mãos do sol
Moldam em água e terra os arvoredos.
Mãos de delírio, de êxtase e desmaio!
Mãos de água a evaporar-se, mãos de espuma,
Esculpindo criaturas e florestas
Em mármore sonâmbulo de bruma...
Erguendo um mundo etéreo que, distante,
Surge dentre os redondos seios nus
Da noite, caridosa e maternal,
Que é treva para os astros serem luz...

Sempre que a arrefecida escuridão
Se vê de roxos montes despontar,
Como enorme fantasma de além-túmulo,
As avezinhas deixam de cantar;
E, em sobressaltos trémulos, voando,
Escondem-se nos ramos, como os lobos
Nas cavernas da serra, uivando, uivando
À noite que os domina e atemoriza...

Ah, quando a Sombra negra vem do céu,
Aparição funérea e lacrimosa,
E desce aos nossos olhos, que parecem
Íntimas águas mortas, onde pousa,
Em largas revoadas circulares,
Escuro bando de aves agoirentas,
Onda de cinza esparsa, pelos ares,
Caindo do sol, já frio e amortecido,
— Meu corpo em névoas lívidas se afunda
E voga, em pleno Limbo... e, tão disperso
Num tumulto de vidas, tudo inunda,
Que em mim se perde a terra e o céu azul...
E a minha consciência empalidece
E se alonga, turbada e semelhante
A uma gota de orvalho, à luz da aurora,
Entre a nuvem e a lágrima hesitante!

Mas nasce o luar... e em minha fronte neva;
E, mais alegre, acordo e ressuscito,
Qual onda que, alta e nítida, se eleva,
Depois de se espraiar em formas vagas...
Pois tu, doce luar das solidões,
Refizeste meu corpo; bem no sinto
Perfeito e unificado; e as multidões
Viventes que murmuram, no meu ser,
E a treva dispersou — vejo-as, de novo,
Numa só clara vida, concentradas...
E o que era confusão, escuro povo,
É límpido perfil amanhecente...
E a minha consciência se define,
E, amorosa, contempla o grande mundo,
Externo e material, para atingir
O que ele tem de espírito profundo...

E subo um ermo outeiro, que o luar,
Como as águas da chuva, reverdece.
A distância brumosa lembra o mar
E há paisagens de nuvens, no Infinito.

Os áridos rochedos e os pinhais
Irrompem do crepúsculo sombrio,
Mostrando ainda os trágicos sinais
Da noite, negra cruz, cheia de lágrimas.
E as sombras aparecem, vagamente,
A medo, como a luz dum belo dia
Que nos sorri, nas frestas, de manhã,
E nos manda viver em alegria...
E ao longe, os vultos lívidos dos montes
Têm gestos de penumbra; e as águas gélidas
Choram nas bocas espectrais das fontes,
E em tudo há tristes olhos que nos fitam.

E encontro-me, sozinho, sobre a terra,
Que lateja e palpita, num rumor
De seivas que, à saudosa claridade,
São abrolhar de gomo ou quase flor...
E as sementes ocultas, genesíacas,
Como tocadas de água e de sol vivo,
Como fecundo ventre, dão à luz
Desde o tojo rasteiro ao cedro altivo;
— Rasteiro e altivo ao nosso olhar apenas,
Porque, aos olhos do Espírito, uma ervinha
E um grande roble são da mesma altura...
Que distância a dum astro a uma andorinha?
Dum ramo em flor a um nobre pensamento?
Da noite ao dia? Do sorriso à lágrima?
De uma pedrinha nua a um sentimento
Despido, como a sombra e como a luz?

Sozinho, vou andando, e vou falando...
Como os santos e os doidos, sou ouvido
Por este íngreme outeiro, que também
Me fala, em tom soturno e comovido...
Ouço, em meu coração, tudo o que existe!
E nem eu faço mais que repetir,
Num frágil verso pobre, humano e triste,
O que me diz a terra misteriosa...
E as coisas me contemplam, tão serenas,
Impassíveis! E vejo, dentro delas,
Tremores, tempestades, sobressaltos,
Fundos abismos, lúcidas estrelas!
Desabamentos fragorosos! Vidas
Que se somem na noite! Madrugadas,
Donde se exala a vã serenidade
Das suas ermas formas concentradas
Numa bruma de espírito e de sonho,

Num nevoeiro espesso que deslumbra;
Num êxtase gelado de cadáver,
Êxtase de silêncio e de penumbra...

E tomada de assombro, quantas vezes,
Uma pedra me fala: — Ó meu irmão,
Tu lembras-te de mim, daquele tempo
De trágica e infinita solidão?
Do tenebroso Génesis, quando era
Esse teu corpo humano isto que sou,
Esta aspereza estéril, bruta e fera;
Esta gélida inércia que, em teu ser,
É sonho, suavidade, amor, ternura?
E sou ainda o que já foste, poeta;
Ainda estou morta e presa à terra dura,
Onde andas, vivo e livre, à luz dos astros!
Ah chora a minha negra escravidão
(Dor que somente o Poeta compreende)
Até que, um dia, abrandem tuas lágrimas
Este terrível peso, que me prende
Às entranhas do mundo! Ah chora, chora!
Leva-me em tuas lágrimas, que voam
Mais longe que o teu riso e a bela aurora!
Quero ser alegria e sofrimento!
Quero subir em nuvem deslumbrada!
Quero orvalhar os lábios sequiosos
De Deus! Boca febril, boca mirrada
E com sede de vida insaciável!

E, ouvindo a voz da Pedra, meditei
Na Dor, Princípio eterno, emanação
Da sombra triste e universal de Deus,
Que, sobre a fria e inerte Criação,
Actua, com violência, a cada instante,
Chamando a água, a argila, a luz dorida,
As nuvens, os metais, o limo, o fogo,
Inexorável, fatalmente à Vida!

Perante a Dor, tudo abre uns olhos tristes;
Tudo estremece e canta e principia
A ser hóstia de amor, nas mãos de Deus;
Hóstia que ele comunga, à luz do dia,
Depois de a erguer tão alto, que ela passa
As remotas estrelas e as Origens,
O Destino, as misérias, a desgraça
E vai além das trevas e da morte!

E assim a Vida é o grande sacrifício,
Que faz a Deus a bruta Natureza,
Para que Deus exista, em dor e amor.
Em perfeita alegria e ideal beleza;
Para que tenha uma existência clara
E viva e real, e cósmica e divina,
Como o rochedo que, tombando, esmaga,
Como o riso da nuvem que fulmina!

E o luar chovia, num rumor tão leve,
Qual ténue sombra de asa palpitando,
Ao clarão das estrelas, sobre a neve,
Outro luar mais frio e mais intenso...
Mas a branca neblina transcendente,
Donde o luar chovia, dissipou-se.
Escureceu o espaço; e novamente
Meu ser se dispersou em formas vagas,
E me tornei confuso e indefinido...
E mal se distinguia, na penumbra,
Este corpo alagado e difundido,
Nas árvores, nas pedras e nas brumas...
E a viçosa paisagem, que o sol ama,
Em brando sonho ou fumo se desfez,
Ao tocar-lhe de manso a negra chama,
Que sai do incêndio trágico da Noite!

SENHORA DA NOITE

I

Aí vem a meia-noite, erma donzela,
Senhora minha;
Rosa de sombra que, em botão, é estrela
E, quando desabrocha, é manhãzinha;
E, ao atingir a plena puberdade
Voluptuosa,
Despe o traje infantil de claridade,
Transfigura-se, e é noite silenciosa.

Aí vem a meia-noite. Olhai seu jeito,
Seu modo lindo.
E, túmido de estrelas, o seu peito,
Sob os beijos de Deus, se vai abrindo.
E divinas carícias sensuais
O fazem brandamente palpitar...
Tetas de névoa, ó seios maternais,
Onde um Menino Deus há-de mamar!

Aí vem a meia-noite. É fumo etéreo
Que a labareda olímpica do sol
Derrama, entontecendo de mistério
A Sibila, o Poeta, o Rouxinol.

Aí vem a meia-noite... Ó meu desejo,
Ajoelha e reza!
E tu, meu claro rio, sê um beijo;
Lágrima, beijo de água e de tristeza.
Ó verde flor, mimosa e marulhante,
A derivar
Para o distante
Jardim do mar.

Aí vem a meia-noite. As claras fontes
Emudecem num êxtase profundo.
Nos horizontes,
Pairam mágoas e brumas deste mundo.
É a estranha hora,
Em que o segredo e o medo se alevantam.
Nos pinheirais, o vento geme e chora,
E os sapos cantam.
E ouço a noite chorar, no meu jardim,
Tão desolada!
Chora por mim,
A dor, nas coisas mortas, encantada.
E chora, como as árvores sentindo
Esse orvalhado alívio das manhãs.
Gotas de fogo líquido, sorrindo,
Ó doce orvalho! Ó lágrimas pagãs!

Aí vem a meia-noite... Olhai, olhai,
Seu vestido nupcial que a lua fez.
Que lindo! Vinde ver como lhe cai,
Num casto alvor de neve, sobre os pés.

Aí vem a meia-noite, caminhando,
A murmurar...

Música dentre névoas ondulando,
Sinfonia de sombra, aéreo mar...
Olhai o vento enamorado e preso
Da sua trança que, ao longe, é luz do dia;
Negra trança que finda em oiro aceso
E os remotos países alumia.
E vinde ver,
Nas ondas espectrais do seu cabelo,
Como divina jóia, resplender
O sete-estrelo.
Pôs-lhe no brando peito a bela tarde
Sombras de lírios.
E, em seus dedos de anéis, crepita e arde
A esbraseada pérola de Sírius.
Do céu azul
Chovem rosas de luz, quando ela passa.
Seu agitado leque é o vento sul,
E o triste luar, caindo, é sua graça.
E a *Lira* ardente, que ela traz na mão,
Muito além, ressoa...
E, enquanto dorme o *Taurus* e o *Dragão*,
Sob o seu peso etéreo, o mundo voa...
Que sagrado momento! Que esplendor!
Ouve-se Orfeu cantar e a voz magoada
De Eurídice que surge... Ó alta flor
Ressuscitada!
E tudo se perturba e se deslumbra!
Saem chamas das fendas dos rochedos,
Cintilam ígneos beijos, na penumbra
Dos arvoredos...

A meia-noite aí vem, cheia de graça,
Detrás da serra.
Sob os seus pés — tão leves! — se adelgaça
E quase se evapora a própria Terra.
Tudo o que toca a fímbria iluminada
Da sua longa saia escurecida,
Se é rocha, fica em névoa transformada;
Se é névoa, fica em rocha convertida!
Tudo, sob os seus pés, se transfigura.
É tudo um sonho vago de luar.
A fonte é só marulho de ternura,
A deslizar...
É tudo sonho vago... aparição
Fantástica e remota do Passado,
Quando era o sol nocturna comoção
E lívido crepúsculo parado.

Aí vem a meia-noite. Ó noiva triste,
De olhar tão sério!
Que é do teu noivo, dize? Onde é que existe
O Príncipe da sombra e do mistério?
Em que país de lenda e nevoeiro
Ele te espera,
Escondendo, no peito aventureiro,
Teu retrato de sol e primavera?

Aí vem a meia-noite, a triste dama.
Silêncio, ouvi...
Quem por mim chama?
É ela quem me fala, mesmo aqui,
No sítio onde me bate o coração
E as minhas doidas lágrimas, cantando,
Tentam as asas de água e solidão,
Esvoaçando...

Aí vem a meia-noite, erma donzela.
Vou contar-lhe, baixinho, o meu segredo.
Minha voz, sê luar ou luz de estrela
Ou sussurro encoberto de arvoredo,
Rezando a Deus.
Sê, como, à tarde, um canto magoado,
Tão diluído já no azul dos céus,
Com o sentido já tão apagado,
Que não pode saber-se o que traduz;
Se é de origem humana ou simplesmente
O murmúrio de sombra, névoa e luz
Que deixa, atrás de si, o sol poente.

A pobre voz dos homens, quem na entende,
Se perdeu todo o viço e toda a cor?
E, como folhas murchas, se desprende
Das ressequidas almas, sem amor...
Se é uma voz, já morta e dissecada;
Morta nos ares,
Cinza gelada,
Múmia de som em lábios tumulares.

E seu rosto, que as sombras vão florindo,
Com ar de riso,
Voltou-se para mim, num gesto lindo,
Mas indeciso.
E disse-me, pousando a sua mão
Na minha fronte:

(Lembrava a asa viva dum clarão,
Sobre a terra cismática dum monte)

«Quem és tu, que saíste ao meu caminho?
De que alegria vens? De que tristeza?
És um espectro, errante e pobrezinho,
Da Natureza?
Sombra de dor e amor que ela projecta,
Indiferente,
Num estranho delírio de profeta
E de vidente?
Quem és tu? Quem és tu, ó criatura?
Ermo, vago perfil que me faz medo...
Olhar alucinado que procura
Surpreender a vida e o seu segredo...
Embora eu viva, sim, muito distante
De ti, eu vejo,
Por essa tua sombra irradiante,
Tudo o que és em espírito e desejo.
Vê-se bem que essa fronte torturada,
Com alturas de luz, negros recantos,
É toda, lá por dentro, povoada
De sonhos, de fantasmas e de espantos.

«Não és mais do que um vulto concebido,
Nos seios da divina Irrealidade.
Ah, se eu te desse um corpo definido
E todo a arder em chamas de ansiedade!
Meu Deus, se, porventura, tu ficasses,
Diante de mim, perfeito e verdadeiro!
E se, com doidos braços, me abraçasses,
Embora num abraço derradeiro!
Que é felicidade? É descobrirmos,
Fora de nós, um sonho redentor,
E com ele, de súbito, fugirmos,
Para mais longe do que o próprio amor!
É tocar com as mãos nossa esperança;
E sentir o seu peso; e a gente ver
Que se curva sob ele e que se cansa,
Até cair de rastos e morrer!

«Mas fala tu, espectro vagabundo,
Ó sombra estranha!
Que a tua voz abale este profundo
Silêncio, que me cerca e me acompanha!
Eleva a tua voz. Que possa ouvir-se
Em mar e serra.

Que, de eco em eco, vá repercutir-se
Pela formosa imperfeição da Terra...»

«— Senhora minha, meu amor, lhe disse.
Sou imagem de fumo e nuvem sou;
Ténue floco de espuma, à superfície
Da onda virginal que te criou;
Onda revolta e verde de esperanças,
Redemoinho genésico, a espumar;
Onda coberta de algas e de tranças
De ninfas e amorzinhos a nadar...

Eu sou, Senhora minha, a criatura
Rendida dos teus olhos criadores;
Presa aos teus pés gentis de noite escura
Que só pisam espuma e trilham flores.
Eu sou aquele que ama; o rasteirinho
De corpo, e de alma clara e alevantada.
Sou a poeira que ergue, em teu caminho,
Tua saia com rendas de alvorada.
Sou invisível névoa de alegria
E de tristeza...
Um fumo de ansiedade e de harmonia,
Envolvendo e animando a Natureza.
Sou aquele que sonha, extasiado,
E tudo admira!
E vê, subitamente deslumbrado,
Que tem nas mãos a sombra duma lira.
Eu sou aquele arbusto que se exalta
E se enternece...
E, à luz mais alta,
É só além das nuvens que floresce.
Sou a terra que chora, terra viva
De Portugal.
E a tua água, ó Tâmega, deriva
Da minha oculta fonte espiritual.
Sou pedra que se funde, mal lhe toca
Um ai de dor, um beijo, um sopro etéreo;
Sou a voz que os espíritos invoca,
Sou um ébrio de sombra e de mistério.

«Sou tudo o que tu és, ó noite bela!
Almas e coisas sem princípio e fim,
Teu perfil que, nas trevas, se revela,
São fantasmas gerados dentro em mim.

«Ó noite imensa,
A luz do meu olhar é luz do dia...
E em relevos esculpe a névoa densa,
Que me arrepia...
O mar, em negras ondas de amargura,
Os arvoredos...
Tudo o que me seduz, e que procura
Rodear-me de espantos e de medos!

«Sou a imaginação, fecunda e santa,
A suprema e divina criadora,
Que dá tenra verdura e seiva à planta
E, em bátegas de cor, condensa a aurora.
Num misterioso gesto da Sibila,
Molda na terra o busto duma flor
E a tosca e bruta rocha, que cintila,
Toda molhada em lágrimas de amor!
Sou a imaginação, água das fontes
Que mata a sede às almas caminhantes.
Criei as formas bíblicas dos montes
E os outeiros pagãos e verdejantes.
E, à nova claridade que projecto,
A horrenda morte é a Vénus amorosa...
Sou eu que visto um trágico esqueleto
De carne viva, em flor, maravilhosa!

E sou a vida
E a luz de tudo.
Fora de mim, há a sombra indefinida,
O espectro mudo...
A confusão das nuvens, bruto mármore
Que eu tomo, em minhas mãos extasiadas,
E ei-lo donzela e rosa e tronco de árvore,
A música das formas animadas...
Figuras imortais do meu desgosto...
Sobre elas choro, com pesar profundo,
Tal como Deus chorou, velando o rosto,
Sobre a beleza cósmica do mundo...»

II

E a noite, onde murmura a nossa origem,
Subiu comigo aos cerros do Marão.
E a estrela virgem
Da Anunciação,
De seus lábios, cantando e rindo, nasce:
Um áureo beijo, a arder e a iluminar...

Seu cabelo aloirava; e à sua face
Viam-se as lindas cores aflorar.

Brumas, sombras nocturnas, brandamente,
Sumiram-se, no ar...
E seu formoso
Corpo cruel de deusa omnipotente,
Voluptuoso,
De pé, naquela altiva soledade,
Como enlevado, extático, sorrindo,
Domina a planetária imensidade
E o céu infindo...

E aquele riso,
Doirando a serra,
É um anjo que nos mostra o Paraíso,
Além da terra.

Alto sorriso lúcido, escultura
Em luz marmórea...
O busto da esperança que fulgura,
Dentro de nós, no escuro da memória...
Ó riso, árvor' de luz, solta folhagem
De azul tremente!
Ó rosto alegre, outeiro em flor, paisagem...
Idílica frescura, água corrente...

E a aurora, toda envolta em suas tranças,
Sentiu tocar-lhe a fronte esclarecida
Minha alegria feita de lembranças,
Como é feita de mortes minha vida.
E um relâmpago da sua comoção
Me trespassou!
Quase me não batia o coração,
Neste peito onde a dor o encarcerou.
E, ante aquele milagre repetido
E extraordinário,
Como aturdido,
Num fragaroso cume solitário,
Eu vi, eu vi, o doido encantamento
Do mundo, que revive e se deslumbra...
Vi o perfil angélico do vento
E o perfil, já doirado, da penumbra...
E a neblina, quimérica e desfeita,
Sobre o largo horizonte montanhês,
Mas tão perfeita,
Que era candura, altura, esplendidez!

E vi a aurora!
E, ao vê-la, tudo canta.
A semente germina e quer ser árvore.
A água voa, é nuvem que se espanta,
Aéreo mármore!
E eis que o frio se embebe de calor
E no ar se perde.
E a seiva que se agita é quase flor
E folha verde.

E rumorejam
Os misteriosos bosques, e estremecem...
As ondas vivas e os cristais lampejam
E as mais claras estrelas escurecem.

Por ti, aurora, a minha dor espalho,
E me enlevo num sonho imorredoiro...
E em sete gotas límpidas de orvalho
Ardem as sete maravilhas de oiro.

Sorris, e que dilúvio de alegria!
Quantas tristezas mortas, a boiar...
E os mármores vibrantes de harmonia,
Ó Grécia, são estátuas a falar.

Cantas, e logo as fontes e os ribeiros
São cores diluídas, marulhando,
E corpos liquefeitos de salgueiros,
Asas e nuvens de água, deslizando.

Cantas, e sobre as rochas de granito,
Balem, saltando, os meigos cordeirinhos;
E sobem, como preces, no Infinito,
Os cânticos ao sol dos passarinhos.

Cantas, e a cotovia é voz etérea,
Presa dum raio de oiro! E o mundo alado
É céu azul, em trágica matéria,
Cristalizado.

E a senhora da noite (que já era
A senhora da aurora) caminhava,
Numa atitude em flor de primavera,
Através da montanha... E olhava, olhava,
Os largos e sombrios horizontes,
Em ascensões de névoa e claridade,

E os ermos montes
Da Saudade...

Sorria e caminhava, na mais calma,
Divina indiferença da paisagem...
E nem um sonho torvo ou sombra de alma
Na sua imagem.
E Flora perfumava-lhe os caminhos;
Atirava-lhe lírios, bem-me-queres
E rosas; os ligeiros Amorzinhos
Voavam, em volta dela; e a deusa Ceres
Também acompanhava a bela aurora,
Surpreendida!
E, vendo-a, o grande Pã suspira e chora
E tange a amena flauta dolorida.
E as deslumbrantes ninfas, em cadência,
Soltas, no Azul, as tranças de oiro quente,
Dançam, à luz do sol, na transparência
E alegria da vida adolescente.
E a cálida humidade, que amolece
E sensualiza as plantas e os rochedos,
É uma sombra de névoa que aparece
E tudo abraça e beija...
Há mil segredos,
A murmurar...
E altas canções,
Vindas no fresco zéfiro do mar...

Hálitos de sereias e tritões,
O cheiro vivo e são das maresias,
Imagens de Anfitrite, perpassando
Nas líquidas distâncias, aleluias
Da lua, sobre as ondas, encantando
E comovendo o espírito das águas,
Vogam na clara e lúcida atmosfera,
Que enternece a montanha e as duras fráguas,
Como se fosse a mesma Primavera.

E a aurora, a rir, num gesto distraído,
Muitas vezes, compõe o seu cabelo,
Onde brilhara, lúbrico e perdido,
O sete-estrelo...
E a sua saia de oiro, rastejante,
Ergue poeira de beijos, e seus pés
Imprimem, sobre a terra verdejante,
Pegadas de luar e limpidez.

As suas formas, puras e donzelas,
Desprendem-se dos raios, que alimparam
O firmamento azul, onde as estrelas,
Com sede de penumbra, estiolaram.
E as folhas mais tenrinhas nem sequer
Vergam, sob o seu peso, e a própria bruma
É como bruta pedra... Só meu ser
E branda espuma...
Só ele é névoa flébil e quebrado
Cristal, quebradas lágrimas de amor...
Só ele verga e tomba apaixonado,
Ante os olhos azuis daquela Flor!

E a aurora vai sorrindo, e iluminando
Bocos medonhos,
Temerosas cavernas, despertando
Nocturnos sonhos;
Sombras que batem asas e esmorecem...
Ocultas ansiedades misteriosas
Que transparecem
Na expressão fisionómica das cousas.
E o plúmbeo sono cósmico dos montes
Se evaporou...

E o sono virginal das claras fontes
Na própria voz das águas se afogou...

E há só olhos abertos para Aquela
Que a esperança mortal, em nós, derrama...
Tudo o que vê seu vulto de donzela,
Como esculpido em rosa e branca flama;
E o seu andar
De névoa e o seu perfil de divindade;
Tudo o que, enfim, a vê, fica a cismar,
Numa alegria e luz que é já saudade...

E a aurora vai sorrindo aos desolados
E infindáveis desertos de secura,
Em cujos ermos longes magoados
Pairam fantasmas de água e de verdura...
E àqueles altos montes, que um desgosto
Fez infecundos,
E têm rochedos mesmo à flor do rosto
E têm rochedos íntimos e fundos.

E a aurora às verdes ondas vai sorrindo...
E seu ígneo cabelo se insinua,

Como carícia de oiro, refulgindo,
Naquela nua,
Limosa carne, líquida e ondeante,
Que se abraça, amorosa e desejosa,
Ao pobre e frágil lenho navegante,
E à saudosa
E indefinida
Praia de cínzeas tintas, áureos tons,
Lá onde, em velha fraga carcomida,
Retumba o mar em cavernosos sons.

Ó mar, pego de lágrimas que cinge,
Num abraço, salgado e nevoento,
A tenebrosa terra, louca esfinge,
Com seu cabelo arbóreo solto ao vento...
Ondas do mar, estradas de água a andar...
Poeiras de espumas.
Levai-me, sim, levai-me, ondas do mar,
À sua ilha de neves e de brumas!
Ó mar, ó mar, embala a minha dor!
Ó brancas velas,
Asas prenhes e côncavas de amor...
Ó mastros a apontar para as estrelas!
Ó verdes, ó azuis profundidades!
Ó noites sobre o mar! Ó solidão!
Negras distâncias, nuvens, tempestades,
Meu coração!

E a aurora vai sorrindo às lindas ilhas,
Com grutas misteriosas, onde há fadas,
Deusas colhendo flores, maravilhas,
Lagos, rios e selvas encantadas...
Puras fontes de néctar e ambrosia,
Sempre a manar dos flancos dum penedo...
Verdes outeiros na embriaguez do dia,
Roxos vales de sombra e de segredo...

E a aurora vai sorrindo; e aquele riso,
Claro e fecundo,
Dá um ar infantil de Paraíso
À velha e férrea idade deste mundo.

III

E a aurora, que entristece, vai fugindo
Atrás dela, ficando em grande mágoa,

O mar, paisagens bíblicas florindo,
Sob bênçãos de sol e beijos de água.

E a aurora vai fugindo, e abandonando
Meu corpo, envolto em sombras... E, nos céus,
Voam penumbras mortas, recordando
O fantasma perdido de algum deus...
Divindades caídas que perpassam
Na floresta abrasada do poente...
E sombras de amorzinhos esvoaçam,
E Vénus surge, ao longe, vagamente...
E há ninfas de luar, enternecendo
A merencória tarde que se esfuma...
Íris das sete sombras, descrevendo
O seu arco de lágrimas e bruma.
E o fantasma de Pã, entre o arvoredo,
Projecta a sombra fúnebre da Cruz...
Há vozes no silêncio... Ergue-se o medo,
Ante a queda dramática da luz.
E, no triste crepúsculo sombrio,
Erram sombras de faunos... E os pinhais
Sentem um fundo e gélido arrepio
E sussurram aos ventos espectrais...
E, nos bosques, as tochas das bacantes,
Quase apagadas
Bruxuleantes,
Deixam nódoas de cinza... E desprezadas
Nereides, junto às águas que murmuram,
Baixam os olhos, tristes, pensativas...
E alheadas, sonâmbulas, procuram
Idades de oiro, as eras primitivas...

E a senhora da noite, novamente,
Se transfigura.
E a sua loira trança resplendente
Já tem manchas de treva...
E aquela pura
E luminosa fronte, donde nasce
A divina beleza, escureceu.
E vieram pousar na sua face
O silêncio da terra e a paz do céu.

E a senhora da aurora é já senhora
Da tarde e da piedade... E o seu olhar,
Que era sorriso e luz, dir-se-á que chora
E que se fica, extático, a cismar.

Dir-se-á que outeiros, vales, pinheirais,
Se transformam em negra solidão...
Mas qualquer sítio ermo não é mais
Do que um disperso e vago coração...
Fumo sentimental, contemplativo,
Mago filtro subtil que se insinua,
Em nosso corpo, humanizado e vivo,
Que tem desmaios íntimos de lua.

E a tarde vai andando, e a soledade
Segue seus passos de oiro...
E, ao lado dela,
Piedosa e humilde, vai minha saudade,
O que há em mim de lírio e de donzela...
Esta ternura espiritual que aflui
À flor da minha voz, silêncio em flor,
E me dilui
Em penumbra de lágrimas e amor.

E a senhora da tarde, enamorada,
Dirige-se ao poente que, nos céus,
Lembra estranha Babel, incendiada
Pelo ciúme trágico dum Deus!
E, sobre os altos píncaros, avulta
A sua imagem, pálida e indistinta.
E pedras, fontes, a cantar, sepulta
Em roxa tinta.
Delíquios de neblina e de penumbra
Pairam, no ar dorido...

E vem da serra,
Ignoto sol escuro que adumbra,
A noite, mãe das almas e da terra.

E a indecisão,
Num caótico gesto de loucura,
Lança o desmaio, a síncope, a aflição,
Na paisagem, e as cousas desfigura.

E a senhora da tarde vai sozinha,
Entre fantasmas lívidos, sem medo...
Pois é fantasma esta saudade minha
E este penedo...

Os meus sentidos
São caverna onde os ventos adormecem;
E onde vagam espectros, aturdidos,
Que me aparecem.

E, transmontando,
O claro sol de todo se escondeu.
A luz brilha baixinho, suspirando,
Anoiteceu.

Cotovia da sombra, o mocho pia,
Talvez (quem sabe?) alegre e deslumbrado.
O mocho é treva, e é sol anunciado
A cotovia.

E a terra, em seu desejo criador,
Sente beijar-lhe a fronte, em oiro acesa,
Aquele santo espírito do amor
E da tristeza.

DIANTE DE MIM

Eu serei eu no mundo? Existirá
Aquele estranho ser em que me vejo
Sonhando e delirando? E me arrebata
Nas suas asas de anjo enlouquecido,
Sobre negros abismos que me causam
Fantástico terror?
Eu serei eu?
Este perfil tão triste que descrevo,
Entre velhinhas árvores, ao luar,
Acaso existirá? Não será mais
Que uma ilusão do sol e dos meus olhos
Por onde espreita alguém que eu desconheço
E tem na face a mágoa de quem vive
Na distância infinita, em pleno exílio,
A braços com o espectro da saudade?

Eu serei eu? Sou outra criatura.
Eu não nasci ainda; pairo ainda
Nas solidões do Limbo misterioso,
Pois outra criatura, em meu lugar,
Surgiu à luz do dia! Quem será
Que em meu nome divaga sobre a Terra?

Que estranho personagem conquistou
As formas do meu ser? E dos seus lábios
Emite a minha voz? E tem nos olhos
Este saudoso olhar, profunda lágrima
Banhando as ermas cousas que se animam
E tomam, na penumbra, estranho vulto?

De mim que sei? Que não existo. Pairo,
Confuso e inominado,
No misterioso Limbo, nesse além
De indefinidas dimensões escuras,
Onde uma névoa em astros cristaliza.

Não sei quem sou, nem o que sinto e sofro.
Quero-me ver e ouvir. Se me contemplo,
É como se encontrasse, em erma estrada,
Um ermo viandante
Que vem de longe e para longe vai...
Olha-me num silêncio indiferente
De quem nunca me viu nem me conhece
E continua, triste, o seu caminho.

Falo; não sei quem fala. No meu rosto
Ignotas vozes de almas esvoaçam;
Asas de som, quiméricas, fugindo...
E nem um rasto brando, um só vestígio,
Nesta fluidez azul em que vogamos,
Levados, como espuma, à flor da vida.

Eu não sou eu... Quem sou? E quem se exalta
E em mim delira, em certas horas loucas
De estranho encantamento, quando brotam,
De dentro de alma, as ondas da emoção?

Ó meu saudoso amor! Ó minha aldeia!
Quem te canta em meus versos imperfeitos,
De empedernido som que se desvaira
E, em funduras de trágico silêncio,
Debalde agita as asas de granito?
Quem ama e sonha e sofre para nada?
E anda sozinho, à noite, a falar alto?
E é triste como a noite solitária
E alegre como a aurora que floresce.
Com rosas de oiro e neve,
Todo o perfil em bronze do Marão?

Em mim, quem ama e sofre e se congela
De medo e horror, perante a negra morte?
E se esconde, a chorar, como um perdido,
Nas sombras do crepúsculo? E desmaia,
Ao ver nascer do lívido horizonte
Uma tristeza imensa...
E em macerados erros montanhosos
Se espalha a tinta branca do luar.

Quem és tu? Quem és tu? Que estranha voz
A interrogar-me sempre? Não se cala!
Sou para mim como um segredo antigo,
Eu mesmo sou a treva universal,
Onde, ansioso e doido, me procuro!
Sou a humana presença em que padeço
E esta ausência divina em que me sinto
Embalado nos braços da alegria,
A ouvir, a ouvir a música dos anjos!
E rio aflito, e choro de contente!
As minhas frias lágrimas de dor
Caem nas flamas vivas do meu riso;
E o riso não se apaga, como estrela
Encantada num fundo de águas mortas.

O riso é vaga imagem reflectida;
Também a dor é sombra; e o nosso corpo
É como espelho, baço ou cristalino,
Onde surgem quiméricas figuras
De deuses e demónios e outros seres
Emanados das trevas do Mistério.

Não sou mais que um tumulto de aparências
E aparições, um vendaval de sonhos,
Sobressaltando a poeira dos caminhos,
A areia dos desertos
E a espuma em flor das ondas que se espraiam
Em litorais de bronze e de marfim.

Choro não sei porquê. Blasfemo e rezo
E grito por ninguém, na solidão
Que me repele a voz de encontro às fragas
E às nuvens, outros montes que se elevam
De planícies azuis e indefinidas.
Debato-me no grande desespero
Duma floresta, ao vento, desmanchada,
Em desgrenhados gestos incoerentes,

Vozes confusas de almas em delírio!
Assim eu falo aos ventos do Infinito.
Aos fantasmas do Outono e do crepúsculo;
Às falecidas cousas que me inundam
De lágrimas os olhos, porque em mim
Se vai fazendo a noite em que elas jazem;
Aquela fria noite sempiterna,
Onde o sol cai em raios tenebrosos,
Onde o luar caindo é cinza negra.
Falo comigo. As nuvens interrogo,
As estrelas e a sombra dos ciprestes
Crucificada nas marmóreas cruzes
Ou abraçada ao anjos tumulares.
Quero saber quem sou. Vede a loucura!
Que seria de mim, naquele instante
Em que todo o meu ser se desvendasse?
Desiludido e morto ficaria?
Ou animado de infinita vida?
Doido, quero saber e conhecer;
Erguer também a ponta desse véu
Bordado a luz doirada e toda a noite
Cintilante de pedras preciosas.
Dentro dum negro cárcere fechado,
Aflito, me debato! Quero abrir
Uma fenda nas trágicas paredes;
E invoco a estranha música celeste
Que derrubou teus muros, por encanto,
Ó bíblica cidade do deserto!
E ponho-me a cantar como em delírio...
E o meu canto alumia vagamente
As trevas que me cercam... Do negrume,
Enternecido quase, a converter-se
Em penumbras de templo, sobre as quais
Se desfolham quiméricos lampejos
De amortecida lâmpada soturna,
Dir-se-á que surgem pálidos esfumos
De misteriosos vultos e figuras
E longínquos contornos de paisagem...
Um mundo pressentido, uma ilusão
Fingindo a realidade, a branca nuvem
Tomando a forma aérea duma Deusa.
E ponho-me a cantar como em delírio,
No meio dum deserto. Através dele,
Sonâmbulo, divaga o meu fantasma,
Que se exala de mim e me aparece
Diante de mim, neste ar de transparência

E límpida frescura, onde os penedos
Nascem dum fundo azul que se ilumina...
E onde, no mês de Abril, as velhas árvores
Se vestem — que milagre! — de verdura.
E onde — maior milagre! — a cotovia
Ergue tão alto a cristalina voz
Que o Sol, ouvindo-a, irrompe da montanha
E molha em oiro as nuvens madrugantes.

Diante de mim me vejo, como sombra
Em que todas as cousas se prolongam
E vão perder na noite universal.
Diante de mim me vejo; e vejo em mim
A confusão do mundo e aquela dor
Que anda a gritar nas trevas e não pode
Incendiar as trevas infinitas!

Vejo-me, e vejo uma aparência vã,
Um simulacro vão que me retrata,
E sofre e ri como se fora eu mesmo;
E em seus olhos e lábios de quimera
Crescem as ermas lágrimas profundas
Em que me afogo e o riso em que me queimo!
Sei que morro afogado em minhas lágrimas,
Queimado no meu riso! Não sou mais
Do que a figura viva dum defunto,
Um outro ser distante e imaginário
Que, em meu nome, aparece à luz do Sol.
Eu não sou eu ainda... Sou apenas
Ilusório fantasma que deseja
Conquistar a perfeita realidade,
Viver, enfim, a vida!

Mas esse vago espectro que sou eu,
Mas esse fumo e nada em que me sinto,
Por milagre fantástico, existir
Como existem as sombras ao luar,
De tal modo se abrasa
Na ânsia de viver perpetuamente
Que tenho, às vezes, a ilusão completa
De que fui dado outrora à luz do dia
E de que existo e vivo sobre a Terra.

Nessas horas divinas de loucura,
Em claro e humano corpo se converte
Esta sombra quimérica, imitando
O meu ser verdadeiro, o que há-de ser

Concebido entre nuvens e relâmpagos,
E que há-de ter como um perfil de fogo
Na escuridão da noite...

Há horas em que sou. Existo e vivo.
Sou existência viva a que se abraçam,
Ó tempo, as tuas ondas com furor!
Vão-me cavando o rosto emagrecido,
Vão-me cobrindo a fronte de alva espuma.

FERNANDO PESSOA

Nasceu em Lisboa em 1888 e nessa mesma cidade morreu em 1935. O essencial da sua obra poética, mau grado as póstumas especulações editorial, crítica e outras, foi publicado em vida do autor, em revistas e folhetos, e coligido por Adolfo Casais Monteiro, antes de se iniciar a edição das obras completas, nos 2 volumes de *Poesia* (1942). Dos poemas aqui apresentados, apenas o último — «Dois Excertos de Odes (Fins de Duas Odes, Naturalmente)» — tem a assinatura de um pseudónimo: Álvaro de Campos.

[POEMA]

Esta espécie de loucura
Que é pouco chamar talento
E que brilha em mim, na escura
Confusão do pensamento,

Não me traz felicidade;
Porque, enfim, sempre haverá
Sol ou sombra na cidade.
Mas em mim não sei o que há.

GOMES LEAL

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.
Seus três anéis irreversíveis são
A desgraça, a tristeza, a solidão.
Oito luas fatais fitam no espaço.

Este, poeta, Apolo em seu regaço
A Saturno entregou. A plúmbea mão
Lhe ergueu ao alto o aflito coração,
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inúteis oito luas da loucura
Quando a cintura tríplice denota
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,
Vestígios de maligna formosura:
É a lua além de Deus, álgida e ignota.

CHUVA OBLÍQUA

I

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas...

O porto que sonho é sombrio e pálido
E esta paisagem é cheia de sol deste lado...
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio
E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol...

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo...
O vulto do cais é a estrada nítida e calma
Que se levanta e se ergue como um muro,
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores
Com uma horizontalidade vertical,
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro...

Não sei quem me sonho...
Súbito toda a água do mar do porto é transparente
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse desdobrada,
Esta paisagem toda, renque de árvores, estrada a arder em aquele porto,
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,
E passa para o outro lado da minha alma...

II

Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia,
E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça...

Alegra-me ouvir a chuva porque ela é o templo estar aceso,
E as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido por dentro...

O esplendor do altar-mor é o eu não poder quase ver os montes
Através da chuva que é ouro tão solene na toalha do altar...

Soa o canto do coro, latino e vento a sacudir-me a vidraça
E sente-se chiar a água no facto de haver coro...

A missa é um automóvel que passa
Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste...
Súbito vento sacode em esplendor maior
A festa da catedral e o ruído da chuva absorve tudo
Até só se ouvir a voz do padre água perder-se ao longe
Com o som de rodas de automóvel...

E apagam-se as luzes da igreja
Na chuva que cessa...

III

A Grande Esfinge do Egipto sonha por este papel dentro...
Escrevo — e ela aparece-me através da minha mão transparente
E ao canto do papel erguem-se as pirâmides...

Escrevo — perturbo-me de ver o bico da minha pena
Ser o perfil do rei Cheops...
De repente paro...
Escureceu tudo... Caio por um abismo feito de tempo...

Estou soterrado sob as pirâmides a escrever versos à luz clara deste candeeiro
E todo o Egipto me esmaga de alto através dos traços que faço com a pena...

Ouço a Esfinge rir por dentro
O som da minha pena a correr no papel...
Atravessa o eu não poder vê-la uma mão enorme,
Varre tudo para o canto do tecto que fica por detrás de mim,
E sobre o papel onde escrevo, entre ele e a pena que escreve,
Jaz o cadáver do rei Cheops, olhando-me com olhos muito abertos,
E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo
E uma alegria de barcos embandeirados erra
Numa diagonal difusa
Entre mim e o que eu penso...

Funerais do rei Cheops em ouro velho e Mim!...

IV

Que pandeiretas o silêncio deste quarto!...
As paredes estão na Andaluzia...
Há danças sensuais no brilho fixo da luz...
De repente todo o espaço pára...,
Pára, escorrega, desembrulha-se...,
E num canto do tecto, muito mais longe do que ele está,
Abrem mãos brancas janelas secretas
E há ramos de violetas caindo
De haver uma noite de Primavera lá fora
Sobre o eu estar de olhos fechados...

V

Lá fora vai um redemoinho de sol os cavalos do *carroussel*...
Árvores, pedras, montes, bailam parados dentro de mim...
Noite absoluta na feira iluminada, luar no dia de sol lá fora,
E as luzes todas da feira fazem ruído dos muros do quintal...
Ranchos de raparigas de bilha à cabeça
Que passam lá fora cheias de estar sob o sol,
Cruzam-se com grandes grupos peganhentos de gente que anda na feira,
Gente toda misturada com as luzes das barracas, com a noite e com o luar.

E os dois grupos encontram-se e penetram-se
Até formarem só um que é os dois...
A feira e as luzes da feira e a gente que anda na feira,
E a noite que pega na feira e a levanta no ar,
Andam por cima das copas das árvores cheias de sol,
Andam visivelmente por baixo dos penedos que luzem ao sol,
Aparecem do outro lado das bilhas que as raparigas levam à cabeça,
E toda esta paisagem de Primavera é a lua sobre a feira,
E toda a feira com ruídos e luzes é o chão deste dia de sol...

De repente alguém sacode esta hora dupla como numa peneira
E, misturado, o pó das duas realidades cai
Sobre as minhas mãos cheias de desenhos de portos
Com grandes naus que se vão e não pensam em voltar...
Pó de ouro branco e negro sobre os meus dedos...
As minhas mãos são os passos daquela rapariga que abandona a feira,

Sozinha e contente como o dia de hoje...

VI

O maestro sacode a batuta,
E lânguida e triste a música rompe...

Lembra-me a minha infância, aquele dia
Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal
Atirando-lhe com uma bola que tinha dum lado
O deslizar dum cão verde, e do outro lado
Um cavalo azul a correr com um *jockey* amarelo...

Prossegue a música, e eis na minha infância
De repente entre mim e o maestro, muro branco,
Vai e vem a bola, ora um cão verde,
Ora um cavalo azul com um *jockey* amarelo...

Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância
Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar música,
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal
Vestida de cão verde tornando-se *jockey* amarelo...
(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos...)

Atiro-a de encontro à minha infância e ela
Atravessa o teatro todo que está aos meus pés
A brincar com um *jockey* amarelo e um cão verde
E um cavalo azul que aparece por cima do muro
Do meu quintal... E a música atira com bolas
À minha infância... E o muro do quintal é feito de gestos
De batuta e rotações confusas de cães verdes
E cavalos azuis e *jockeys* amarelos...

Todo o teatro é um muro branco de música
Por onde um cão verde corre atrás da minha saudade
Da minha infância, cavalo azul com um *jockey* amarelo...

E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,
Donde há árvores e entre os ramos ao pé da copa
Com orquestras a tocar música,
Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei
E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância...

E a música cessa como um muro que desaba.
A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,
E do alto dum cavalo azul, o maestro *jockey* amarelo tornando-se preto,
Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,
E curva-se, sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,
Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo...

EPISÓDIOS
A MÚMIA

I

Andei léguas de sombra
Dentro em meu pensamento.
Floresceu às avessas
Meu ócio com sem-nexo.
E apagaram-me as lâmpadas
Na alcova cambaleante.

Tudo prestes se volve
Um deserto macio
Visto pelo meu tacto
Dos veludos da alcova,
Não pela minha vista,
Há um oásis no Incerto
E, como uma suspeita
De luz por não-há-frinchas.
Passa uma caravana.

Esquece-me de súbito
Como é o espaço, e o tempo
Em vez de horizontal
É vertical.

A alcova
Desce não sei por onde
Até não me encontrar.
Ascende um leve fumo
Das minhas sensações.
Deixo de me incluir
Dentro de mim. Não há
Cá-dentro nem lá-fora.

E o deserto está agora
Virado para baixo.

A noção de mover-me
Esqueceu-se do meu nome.

Na alma meu corpo pesa-me.
Sinto-me um reposteiro

Pendurado na sala
Onde jaz alguém morto.

Qualquer coisa caiu
E tiniu no infinito.

II

Na sombra Cleópatra jaz morta.
Chove.

Embandeiraram o barco de maneira errada.
Chove sempre.

Para que olhas tu a cidade longínqua?
Tua alma é a cidade longínqua.
Chove friamente.

E quanto à mãe que embala ao colo um filho morto —
Todos nós embalamos ao colo um filho morto.
Chove, chove.

O sorriso triste que sobra a teus lábios cansados,
Vejo-o no gesto com que os teus dedos não deixam os teus anéis.

Porque é que chove?

III

De quem é o olhar
Que espreita por meus olhos?
Quando penso que vejo,
Quem continua vendo
Enquanto estou pensando?
Por que caminhos seguem,
Não os meus tristes passos,
Mas a realidade
De eu ter passos comigo?

Às vezes, na penumbra
Do meu quarto, quando eu
Para mim próprio mesmo
Em alma mal existo,
Toma um outro sentido

Em mim o Universo —
É uma nódoa esbatida
De eu ser consciente sobre
Minha ideia das coisas.

Se acenderem as velas
E não houver apenas
A vaga luz de fora —
Não sei que candeeiro
Aceso onde na rua —
Terei foscos desejos
De nunca haver mais nada
No Universo e na Vida
De que o obscuro momento
Que é minha vida agora:

Um momento afluente
Dum rio sempre a ir
Esquecer-se de ser,
Espaço misterioso
Entre espaços desertos
Cujo sentido é nulo
E sem ser nada a nada.
E assim a hora passa
Metafisicamente.

IV

As minhas ansiedades caem
Por uma escada abaixo,
Os meus desejos balouçam-se
Em meio de um jardim vertical.

Na Múmia a posição é absolutamente exacta.

Música longínqua,
Música excessivamente longínqua,
Para que a Vida passe
E colher esqueça aos gestos.

V

Porque abrem as coisas alas para eu passar?
Tenho medo de passar entre elas, tão paradas conscientes.
Tenho medo de as deixar atrás de mim a tirarem a Máscara.

Mas há sempre coisas atrás de mim.
Sinto a sua ausência de olhos fitar-me, e estremeço.
Sem se mexerem, as paredes vibram-me sentido.
Falam comigo sem voz de dizerem-me as cadeiras.
Os desenhos do pano da mesa têm vida, cada um é um abismo.

Luze a sorrir com visíveis lábios invisíveis
A porta abrindo-se conscientemente
Sem que a mão seja mais que o caminho para abrir-se.
De onde é que estão olhando para mim?
Que coisas incapazes de olhar estão olhando para mim?
Quem espreita de tudo?

As arestas fitam-me.
Sorriem realmente as paredes lisas.

Sensação de ser só a minha espinha.

As espadas.

DOIS EXCERTOS DE ODES
(FINS DE DUAS ODES, NATURALMENTE)

I

... ...
Vem, Noite antiquíssima e idêntica,
Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio, Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.

Vem, vagamente,
Vem, levemente,
Vem sozinha, solene, com as mãos caídas
Ao teu lado, vem
E traz os montes longínquos para o pé das árvores próximas,
Funde num campo teu todos os campos que vejo,
Faze da montanha um bloco só do teu corpo,
Apaga-lhe todas as diferenças que de longe vejo,
Todas as estradas que a sobem,

Todas as várias árvores que a fazem verde-escuro ao longe,
Todas as casas brancas e com fumo entre as árvores,
E deixa só uma luz e outra luz e mais outra,
Na distância imprecisa e vagamente perturbadora,
Na distância subitamente impossível de percorrer.

Nossa Senhora
Das coisas impossíveis que procuramos em vão,
Dos sonhos que vêm ter connosco ao crepúsculo, à janela,
Dos propósitos que nos acariciam
Nos grandes terraços dos hotéis cosmopolitas
Ao som europeu das músicas e das vozes longe e perto,
E que doem por sabermos que nunca os realizaremos...
Vem e embala-nos,
Vem e afaga-nos,
Beija-nos silenciosamente na fronte,
Tão levemente na fronte que não saibamos que nos beijam
Senão por uma diferença na alma,
E um vago soluço partindo melodiosamente
Do antiquíssimo de nós
Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha
Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos
Porque os sabemos fora de relação com o que há na vida.

Vem soleníssima,
Soleníssima e cheia
De uma oculta vontade de soluçar,
Talvez porque a alma é grande e a vida pequena,
E todos os gestos não saem do nosso corpo
E só alcançamos onde o nosso braço chega,
E só vemos até onde chega o nosso olhar.

Vem, dolorosa,
Mater-Dolorosa das Angústias dos Tímidos,
Turris-Eburnea das Tristezas dos Desprezados,
Mão fresca sobre a testa em febre dos humildes,
Sabor de água sobre os lábios secos dos Cansados.
Vem, lá do fundo
Do horizonte lívido,
Vem e arranca-me
Do solo de angústia e de inutilidade
Onde vicejo.
Apanha-me do meu solo, malmequer esquecido,
Folha a folha lê em mim não sei que sina
E desfolha-me para teu agrado,
Para teu agrado silencioso e fresco.

Uma folha de mim lança para o Norte,
Onde estão as cidades de Hoje que eu tanto amei;
Outra folha de mim lança para o Sul,
Onde estão os mares que os Navegadores abriram;
Outra folha minha atira ao Ocidente,
Onde arde ao rubro tudo o que talvez seja o Futuro,
Que eu sem conhecer adoro;
E a outra, as outras, o resto de mim
Atira ao Oriente,
Ao Oriente donde vem tudo, o dia e a fé,
Ao Oriente pomposo e fanático e quente,
Ao Oriente excessivo que eu nunca verei,
Ao Oriente budista, bramânico, sintoísta,
Ao Oriente que tudo o que nós não temos,
Que tudo o que nós não somos,
Ao Oriente onde — quem sabe? — Cristo talvez ainda hoje viva,
Onde Deus talvez exista realmente e mandando tudo...

Vem sobre os mares,
Sobre os mares maiores,
Sobre os mares sem horizontes precisos,
Vem e passa a mão pelo dorso da fera,
E acalma-o misteriosamente,
Ó domadora hipnótica das coisas que se agitam muito!

Vem, cuidadosa,
Vem, maternal,
Pé ante pé enfermeira antiquíssima, que te sentaste
À cabeceira dos deuses das fés já perdidas,
E que viste nascer Jeová e Júpiter,
E sorriste porque tudo te é falso e inútil.

Vem, Noite silenciosa e extática,
Vem envolver na noite manto branco
O meu coração...
Serenamente como uma brisa na tarde leve,
Tranquilamente com um gesto materno afagando,
Com as estrelas luzindo nas tuas mãos
E a lua máscara misteriosa sobre a tua face.
Todos os sonos soam de outra maneira
Quando tu vens.
Quando tu entras baixam todas as vozes,
Ninguém te vê entrar.
Ninguém sabe quando entraste,
Senão de repente, vendo que tudo se recolhe,
Que tudo perde as arestas e as cores,

E que no alto céu ainda claramente azul
Já crescente nítido, ou círculo branco, ou mera luz nova que vem,

A lua começa a ser real.

II

Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes cidades
E a mão de mistério que abafa o bulício,
E o cansaço de tudo em nós que nos corrompe
Para uma sensação exacta e precisa e activa da Vida!
Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios
E que misterioso o fundo unânime das ruas,
Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,
Ó do «Sentimento de um Ocidental»!

Que inquietação profunda, que desejo de outras coisas,
Que nem são países, nem momentos, nem vidas,
Que desejo talvez de outros modos de estados de alma
Humedece interiormente o instante lento e longínquo!

Um horror sonâmbulo entre luzes que se acendem,
Um pavor terno e líquido, encostado às esquinas
Como um mendigo de sensações impossíveis
Que não sabe quem lhas possa dar...

Quando eu morrer,
Quando for, ignobilmente, como toda a gente,
Por aquele caminho cuja ideia se não pode encarar de frente,
Por aquela porta a que, se pudéssemos assomar, não assomaríamos,
Para aquele porto que o capitão do Navio não conhece,
Seja por esta hora condigna dos tédios que tive,
Por esta hora mística e espiritual e antiquíssima,
Por esta hora em que talvez, há muito mais tempo do que parece,
Platão sonhando viu a ideia de Deus
Esculpir corpo e existência nitidamente plausível
Dentro do seu pensamento exteriorizado como um campo.

Seja por esta hora que me leveis a enterrar,
Por esta hora que eu não sei como viver,
Em que não sei que sensações ter ou fingir que tenho,
Por esta hora cuja misericórdia é torturada e excessiva,
Cujas sombras vêm de qualquer outra coisa que não as coisas,
Cuja passagem não roça vestes no chão da Vida Sensível
Nem deixa perfume nos caminhos do Olhar.

Cruza as mãos sobre o joelho, ó companheira que eu não tenho nem quero ter.
Cruza as mãos sobre o joelho e olha-me em silêncio
A esta hora em que eu não posso ver que tu me olhas,
Olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti própria
— Tu que me conheces — quem eu sou...

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

Nasceu em Lisboa em 1890 e suicidou-se em Paris em 1916. A sua prosa — *Princípio* (1912), *A Confissão de Lúcio* (1914) e *Céu em Fogo* (1915) — vale pelo que significou como adestramento instrumental para a grande explosão, verificada no fim da vida do autor, dos poemas que integram os volumes *Dispersão* (1914) e *Indícios de Oiro* (1937).

ÁLCOOL

Guilhotinas, pelouros e castelos
Resvalam longemente em procissão;
Volteiam-me crepúsculos amarelos,
Mordidos, doentios de roxidão.

Batem asas de auréola aos meus ouvidos,
Grifam-me sons de cor e de perfumes,
Ferem-me os olhos turbilhões de gumes,
Descem-me a alma, sangram-me os sentidos.

Respiro-me no ar que ao longe vem,
Da luz que me ilumina participo;
Quero reunir-me, e todo me dissipo —
Luto, estrebucho... Em vão! Silvo pra além...

Corro em volta de mim sem me encontrar...
Tudo oscila e se abate como espuma...
Um disco de oiro surge a voltear...
Fecho os meus olhos com pavor da bruma...

Que droga foi a que me inoculei?
Ópio de inferno em vez de paraíso?...
Que sortilégio a mim próprio lancei?
Como é que em dor genial eu me eternizo?

Nem ópio nem morfina. O que me ardeu,
Foi álcool mais raro e penetrante:
É só de mim que ando delirante —
Manhã tão forte que me anoiteceu.

A QUEDA

E eu que sou o rei de toda esta incoerência,
Eu próprio turbilhão, anseio por fixá-la
E giro até partir... Mas tudo me resvala
Em bruma e sonolência.

Se acaso em minhas mãos fica um pedaço de oiro,
Volve-se logo falso... ao longe o arremesso...
Eu morro de desdém em frente dum tesoiro,
Morro à míngua, de excesso.

Alteio-me na cor à força de quebranto,
Estendo os braços de alma — e nem um espasmo venço!...
Peneiro-me na sombra — em nada me condenso...
Agonias de luz eu vibro ainda entanto.

Não me pude vencer, mas posso-me esmagar,
— Vencer às vezes é o mesmo que tombar —
E como inda sou luz, num grande retrocesso,
Em raivas ideais ascendo até ao fim:
Olho do alto o gelo, ao gelo me arremesso...

... ...

Tombei...

E fico só esmagado sobre mim!...

7

Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro.

16

Esta inconstância de mim próprio em vibração
É que me há-de transpor às zonas intermédias,
E seguirei entre cristais de inquietação,
A retinir, a ondular... Soltas as rédeas,
Meus sonhos, leões de fogo e pasmo domados a tirar
A torre de oiro que era o carro da minha Alma,
Transviarão pelo deserto, moribundos de Luar —
E eu só me lembrarei num baloiçar de palma...
Nos oásis depois hão-de se abismar gumes,
A atmosfera há-de ser outra, noutros planos;
As rãs hão-de coaxar-me em roucos tons humanos
Vomitando a minha carne que comeram entre estrumes...

A INIGUALÁVEL

Ai, como eu te queria toda de violetas
E flébil de cetim...
Teus dedos longos, de marfim,
Que os sombreassem jóias pretas...

E tão febril e delicada
Que não pudesses dar um passo —
Sonhando estrelas, transtornada,
Com estampas de cor no regaço...

Queria-te nua e friorenta,
Aconchegando-te em zibelinas —
Sonolenta,
Ruiva de éteres e morfinas...

Ah! que as tuas nostalgias fossem guizos de prata —
Teus frenesis, lantejoulas;
E os ócios em que estiolas,
Luar que se desbarata...

... ...
... ...

Teus beijos, queria-os de tule,
Transparecendo carmim —
Os teus espasmos, de seda...

— Água fria e clara numa noite azul,
Água, devia ser o teu amor por mim...

SETE CANÇÕES DE DECLÍNIO

1

Um vago tom de opala debelou
Prolixos funerais de luto de Astro —
E pelo espaço, a Oiro se enfolou
O estandarte real — livre, sem mastro.

Fantástica bandeira sem suporte,
Incerta, nevoenta, recamada —
A desdobrar-se como a minha Sorte
Predita por ciganos numa estrada...

2

Atapetemos a vida
Contra nós e contra o mundo.
— Desçamos panos de fundo
A cada hora vivida!

Desfiles, danças — embora
Mal sejam uma ilusão...
Cenários de mutação
Pela minha vida fora!

Quero ser Eu plenamente:
Eu, o possesso do Pasmo.
— Todo o meu entusiasmo,
Ah! que seja o meu Oriente!

O grande doido, o varrido,
O perdulário do Instante —

Ora amado ora traído...
O amante sem amante,

Lançar os barcos ao Mar —
De névoa, em rumo de incerto...
— Pra mim o longe é mais perto
Do que o presente lugar.

... E as minhas unhas polidas —
Ideia de olhos pintados...
Meus sentidos maquilados
A tintas desconhecidas...

Mistério duma incerteza
Que nunca se há-de fixar...
Sonhador em frente ao mar
Duma olvidada riqueza...

— Num programa de teatro
Suceda-se a minha vida —
Escada de Oiro descida
Aos pinotes, quatro a quatro!...

3

— Embora num funeral
Desfraldemos as bandeiras:
Só as Cores são verdadeiras —
Siga sempre o festival!

Quermesse — eia! — e ruído!
Louça quebrada! Tropel!
(Defronte do carroussel,
Eu, em ternura esquecido...).

Fitas de cor, vozearia —
Os automóveis repletos:
Seus chauffeurs — os meus afectos
Com librés de fantasia!

Ser bom... Gostaria tanto
De o ser... Mas como? Afinal
Só se me fizesse mal
Eu fruiria esse encanto.

— Afectos?... Divagações...
Amigo dos meus amigos...
Amizades são castigos,
Não me embaraço em prisões!

Fiz deles os meus criados,
Com muita pena — decerto.
Mas quero o Salão aberto,
E os meus braços repousados.

4

As grandes Horas! — vivê-las
A preço mesmo dum crime!
Só a beleza redime —
Sacrifícios são novelas.

«Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto...»
— Mas não há maior desgosto
Nem há maior vilania!

E quem for Grande não venha
Dizer-me que passa fome:
Nada há que se não dome
Quando a Estrela for tamanha!

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes, partam — dominem
Sua sorte em suas mãos:
— Toldados, inúteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem!

Nada nos pode deter;
O nosso caminho é de Astro!
Luto — embora! — o nosso rastro,
Se pra nós Oiro há-de ser!...

5

Vaga lenda facetada
A imprevisto e miragens —

Um grande livro de imagens,
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil cores,
Um Domingo de Paris —
Cofre de Imperatriz
Roubado por malfeitores...

Antiga quinta deserta
Em que os donos faleceram —
Porta de cristal aberta
Sobre sonhos que esqueceram...

Um lago à luz do luar
Com um barquinho de corda...
Saudade que não recorda —
Bola de ténis no ar...

Um leque que se rasgou —
Anel perdido no parque —
Lenço que acenou no embarque
De Aquela que não voltou...

Praia de banhos do sul
Com meninos a brincar
Descalços, à beira-mar,
Em tardes de céu azul...

Viagem circulatória
Num expresso de vagãos-leitos —
Balão aceso — defeitos
De instalação provisória...

Palace cosmopolita
De rastaqouères e cocottes —
Audaciosos decotes
Duma francesa bonita...

Confusão de music-hall,
Aplausos e brou-u-ha —
Interminável sofá
Dum estofo profundo e mole...

Pinturas a «ripolin»,
Anúncios pelos telhados —
O barulho dos teclados
Das Linotype do «Matin»...

Manchette de sensação
Transmitida a todo o mundo —
Famoso artigo de fundo
Que acende uma revolução...

Um sobrescrito lacrado
Que transviou no correio,
E nos chega sujo — cheio
De carimbos, lado a lado...

Nobre ponte citadina
De intranquila capital —
A humidade outonal
De uma manhã de neblina...

Uma bebida gelada —
Presentes todos os dias...
Champanhe em taças esguias
Ou água ao sol entornada...

Uma gaveta secreta
Com segredos de adultérios...
Porta falsa de mistérios —
Toda uma estante repleta:

Seja enfim a minha vida
Tarada de ócios e Lua:
Vida de Café e rua,
Dolorosa, suspendida —

Ah! mas de enlevo tão grande
Que outra nem sonho ou prevejo...
— A eterna mágoa dum beijo,
Essa mesma, ela me expande. .

6

Um frenesi hialino arrepiou
Pra sempre a minha carne e a minha vida,
Fui um barco de vela que parou
Em súbita baía adormecida...

Baía embandeirada de miragem,
Dormente de ópio, de cristal e anil,
Na ideia de um país de gaze e Abril,
Em duvidosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca — e, ou fosse encanto,
Ou preguiça, ou delírio, ou esquecimento,
Não mais aparelhou... — ou fosse o vento
Propício que faltasse: ágil e santo...

... Frente ao porto esboçara-se a cidade,
Descendo enlanguescida e preciosa:
As cúpulas de sombra cor-de-rosa,
As torres de platina e de saudade.

Avenidas de seda deslizando,
Praças de honra libertas sobre o mar —
Jardins onde as flores fossem luar;
Lagos — carícias de âmbar flutuando...

Os palácios a rendas e escumalha,
De filigrana e cinza as catedrais —
Sobre a cidade a luz — esquiva poalha
Tingindo-se através longos vitrais...

Vitrais de sonho a debruá-la em volta,
A isolá-la em lenda marchetada:
Uma Veneza de capricho — solta,
Instável, dúbia, pressentida, alada...

Exílio branco — a sua atmosfera,
Murmúrio de aplausos — seu brou-u-ha...
E na Praça mais larga, em frágil cera,
Eu — a estátua «que nunca tombará»...

7

Meu alvoroço de oiro e lua
Tinha por fim que transbordar...
— Caiu-me a Alma ao meio da rua,
E não a posso ir apanhar!

O LORD

Lord que eu fui de Escócias doutra vida
Hoje arrasta por esta a sua decadência,
Sem brilho e equipagens.
Milord reduzido a viver de imagens,
Pára às montras de jóias de opulência
Num desejo brumoso — em dúvida iludida...
(— Por isso a minha raiva mal contida,
— Por isso a minha eterna impaciência.)

Olha as Praças, rodeia-as...
Quem sabe se ele outrora
Teve Praças, como esta, e palácios e colunas —
Longas terras, quintas cheias,
Iates pelo mar fora,
Montanhas e lagos, florestas e dunas...

(— Por isso a sensação em mim fincada há tanto
Dum grande património algures haver perdido;
Por isso o meu desejo astral de luxo desmedido —
E a Cor na minha Obra o que ficou do encanto...)

ÁPICE

O raio do sol da tarde
Que uma janela perdida
Reflectiu
Num instante indiferente —
Arde,
Numa lembrança esvaída,
À minha memória de hoje
Subitamente...

Seu efémero arrepio
Ziguezagueia, ondula, foge,
Pela minha retentiva...
— E não poder adivinhar
Por que mistério se me evoca
Esta ideia fugitiva,
Tão débil que mal me toca!...

— Ah, não sei porquê, mas certamente
Aquele raio cadente
Alguma coisa foi na minha sorte
Que a sua projecção atravessou...

Tanto segredo no destino de uma vida...

É como a ideia de Norte,
Preconcebida,
Que sempre me acompanhou...

ÚLTIMO SONETO

Que rosas fugitivas foste ali!
Requeriam-te os tapetes, e vieste...
— Se me dói hoje o bem que me fizeste,
É justo, porque muito te devi.

Em que seda de afagos me envolvi
Quando entraste, nas tardes que apareceste!
Como fui de percal quando me deste
Tua boca a beijar, que remordi...

Pensei que fosse o meu o teu cansaço —
Que seria entre nós um longo abraço
O tédio que, tão esbelta, te curvava...

E fugiste... Que importa? Se deixaste
A lembrança violeta que animaste,
Onde a minha saudade a Cor se trava?...

FIM

Quando eu morrer batam em latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes,

Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas!

Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajaezado à andaluza...
A um morto nada se recusa,
E eu quero por força ir de burro!

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

Nasceu na Ilha de São Tomé em 1893 e morreu em Lisboa em 1970. Publicou em livro ou separata: *A Invenção do Dia Claro* (1921), *Presença* (1952). Escreveu também teatro, ensaio, conto, novela e o romance *Nome de Guerra* (1938), um dos apenas três ou quatro romances portugueses deste século que se podem ler sem desbaratos de tempo. Os seus escritos, na maioria dispersos por revistas e jornais, começaram a editar-se em 1970, nas *Obras Completas*, mas os 6 volumes saídos não esgotaram de modo algum o espólio do autor. Almada é sobretudo conhecido como artista plástico.

PREFÁCIO AO LIVRO DE QUALQUER POETA

Je trouve tous les livres trop longs.
Voltaire (Temple du goût)

O Poeta não pode deixar à posteridade tanto texto quanto é necessário para um livro de venda. O número de páginas de um exemplar de Poesia força o autor para fora da sua acção, ou condena-o a repetir-se indefinidamente em páginas paralelas. É um negócio.

Na ânsia de sair do sem-nome, o Poeta nem sonha vir a cair na contabilidade das edições, ou noutras tão evidentes razões alheias à Poesia, as quais o serviram bem a tempo naqueles dias que, uma vez passados, já não contam para nada.

A pontualidade com que a Imprensa acode ao autor que nasce não tem servido senão para matar Poetas. A engrenagem moderna cilindra o Poeta e imprime-lhe a escrita. Raptado o acto poético, fica a letra redonda.

A não ser que se tenha por Poesia apenas o que fica impresso (e o prestígio actual da Poesia fica por aqui), está do avesso o serviço da Imprensa à Arte.

Ora, em Arte, não só não é crime o negócio, como é indispensável que a Arte represente de facto fortuna. Fortuna em todos os sentidos. Simplesmente: fazer fortuna com a Arte não é o mesmo que Arte para fazer fortuna. Só o primeiro é bom negócio.

Uma nação pode sentir orgulho em ver aumentar a sua produção poética; porém, a Poesia surpreender-se-á com tamanha popularidade!

Se bem se entendesse a Poesia, se Ela fosse comum a toda uma geração, haveria legitimamente um Único Poeta. Os outros seriam os bem-servidos.

A Poesia é acto vitalício; não é um estado momentâneo de levitação. Neste caso, teria tantos direitos como nós, em Poesia, por exemplo, a cobra em pé, enroscada em si própria!

Em vez de terem a Poesia como acto vitalício, fazem-na profissão perpétua. Exactamente como se a Poesia fosse coisa de encaixar na sociedade. Mais juízo têm os Estados, os quais não conhecem a profissão de Poeta.

Entende-se por acto vitalício de Poesia a vocação humana de autor da Realidade terrena. Culto externo da Realidade terrena igual ao culto interno da Realidade terrena. Coerência máxima do «ser» o autor da Realidade terrena com o «fazer» a Realidade terrena.

Ninguém se sabe atrasado senão quando descobre a Realidade. A Realidade somos nós. Nem mais nem menos. Basta de Realidade que se meta pelos olhos dentro! Agora é a vez de Ela ficar espantada connosco Poetas!

Já ninguém distingue Poetas senão pelos versos. A atitude poética, o acto vitalício de Poesia, são ilegíveis. Piores, os que fazem versos. Há os que levaram a ciência dos versos e a persistência de os fazer tão longe da Poesia que ficaram os autores dos seus próprios funerais. A sua memória foi apagada por suas próprias mãos. Ninguém repete o que eles escreveram se o não decorar. Isto é, não foi por a sua voz ter feito nascer asas em Nós!

Toma-se por Poesia o que não é senão incontinência da incubação da Arte. As desabitadas metamorfoses do Poeta provocam no iniciado uma tal excitação dos sentidos, uma tão profunda crise pela surpresa da própria convicção, que a linguagem, por fazer, jorra assim mesmo, instancável, e mais forte que todos os hábitos. Contudo, é precisamente a hora de se estar prisioneiro às suas próprias ordens até a Liberdade vir pessoalmente com o seu mandado de acção.

Pois a produção poética que se publica é, exactamente, a correspondente àquele ante-tempo de todo o Poeta. Justamente no momento de escutar voluntariamente o silêncio, é o próprio quem o perturba; precisamente durante a confecção do «seu» segredo é que ele próprio «se» tagarela. «se» indiscreta, «se» intrusa!

Parece Arte, parece sinceridade, isso de querer mostrar tudo. É legitimíssima esta explosão automática do baptismo de sangue da Poesia. Mas, Poetas!: enquanto esperanças, tudo nos ajuda; passada a esperança, exige-se-nos tudo.

Aquele que sente a vocação da Poesia logo se crê obrigado a passá-la para a escrita. Porém, há diferença entre o que foi realmente nosso e o que não passa de glosa de outro autor. Ao segundo caso é francamente preferível o plágio nu. A cópia fiel ainda é a melhor passagem para o original.

Não esquecer que a Natureza fica sempre mais longe de Nós do que os livros, os quadros e todas as produções de Arte. É necessário pedir à Arte uma apresentação para tratar por tu a Natureza.

Felizmente para a Arte, não é assim tão difícil distinguir o aventureiro do Poeta. Sempre que haja dúvidas a este respeito, a coisa corre bem para a Arte. A simulação de criador de Arte é tão legítima como o advento do verdadeiro Poeta.

Ai dos Poetas se não houvesse os aventureiros! Os aventureiros são os únicos que alinham com o Poeta para a largada. Assim se explica que o Poeta se apresente denodadamente como os aventureiros, e estes como Poetas consumados.

O Poeta é o do grande fôlego. Tem o dom impagável de não saber julgar os seus competidores.

O aventureiro é um furioso didáctico, cai sempre no que já estava feito O Poeta é por excelência o autodidacta, é Ele a Realidade.

O aventureiro é um libertador, o Poeta é o liberto nato. O Poeta é o único que nunca esteve na «bicha» da Liberdade. A liberdade é Ele, a Poesia!

Não é distinto dos outros senão aquele que é natural com todos. O comunicativo é dom de nascença, trabalho secular que floresce intempestivo, caso imprevisto, sem aviso prévio. A Natureza levou séculos a maquinar uma das suas. Parece geração espontânea: Poeta!

Que expliquem a Poesia, isso é lá com eles, explicadores e explicandos. Connosco, apenas não nos perdermos da Poesia. Sigamos a linguagem sem chave gramatical. Apologia da Arte sobre o joelho. Ter tempo apenas para a mnemónica do momento. Basta que a decifremos nós. Outros virão. Adiante!

A perfectibilidade está na série de momentos e jamais num único momento: a coerência! Não sacrifiquemos a coerência às obras-primas.

Os Poetas pactuaram. Com quem? Não se sabe. Pactuaram. A Poesia ficou incólume. Nenhum pacto com o que não seja a Vida toda. A Poesia é o mundo inteiro na mão; todo o jeito que se lhe der é perder o mundo inteiro.

Poesia é a vocação humana de não pôr parcialidade na Vida.

Porque será a recitação a maneira menos indicada para comunicar Poesia?

A Poesia não aceita intermediários. É directa. De homem para homem. Acto puro. Filha do momento. Ficou para sempre. Esse instante já ninguém lho tira. É inútil porem-se de permeio.

Poesia que faz brotar admiradores está seca. Está feita para estontear.

A Poesia é a linguagem dos Iguais dispersos no Tempo. Os iguais não se admiram entre si; confiam-se, ou melhor, são iguais.

Não fazer nada senão por pura simpatia. A simpatia é bastante. Nem amigos nem assuntos onde não esteja inteira a nossa simpatia. A simpatia tem, de facto, uma aparência agradável e é a única maneira de nos tornarmos invisíveis até chegados Nós.

O direito à mentira é a melhor arma da defesa pessoal.

Mentira sem simpatia é a imbecilidade. Mentira e simpatia é a Poesia.

A mentira é o único processo para convencer os outros de que somos como eles nos querem. Como se vê, os culpados são os mentidos, os que não acreditam em mentiras.

Mas a verdadeira mentira é o sonho. O sonho é a grande prova do fenómeno pessoal da individuação: no sonho atingimos o que ainda não somos!

E sem simpatia, como hás-de sonhar?!

Se não tens simpatia ficas condenado a julgar os outros, o que é o rapto que te fazes de ti mesmo. Porque o tempo da simpatia está contado: dura a vida inteira. Os lapsos não têm perdão. Não há comércio entre avatares.

A Poesia «conhece» e não «sabe».

O saber é pouca coisa para quem conhece. O saber desencanta o mistério. O conhecimento vive cara-a-cara com o mistério.

É conhecimento verdadeiro, a ingenuidade, e esta não serve a quem busque saber. A ingenuidade é o resultado de nos termos abandonado asceticamente à nossa simpatia. É por simpatia que surgem as faculdades mágicas do mistério exactamente em Nós.

O saber é apenas sistema para o conhecimento. Se se é tão curioso de aprender, porque não se é também de desaprender?!

Quanto se acaba um edifício tira-se-lhe o andaime.

Justo é que se entenda:
Não cabe no coração
altura de perfeição
se não se esvazia de fazenda

(Santa Teresa de Ávila)

Reaver a inocência: ex-libris de

José de Almada Negreiros
Pintor

AMADEO DE SOUZA-CARDOSO

Ao tempo (segunda década do nosso século) a geração estava lúcida e a desordem nos poderosos. Nada mais era possível do que gritar. Admirável tempo para começar. Tudo já tinha sido dito e redito, lido e treslido! «As frases que hão-de salvar a humanidade já tinham sido escritas todas, só faltava uma coisa: salvar a humanidade.» Do passado permanecia apenas a eterna esperança do eterno presente. O bem conhecido grito da Poesia. O grito que não pode ainda senão gritar. O grito mais legítimo em não aceitar rito. O grito remoto do mundo. Mas, «oh desgraça! Toda a mística morre política» (Péguy).

Aos que gritam a vida cala-os. Parece lei. Porquê? Parece não haver porquê. Ouve-se calarem-se: deixou de se ouvir o grito pessoal!

Em Portugal, no nosso século, dois gritos de Poesia se ouviram: Mário de Sá-Carneiro e Amadeo de Souza-Cardoso. Poesia das letras e Poesia das cores. Grito do verso que é arte precoce, e grito das cores que é a arte não precoce. Os dois modos da Poesia actuante em que o protagonista é o autor, e não ficção.

Ceifados ambos. A Mário de Sá-Carneiro já não lhe era possível mais, senão o mal-menor da grande-obra que sucede e fica aquém, e é sempre quase o grito inicial da espontaneidade. Ele recusa a grande-obra. A Amadeo de Souza-Cardoso é a vida que lhe recusa a grande-obra por ele mesmo

anunciada em grito de poeta mobilizado «cantor-de-dia na alegria do mundo». «Amadeo de Souza-Cardoso é a primeira descoberta de Portugal no século XX», escreveu-se a tempo, em vida do pintor.

Havia de terem sido entre nós nestes dois gritos da Poesia. Foram eles. Depois deles prosseguiu o grande-frete da Poesia: fazer do antigo o novo, do actual o princípio, o eternamente presente, o constantemente perfectível, até à invejável perfeição de «chegarmos a cada instante pela primeira vez ao mundo». «Voltar ao fim» (Cesariny Vasconcelos). Com Amadeo de Souza-Cardoso evitou-se ser «Orpheu» apenas mais um grupo de gente de verso. O movimento era unânime e não apenas literário. Se a falência literária do princípio do século era flagrante, a falência das artes visuais não lhe era menor nem muito menos tão recente. «Orpheu» queria denominador comum da unidade de todas as artes. Amadeo de Souza-Cardoso, Santa-Rita Pintor e eu, diante da tábua quinhentista «Ecce-Hommo» do Museu de Arte Antiga, firmámos o pacto do grande-frete da Poesia: enquanto a Poesia não é. Assim que saímos do Museu fomos cortar os nossos cabelos e sobrancelhas à navalha de barba e assim passeávamos pela capital o remotíssimo grito do silêncio. Amadeo e Santa-Rita não sobreviveram um ano ao nosso pacto.

Quando fui a primeira vez à terra natal de Amadeo, dezoito anos depois da sua morte, a luz na paisagem e as cores nas proporções eram as mesmíssimas nos seus quadros de pintura. Tanto na sua primeira fase, influência burguesa do Porto, como na segunda, influência internacional de Paris. Toda a sua arte reflecte o seu rincão natal. E nunca é o rincão natal o que o pintor retrata. O seu rincão natal são as suas próprias cores, as do seu rincão natal. Foram estas as cores que teve para começar a sua mensagem de poeta. Entre começá-la e concluí-la já sabem o que aconteceu.

POESIA E CRIAÇÃO

«Muitas coisas são pavorosas; nada, sem embargo, sobrepassa o homem em pavor.

Sai, por cima da espumante maré a meio da invernal tempestade do Sul, e cruza as montanhas das abismais e enfurecidas ondas.

Fatiga a indestrutível calma da mais sublime das deusas, a Terra, pois, ano atrás ano, ajudado pelo arado e seu cavalo, a remove numa e noutra direcção.

O caviloso homem enreda a debandada de pássaros e caça os animais do deserto e os que vivem no mar.

Com astúcia subjuga o animal que pernoita e anda pelos montes.

Salta à cerviz de toscas crinas do corcel, e domina-o; e com o madeiro submete a jugo ao toiro jamais dominado.

O homem encontra-se no som da palavra e na omnicompreensão, pressurosa como o vento, e também no denodo com que domina as cidades.

Assim, mesmo, pensou como fugir, sob as flechas do clima, de suas inclemências e das inóspitas geladas.

Por todos os lados viaja sem cessar: desprovido de experiência e sem saídas chega ao nada.

Em nenhum caso pode impedir, por fuga alguma, um único embate: o da morte; mas tem a felicidade de esquivar com habilidade a enfermidade cheia de misérias.

Circunspecto, porque domina mais além do esperado, a habilidade inventiva, cai às vezes na perversidade, outras, saem-lhe bem empresas nobres.

Vive entre a lei da terra e a ordem jurada pelos deuses.

Ao predominar sobre o lugar, perde-o, porque a audácia do homem sempre o faz considerar ao ser como não ser.

Quem ponha em obra isso, que não comparta o meu lar comigo, nem que o meu saber tenha nada em comum com o seu divagar.»

Acaba-se de ler o primeiro canto do coro de *Antígona* de Sófocles (versos 332-375), na «Introdução à Metafísica de Martin Heidegger» traduzida em castelhano por Emílio Estiu.

Escreve o tradutor: «Na *Introdução à Metafísica*, Heidegger encontra no primeiro coro de *Antígona* a concepção donde o homem é designado o mais pavoroso, o que inspira terror pela sua violência.

"Deixa" que as coisas sejam o que são; mas anteriormente tem que obrigá-las a que se revelem, a que descubram o ser que têm. O "deixar" não é mera passividade, senão o termo de uma acção violenta.

Ao homem é-lhe impossível uma atitude passiva radical, já que a prepotência do ser o arrebata do conformismo consigo mesmo, evitando que seja como as coisas são.

Por necessidade está destinado ao desocultamento ontológico. Os poetas e os pensadores são os assinalados pelo signo da insatisfação: não se resignam a ficar dentro do já desoculto, do familiar e do ordinário.

Por isso constituem um perigo para os amantes da estabilidade e eles — como dizem as últimas palavras do texto de Sófocles citado por Heidegger — "não estão dispostos a conviver com semelhantes homens"».

Estas duas leituras preparam-nos para onde vai sendo a coisa que queremos: Poesia.

Para já, Poesia e Poetar (há as duas palavras) são duas coisas. Nós queremos apenas uma: a primeira.

Poesia é criação.

Poetar é fazer versos.

Não é de modo algum condição de criação caber em versos.

Como não é sequer de modo algum condição de Logos ser discurso ou palavra.

Mas há a afinidade, a simpatia, e até a oculta subjugação nos versos pelos modos do criar.

Os versos são um modo de perpetuação de um dos modos da criação que se chama Poesia.

Por conseguinte, «poetar»: fazer versos, e, sobretudo, o hábito de poetar, podem muito bem ser uma maneira de chamar a si e revelar o poeta. E não há aqui o menor vislumbre de conselho ou desaconselho.

Se um não sabe dizer-se por onde é Poesia, não haverá jamais quem lho diga: Poesia é senão por onde é para cada um.

A condição para criação e única: pessoal, intransmissível.

«As coisas são o que são», e ver-se-á poesia dizer o transmissível ser igual ao intransmissível, isto é, o homem ser igual ao homem; a linguagem ser de igual-a-igual, e é o que se pede: «as coisas são o que são».

Não é pouco os Gregos terem-nos deixado apenas a seta por onde vai Poesia, vinda do oculto do ser, lá onde não é possível linguagem, o único que o homem percebe. Percebe e nunca o satisfaz.

Mas a linguagem, ao homem, pode-o.

O homem perde-se e a linguagem faz-se.

Não há dúvida nenhuma: fica a Poesia.

Quando não havia linguagem o homem foi o autor da mais bela criação da Poesia: os nomes. Os nomes: a língua.

Depois o homem quis saber como isto foi, o dos nomes, o da língua.

O homem insiste em não dar por concluída a sua mais bela criação da poesia. Há seguramente mais ocultamento do ser no oculto que permitiu o seu desocultamento em linguagem.

Desde os grunhidos pânicos até aos nomes das coisas o homem ficou seguro de ter deixado escapar-se o essencial.

Desde este escapanço, o pavoroso escapanço, o homem ficou condenado a criar. Ficou condenado à Poesia. Ficou condenado a criar o seu próprio lugar. O seu «onde». Tinha roubado o Fogo dondo o Fogo estava no seu lugar.

Mas o prepotente oculto, onde não há linguagem, é assim mesmo acessível a cada homem, apenas acessível a cada homem. E apenas depois de cada uma destas acessibilidades pessoais ao oculto, será possível a linguagem da comunicação homem-a-homem, será possível o novo lugar para o Fogo.

Sabe-se por onde passa Poesia. A passagem, o «onde» é que não está. Sabe-se que fica entre dois «ondes»: o «onde» oculto e o «onde» desocultado, o que ainda não está.

A Poesia passa sem aonde.

Não importa, o perfil do homem ficou traçado, para sempre: a obra.

Há milénios que o homem edifica a sua obra não importa onde em toda a parte desde o primeiro dia da antiguidade que é menos antiga que o homem.

É afinal a obra do homem que há-de um dia dizer aonde é o «onde» da obra.

Há milénios que a obra se vai fazendo, continuamente ultimada nos seus mais geniais remates, mas sem onde Antes ou Depois, chamados Passado ou Futuro, pois o único «onde» da obra fica fora do Tempo e do Espaço, no eterno presente do homem, tal-qualmente é captado por cada acessibilidade individual no oculto do ser, instantaneamente, num relâmpago.

E o pânico continua. «Nada sobrepassa o homem em pavor.»

Apesar de ainda não-onde, a obra está vista. Vista na sua totalidade. Vista na sua unidade. Não podemos entrar na obra concluída. Estamos atrasados milénios a nós mesmos. Estamos como no primeiro dia da Antiguidade quando não captámos do oculto do ser senão a nossa capacidade de criação de Poesia com a diversão do seu espectáculo de obra que tanto nos entretém e distrai há milénios.

Mas diga-se a verdade: seremos incapazes de captar e transpor o todo do culto do ser para o legítimo da obra do homem, para o nosso eterno presente, tal qual ele está instantâneo no oculto do ser?

A resposta é esta: incapazes ou não, estamos em via única, como os astros.

Não é próprio de Poeta cantar a Poesia. Quando adveio a novidade da criação chamada Poesia, esteve bem que se festejasse o acontecimento. Mas agora, a criação compromete-se a um resultado: o mesmo do seu advento. Mãos à obra.

Poesia, criação, obra, é tudo do mesmo novelo: Poesia, a Bela, tem um filho único, chama-se homem. E para que este não erre por aí sem «onde» onde ser, a mãe «do mais pavoroso» espetou todas as suas sibilinas agulhas mágicas no mais recôndito e profundo das entranhas viscerais do Poeta, para o dementar de todos os outros «ondes».

CIVILIZAÇÃO E CULTURA

Uma mesa cheia de feijões.

O gesto de os juntar num montão único. E o gesto de os separar, um por um, do dito montão.

O primeiro gesto é bem mais simples e pede menos tempo do que o segundo.

Se em vez da mesa fosse um território, em lugar de feijões estariam pessoas. Juntar todas as pessoas num montão único é trabalho menos complicado do que o de personalizar cada uma delas.

O primeiro gesto, o de reunir, aunar, tornar uno, todas as pessoas de um mesmo território, é o processo da CIVILIZAÇÃO.

O segundo gesto, o de personalizar cada ser que pertence a uma civilização, é o processo da CULTURA.

É mais difícil a passagem de civilização para cultura do que a formação de civilização.

A civilização é um fenómeno *colectivo*.

A cultura é um fenómeno *individual*.

Não há cultura sem civilização, nem civilização que perdure sem cultura.

(Aqui há uma ilustração, cujo desenho representa uma balança perfeitamente equilibrada com a civilização num dos pratos e a cultura no outro.)

FIM

Justaposição disto mesmo a Portugal: uma civilização sem cultura. As excepções, inclusive as geniais, não fazem senão confirmá-lo.

[ELOGIO DA INGENUIDADE OU AS DESVENTURAS DA ESPERTEZA SALOIA]

«Le génie et l'enfance ont une admirable ressemblance: c'est la naïveté!»

«Les hommes n'ont donc pas remarqué que le contraire de l'art c'est la ruse? Pour n'avoir pas encore fait cette remarque, il faut vraiment qu'ils soient bien vieux.»

Ernest Hello

Aquele que recorrer ao dicionário para que este lhe diga o que sabe sobre a palavra ingenuidade, talvez, como eu, fique surpreendido com o que consta acerca do significado e história da palavra ingénuo.

Tendo sido escrito o título da presente palestra antes da minha visita ao dicionário, não poderei deixar de reconhecer que apenas a intuição me levou a intitular desta maneira o que eu desejava esclarecer.

Ao escrever *Elogio da Ingenuidade ou as Desventuras da Esperteza Saloia*, a intuição não me faltou, mas devo dizer-lhes que o meu intuito nestas palavras era premeditado. Para melhor esclarecimento dos que ouvem passarei a contar-lhes lealmente o que pensava antes de encontrar o significado da palavra ingénuo e o que aprendi depois de o ter encontrado.

A minha primeira ideia, intuitiva e premeditada ao desejar fazer o elogio da ingenuidade, era a de entrar acto contínuo no terreno e atmosfera próprios da poesia, nesse único terreno e atmosfera onde a poesia, e por conseguinte os poetas não encontrarão nenhuma espécie de atritos para a sua voz e expressão.

Isto é, o elogio da ingenuidade dirigia-se única e exclusivamente aos poetas e absolutamente a mais ninguém.

Só depois de conhecer o significado e história da palavra *ingénuo* é que francamente eu desejaria que aqueles que não são poetas, mas de qualquer maneira tratam com eles, ouvissem também estas palavras, para saberem em

que altura vivem os poetas por cima do trato de quem quer que seja. Contudo, repito, o elogio da ingenuidade continua a referir-se única e exclusivamente aos poetas e absolutamente a mais ninguém. Na própria continuação do título, *As Desventuras da Esperteza Saloia*, estas desventuras e esta esperteza saloia são referentes ainda a desvantagens e prejuízos que apenas a poetas e absolutamente a mais ninguém dizem respeito.

Haverá talvez alguém que creia que estas desventuras e esta esperteza saloia se referem às deles; não. Dizemo-lo claramente, não é à esperteza saloia deles e às suas desventuras que nos referimos, não, é à dos poetas.

Por conseguinte, a vós poetas única e exclusivamente me dirijo, e aos outros, que nos escutem ou que se vão embora.

Antes de mais nada é necessário dizê-lo bem alto para que bem o oiça cada qual isoladamente: Não é o bastante frequentar os poetas ou a poesia para se ficar poeta. Não. Nós bem sabemos onde hão-de ir buscar simulado prestígio aqueles que não o saibam encontrar nos seus lugares pessoais, ou que não se satisfaçam com o que tenham encontrado. Não, a poesia não concorre com ninguém nem com nenhuma outra expressão da vida. Não concorre porque vive. Ou vive ou morre, não lhe cabe nunca a vez de concorrer.

Dentro da Poesia, cada poeta que se realiza é tão representante da Poesia como aquele que ainda vai longe de se realizar. Isto é, dentro da Poesia, cabem todos os valores, realizados e a realizar, desde o momento que sejam valores. A poesia nutre-se com os seus próprios valores, e não se adianta nem atrasa com amigos e inimigos da Poesia, nem com pseudo-concorrências entre valores, os quais se concorrem entre si é precisamente porque não representam valores, inconfundíveis e inteiros.

Não há criatura humana que neste mundo não tenha nas suas reservas pessoais as probabilidades de realizar em si o próprio poeta; simplesmente, estas probabilidades são geralmente afogadas pelo próprio, único culpado da morte do seu poeta, morto por desgosto de o ver fazer coroas de louros que não são da sua propriedade legítima.

É tão fácil deixar morrer o poeta como substituí-lo por um filisteu.

Estas minhas palavras são para eu próprio provar aos que me ouvem que o assunto do *Elogio da Ingenuidade ou as Desventuras da Esperteza Saloia* não mete terceiros entre poetas. Tenho usado do meu melhor possível para que determinada gente deixe de ter ou fazer confusões com a minha pessoa, mas tendo-me sido inútil neste sentido todo o meu cuidado, hoje só tenho esperanças verdadeiras a este respeito na data do Juízo Final. Entretanto, enquanto for vivo, eu continuo na minha, como não podia deixar de ser.

*

Até este momento falei-vos em Poesia e poetas e a alguém pode parecer estranho o emprego de tais palavras a propósito desta exposição de pintura e de escultura. Foi expressamente que, para este momento, preferi as palavras Poesia e poetas às que seriam indicadas para este lugar, Arte e artistas. Foi

expressamente porque onde não haja afinal senão valores plásticos de pintura e de escultura, isto é, onde estejam ausentes as letras e as rimas, já ninguém possa encontrar os poetas senão entre os que se serviram de cores ou da pedra. Se eu lhes chamasse artistas, corria o perigo de que os que me ouvem os pudessem confundir com os presentes pintores e o escultor e não vissem precisamente neles os poetas a que me desejo referir.

Neste meu elogio da ingenuidade, a pintura e a escultura estão ambas exactamente em terceiro lugar. Em segundo lugar estão os artistas que da pintura ou da escultura se serviram para expressar o que de Poesia desejam fundar em realidade.

Mas em primeiro lugar estão precisamente os poetas, esses que têm o dom de descobrir os próprios fundamentos da vida, e ainda antes mesmo que a vida tenha podido assentar na realidade.

Não é eventualmente hoje e neste lugar que eu ponho a Poesia primeiro do que a Arte. A Poesia, livre de toda e qualquer arte, onde ainda ou já não se sinta a expressão da arte que a serviu, faz parte íntegra do recôndito mais puro da pessoa humana. A Arte é um estratagema para a Poesia.

Poderemos pôr em marcha todas as técnicas magistralmente, mas se se perde o contacto imediato com a Poesia, bem hão-de todos e cada qual esperar-lhe pela terrível volta!

*

Antes de ver no dicionário o significado da palavra *ingénuo* escrevi o título *Elogio da Ingenuidade ou as Desventuras da Esperteza Saloia*, isto é, tinha intuitivamente encontrado uma força vital de puro sentido poético, origem e sangue da própria luz, terrível e bela como tudo o que vive. Pela vida fora, constantemente me foi dado observar que a ignorância é portadora de uma intenção que ultrapassa a da sabedoria. Ora esta veemência característica da ignorância, isto é, do estado imediatamente anterior às primícias do conhecimento, perde sensivelmente parte da sua potência à aproximação do conhecimento, e chega a desaparecer completamente depois do conhecimento, donde resulta que o conhecimento foi, afinal, tardio, ineficaz e estéril. Contudo é conhecimento.

Todo o saber é descontado no viver. Pelo conhecimento pode-se quando muito orientar-se a vida, mas nenhum conhecimento serve para viver.

Já outro tanto não acontece com as forças contidas na ignorância. Estas forças contidas na ignorância são verdadeiros luzeiros dos caminhos individuais. A ignorância de cada um é incomparavelmente mais respeitável do que todo o conhecimento que lhe possa ser fornecido. Porque o conhecimento é fornecido e a ignorância tem como limites o próprio mistério individual. Na passagem da ignorância para o conhecimento pode perder-se, afinal, o principal, o próprio.

Bem o ouvides, eu não faço a apologia da ignorância nem o desprestígio da sabedoria, tão-somente me refiro que nas idades da ignorância existe uma força vital que não parece trespassável para as da sabedoria.

Há um ditado que diz: *se a juventude soubesse e a velhice pudesse...* ora a juventude é bem o sinónimo de ignorância e a velhice de sabedoria. O que importa é que as energias da ignorância não se estiolem na sabedoria. Ou melhor, que o conhecimento não seja tão usurpador que só se deixe trocar pelo total das energias que animam cada pessoa em estado de ignorância. Por mim, eu vejo vida na ignorância e morte no conhecimento. O conhecimento é colectivo, por conseguinte anónimo, ao passo que na ignorância estão ainda aquelas forças, as quais, se não revelam, pelo menos iluminam em volta a presença de cada qual neste mundo.

Entretanto desejo apresentar-vos dois exemplos que talvez indiquem melhor o que provavelmente não chegaria a levar ao vosso conhecimento.

Todos sabem que existe na Europa ocidental uma arte que fez o seu aparecimento na Idade Média com a construção das catedrais góticas, iluminando as janelas com vidros de cores e transformando inteiramente os templos em visões reais da história sagrada e outros aspectos da vida quotidiana como se de facto sejam assuntos da mesma pertença. Esta arte conhecida por vitral, e que é uma arte independente da pintura como de qualquer outra expressão de arte, tem por função aproveitar a diferença de luz da atmosfera livre para um recinto fechado na intenção de ajudar a concentrar-se cada um colectiva e individualmente.

Desde o século XII até aos nossos dias, a arte do vitral seguiu determinados caminhos mantendo a sua função. Porém, apenas a função foi mantida. A sua intenção, desde os séculos XII e XIII para cá, foi-se apagando a pouco e pouco até ficar exclusivamente reduzida a uma função. Isto é, quando nos séculos XII e XIII apenas se conhecia uma elementaríssima química de cores e de fornos de cozedura do vidro, os artífices desenhadores de vitrais supriam todas as faltas da técnica principiante com a sua alma de primitivos autênticos. Subordinados, por um lado, ao clero e aos mestres da obra e por outro lado postos diante de uma técnica inteiramente por fazer, os vitralistas dos séculos XII e XIII estavam condenados a ter que tirar tudo de si próprios. Uma enérgica simplicidade, um grande carácter, um colorido ousado, silhuetas poderosíssimas, tais são as características que nos oferecem imediatamente os vitralistas do século XII.

Depois, com o andar dos tempos, a química esmerou-se, a técnica tornou-se infalível, mas os vitrais foram simultaneamente perdendo o seu vigor, a sua força, o seu carácter. Tinha-se criado a arte do vitral mas perdera-se a poesia dos seus ousados e ignorantes precursores!

O outro exemplo é ainda tão nítido como este que acabo de vos mostrar, é o dos esmaltes de Limoges. Se a alguém já foi dado cotejar um esmalte de Limoges do século XI com outro do século XIII pode certamente reparar em que a alma falante dos esmaltes de Limoges do século XI foi totalmente substituída pelos brilhos químicos do século XIII.

Trouxe estes dois exemplos, não para provar que a técnica mata a poesia, mas porque presumo que a poesia, sendo pura criação, há-de constantemente criar também os seus próprios meios de expressão.

Quando Max Jacob diz: *Aujourd'hui faire du génie avec les allumettes*, é evidente que ele crê que com fósforos também se podem criar novos meios de expressão. Sobretudo, ele dá toda a importância ao génio, e os fósforos, na sua frase, são sinónimos de todas as artes e técnicas.

*

Até aqui nada mais tenho feito do que chamar a atenção dos poetas para o momento em que é possível a poesia. Provavelmente terão reparado exactamente em que suponho o estado de ignorância mais propício para a poesia do que o estado de conhecimento. Mas não é assim perfeitamente exacto. O conhecimento só impede o estado de poesia durante o período de recepção que cada um faz para esse conhecimento. Uma vez ciente de um conhecimento, isto é, uma vez esquecido todo o estratagema intelectual indispensável à recepção ou entendimento de qualquer conhecimento, este pode ser remetido em sua essência para aquela força vital que em nós agia antes, no nosso estado de ignorância. O importante é não perdermos nunca de vista o nosso próprio *élan* inicial. E não só não perdermos de vista como sustê-lo constantemente por meio do conhecimento, conhecimento não em período de recepção, mas já dispensado de todo o processo técnico e intelectual indispensável para a recepção. É como quem diz: de facto, um conhecimento só nos serve depois de ter passado há bastante tempo por nós.

É este precisamente o fenómeno que se dá com a Poesia e a Arte. O que se deseja dizer é a Poesia; a maneira que se emprega para dizer é a Arte.

A Arte é um processo intelectual; é um conhecimento em estado de recepção; mas só na Poesia é que se encontra o *élan* de cada qual.

Se o único modo de expressão da Poesia é de facto a Arte, não quer isto dizer nunca que a Arte alguma vez se sobreponha à Poesia. Quem fala são sempre as pessoas e nunca a voz que as pessoas têm. Mas a maior parte da gente facilmente se ilude julgando que progride, quando afinal nada mais fazem do que irem lentamente perdendo-se de vista a si próprios. Melhor fora que assim o tivessem feito deliberadamente, porque o ímpeto da deliberação arrastaria afinal consigo o próprio que a tem.

A posição do poeta é a de reaver-se consecutivamente. A sua ignorância é sua, a sua ingenuidade é sua, todas as condições em que foi gerado são suas, e após toda a experiência e conhecimento, a posição do poeta é ainda a de reaver-se, reaver a sua ignorância, reaver a sua ingenuidade, reaver todas as condições em que foi gerado.

Só assim, só por este autêntico egoísmo é que cada qual pode encontrar em si o poeta, isto é, aquele que perdeu para sempre todo o sentido imediato do imediato. Porque o poeta não tem nunca nada a dizer que seja imediato. Não é imediato porque é para sempre, para qualquer momento em que o ouçam, para todo o instante em que o escutem. Ao perder para sempre todo o sentido do imediato ganhou o título de príncipe para sempre. Mais do que os príncipes de sangue hereditário que fazem suceder o mesmo título através

de várias gerações de vários indivíduos, o poeta guarda no seu nome pessoal o título de príncipe até ao fim do mundo.

*

O poeta não vive a realidade, ou melhor, aquela aparência a que os outros mortais chamam a realidade. Para o poeta a realidade não está localizada em determinado segmento da linha do tempo. Para o poeta a realidade é toda a extensão L T da linha do tempo. Exactamente como o disse Santo Agostinho: *A eternidade e um instante é a mesma coisa.*

Por isto mesmo o poeta não está com determinada sociedade, ou com qualquer das idades da sociedade. O poeta está sempre só, ou seja, com a humanidade, com a humanidade inteira, desde o princípio até ao fim do mundo.

O poeta representa com o santo os únicos casos humanos onde a realidade não se sobrepõe ao homem.

*

Chegou finalmente a altura de irmos ao dicionário para ver o que quer dizer *ingénuo.*

Ingénuo — (do latim *ingenuus*, nascido livre). — O sentido corrente de ingénuo é o que deixa ver livremente os seus sentimentos, que é natural, que é simples, que é *naïf.*

O seu sentido corrente já nós todos sabíamos, quanto mais não fosse pelas ingénuas do teatro. Mas o que mais nos interessa é o seu primitivo significado em latim. A história da palavra ingénuo faz aparecer pela primeira vez esta palavra no direito romano para designar a condição do que não tenha sido nunca escravo. Foi buscar-se no latim a palavra que formasse o sentido exacto desta condição e nasceu então a palavra *ingenuus* que quer dizer nascido livre.

Claro está que estávamos então nos tempos da escravidão. Terminada esta, a palavra ingénuo ainda se mantém no seu sentido original nos feudos da Idade Média mas adaptado às novas condições sociais. Depois, terminada a escravidão e o feudalismo, a palavra ingénuo foi perdendo sucessivamente o seu significado original até ficar reduzido a sinónimo de natural, de simplicidade, de *naiveté.*

Em todo o caso esta naturalidade, esta simplicidade, esta *naiveté* do ingénuo estão estreitamente relacionadas ainda hoje com um sentido social. Isto é, o ingénuo deixa de ver livremente os seus sentimentos, a sua naturalidade, a sua simplicidade, a sua *naiveté*, porque ignora os preconceitos e o seu funcionamento. Ele está livre de preconceitos e por isso é ingénuo. Exactamente paralelo aos ingénuos primitivos que estavam livres por nascimento das duras leis da escravidão.

Antigamente quem nascia livre, livre morria, e quem nascia escravo podia ganhar ou merecer a sua liberdade. Hoje todos nascemos ingénuos e quase todos morremos envenenados.

*

Vós todos que me ouvis sois testemunhas de que eu não faço o elogio dos ingénuos mas sim o da ingenuidade. É só a ingenuidade que representa em si o estado de pureza em que é possível a vida do poeta. Aquele que nasceu livre não ignora nem combate os preconceitos, não perde o seu tempo com estas realidades forçosas dos outros e, pelo contrário, esclarece a sua própria ingenuidade, torna-a simpatia ou repulsa, amor ou ódio, e, com ingenuidade, com simpatia e com amor, com repulsa e com ódio, constrói realidade poética, essa a cuja luz nenhuma outra realidade resiste.

*

Voltaire escreveu *Candide* e não se conhece outro nome melhor do que este para o que hoje significa a palavra ingénuo; contudo, Voltaire também escreveu *L'Ingénu*. É bem significativo que Voltaire ao escrever estes dois romances premeditava sentidos distintos para cada um deles. Conheço de leitura apenas *Candide* mas já me foi dado conhecer o entrecho de *L'Ingénu*. É um jovem que desconhece francamente os preconceitos, e esta sua ignorância dos preconceitos acarreta-lhe certa notoriedade de ordem simpática mas também e de cada vez mais uma série de desventuras. Uma mulher sábia na maneira como funciona a sociedade instrui o ingénuo perfeitamente nesse sentido. Mas as desventuras em vez de cessarem continuam na mesma e em progressão geométrica.

Eu não sei, porque não li ainda *L'Ingénu*, se Voltaire compara as desventuras do ingénuo com as do mesmo depois de deixar de ser ingénuo. Mas se assim não foi não atinjo a razão que levou Voltaire a conduzir este seu romance da maneira como afinal o realizou. Eu creio que as desventuras daquele que perdeu a ingenuidade são bem mais amargas do que as mais violentas decepções que possa sofrer um ingénuo.

Pelo menos, tão tremendo como ficar-se um simples ingénuo por toda a vida é perder a ingenuidade para todo o resto da vida.

As verdadeiras desventuras da ingenuidade são afinal as lições que a vida fez expressamente para cada um de nós. Porque nós, o que sabemos, não é o que outros nos ensinaram, mas apenas o que nós mesmos aprendemos por nós, à custa da nossa ingenuidade.

O ingénuo de Voltaire nunca foi vítima da sua ingenuidade, antes pelo contrário, esta concedeu-lhe notoriedade e simpatia, no entanto, quando perdeu a ingenuidade, ele próprio foi a apagada vítima da sua esperteza saloia.

É este o maior perigo que corre o ingénuo: o de querer ser esperto. Tão ingénuo que cuida, coitado, de que alguma vez no mundo o conhecimento valeu mais do que a ingenuidade de cada um.

A ingenuidade é o legítimo segredo de cada qual, é a sua verdadeira idade, é o seu próprio sentimento livre, é a alma do nosso corpo, é a própria luz de toda a nossa resistência moral.

Mas os ingénuos são os primeiros que ignoram a força criadora da ingenuidade, e na ânsia de crescer compram vantagens imediatas ao preço da sua própria ingenuidade.

Raríssimos foram e são os ingénuos que se comprometeram um dia para consigo próprios a não competir neste mundo senão consigo mesmos. A grande maioria dos ingénuos desanima logo de entrada e prefere *tricher* no jogo de honra, do mérito e do valor. São eles as próprias vítimas de si mesmos, os suicidas dos seus legítimos poetas, os grotescos espantalhos da sua própria esperteza saloia.

Bem haja o povo que encontrou para o seu idioma esta denunciante expressão da pessoa que é vítima de si mesma: a esperteza saloia.

A esperteza saloia representa bem a lição que sofre aquele que não confiou afinal em si mesmo, que desconfiou de si próprio, que se permitiu servir de malícia, a qual como toda a espécie de malícia não perdoa exactamente ao próprio que a foi buscar. Em português a malícia diz-se exactamente por estas palavras: esperteza saloia.

Parecendo tão insignificante, a malícia contudo fere a individualidade humana no mais profundo da integridade do próprio que a usa, porque o distrai da dignidade e da atenção que ele se deve a si mesmo, distrai-o do seu próprio caso pessoal, da sua simpatia ou repulsa, da sua bondade ou da sua maldade, legítimas ambas no seu segredo emocional.

Porque na ingenuidade tudo é de ordem emocional. Tudo. O que não acontece com as outras espécies do conhecimento onde tudo é de ordem intelectual.

Na ordem intelectual é possível reatar um caminho que se rompeu. Na ordem emocional, uma vez roto o caminho, já nunca mais se encontrará sequer aquela ponta por onde se rompeu.

O conhecimento é exclusivamente de ordem emocional, embora também lhe sirvam todas as pontas da meada intelectual.

Ora o essencial no emocional é o expressar-se. É então quando vem a Arte para servir o seu único fim: o Homem. E se a Arte deixasse perder de vista o seu único fim, era impossível a Poesia.

Temos pois que o intelectual está exclusivamente ao serviço do emocional. E é neste serviço feito pelo intelectual ao emocional que nasce a Graça, palavra latina por excelência e que tem tanto de poético como de sagrado. Se não é nos ingénuos que a Graça se encontra é sem dúvida na ingenuidade que ela está.

A Graça é pura essência emocional sem nenhuma cicatriz intelectual.

A Graça é a chegada triunfal do conhecimento ao Homem determinado. É o prémio do esperar. É a transfiguração do indivíduo em pessoa.

A Graça é a luz e o vértice da Poesia. A Graça é o ritmo dos poetas!

O CÁGADO

Havia um homem que era muito senhor da sua vontade. Andava às vezes sozinho pelas estradas a passear. Por uma dessas vezes viu no meio da estrada um animal que parecia não vir a propósito — um cágado.

O homem era muito senhor da sua vontade, nunca tinha visto um cágado; contudo, agora estava a acreditar. Acercou-se mais e viu com os olhos da cara que aquilo era, na verdade, o tal cágado da zoologia.

O homem que era muito senhor da sua vontade ficou radiante, já tinha novidades para contar ao almoço, e deitou a correr para casa. A meio caminho pensou que a família era capaz de não aceitar a novidade por não trazer o cágado com ele, e parou de repente. Como era muito senhor da sua vontade, não poderia suportar que a família imaginasse que aquilo do cágado era história dele, e voltou atrás. Quando chegou perto do tal sítio, o cágado, que já tinha desconfiado da primeira vez, enfiou buraco abaixo como quem não quer a coisa.

O homem que era muito senhor da sua vontade pôs-se a espreitar para dentro e depois de muito espreitar não conseguiu ver senão o que se pode ver para dentro dos buracos, isto é, muito escuro. Do cágado, nada. Meteu a mão com cautela e nada; a seguir até ao cotovelo e nada; por fim o braço todo e nada. Tinham sido experimentadas todas as cautelas e os recursos naturais de que um homem dispõe até ao comprimento do braço e nada.

Então foi buscar auxílio a uma vara compridíssima, que nem é habitual em varas haver assim tão compridas, enfiou-a pelo buraco abaixo, mas o cágado morava ainda muito mais lá para o fundo. Quando largou a vara, ela foi por ali abaixo, exactamente como uma vara perdida.

Depois de estudar novas maneiras, a ofensiva ficou de facto submetida a nova orientação. Havia um grande tanque de lavadeiras a dois passos e ao lado do tanque estava um bom balde dos maiores que há. Mergulhou o balde no tanque e, cheio até mais não, despejou-o inteiro para dentro do buraco do cágado. Um balde só já ele sabia que não bastava, nem dez, mas quando chegou a noventa e oito baldes e que já faltavam só dois para cem e que a água não havia meio de vir ao de cima, o homem que era muito senhor da sua vontade pôs-se a pensar em todas as espécies de buracos que possa haver.

— E se eu dissesse à minha família que tinha visto o cágado? — pensava para si o homem que era muito senhor da sua vontade. Mas não! Toda a gente pode pensar assim menos eu, que sou muito senhor da minha vontade.

O maldito sol também não ajudava nada. Talvez que fosse melhor não dizer nada do cágado ao almoço. A pensar se sim ou não, os passos dirigiam-se involuntariamente para as horas de almoçar.

— Já não se trata de eu ser um incompreendido com a história do cágado, não; agora trata-se apenas da minha força de vontade. É a minha força de vontade que está em prova, esta é a ocasião propícia, não percamos tempo! Nada de fraquezas!

Ao lado do buraco havia uma pá de ferro, destas dos trabalhadores rurais. Pegou na pá e pôs-se a desfazer o buraco. A primeira pazada de terra, a segunda, a terceira, e era uma maravilha contemplar aquela majestosa visibilidade que punha os nossos olhos em presença do mais eficaz testemunho da tenacidade, depois dos antigos. Na verdade, de cada vez que enfiava a pá na terra, com fé, com robustez, e sem outras intenções a mais, via-se perfeitamente que estava ali uma vontade inteira; e ainda que seja cientificamente impossível que a terra rachasse de cada vez que ele lhe metia a pá, contudo era indiscutivelmente esta a impressão que lhe dava. Ah, não! Não era um vulgar trabalhador rural. Via-se perfeitamente que era alguém muito senhor da sua vontade e que estava por ali por acaso, por imposição própria, contrafeito, por necessidade do espírito, por outras razões diferentes das dos trabalhadores rurais, no cumprimento de um dever, um dever importante, uma questão de vida ou de morte — a vontade.

Já estava na nonagésima pazada de terra; sem afrouxar, com o mesmo ímpeto da inicial, foi completamente indiferente por um almoço a menos. Fosse ou não por um cágado, a humanidade iria ver solidificada a vontade de um homem.

A mil metros de profundidade a pino, o homem que era muito senhor da sua vontade foi surpreendido por dolorosa dúvida — já não tinha nem a certeza se era a quiquagésima milionésima octogésima quarta. Era impossível recomeçar, mais valia perder uma pazada.

Até ali não havia indícios nem da passagem da vara, da água ou do cágado. Tudo fazia crer que se tratava de um buraco supérfluo; contudo, o homem era muito senhor da sua vontade, sabia que tinha de haver-se de frente com todas as más impressões. De facto, se aquela tarefa não houvesse de ser árdua e difícil, também a vontade não podia resultar superlativamente dura e preciosa.

Todas as noções de tempo e de espaço, e as outras noções pelas quais um homem constata o quotidiano, foram todas uma por uma dispensadas de participar no esburacamento. Agora, que os músculos disciplinados num ritmo único estavam feitos ao que se quer pedir, eram desnecessários todos os raciocínios e outros arabescos cerebrais, não havia outra necessidade além da dos próprios músculos.

Umas vezes a terra era mais capaz de se deixar furar por causa das grandes camadas de areia e de lama; todvia, estas facilidades ficavam bem subtraídas quando acontecia ser a altura de atravessar uma dessas rochas gigantescas que há no subsolo. Sem incitamento nem estímulo possível por aquelas paragens, é absolutamente indispensável recordar a decisão com que o homem muito senhor da sua vontade pegou ao princípio na pá do trabalhador rural para justificarmos a intensidade e a duração desta perseverança. Inclusive, a própria descoberta do centro da Terra, que tão bem podia servir de regozijo ao que se aventura pelas entranhas do nosso planeta, passou infelizmente desapercebida ao homem que era muito senhor da sua vontade. O buraco do cágado era efectivamente interminável. Por mais que se avançasse, o buraco continuava ainda e sempre. Só assim se explica ser tão rara

a presença de cágados à superfície devido à extensão dos corredores desde a porta da rua até aos aposentos propriamente ditos.

Entretanto, cá em cima na terra, a família do homem que era muito senhor da sua vontade, tendo começado por o ter dado por desaparecido, optara, por último, pelo luto carregado, não consentindo a entrada no quarto onde ele costumava dormir todas as noites.

Até que uma vez, quando ele já não acreditava no fim das covas, já não havia, de facto, mais continuação daquele buraco, parava exactamente ali, sem apoteose, sem comemoração, sem vitória, exactamente como um simples buraco de estrada onde se vê o fundo ao sol. Enfim, naquele sítio nem a revolta servia para nada.

Caindo em si, o homem que era muito senhor da sua vontade pediu-lhe decisões, novas decisões, outras; mas ali não havia nada a fazer, tinha esquecido tudo, estava despejado de todas as coisas, só lhe restava saber cavar com uma pá. Tinha, sobretudo, muito sono, lembrou-se da cama com lençóis, travesseiro e almofada fofa, tão longe! Maldita pá! O cágado! E deu com a pá com força no fundo da cova. Mas a pá safou-se-lhe das mãos e foi mais fundo do que ele supunha, deixando uma greta aberta por onde entrava uma coisa de que ele já se tinha esquecido há muito — a luz do sol. A primeira sensação foi de alegria, mas durou apenas três segundos, a segunda foi de assombro: teria na verdade furado a Terra de lado a lado?

Para se certificar alargou a greta com as unhas e espreitou para fora. Era um país estrangeiro; homens, mulheres, árvores, montes e casas tinham outras proporções diferentes das que ele tinha na memória. O sol também não era o mesmo, não era amarelo, era de cobre cheio de azebre e fazia barulho nos reflexos. Mas a sensação mais estranha ainda estava para vir: foi que, quando quis sair da cova, julgava que ficava em pé em cima do chão como os habitantes daquele país estrangeiro, mas a verdade é que a única maneira de poder ver as coisas naturalmente era pondo-se de pernas para o ar...

Como tinha muita sede, resolveu ir beber água ali ao pé e teve de ir de mãos ao chão e o corpo a fazer o pino, porque de pé subia-lhe o sangue à cabeça. Então, começou a ver que não tinha nada a esperar daquele país onde nem sequer se falava com a boca, falava-se com o nariz.

Vieram-lhe de uma vez todas as saudades da casa, da família e do quarto de dormir. Felizmente estava aberto o caminho até casa, fora ele próprio que o abrira com uma pá de ferro. Resolveu-se. Começou a andar o buraco todo ao contrário. Andou, andou, andou; subiu, subiu, subiu...

Quando chegou cá acima, ao lado do buraco estava uma coisa que não havia antigamente — o maior monte da Europa, feito por ele, aos poucochinhos, às pazadas de terra, uma por uma, até ficar enorme, colossal, sem querer, o maior monte da Europa.

Este monte não deixava ver nem a cidade onde estava a casa da família, nem a estrada que dava para a cidade, nem os arredores da cidade que faziam um belo panorama. O monte estava por cima disto tudo e de muito mais.

O homem que era muito senhor da sua vontade estava cansadíssimo por ter feito duas vezes o diâmetro da Terra. Apetecia-lhe dormir na sua querida

cama, mas para isso era necessário tirar aquele monte maior da Europa, de cima da cidade, onde estava a casa da sua família. Então, foi buscar outra pá dos trabalhadores rurais e começou logo a desfazer o monte maior da Europa. Foi restituindo à Terra, uma por uma, todas as pazadas com que a tinha esburacado de lado a lado. Começavam já a aparecer as cruzes das torres, os telhados das casas, os cumes dos montes naturais, a casa da sua família, muita gente suja de terra, por ter estado soterrada, outros que ficaram aleijados, e o resto como dantes.

O homem que era muito senhor da sua vontade já podia entrar em casa para descansar, mas quis mais, quis restituir à Terra todas as pazadas, todas. Faltavam poucas, algumas dúzias apenas. Já agora valia a pena fazer tudo bem até ao fim. Quando já era a última pazada de terra que ele ia meter no buraco, portanto a primeira que ele tinha tirado ao princípio, reparou que o torrão estava a mexer por si, sem ninguém lhe tocar; curioso, quis ver porque era — era o cágado.

EDMUNDO DE BETTENCOURT

Nasceu na Ilha da Madeira em 1899 e morreu em Lisboa em 1973. Publicou *O Momento e a Legenda* (1930) e *Poemas de Edmundo de Bettencourt* (1962), mas durante o longo período que medeia entre estas duas obras colaborou em revistas, onde apareceram alguns dos seus melhores poemas. Em 1981, destacado da obra completa, editou-se o volume *Poemas Surdos*, decerto o cume da sua poesia.

AR LIVRE

Enquanto os elefantes pela floresta galopavam
no fumo do seu peso,
perto, lá andava ela nua a cavalgar o antílope,
com uma asa direita outra caída.
E a amazona seguia...
e deixava a boca no sumo das laranjas.
Os olhos verdes no mar.
O corpo em a nuvem das alturas
— a guardadora
da sempre nova faísca incendiária!

TERTÚLIA

Halo do respirar da noite,
bem distante lá na gruta marinha
onde a sereia cantava à porta do café.

Era na luz eléctrica
cavando a contenção dos mármores,
num abismo risonho de copos e cabeças,
que as árvores, há pouco fugidas ao comboio,
regressavam dos seus vultos, verdes;
e começavam a floresta com aves em sono embalsamadas
sob a teia do luar que os espelhos mantinham junto ao tecto.

Desenrolando-nos tempo, ficávamos em baixo:
o leão, o tigre, a cobra, o papagaio,
uns fósseis... e um peixe...
dispersos, a correr pelo silêncio,
fugindo à cisma que por fim nos juntava
e nos colava as máscaras do dia.

Distante, lá na gruta marinha,
a sereia cantava surda nos confins do café.

Ah, estava agora bem perto
o respirar da noite galopante,
embranquecendo aos poucos,
cristalizado em nossas caras mortas de acordados.

E a noite víamos, enfim,
e em seu olhar de espelho,
terrífica
reflectida
a pequenina e inerte paisagem que formávamos,
uma paisagem de alfinetes espetados no chão,
à vista do enorme pé do último rotundo freguês
avançando num passo!

HORAS

Gelava o tempo branco do relógio.
Fundiu-se um dia o mostrador
aberto para dentro
num foco por onde as horas negras fugiram enlouquecidas!
Lá para longe na faixa rósea da distância
recuaram ante o incessante alarido dos sinos
e logo regressaram
desesperadamente procurando em vão
o maquinismo do relógio.

Via-se o dia fechado de silêncio
num quadrado de luz amarelada
e de novo preso o pé do jovem
quando ia para sair.

POEMA DA EMOÇÃO AUSENTE

Via subir o salgueiro junto à escadaria de mármore branco que nunca mais acabava!

E às janelas das paredes de neve, ladeadoras da paisagem, assomarem os sorrisos de sombra.

Espreitavam a ferocidade dum tigre silencioso devorando a minha amada!

Nem um grito...

Nem sangue...

Somente no terraço oculto em transparências, rente às nuvens, autómatos brandiam as espadas atraindo o choro negro que sobe e tudo invade e a quem golpeavam os seios frios...

Acontecia isto na ausência flagrante e próxima de abismos de águas delirantes!

Na lembrança vaga e melancólica de gelos e estalactites.

Lá onde o sono adormece e ansiados corações desaparecem!

NOCTURNO FUNDO

Ao meio do canal submarino
a luz cegante é um anjo.

A suspensão do voo ampara...

Que fluido pelos círculos luminosos, parados, correrá?
O sorriso escancarado da esfinge mergulhadora
vai mostrando, distante, a galeria óssea
que deita
para as ameias dum castelo
com um deserto sem fim na retaguarda.
Sentinelas de sangue esperam sempre a
sombra e a morte cobertas de ervas secas.

Na atracção do fundo,
aos pés da escadaria do escuro,
jaz a princesa, de verde, adormecida...

NOITE VAZIA

Crescimento do silêncio a devorar as nuvens.
Voo incansável e monótono das aves brancas do cérebro.
Florida e ondulada suspensão da mágoa.
As ferocidades são ternuras desmaiando na estepe adivinhada.
O amor abre goelas bocejantes nos côncavos da ausência do espaço.
E a morte espreitando a lentidão
irradia baçamente a sua despedida.

Noite vazia.

As aves brancas do cérebro
inutilmente abatem as suas asas!

VIGÍLIA

No panorama de frio
jazia cristalizado o voo dos gaviões.

Ao seu encontro ia fremente
o respirar da terra quente adormecida.

Fluía um riso irónico das dentaduras alvas da neblina
para bocas de ouvidos,
olhos de bocas.

Surgiu então coberto de silêncio
o homem que desde sempre morrera trucidado.

O seu sangue caía enquanto andava.

Das gotas pelo chão se levantaram logo as árvores de fogo
dentro em pouco a floresta incendiária
de todo o frio que a chamava.

E antes que soprasse a ventania
a borboleta colorida foi queimada.

Mas antes que o sol humidamente
repousasse num clarão de olhos fechados,
as cinzas de pirâmides se espalhavam
indo ferir o enorme olho esbugalhado
que de aquém fitava um espaço maior!

ATMOSFERAS

Uma faca de seda vem cortar a atmosfera das lâmpadas
eléctricas.
Pela vertente anil da noite rolam cabeças que se apagam.
Mãos da névoa, à espera na manhã, as desfazem em
geada.
Atmosfera natural de frio.
Recém-nascidos acordam estremunhados, bocejam sorridentes,
mas a geada gela as suas bocas.

BUCÓLICA

Era o momento em que ela, sem olhos e sem fala, vinha de novo percorrer o caminho, desenhado a luz, na colina do ar negro líquido.

Em frente, o estremecer que ela buscava era fosforescência no mais alto da bruma.

E em volta juntavam-se peixes roendo raízes suspensas...

enquanto a mudez das aves todas marcava no momento sulcos fundos inefáveis.

ABRIGO

Presa da chuva corre a prostituta,
corre presa,
e em frente é a porta aberta do palácio que lhe acena.

Mas à entrada,
o resto duma sereia emerge do escuro,
e um lobo acorda do sono dum tapete,
com uma risonha flor nos dentes,

que a uma claridade subterrânea
o palácio está sem tecto,
suas paredes transparecem,
todo ele é uma poça de água cintilando!

Fora,
uma lira de chuva num deserto
acena à prostituta...

CIRCUNSTÂNCIA

Do clarão que é das ruínas,
pelo escuro,
uns pedaços se unem em fio estendido serpente
um dia já sangue erguendo e triturando o edifício.

Eis um mar que se abisma
que a si próprio se engole
e a si próprio se vomita
com uns destroços de galera.

Ruínas...
no clarão que as ilumina,
aos poucos se dilui um fio com princípio e fim.
Mas, a acabar, ainda resplandece
na chave que abre a porta aos pesadelos!

VERTENTE LUNAR

Brancura brancura
véu de água
na fronte do sonho
frescura na febre
a correr a espraiar-se
a encher velhas rugas
da vertente lunar!
No azul incorpóreo
um corpo indeciso
suspenso...
E os veios de alvura
unidos num rio
com margens de sombra
aos poucos morrendo
morrendo
no espelho do mar!

O SEGREDO E O MISTÉRIO

Mistérios a pouco e pouco vão morrendo,
e extenuados de vigílias os anjos
são afinal as sussurrantes sibilinas vozes
que desvendam adivinham segredos
atrás de sentinelas
cuja ferocidade é uma ironia da ternura...

Na palidez da luz,
cercando uma velha cabeça,
a quem um sono de embrião já tolda os olhos,
sorriem enigmáticos os sonhos.

VITORINO NEMÉSIO

Nasceu na Ilha Terceira, Açores, em 1901, e morreu em Lisboa em 1978. O seu primeiro livro de poemas significativo é *O Bicho Harmonioso* (1938), a que se seguiram *Eu, Comovido a Oeste* (1940), *Festa Redonda* (1950), *Nem Toda a Noite a Vida* (1953), *O Pão e a Culpa* (1955), *O Verbo e a Morte* (1959), *O Cavalo Encantado* (1963), *Canto de Véspera* (1966), *Limite de Idade* (1972), *Poemas Brasileiros* (1972), *Sapateia Açoriana* (1976). Escreveu crónicas, ensaios, biografias, contos, novelas e romances, constituindo um deles — *Mau Tempo no Canal* (1944) —, com pouquíssimas outras excepções, tudo quanto vale a pena ler nesse domínio, neste século português.

A MINHA VOZ

Vamos a ver se te levanto
Com estas palavras escuras
Que são a luz do meu canto.
Vamos a ver se pode ser.
Na minha lama azeda e quente
Crias a tua forma
E compões o teu vulto no meu amor,
Por isso creio que és gente.
Toma lá pão, sinal humano,
Conhecimento e dor.

Bem; já existes,
Embora sem a graça de um nome:
Eu, que te sinto em mim, já não hei-de chamar-te.
Quando acabares o pão, pede mais,
Pois te darei a tua parte:
Já resolvi ficarmos tristes
Para matar a fome,
Que os tristes a tudo são fatais.

Aí está: TRISTE. Se era a palavra, aí está.
Tens frio, e um nome é manta pela cabeça:
Talvez abrigue a cabeça de quem vá
Sozinho, à noite, pelos caminhos ladrados
De uma aldeia estelar, sem fim, que em mim começa.
Seu nome, como um Outro, serve de companhia:
Só os viandantes são enganados
Sobre a verdade de quem lá ia.

Vamos a ver se eu te crio,
A ti que me encheste de ser
E enches o escuro de confiança
Adiante dos meus passos,
Como os choupos levam o rio.

Sai um pouco de mim para eu te ver,
Cuida a tua aparência.
Abre na escuridão um rodado qualquer
E veste-te de lume ou de essência
Ou do teu cabelo, se és mulher.

Quando te cito, canta,

Longe, uma voz diversa.
Uma voz aguda como um grito e o espinho que o fez dar.
Ninguém lhe conhece garganta:
É uma simples coisa imersa
Em mim, na noite e no mar.

Outras vezes não te cito: tu me citas,
A tua angústia trava o meu mínimo gesto,
Tremo diante do teu látego,
Cheio de palavras aflitas
E do suor do meu protesto.
Então do meu transe se adianta
O teu vulto coberto do meu vulto,
E é sempre assim que o duplo canta.

O farrapo de mim, a que se agarraram uns limos,
Lá no seu tanque pútrido mexe,
Lá vive e cria suas bichezas.
Assim nos vimos,
Minha voz:
Assim o cabo do látego remexe
Bichos, limos, vozes, tristezas.
E tudo isto dentro de nós.

A QUESTÃO DE LIMITE

Enquanto a tarde cai nas ondas
E todo o respirar me entristece,

Caíam as lágrimas redondas
Na face de quem não apetece.

Seja a tristeza como cousa
Que só o peso realiza
E a alegria do que não ousa
Aceitar a terra que pisa.

Durante esse único minuto
Aproveitem bem uma aberta
Que dá o vento irresoluto
Batendo na riba deserta,
E ensinem-no a soprar:
Que apague o que está a arder,
E as coisas que tem a afogar
Afogue-as sem se arrepender.

Não domestiquem nem corrompam
O único ser que ainda crescia:
As fontes, os rios, que rompam.
Noite de noite, de dia dia.

E qualquer neve que aspire a brasa
Não se avermelhe nem torne quente:
Façam como eu, que fico em casa
Quando me sinto só ou doente.

Aproveitem o instante sem erro
Em que tudo se fecha e pretende
Que não lhe tirem dos pés o ferro
Com que a verdade ali o estende.

E nesta modesta situação,
Que obriga as árvores aos próprios ramos,
Só uma voz como um bordão
Desça ao silêncio que aceitamos.

A sua música detesto
E só me importa que confirme
(Como a pegada, que é o resto
Do caminheiro na terra firme)
A posição, o oco cheio
Por cada um no seu limite:

Até que um peso, que ainda não veio,
Faça que tudo se exceda e grite.

A FURNA

Debruço-me comigo no meu poço
— Tudo a fundo sonoro e emparedado —
E, rente aos tampos, ouço, ouço
Meu coração aproximado.

Mas de ouvi-lo sou pálido e sem pulso:
Meu sangue foi preciso para ouvidos
E bate os mares e a terra, avulso
Nos próprios glóbulos perdidos.

Quem deseje saber o que se escuta
Nesta parede intolerável,
Veja se cabe em minha gruta:
Impenetrável! Impenetrável!

Que frios só seu chão calcaram
E sua abóboda sou eu
Nas tardes em que me levaram
Os meus amores o que era meu.

E já seu eco é uma humidade,
Leve chorume do escuro
Que se aprofunda na saudade
E em minha carne se faz muro.

Só luz dos musgos me distrai
Os olhos das naves frias
Na furna imensa em que se esvai
O fio de água dos meus dias.

Tão aflorada e tão profunda,
Tão bela no pedraço e na leveza,
Tão forte nas marés de que se inunda,
Aberta ao mar e à lua acesa!

Seus corredores complicam-me na sombra,
Um dedal de silêncio abre uma pedra,
Rorejam gotas para alfombra
Do vácuo de alma que lá medra.

De líquenes veste o sonho a aurora
Que dificulta o poço poço;
A lágrima enche de hora a hora
O copo ao menino e moço.

Mas estrias de lava, quem lhe entende,
Se ali riscou fogo vermelho
Alto sinal que só acende
Meu coração, palheiro velho?

E estalactites, estalagmites,
Correspondências aguçadas,
Enxofre, bafio, pirites,
Homens fugidos, mulheres choradas.

Vai o escuro furando o poço ardente,
Ouvem-se no oco as águas:
Ah, que barulho frio e immoto
Enruga a minha vida quente,
O meu secreto lençol de águas
Em que, nenúfar, bebo e broto!

A furna trava de mistério:
Sua garganta aberta ao dia
Calou o íntimo minério
Da minha estreme poesia.

Cala-o para que eu próprio vá batendo,
Dos martelos comuns abandonado,
O possível no opaco de atro urdume:
Que eu levo fogo pegado
E ninguém me chega lume.

Mas, se ardido por mim, me devo só,
A escravidão que tenho ei-la diuturna:
É estar aqui, de ouvido impresso em pó,
A ouvir-me velho ouvindo a furna.

O FALECIDO POETA

Os mortos tinham perdido
Todos os costumes de vivos,
Perfeitamente defuntos.
Este — não era esquecido;
Aquele — falava de assuntos

Muito diferentes, do céu.
E um, que era distraído,
Só tinha ao lado, apodrecido,
Um bocado do chapéu:
Mas é porque não estava completamente falecido.

Era, aliás, o único
Que, pela posição,
Guardava a ideia de recta;
E, como tinha estudado história,
Havia um buraco púnico
No fundo da sua memória.
Os outros mortos chamavam-lhe — o Falecido Poeta.

E, na verdade, havia
Na sua cabeça descascada
O essencial da Poesia:
Um céu de osso,
Sem uma única estrela;
Uma lua de cal e um sol de barro grosso;
E, por cima, uma noite de sete palmos
Debaixo de uma aurora amarela.
Os outros mortos viviam sem dia nem noite — calmos.

Ora, uma vez que o Semi-Vivo teimou
Em esquecer-se de vez
Ou reassumir de tudo
A claridade — chorou;
E foi assim que talvez,
Querendo falar, ficou mudo
E, procurando, não achou
Uma lágrima, outrora
Ao toco do seu dedo
Chegara um filtro de chuva,
Seria no mundo uma hora.

Chovia muito. Os outros mortos tinham medo
De resfriar — e chovia.
Por dentro da janela, na vida, estava a viúva
Do Defunto Poeta.
E chovia.
Cada defunto abriu o seu guarda-sol, como uma seta...
E lá ficaram todos, debaixo de chuva e de poesia.

CANTO À BOA ESPERANÇA

Não me toques senão com flores
Que me avivem os dedos
E deles levem a música.
Unge-me de ecos vivos:
Que as pessoas de longe digam tudo
E eu ouvindo-as ressoe.
Põe-me no estado de desejo,
E sem esforço levanta-me
Como a pruma no vento.
Abre as coisas;
Eu as afunde e esfrie
De tanto me aquecer em seu forro selado;
E, devagar, nas rosas e nas pedras
Põe-me:
Sua forma coroe uma essência que trago:
Na escuridão do ser eu seja todo,
Quieto e húmido como um lago.
Para nuvens extrai o que sonho e entreteço;
Para marés meus ímpetos. Redondo
Saia de mim o mar já com velas dispostas
E portos e baías onde só me apeteço.
Se confio em tua mão,
Se a teus olhos me dispo,
É para, nu, cortar com tudo o que me nega
E ser em carne pura o teu menino esperado:
Assim noite e manhã fecham o arco ao dia
Dos que tendem a asas já difíceis
E anjos são à força de alegria.
Enche-me de mar, Boa Esperança do Cabo!
Minhas veias de fogo abre e perturba
Nesse negrume extremo,
E seja minha vida carregada
Do mistério divino que ainda temo,
Hesitante entre a treva e a madrugada.
Semeados de sal, meus dias sejam
Já brancos e sadios,
Como neve sem vale que os astros vejam,
Como a água do mar ainda doce dos rios.
Aqui, ferido de Deus com chagas cegas,
O muito espero, o nada vou ganhando
Enquanto chegas;
E, crescendo e apurando
O meu licor antigo,

No coração to estendo
Como gotas na rede.
O cálice de luz lá vai suado;
Nele coalhou a demora do caminho:
Mal se vê minha mão que to levanta
Cheio de vinho.
E da minha garganta,
Flor que espreita do muro doloroso,
Grosso, duro e direito,
Sobe aquilo que canta
Homem triste e imperfeito.
Ah, minha Esperança ardente, outra estrela afastada,
Sede brava e sem boca,
Bebe esta terra desesperada,
Que é toda a água da alma pouca!

[POEMA]

O recorte de um cão, na areia, ao luar.
Seu passo imprime
O cuidado miúdo e honesto de passar.

Mas que tristeza oprime
Tanto cão que vai uivar a tanta eira?
Que longo e liso, o fio da noite!
— E amar, esperar desta maneira!

Numa cidade deserta
(Talvez outra, ou Ninive)
Encontrei um anel, uma oferta,
Da vértebra de um cão,
Para uma mulher que já não vive.

Mas tudo isso foi vão,
E até nem sei se esse osso tive.

[POEMA]

Sombra, leva mais longe a tua linha,
Que a tarde vai-se e levanta
A sua roupa de horas,
— Tudo o que a tarde tinha.

Quando a água do tanque é mais profunda,
Olhar — e ser mais velho!
Como num mar, no tempo entramos:
Ele é que nos inunda
A casa até ao espelho.

Já tudo retira as tendas
Para outra água e verde;
Os camelos vão sem unhas:
Só diante de nós o que se perde,
Alma, já não é vida.

Tu, nem a morte supunhas.

[POEMA]

A voz que se ergue no ermo
Dá uma torre às coisas,
Obriga-as devagar ao unido da coroa e do firmal.
Quem pensa no horizonte é que é fronte cingida;
Que fácil rei em cada qual!

Este poder cantar, só sinal de ave ou de homem,
Que utensílio na vasta mão direita!
— As coisas, tão ceguinhas, que nos tomem
Em sua calma perfeita.

Que um deus imprimir ousa
O cunho do silêncio e do disposto puro
A quem, fechado em casa, é o cheio de uma cousa,
Como a pedra de escuro.

[POEMA]

Uma tarde é tão pouco em nossa mão!
Os seus anéis deixados os pesamos
Com puros olhos; damos
Rigor ao que é recordação.

Depois a noite esculpe
Nossa extensão no sono.
A que erma catedral iremos nós de estátuas?
Sem um deus que nos culpe,
Tais os anéis de outono
Somos imagens fátuas.

[POEMA]

Já um pouco de vento se demora;
Já sua força vale a de uma mão
Nestes papéis que trago para fora,
Que o campo dá certeza e solidão.

O calor fez a casca mais delgada,
Agora colho a tarde: a vida não.
Sou como a macieira carregada:
De palavras a mais cobri o chão.

Árvores há no outono que conhecem
O toque e ardor das folhas de amanhã
E esperando-as, altas, adormecem.
Com espaço e vento nunca a vida é vã.

Eu volto à mão do outono em meus papéis.
Penso e, indiscreto, o ar remove
Estas imagens cruéis
Que a minha vida comove.

[POEMA]

De quando em quando junto as recordações para morrer.
Não gosto de andar sem nada.
Qualquer dia vem a vida e vai-se:
A vida, que não é isto quente e rápido que eu tenho,
Mas uma mão com jeito: ela nos leva,
E esse levar é que é morrer.
Sei que é assim, e, se o não sei, oxalá!
Já levei a minha alma à beira de uma coisa ampla e sem nexo,
Uma espécie de rio, uma impressão de fosco e de profundo,
Onde ninguém sabia nada de veemente e claro
— Questões de esquerda, centro, o norte, o sexo —
E por lá me esqueci.

Mas foram só uns dias. Perdi tudo.
Talvez deixasse a pele nos canaviais concretos
Sobre a margem de cá.
E assim, não;
Assim, sem pele, nada dá presa ao homem;
Só sei que Deus era mudo
E os céus discretos.

Tenho pena.
Custa-me este rigor de Deus com os mortos em sonho
— Voluntários do Ser, os únicos fiados —.
Ninguém nos ensina a morte,
E a vida é de mais;
A vida sabemos muito bem!

Ah, se me levassem a ver o rio de Sempre ainda!
— Não levar para vir, nem ir deliberado,
Mas como a palha vai na ave vagabunda:
Esquecida nas penas,
Não no seu bico agudo e cuidadoso,
Que isso já era intenção.
A luz sem cru de cores me tocaria,
E esse toque talvez já fosse consciência,
Saber de morte e de vida,
Lá onde se unem ambas,
Como as pontas do boi rimam na paz da tarde.

PEDRA DE CANTO

Ainda terás alento e pedra de canto,
Mito de Pégaso, patada de sangue da mentira,
Para cantar em sílabas ásperas o canto,
De rima em -anto, o pranto,
O amor, o apego, o sossego, a rima interna
Das almas calmas, isto e aquilo, o canto
Do pranto em pedra aparelhada a corpo e escopro,
O estupro de outrora, e a triste vida dela, o canto,
Buraco onde te metes, duplamente: com falo,
Falas, fá-la chorar e ganir, com falo o canto
No buraco de grilo onde anoiteces,
No buraco de falso ermita onde conheces
Teu nada, o dela, o buraco dela, o canto
De pedra, sim, canteiro por cantares e aparelhares
Com ela em rua e cama o falo fá-la cheia,
Canteiro porque o falo a julga flores, o canto
Áspero do canteiro de pedra e sémen que tu és
(No buraco do falo falaste),
Tu, falazão de amor, que a amas e conheces.
Amas a quem? Conheces quem? Pobre Hipocrene,
Apolo de pataco, Camões binocular, poeta de merda,
Embora isso em sangue dessa pobre alma em ferida:
A dela, a tua, cadela a tua pura e fiel no canto
De lama e amor como não há no charco em torno,
Maravilhoso canto só de soprares na ponta a um corno
E logo a sílaba e o inferno te obedecem
E as dores íntimas dela nas tuas falas se conhecem,
Sua íntima vergonha inconfessada desponta,
Passiflora penada, pequenina vulva triste
Em teu sémen sarada e já livre de afronta:
O canto em pedra e voz, psicóide e bem vibrado,
Límpido como o vidro a altas horas lavado,
Como o galo de bronze pela dor acordado,
No amor e na morte alevantado,
Da trampa mentirosa resgatado,
Como Dante o lavrou em pedra de Florença
E Deus to deu de amor por ela no atoleiro,
Flor menina de orvalho em amor verdadeiro?

Ainda terás amor e pedra de canto.
Fé nela e sua dor de arrependida e enganada,
Ou, enfim, amor a fogo dado e perdão puro...
Eu quero lá saber! Amor de Deus no canto

De misericórdia e paz, mesmo para os violentos
Da violada violeta, a breve miosótis
Ao canto unida e em tuas lágrimas orvalhada?
Cala-te e humilha-te como ela,
Que é maior do que tu no canto
E a esta hora só bebe talvez água salgada,
Oh poeta de água doce!

Mas, antes de calar espada e voz, responde:
Ainda terás alento e pedra de canto
Para cantar estas coisas,
Encantar outra vez a donzela roubada ou niña morta,
Enfim, o teu amor?
Dize lá, sem-vergonha,
Homem singelo:
Pois se nisto me mentes nunca mais a verás.

(Quem fala?).

(Revista «Colóquio/Letras», n.º 35, Janeiro de 1977.)

CARLOS DE OLIVEIRA

Filho de portugueses, nasceu no Brasil, em Belém do Pará, em 1921, tendo vindo para Portugal ainda criança. Morreu em Lisboa em 1981. Livros de poemas: *Turismo* (1942), *Mãe Pobre* (1945), *Colheita Perdida* (1948), *Descida aos Infernos* (1949), *Terra de Harmonia* (1950), *Cantata* (1960), *Sobre o Lado Esquerdo* (1968), *Micropaisagem* (1969), *Entre Duas Memórias* (1971), *Pastoral* (1976), antologiados depois, e sempre rigorosamente corrigidos, nos 2 volumes de *Trabalho Poético* (1977 e 1978). Escreveu ainda romances. *Finisterra* (1978), proposto como romance, é antes uma alegoria ficcionalmente articulada que pode ser lida na perspectiva de uma espécie de cartografia imaginária do autor, constituindo assim a melhor introdução ou o melhor comentário à sua obra.

RETRATO DO AUTOR POR CAMILO PESSANHA (COLAGEM)

A cinza arrefeceu sobre o brasido
das coisas não logradas ou perdidas:
olhos turvos de lágrimas contidas,
eu vi a luz em um país perdido.

INFÂNCIA

Sonhos
enormes como cedros
que é preciso
trazer de longe
aos ombros
para achar
no inverno da memória
este rumor
de lume:
o teu perfume,
lenha
da melancolia.

A GOMES LEAL

Como se ouvisse o medo das areias
onde a raiva do mar se penteasse
e o silêncio das conchas acordasse
na salgada memória das sereias:

Às horas em que os goivos ficam roxos
e morrem nos confins do chão celeste,
leio de espanto os versos que me deste,
quando o silêncio abre os olhos roxos.

Versos de fogo e de astros,
missas negras de rimas dissolutas
e a inocência das coisas impolutas
que bebem entre a lama um fulgor de astros.

Cóleras desgrenhadas
como os cabelos duma fúria ruiva,
a áspera visão duma montanha ruiva
onde as rosas floresçam desfolhadas.

Aves tangidas pelo vento,
pastor sombrio dum rebanho alado,
e os ramos infantis dum cedro derrubado
nos jardins do vento.

A dor a abrir em espinheiros de silêncio,
uma figura a sangue nos espelhos polares,
e a verde solidão de palácios lunares
onde a morte é mais flébil que o silêncio.

Assim te leio longamente
chorando sobre as páginas doridas,
aos pés do luto das mulheres doridas,
a piedade ausente.

E enquanto os anticristos simulados
erguem na taberna um cálice de altar.
aperto a mão duma loucura singular
que me desfolha os livros perturbados.

VISÃO DE JOSÉ GOMES FERREIRA NO VANDERMAN

Nos cimos,
onde a água esperava o momento de vir lavar os homens,
Você viu
por um súbito rasgão da insónia
os animais miúdos comidos pelos maiores, os maiores comidos pelos homens,
os homens roídos pela antropofagia e pelos dentes amarelos das estrelas.
Desde então,
o seu remorso brota de cada gota-recordação do Vanderman
e o tempo, devorando as estrelas, engorda mais com as grandes patas fulvas
atoladas em nossos corações,
essa lama de sangue.

DEBAIXO DO VULCÃO

alguém atirou um cão
morto às profundidades
Malcolm Lowry

I

Malcolm
Lowry: vivo
mal como Lowry,
bebo
bem como Mal-
colm, como
mal como
Malcolm
come:
álcool
Malcolm, al
coolm,
ó
alcolmalcolm,

II

ó frígida
tequilla
no sopé do vulcão
por onde
o vulnerável cão
do espírito
ladra
e lavra
a essência
recôndita
do álcool:
conte-a
a bebidíssima
exigência

III

do meu
último copo,
sempre o último,
cante-a
o ex-extinto
vulcão
e por instinto
o vulnerável
cão,
ou plante-a
o próprio Lowry,
frágil,
entre lava
e neve:

IV

tépido mescal
para inventar
a mescaligrafia
gémea do som
ou da sombria
pauta musical
onde as notas florescem
em breves,
compactas corolas,

e hastes
que sobem, descem
esguiamente
os degraus
dum jardim,

V

enquanto
os índios passam
depressa
mas de pedra,
ficam
antepondo-se
ao norte
que fabrica
os países
com vidro,
com vinho, com visões
de videiras vitais
debaixo
do vulcão.

VI

ó tépida tequilla,
existe ainda
o amor
e o vulnerável cão
do espírito
que lavra
cada palavra
oculta
por pudor
e a ladra
inutilmente
dentro
da garganta
vazia,

VII

frígido mescal
como um galope

na floresta
de vinho e vidro,
filtro
litro a litro,
animal,
animais,
e mais e só
o dorido espírito
do álcool,
Malcolm,
entre neve
e lava:

VIII

os índios passam,
bebo, ficam
na sombria
pauta musical,
e o vulnerável cão
do amor
sossega pelo menos
um instante,
enquanto
os índios
sobem, descem
esguiamente
os degraus
das pirâmides.

ÁRVORE

I

As raízes da árvore
rebentam
nesta página
inesperadamente,
por um motivo

obscuro
ou sem nenhum motivo,
invadem o poema
e estalam
monstruosas
buscando qualquer coisa
que está
em estratos
fundos,

II

talvez poços,
secretas
fontes primitivas,
depósitos, recessos
onde haja
um pouco de água
que as raízes
procuram
de página
em página
com a sua obsessão,
múltiplos filamentos
trespassando
o papel,

III

seguindo o fio
da tinta
que desenha
as palavras
e tenta
fugir ao tumulto
em que as raízes
grassam,
engrossam, embaraçam
a escrita
e o escritor:
como podem
crescer
de tal modo

IV

no poema,
se a árvore
foi dispersa
em pranchas de soalho,
em móveis e baús
que fecham
para sempre
coisas
tão esquecidas,
como podem
romper
de súbito impetuosas
na aridez
do livro

V

e perseguir-me
assim,
se a areia
donde vêm
já vitrificada
pelo tempo
oculta
a árvore que morreu:

procuram
instalar-se
no interior da linguagem
ou substituí-la
por uma
infiltração

VI

quase
mortalizante:
mas
de repente
como apareceram
as raízes sossegam

[que terão
encontrado?]
e retiram
com o mesmo fluxo
do mar que se retrai
e deixa
atrás de si
silêncio:

VII

é então que vejo
no halo mais antigo
a árvore desolada,
os ramos em que poisam
as aves
doutros livros,
e pressinto
as raízes
através da sílica
onde a família dorme
com os ossos dispostos
nessa arquitectura
duvidosa
de símbolos

VIII

que chegaram
aqui
de mão em mão
para caberem todos
na constelação
exígua
que fulgura
ao canto do quarto:
o baú ponteado
como o céu
por tachas amarelas,
por estrelas
pregadas na madeira
da árvore.

SONETO FIEL

Vocábulos de sílica, aspereza,
Chuva nas dunas, tojos, animais
Caçados entre névoas matinais,
A beleza que têm se é beleza.

O trabalho da plaina portuguesa,
As ondas de madeira artesanais
Deixando o seu fulgor nos areais,
A solidão coalhada sobre a mesa.

As sílabas de cedro, de papel,
A espuma vegetal, o selo de água,
Caindo-me nas mãos desde o início.

O abat-jour, o seu luar fiel,
Insinuando sem amor nem mágoa
A noite que cercou o meu ofício.

NATÁLIA CORREIA

Nasceu na Ilha de São Miguel, Açores, em 1923. Obras principais de poesia: *Dimensão Encontrada* (1957), *Passaporte* (1958), *Comunicação* (1959), *Cântico do País Emerso* (1961), *O Vinho e a Lira* (1967), *Mátria* (1969), *As Maçãs de Orestes* (1970), *A Mosca Iluminada* (1972), *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro* (1973), *Poemas a Rebate* (1975), *Epístola aos Iamitas* (1976), *O Dilúvio e a Pomba* (1979). Escreveu teatro, romance e ensaio. Organizou as recolhas *Antologia da Poesia Erótica e Satírica Portuguesa* (1966), *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* (1970), *Trovas de D. Dinis* (1970), *O Surrealismo na Poesia Portuguesa* (1973).

MÃE INFUSA

Ainda estão por dizer
as pudicas confidências
do tempo em que era possível
ouvir as hortênsias.

No quintal de incontinente
o maracujá enlanguescia
e pedra a pedra se reconstruía
a casa infinitamente.

Teu rosto ainda não vagueava
na noite fria do retrato.
Em que desmemoriada candeia
derramaste ó mãe o azeite intacto?

Dispunhas as jóias do inverno
para a festa cálida do verão.
Por certo alguma levaste
passando-a ao fisco da morte
para que uma romã te assinalasse
no caso que o vento espalhasse
o pólen da tua mão.

Eis-te todavia sem ossos
mas mais do que nunca infusa
em teu ovular desvelo
e eu carnalmente intrusa
pressinto que para tocar-te
enfermo de longos cabelos.

AUTOGÉNESE

Nascitura estava
sem faca nos dentes
cómoda e impura
de não ter vontade
de bater nas gentes.

Nasce-se em setúbal
nasce-se em pequim
eu sou dos açores
(relativamente
naquilo que tenho
de basalto e flores)
mas não é assim:
a gente só nasce
quando somos nós
que temos as dores.

Pragas e castigos
foram-me gerando
por trás dos postigos
e fórceps de raiva
me arrancaram toda
em sangue de mim.

Nascitura estava
sorria e jantava
e um beijo me deste
tu Pedro ou Silvestre
turvo namorado
do verão ou de outono
hibernal afecto
casca azul do sono
sem unhas do feto.

Eu nasci das balas
eu cresci das setas
que em prendas de sala
me foram jogando
os mulheres poetas
eu nasci dos seios
dores que me cresceram
pomos do ciúme
dos que os não morderam

nasci de me verem
sempre de soslaio
de eu dizer em junho
e eles em maio
de ser como eles
as vezes por fora
mas nunca por dentro
perfil de uma estátua
que não sou de frente.

Nascitura estava
e mais que imperfeita
de ser sorte ou dado
que qualquer mão deita.

Eu nasci de haver
os bairros da lata
do dedo que escapa
dos sapatos rotos
da fome que mata
o que quer nascer
e que o sábio guarda
em frascos de abortos

eu nasci de ver
cheirar e ouvir
dum odor a mortos
(judeus enlatados
para caberem mais
mas desinfectados)
pelas chaminés
nazis a sair
de te ver passar
de me despedir
de teus olhos tristes
como se existisses.

Nascitura estava
tom de rosa pulcra
eu me declinava
vésper em latim
impura de todos
gostarem de mim.

MÃE ILHA

Para Lisboa me trouxeram
não de uma vez e embarcada
minha longa matéria foi
pouco a pouco transportada

recém-vinda de ficada
em morosa maravilha
sempre a chegar a Lisboa
e sempre a ficar na ilha

ali num jardim que o chapéu
de bruma para o mar inclinava
um neurasténico banco
só de poetas gostava

banco onde Antero deixara
a pistola como um segredo
peguei na pistola e brinco à bala
que não dispara esse brinquedo

ali a saudade senta
numa cadeira um ideal de avó
avó de estampa poeirenta
a que a saudade vai limpando o pó

posta na sala como a mobília
ela era o móvel do mistério
imperturbável se alguém da família
se mudava para o cemitério

guardar as coisas que o morto via
era o seu lícito cofre de louca
o morto dava-lhe flores que colhia
e ela guardava-as no céu da boca

madura a saudade entra
como o plenilúnio nas fotografias
abrem-se as sementes da noite que tapa
um sossego morno de inhames e tias

folhas que a infância nos deixa na boca
ao vento que sopra debaixo da língua
tia Santo Cristo era a tia boa
morreu de amor essa tia

tímida Cleópatra foi morrer no Egipto
(Egipto é o manicómio de lá)
e nesse idioma esquisito
falava com os anjos tu cá tu lá

o aterro era um sítio que havia
para a gente querer embarcar
Santa Maria era a pérola
mais próxima desse colar

de países distâncias que apertam
o pescoço do insular
que é hermafrodita de ver
o que não pode enxergar

ilha a bater como o sangue
ilha como a maternal paciência
da morta, minha mãe de vapor
a sufocar-me sem aparência

a insinuar entre os móveis
sua nuvem de desaparecida
sua matéria subtil de troça
deste lado espesso da vida

derramada gota de leite
de mãe sempre a acontecer
o som da sombra da casa
nos maracujás a bater

mãe volátil mãe mãe correndo
no sangue voador dos rapazes
pela tarde dentro e eu escondida
entre as aspas dos ananases

mãe sobre os ombros da noite
a fazer-me poeta a olhar
o eterno espectáculo que o céu
dá no palco do seu último andar

mãe ilha mãe cúmulo mãe água
a pingar das telhas do sonho
castiçal de impossíveis palavras
tempo lírico de que disponho

Para Lisboa me trouxeram
mais me trouxessem daquela

ilha de pincel durável
que só pinta longe dela

que há milhões de hortênsias prepara
minha variedade de azuis.
A menina que fui agora
vai dormir.
Mais luz!
Mais luz!

REBIS

Oh a mulher como é côncava
de teclas ter no abdómen
de sua porção de seda
ser o curso do rio homem

como é mina espadanar de água
na cama abobadada de homem
gargalhada de lustre se sentada
dique de nuvens estar de dólmen!

Oh o homem como é ângulo
aberto de procurar
o sítio onde nasce o ouro
na salmoura da mulher mar

como é cúpula de copular
nadador de braçadas de mirto
como é nado de a nado formar
o quadrado da mulher círculo!

Oh os dois como se fundem
na preia-mar dos lençóis
despidos como fogo e água
deus de dois ventres ferozes
e quatro olhos de fava!

O NASCIMENTO DO POETA

Ora foi num dia treze
que em seu bíblico lugar de dor
minha mãe deu por completas
as letras do meu teor

porque para acabar o mundo
era precisa a minha mão
do azul calafetado
caí nas facas do chão

machucada de nascida
da minha sofrida região
pus-me a levantar o mapa
em ponto de exclamação

assim na câmara escura
de cada privada saliência
meus olhos se revelaram
negativos da ausência

Soube que o tempo é uma luva
anti-séptica que o infinito
calça para joeirar
sem contágio o nosso trigo

daí o amor ser o meio
do homem dividido em dois
e a pior metade é estarmos
à espera de sermos depois

Soube que quando a amargura
nos gasta a pintura aparece
a cor que teriam os olhos
de um deus apócrifo se viesse

não refulgente ou teologal
tão pouco suspensa espada
mas ocasional como vestir
uma camisa lavada

porque a vida é a ocupação
do único espaço disponível
para o possível amanhã
da nossa véspera impossível

e o sidério adeus mistério
é um queijo de paciência
para a gulodice da terra
(e não perdi a inocência)

Soube coisas que sabê-las
foi eu ir ficando nua
como no apocalipse uma última
pedra vestida de lua

como no fim do mundo um lírico
verme a recomeçá-lo
a beber estrelas e peixes
pelo seu estreito gargalo

Como eu em amorosa
posição de cana erecta
a pescar no indizível
o sinónimo de poeta

AS ANAMORFOSES

Arruinar a perspectiva como factor da realidade, projectando as formas para fora de si mesmas, deslocando-as de maneira que surjam reestabelecidas, quando vistas de um ponto determinado, tal é a técnica alucinatória da perspectiva anamorfótica.

Jurgis Baltrusaïtis, no seu fascinante ensaio *Anamorphoses ou Perspectives Curieuses*, distingue, para além da simples curiosidade técnica, o extracto poético da anamorfose cuja maravilhosa receita constituiu um dos tesouros da alquimia plástica do século XVI: «[O sistema] contém uma poética da abstracção, um mecanismo poderoso da ilusão óptica e uma filosofia da realidade factícia. É um enigma figurado, um monstro, um prodígio. Pertencendo ao mundo das singularidades que nas profundezas humanas têm sempre um "gabinete" e um refúgio, a anamorfose transborda muitas vezes do quadro hermético.» Este sistema fantástico de formas que, vistas de frente, são uma mistura confusa de figuras esticadas e insignificativas, mas que, quando observadas obliquamente, se apertam em proporções justas, teve uma importante intervenção na génese da arte surrealista.

Mas a anamorfose não se reduz ao circuito da imagética plástica. Há também uma perspectiva mental anamorfótica, ou seja, a depravação da perspectiva lógica. O cerne da visão poética é o «olho selvagem do poeta».

A poesia não é uma revisão das coisas, mas a visão pura, inaugural. Tanto quanto o racionalismo descreve a visão frontal, a razão poética subentende uma visão que só é oblíqua por antinomia com a perspectiva mental do realismo. Para a mente poética, as coisas têm significações aberrantes quando vistas de frente, recuperando gradualmente a sua essência à medida que o pensá-las se desloca para o outro ponto, o ponto cândido da perspectiva poética. Um lugar que no contexto surrealista é a fusão do sonho, do amor e da liberdade. As coisas simplificam-se para o poeta quando começam a ser absurdo para os outros. Mas é neste «absurdo para os outros» que os surrealistas vêem a esperança de realizar a união total do mundo visível e do mundo imaginário.

Ernesto Sampaio, usando um dos vocabulários portugueses mais atentos à poética do surrealismo, detecta, no campo da vagabundagem surrealista em busca dos «choques reveladores», a função ética da perspectiva subversiva que aqui traduzimos por anamorfose: «Para ele [o poeta], ser livre é conservar intacta a necessidade da consciência que visa a transformação do estado entre a multiplicidade de estados relativos do ser, que mais se ajusta ao ponto equilibrante onde se fundem a lei contingente da matéria e a liberdade do espírito. A preservação dessa necessidade vai de par, nele, com a denúncia de todo o sistema arbitrário cuja estrutura seja precária e pretenda possuir um valor absoluto. Ele tem de descobrir o seu próprio sistema de aferição do real, a sua própria *física*, arruinando a actual, comportando-se sempre, em relação às "verdades" do mundo e em relação à sua própria percepção, duma maneira subversiva.»

O conceito de valor absoluto, eis a «monstruosidade» que se corrige quando a percepção poética, numa operação anamorfótica correlata à *significação* da poesia, se desloca da posição lógico-frontal para o «ponto equilibrante» de onde o real é aferível.

AS MÁQUINAS INFERNAIS

Não é de espantar que, de acordo com o ateísmo surrealista, Breton relacione a crença nos «espíritos» com uma «terminologia nauseabunda». Mas como conciliar esta repugnância pela «pungente literatura espírita» com o bom acolhimento que o mesmo Breton reserva às potências das trevas convocadas por Desnos na «época dos sonos» e com a saudação dirigida a Dali na qualidade de enviado de misteriosas potências?

Bem entendido que o surrealismo não se gaba de fugir à contradição, que é precisamente a sua força de ataque às interpretações unilaterais do racionalismo limitativo. Antes pelo contrário. A contradição é fecunda dado que as coisas se exprimem pelo seu contrário. Mas uma contradição deste

tipo comprometeria gravemente a aversão fundamental do surrealismo por uma escatologia de proveniência teológica, anulando os pontos de apoio da cosmologia surrealista. A incoerência não se verifica portanto; mas, para a afastar, importa demonstrar que a ideia de Deus não comparece, em definitivo, no clima de danação e na horda de potências malditas que participam do *sabbat* surrealista.

Antes do mais, convém esclarecer que a designação de potências malditas é uma «reiteração irónica» das forças que, primitivamente sacralizadas, foram depois relegadas pelo cristianismo para o império do Demónio, dada a sua relação com a magia sexual. Essas forças consideradas diabólicas pelo pensamento religioso, que no pensamento mágico via o perigo da afirmação da vontade do homem contra o *fatum*, ao servirem a rebelião do homem em face da divindade, são acarinhadas pelo surrealismo, que dignifica a subversão simbolizada pelo cristianismo no anjo rebelde. Trata-se, consequentemente, de propugnar pelo exercício de um poder usurpado pela atitude religiosa que, ao vilipendiar os agentes psíquicos que punham o homem em correspondência com a natureza e, portanto, em condições de actuar sobre ela e de a transformar, fez tábua rasa dos direitos naturais do homem. É neste sentido que Jules Monnerot pode afirmar que, na acepção surrealista, a «definição do mal é apenas a nostalgia da legitimidade perdida». Deste ponto de vista, o mal não oferece a atracção pecaminosa do proibido, a deleitosa monstruosidade do clandestino. O que impressiona os surrealistas em Sade, sublinha ainda J. Monnerot, não é o sadismo, mas a honestidade intelectual. Comparável à ideia emancipadora do mal, tal como releva do furor lúcido de Sade, é a máquina infernal das *Canções de Maldoror*. Por outras palavras, as de Pierre-Quint em *Le comte de Lautréamont et Dieu*: «Sendo o mal para Lautréamont (como para Hegel) a forma sob a qual se apresenta a força motriz do desenvolvimento histórico, importa fortificá-lo na sua razão de ser, e a melhor forma de realizar este intento é dar-lhe, como fundamento, os desejos proibidos, inerentes à actividade sexual primitiva tal como se manifestam de forma particular no sadismo.» O compromisso com as potências malditas dirige-se assim ao significado humano do mal, tomando a palavra «humano» não no sentido moral ou humanitário, mas objectivo.

Como sempre que nos voltamos para qualquer dos quatro pontos cardeais do surrealismo, é ainda o problema da liberdade que está em causa e se confunde com a simpatia do espírito surrealista pela deflagração das potências tenebrosas. Extirpar Deus das consciências e a «racaille tonsurée» da sociedade é um ponto de honra da *praxis* surrealista que continua a insistir pela voz de um dos membros sobreviventes do grupo [1]. «Não basta que façamos nossa a divisa anarquista: *Nem Deus, nem Senhor*; importa despertar no homem a necessidade do maravilhoso que lhe foi sonegado pelas forças conjugadas do teísmo e do racionalismo. Eis a missão do surrealismo.»

[1] Jean Schuster, «Le Surréalisme et la liberté», in *Le Surréalisme, Entretiens dirigés par Ferdinand Alquié.*

Nestes termos, se o surrealismo empreende uma luta contra Deus, não é por reconhecer a sua existência essencial, mas a presença opressora da ideia de Deus nas consciências. O *agrément* dado às potências malditas pelo surrealismo distancia-nos do satanismo de Baudelaire e de Gomes Leal, que todavia, sobretudo no último caso, tem o mérito surrealizante de reacender o facho da revolta luciferina contra o tirânico policiamento da «racaille tonsurée». A profanação da hóstia louvada por Breton e o seu voto, quando propõe a reconstrução da arca, de ver regressar desta vez não a pomba (o Espírito Santo), mas o corvo (Satã), não são mais do que a convocação dos fantasmas emancipadores do homem cindido pela técnica religiosa do Bem e do Mal. Satã não é pois um deus, mas a negação de Deus. Uma negação necessária e libertadora.

As manobras mágicas (a crença nocturna na eficácia do desejo e do sentimento [1]), a danação (o espírito reconduzido ao estado puro de negar Deus) e todas as operações da mântica são os «visiteurs du soir» que na noite surrealista trabalham para garantir a sobrevivência dos nossos poderes anteriores à separação. É a noite da alma em que Michaux, abertos os seus olhos pela droga para as visões interiores, vê numa «espécie de demonstração luciferina as formas mais banais, mais quaisquer, "proclamarem" serem pertenças da única e impura realidade». É a noite romântica, a consciência que se abisma na própria noite para mergulhar na plenitude da vida escondida. É na desocultação desta vida sonegada pelo separatismo teísta e racionalista que o surrealismo vê a esperança da reconstrução do homem. Por isso, o seu pacto com a Noite e com as potências mágicas que ela liberta.

AS METAMORFOSES E A ALQUIMIA SURREALISTA

«Tudo leva a crer que existe um certo ponto do espírito onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o que está em cima e o que está em baixo, deixam de ser apercebidos contrariamente.»

Esta reconciliação dos contrários, exposta por Breton no *Segundo Manifesto,* é paralela do primeiro arcano da via iniciática: *Tudo o que está em cima é igual ao que está em baixo.* Tal é a filosofia da unidade proposta pela tradição iniciática. O universo do infinitamente grande é idêntico ao universo do infinitamente pequeno. Ao concentrar-se sobre si mesmo, transportando-se à própria mónada para captar estas leis, o homem decifra, por analogia, o mesmo processo no mundo cósmico.

[1] Hubert e Mauss, *Théorie Générale de la Magie*, cit. por J. Monnerot, *La Poésie Moderne et le Sacré.*

A aspiração fundamental do surrealismo à grande síntese, sem condescender com a divinização da unidade do esoterismo iniciático, que o surrealismo substitui por um conceito de pampsiquismo, haveria de incitar Breton a apaixonar-se pelo aspecto oculto-materialista da alquimia, que, neste aspecto esotérico, observa os mesmos princípios da alquimia esotérica ou mística.

Tal como na concepção esotérica, o surrealismo fixa-se na convicção de que o homem não pode ser encarado como um ser definitivo e estático. Cada artista (o homem que assume a transformação do mundo na modificação da tonalidade do seu ser) deve retomar a demanda do tosão de ouro, ou seja, o troféu que assinala o seu encontro com o carneiro solar, símbolo da Grande Obra.

Mas a transformação do homem não se opera sem uma radical alteração da relação entre o sujeito e o objecto. A metamorfose do homem implica a metamorfose dos objectos, que aparecem alterados no plano do seu psiquismo modificado. Assim, a alquimia verbal (a poesia) não decorre de uma especulação fantasiosa, mas da vontade de decifrar as mensagens dissimuladas da unidade na linguagem cifrada do mundo envolvente. Nesta acepção, o objectivo da poesia é comparável à finalidade da Grande Obra: fazer penetrar o homem nos segredos do cosmos. A matéria-prima de que são compostos os elementos nunca se modifica, segundo a lei de harmonia e unidade do universo. As mudanças verificadas são apenas alterações de forma que correspondem às proporções em que os compostos se combinam. Da mesma forma que, mediante a operação alquímica, uma coisa se pode transmutar noutra, sendo possível, através de múltiplas combinações, fabricar o ouro, a operação poética tem em vista, no seu proteísmo semântico, a aurificação do ser. A poesia de carácter metamorfótico, tal como a exige a alquimia surrealista, pressupõe, portanto, uma noção mágico-concreta dos elementos verbais poeticamente relacionados que, como as expressões visual, olfactiva e táctil, são, numa apropriada observação de Philéas Lebesgue, «vibrações que se correspondem e cujas múltiplas analogias constituem matérias de incessantes investigações; gamas que de uma a outra formam uma série de misteriosos acordos».

Em termos surrealistas, a poesia é essencialmente uma *Ars aurifera* e as metamorfoses que ocorrem no seu espaço alquímico correspondem à tentativa de estabelecer novos acordos. Pela transmutação do material verbal, o surrealismo tem como alvo a metamorfose do homem e do mundo.

AS INTERPRETAÇÕES DELIRANTES

«O poeta faz-se vidente mediante um longo, imenso e raciocinado desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de

loucura; busca-se a si mesmo, em si mesmo consome todos os venenos para só reter a sua quinta-essência. Inefável tortura que exige toda a fé, toda a força sobre-humana, e o converte no maior enfermo entre todos, o grande maldito e o Sábio Supremo!...»

Esta temerária incursão no abismo dos estados alucinatórios, proposta por Rimbaud, tornou-se para o surrealismo uma lei essencial.

Em 1928, na celebração dos estudos celebrados por Charcot sobre a histeria cinquenta anos antes, os surrealistas tornam pública uma nova definição do histerismo, que consideram um comportamento expressivo, não patológico ou aberrante, como se admite, mas, ao contrário, a maior descoberta poética dos fins do século XIX.

Este fascínio pela sistematização das interpretações delirantes, a fim de desacreditar o mundo da realidade, transforma-se numa das bandeiras das guerrilhas surrealistas que assimilam a actividade paranóico-crítica, pregada por Dali, ou seja, «o método espontâneo de conhecimento irracional baseado na associação crítico-interpretativa dos fenómenos delirantes». É ainda esta valorização obsessiva da alienação criadora que levará Breton e Éluard, nos textos consagrados às possessões, a simularem a debilidade mental, a mania, a paralisia geral, o delírio de interpretação e a demência precoce, declarando terem descoberto em si, nesse novo exercício do pensamento, recursos até aí insuspeitados. Hoje, a acção do surrealismo, contribuindo para a revisão do problema da psiquiatria, é reconhecida pelo doutor Gaston Ferdière, que admite terem os surrealistas «ajudado a repensar a psiquiatria e a personalidade do psiquiatra no que respeita o seu papel e a sua função».

Esta atenta submissão do surrealismo à recriação delirante da realidade posta de quarentena pela razão não se fixa meramente à questão da loucura arbitrariamente inventariada pela psiquiatria, mas a um suicidário que nos anais do surrealismo tem uma não escassa lista fúnebre, e às experiências delirantes provocadas pela droga e pelo álcool. Não basta alterar as estruturas verbais mas também modificar a atitude fundamental da consciência, libertar o espírito das cadeias das normas racionais. Só assim pode o surrealismo alcançar aquilo que tem como alvo permanente: subverter e desprestigiar o mundo, tal como ele se apresenta com o seu cortejo de regras sufocantes e deformadoras. Nesta perspectiva, a tensão alucinatória é extremamente válida, ainda que resulte de uma alienação mental psicopática, dado que o pensamento essencialmente delirante se organiza segundo as leis do pensamento onírico. Apenas, para citarmos a fórmula de Henri Ey, enquanto o alienado é maravilhoso, o artista *faz* o maravilhoso. É aqui que interfere o verdadeiro significado do preceito rimbaudiano adoptado pelo surrealismo. Não é o desregramento em estado bruto que confere vidência poética, mas o acto de o mimar, ou seja, o desregramento raciocinado que se desenvolve ligado ao seu contrário, a razão, sem a qual não pode ser canalizado para a vidência significativa. Como sempre, o surrealismo, através da alucinação voluntária, procura conquistar novas áreas para o conhecimento, estabelecendo o intercâmbio entre o real e o imaginário.

MÁRIO CESARINY (DE VASCONCELOS)

Nasceu em Lisboa em 1923. Publicou *Corpo Visível* (1950), *Discurso Sobre a Reabilitação do Real Quotidiano* (1952), *Louvor e Simplificação de Álvaro de Campos* (1953), *Manual de Prestidigitação* (1956), *Pena Capital* (1957), *Alguns Mitos Maiores Alguns Mitos Menores Propostos à Circulação pelo Autor* (1958), *Nobilíssima Visão* (1959), *Poesia* (1961), *Planisfério e Outros Poemas* (1961), *A Cidade Queimada* (1965), *19 Projectos de Prémio Aldonso Ortigão seguidos de Poemas de Londres* (1971), *Burlescas, Teóricas e Sentimentais* (1972), *Titânia e A Cidade Queimada* (1977), *Sombra de Almagre* (1984), *Vieira da Silva / Arpad Szenes ou O Castelo Surrealista* (1984). Textos seus dispersos foram agrupados no volume *As Mãos na Água A Cabeça no Mar* (1972). Organizou ainda as colectâneas *Antologia Surrealista do Cadáver-Esquisito* (1961), *Surrealismo/Abjeccionismo* (1963), *A Intervenção Surrealista* (1966) e, a mais ambiciosa de todas, *Textos de Afirmação e de Combate do Movimento Surrealista Mundial* (1977). Na reedição dos poemas, de que já apareceram três volumes, o autor adoptou um encadeamento diferente, abrindo novas perspectivas sobre a sua obra, o que tem desconcertado alguns dos seus antigos leitores.

ALGUMAS LIGAÇÕES

Ao automatismo psíquico descoberto por Breton com maravilha tal que chegou a identificá-lo como o móbil primeiro do surrealismo — Liberdade — não se fizeram logo as reservas devidas a uma operação em curso exigindo atmosfera bacteriologicamente pura. Mas logo se constatou, com outra vez Breton na fila dos inquiridores, que, se o automatismo preside a toda a grande inspiração poética, também se afirma muito bem sem ela em miríades de actos, palavras e obras que estão para a poesia como o gato está para o rato (à espera). Nada mais interior ao automatismo do que os inúmeros mecanismos do hábito, do *instinto de conservação* — o qual, servido a reflexo condicionado (cães de Pavlov, poetas de arte, cartas de loucos, etc.), pode quanto queira usar-se da palavra Liberdade que nem por isso passa menos longe do verbo que se entende em Libertação. Aviso.

De qualquer ponto de vista hegeliano, os quatro Fernandos Pessoas são um escândalo. Do ponto de vista cartesiano, eles são a própria demonstração do *cogito ergo sum*, são o cadáver-esquisito da pessoa humana. Não se duvida que a filosofia pós-hegeliana tenha seu caminho certo nos seus discípulos Strauss, Engels, Feuerbach, etc. Mas também certo que só os poetas, só certos poetas, podem fazer saber que nenhuma das várias idades do conhecimento, infância, adolescência, virilidade, maturidade, morte, é mais, ou menos, que qualquer das outras. Pior: sem a noção de um cadáver-esquisito procedendo por saltos na natureza humana vai ser muito difícil perceber a tal unidade-homem, e ainda toda a soma mais que parcela, além do amor das partes pelo todo. No tempo de Descartes, saber isto, e dizê-lo, equivalia a levar logo com a tranca. Homenagem.

Também: que o cadáver-esquisito surrealista saúda, ao passar, o actual monstro Pessoa-Campos-Caeiro-Reis, culpado só, ante quem queira mais, de inseminação artificial por 1 mais 1 mais 1 igual a um que já estava. Por movimento contrário procede o cadáver-esquisito que é poesia, o qual tende a fundir num só total delirante parcelas diferenciadas como 7 mais 4 mais 5

igual a um que aparece e é um homem que marcha de olhos muito abertos através pontos-vácuo da universal matéria. A qual não é lógica, nem ilógica, nem grande ou pequena, nem convexa, nem côncava. Mas com o sinal mais ou com o sinal menos, esta matemática do conhecimento pode dizer-se sem erro que é a mesma. Caminho?

Uma urna eleitoral realmente urna e realmente eleitoral é uma morada do cadáver-esquisito: o máximo de liberdade de expressão individual gerando o máximo disponível de expressão colectiva. Como no cadáver-esquisito, escrito ou desenhado, o resultado é concreto e as pontes de ligação abstractas.

O acto amoroso par é uma morada do cadáver-esquisito e a única onde a parte é igual ao todo num espaço fechado, hermético, circunscrito.

Os loucos são o pneuma do cadáver-esquisito. «Como se chama? — Quarenta e duas casas» (sintoma de Ganser, citado por Breton no Primeiro Manifesto).

A CIÊNCIA é A Morada do cadáver-esquisito.

(*Antologia «A Intervenção Surrealista», 1966.*)

AUTOGRAFIA

I

Sou um homem
um poeta
uma máquina de passar vidro colorido
um copo uma pedra
uma pedra configurada
um avião que sobe levando-te nos seus braços
que atravessam agora o último glaciar da terra

O meu nome está farto de ser escrito na lista dos tiranos: condenado à morte!
os dias e as noites deste século têm gritado tanto no meu peito que existe
    nele uma árvore miraculada
tenho um pé que já deu a volta ao mundo
e a família na rua
um é loiro
outro é moreno
e nunca se encontrarão
conheço a tua voz como os meus dedos

(antes de conhecer-te já eu te ia beijar a tua casa)
tenho um sol sobre a pleura
e toda a água do mar à minha espera
quando amo imito o movimento das marés
e os assassínios mais vulgares do ano
sou, por fora de mim, a minha gabardine
e eu o pico do Everest
posso ser visto à noite na companhia de gente altamente suspeita
e nunca de dia a teus pés florindo a tua boca
porque tu és o dia porque tu és
a terra onde eu há milhares de anos vivo a parábola
do rei morto, do vento e da primavera
Quanto ao de toda a gente — tenho visto qualquer coisa.
Viagens a Paris — já se arranjaram algumas.
Enlaces e divórcios de ocasião — não foram poucos.
Conversas com meteoros internacionais — também já por cá passaram.
Eu sou, no sentido mais enérgico da palavra
uma carruagem de propulsão por hálito
os amigos que tive as mulheres que assombrei as ruas por onde passei uma só vez
tudo isso vive em mim para uma só história
de sentido ainda oculto
magnífica irreal
como uma povoação abandonada aos lobos
lapidar e seca
como uma linha férrea ultrajada pelo tempo
é por isso que eu trago um certo peso extinto
nas costas
a servir de combustível
e é por isso que eu acho que as paisagens ainda hão-de vir a ser escrupulosamente electrocutadas vivas
para não termos de atirá-las semimortas à linha

E para dizer-te tudo
dir-te-ei que aos meus vinte e cinco anos de existência solar estou em franca ascensão para ti O Magnífico
na cama no espaço duma pedra em Lisboa-Os-Sustos
e que o homem-expedição de que não há notícias nos jornais nem lágrimas à porta das famílias
sou eu meu bem sou eu partido de manhã encontrado perdido entre lagos de incêndio e o teu retrato grande!

II

E era uma vez este homem
que era um chevrolet

casado com uma mulher de vidro
que era uma colher de prata
Tempos depois sobreveio uma zanga
que era uma criança nua
entre umas tábuas de passar a ferro
e dois elevadores lindíssimos

Metrónomo (disseram eles)

Verdadeira saudade pernilonga
o pára-raios pôs-se a esfalfar romanticamente o toldo de uma máquina
de escrever disposta para o amor às quatro no interior de um quarto
que era uma planície redonda semeada de vírgulas violeta
com um pequeno garfo nas costas
que era o amanhecer que é uma árvore
na boca de uma mosca de veludo rosa

Metrónomo metrónomo (disseram eles ainda)
é uma árvore é uma pedra que vai começar o terceiro canto?

É a aflição dos outros, meu amor.

Lembro-me de tudo como se fosse hoje
as crianças brincavam nos jardins
com um pequeno garfo nas costas
sem dúvida o mesmo de há bocado
e até era domingo vê lá tu
de repente apareceste muito devagar a meu lado
arrastando sem esforço dois aparadores baratíssimos
ai! a minha tristeza não era uma barca
breve houve lapidações em série
com um ligeiro clic de chaufagem aberta
todos os meus irmãos começaram a andar velozmente para trás
pobres dos meus irmãos que será feito deles e de nós que fizemos?

Impossível saber-se até onde irá connosco a nossa confiança

Ficaste, mão que aperto todas as manhãs para atravessar incólume
os espaços vazios
Ficaste, peito sangrento do mundo largada para o sol entre os bichos e eu
tu meu único amor meu amor meu múltiplo amor meu
tu que és uma mesa redonda enamorada dos seus próprios círculos
um alcaide sem discos um maço de cigarros
que se descobriu flor
que se descobriu água
que se abriu de repente
que gritou de repente

que implantou na minha vida de repente a corola perfeita
da desorganização

Não me encontrarás como um anel na curvatura I — Z do teu dedo mindinho
nem na treva que exalta os teus cabelos
nem no espantoso *hall* da tua testa fechada iluminadíssima
encontrar-me-ás numa nuvem de escamas milimétricas em torno da tua boca
com toda a força principal na boca
ou nesta casa que é um homem morto
rodeado de rostos sempre translúcidos

— Onde está o homem que era um chevrolet
casado com uma vírgula de amianto?
Certo e sabido que anda sobre as águas que o matei sem querer
estas estrelas brilham com tal nitidez
que acabam sempre por tornar-se suspeitas

Não importa transfigurá-lo-ei em poderoso egípcio

Abracadabra! Vram! Abracadabra!

Os teus olhos estão belos como a lua dos rios exteriores

A CARTA EM 1957

Quando assentaram em que era urgente o poeta apesar dos olhares que ele
lançava a tudo e daqueles casacos de trazer pelos mapas
todos se viram a braços com mil dificuldades
em primeiro lugar a da morada
Um prédio da cor dos pássaros disse o ao fundo da sala
fora deixa lá ver dois anos antes
ou já tivera *aquilo* e era depois? não interessa
de qualquer forma jardim do tabaco
carnide portas de loures
alto magro peludo pouco de aconselhar
escrevia não escrevia
cumprimentava não cumprimentava
ia não ia demais
provavelmente até onde os outros estavam quietos

era ele!

posto o que entraram os jornalistas em acção
por meio de telegramas:
se não se tinha visto se seria possível ah isso é que era obrigada desligo
e sondaram também algumas mulheres de porte sexual
que atribuíram aquele preguntâme todo às polícias políticas
e não abriram bico sobre coisíssima nenhuma
e ainda se riram deles fazendo imitações

Bem
havia outros poetas mas esses já estavam de acordo
até pela apresentação a tempo e horas
de valorosos trabalhos eleitorais
simples fortes de resultado à vista — nada de metafísicas! —
como se tinha visto nas também grandiosas
eleições anteriores
esses porém estavam certos mais que certos
o que convinha agora era que o outro aparecesse
não fossem lá os bandalhos julgar
que o poeta estava com eles ou que se calava
num grande insulto a todos
(é dizer: de propósito)

Volta não volta veio uma informação de paris
mas tão contraditória sendo boa
que até fazia mal lê-la
segundo o relato o poeta estava agora
em três sítios ao mesmo tempo
na negra moscóvia
na branquíssima washington
e nas londres
além disso
e aqui o informador amarfanhara um pouco o papel do relato
o-homem-tinha-um-plano

Um Plano!
exclamaram os poetas politas de Lisboa
sabe deus se conforme
com a excelsa dignidade que nos leva
neste momento da consciência humana
às eleições igualmente grandiosas

Entretanto
algures
rua amália kandinsky
o poeta premia os intestinos

tinha acabado de traduzir Rimbaud
e preparava atmosfera para mais
alguns trabalhos decentes em prosa rítmica
a literatura propriamente saía-lhe
a barriga é que estava cada vez pior
a um febrão sucedia-se outro
com mais sal e pimenta à volta do prato limpo
os graves problemas da pátria enferma
como que coincidiam (na região do corpo)
co'aquela aguda sensação de desgraça
que ia do externo ao sexo e à região das mãos
de modo que pela pátria ele ia com certeza
assim lhe dissessem onde
nunca tal lhe seria mais difícil
do que evacuar depois de dez dias de molho
ou saber vomitar apenas as coisas más

Diga-se agora em abono da verdade
que um poeta nem sempre é tal qual uma pátria
não tem hotéis nem caminhos de ferro
nem imprensa por ele nem ordenado
onde se engana não vê quem o corrija
até ficam contentes
e qualquer juiz do supremo é mais a sério que ele
(também que por isso mesmo se tem visto
muitíssimo bom poeta na enxovia)

Quanto ao da liberdade
o poeta atingira os tamanhos adultos
num grande cemitério sempre cheio à força
de jazigos que não assentavam na terra
nem ficavam no ar eram como flores brancas
onde as pessoas se deitavam a respirar
pequenos dísticos saíam da terra húmida
o mais impressivo de todos rezava assim
— o homem que queria fazer uma revolução veio para aqui pensar nisso
não maces a sua forma de revolução —

Apesar disso
ou já com isso às costas
o poeta forjara realmente um plano:
louvar o ser amado
ter amigos leais
escrever todos os dias ou dia sim dia não
publicar (o possível)
e protestar com lhaneza com simplicidade quer pessoalmente quer por telegramas contra toda e qualquer prepotência mandona

Este plano tão simples tão nacional
é que ficara longe da realização
para amar com decência eram precisas muitas muitas coisas
principalmente gente menos zangada
para ter amigos leais que seria preciso?
e protestar com lhaneza com simplicidade quem pode ter lhaneza e simplicidade quando lhe dão para baixo em cima do cabelo com um pau?

AUTORACTOR

Entre o amor que mata e o amor que se mata
descem rápido o pano do 4.º acto
é o fim
contanto que nos deixem representar ainda
o formoso episódio do encontro no bosque
imagem do nosso trânsito único magistério
tirado da nossa água e feito com ela
idos cada vez mais ao nível da fénix
em carne e sangue vivos ao pé de nós descem rápido
o pano do 4.º acto
na plateia vazia sentou-se a metralhadora
e esta? não era costume
personagem tão nobre entrar assim
quando a peça vai ainda no ensaio
e das intenções do autor por ora falam apenas
os olhos em forma de til do prédio em frente

Do que me conta à noite a cabeça de corvo dos séculos dos séculos
(teu pai o sol tua matriz a lua teu filho o mais capaz o mais esbelto o mais livre etc)
a morte morte mesmo entra pelo tecto
tum
recondução do corpo ao estado de corpo
comissura dos lábios e da caliça
os actores o autor a criançada e os outros
(se há alguns reis então é um sucesso)
procedam à reverência
procedem à profunda reverência
a esta bem conhecida ou como tal celebrada comissária indutora das coisas sublimes de cima e das coisas sublimes de baixo

a morte agradece soluça voa pelos camarotes estende alguns pelo caminho
contentíssima
e volta de novo a sentar-se

Assim era no tempo dos imperadores
e das primeiras repúblicas
aviões baratos e fortes, de fumaça anestesiante
ronronavam à entrada das cidades
para que não florescesse no canteiro errado
Melmoth o homem errante
testa de assassino
cara de labareda
perfil de suplício
boca de tempestade
à imagem e semelhança dos vinhos mais espumosos e comprimidos
certos homens por sua forma e cheiro nunca admitidos ao espectáculo de
gala da nova comida
rebentavam de vida por asfixia
e culminado o total pelo voo rasante de um que outro percebes
perdido da base
aos domingos explodia a televisão
os aterrados cristos da hora do suplício
eram sempre os primeiros a desfilar
mas seguiam-se logo os primores do artefacto
os tac os pim pam pum os febre os injecção
e os anúncios
Sobre esta metafísica do braço picado
e remindo a mão pífia do artista atacado do célebre mal de piano
ainda hoje ondula a bela cabeleira de Beethoven
e algumas revoluções emergiram daqui o melhor do seu vernáculo
fora no entanto com a morte que vem pela mão da morte
o que se passa em cena nunca a morte o saberá

A cena representa
um rio à beira do rio
do festim que houve restam muitos sinais
no tronco de carvalho que vai à deriva
os lagartos pintados filhos da aranha de gala
tiram as sobrancelhas uns aos outros
ainda não é noite mas também
logo se vê que ainda não é dia
o mágico conduz o músico ao bufete
no sítio da cascata de obrigação estás tu a cena representa
os portadores de imagens
o primeiro edifício é um cinema pobre
que dá para a grande praça do obelisco

aqui é tudo mistério
contam a tropa do califa hassein
à ordem de rodolfo valentino
os fumadores estrangulam docemente a rainha
em costume escarlata cigarros sobre cigarros
no sítio da cisterna de obrigação estás tu a cena representa
a viagem por mar
tu levantas o vento dos corredores e fechas-te no quarto toda a manhã contigo
tu procuras a língua original e tombas num abismo de translação de corpos
chegou ao fundo a falua dos beijos
quem sair dela será rei do mar a cena representa
o desastre no moinho
minúsculas entidades postas de perfil para resistir mais tempo ao vento
da eternidade
escalam os tempos de vida do poeta
lá em baixo parece que passa a tropa
trata-se na verdade de assassinato
saem a passo filósofos ratazanas terrinas de acesso duplo viagens
ao conhecido
e extraordinariamente nos grandes dias felizes
sai a intentona subliminal da arte
na cela do vadio
implorando o milagre da ascensão do sol
doutor entregue às penas para sempre livre estás tu a cena representa
a oração da noite
que todos os dias começa no lado setentrional do quadrado
da praça dita D. Pedro IV
e todos os dias acaba no lado norte do Jardim de Santos
à tua sombra avançam todos os meus gritos
de único muezin mil léguas em derredor
e ao pé de ti não há memória válida
ao pé de ti é a hora de partir sempre
não sem motivo choram na cadeia os velhos cristos de olhos purulentos
e a palavra de eterno deita sangue pela boca
e a noite faz à lua uma estrada limpa
és o tronco lançado pelos da mala-posta às rodas da carruagem
ergues-te e andas sobre toda a cidade
e a operação do fumo
o não-mais-drama o corpo
que se espacializa
esta aurora total a que chamam lepra
mil vezes a despimos e vestimos de novo
nós a fazer e a desfazer o leito
onde abraçados emergimos dos mortos
em direcção ao dos pés para a cabeça
norte sul orion a ursa Revolução a cena representa

(a cena final representa)
o cão em cima da árvore
em baixo corre o rio da pestilência

Bravo
sobem enfim o pano do 4.º acto
não foi de todo inútil a objurgatória anterior
começa a fuzilaria
tá-tá-tá
buum
trá-trá
BUUM

What a proud dreamhorse pulling
(smoothloomingly) through
(stepp) this (ing) crazily seething of this
raving city screamingly street wonderful
flowers... *

Pois mas agora são os adereços que faltam
a cara de levar tiros o gato que tudo sabe
e tudo deita a perder
e onde estão os teus fatos os teus feitios inúmeros de dizer alto
que os homens e os bois são duas coisas distintas
porque se os homens suam e dejectam e PUXAM
os bois puxam para a frente e os homens puxam
PARA CIMA
de onde o instinto aeronauta da espécie
que aliás não ofende o boi pois ágeis e pachorrentos
têm esposas célebres chamadas vacas
e uma quinta é sempre bonito de se ver do ar

Sim não há negar que
a cena vai subindo de luz e de coragem
e como diz no telhado Jean-Arthur Rimbaud
já não se ouve nada o tacto desapareceu
ainda somos nós lívidos insurrectos
a mais doce e a mais áspera intimidade do homem?
ainda somos nós o tesouro violento
com todas as formas de nuvem e de barco secreto
apenas esperamos
ninguém pode dizer que não nos vê
sentados a conversar com o leão de Nemeia
eu procuro do lado dos quarteirões desertos
tu pareces a igreja de S. Domingos a arder

* E. E. Cummings.

[MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO]

hoje, dia de todos os demónios
irei ao cemitério onde repousa Sá-Carneiro
a gente às vezes esquece a dor dos outros
o trabalho dos outros o coval
dos outros

ora este foi dos tais a quem não deram passaporte
de forma que embarcou clandestino
não tinha política tinha física
mas nem assim o passaram
e quando a coisa estava a ir a mais
tzzt... uma poção de estricnina
deu-lhe a moleza foi dormir

preferiu umas dores no lado esquerdo da alma
uns disparates com as pernas na hora apaziguadora
herói à sua maneira recusou-se
a beber o pátrio mijo
deu a mão ao Antero, foi-se, e pronto,
desembarcou como tinha embarcado

Sem Jeito Para o Negócio

A ANTÓNIO MARIA LISBOA

O rato abriu o interior da cúpula
os amantes acharam água e mármore
criança de olhos de oiro ergue-te e anda
as portas estão abertas escancarado
o mundo das distâncias incalculáveis
e as palavras sentadas inúteis à porta dos dias
as trémulas palavras ainda quentes
dos machados de seda dos teus lábios
procuram sem cuidado a vertical
da nova supliciada arquitectura

O amor é um sentido! O amor é um sentido!
O AMOR É UM SENTIDO!

O amor é uma chave que deve perder-se
um burro que tropeça na vastidão dos mares
um solário na areia para soldados meninos
uma luz e uma sombra a cercar-nos a língua

Mas tu chegaste antes das pedrarias
antes de todo o intervalo para o crime
um risco de bondade separava as estátuas
e a treva era paciente no teu joelho

E depois longo tempo eu te perdi de vista
lá longe, numa fonte cheia de fogos fátuos

De andaime para andaime o rato PASSA
de estrela em estrela — rumo aos arquipélagos —
uma minúscula mão percorre o espaço
como tu, Duque, deveste correr
a pé os mais altos montes
como ris no Himalaia antes de lá chegarem
com a arca de noé e quatro ou cinco dúvidas suplementares
os de sempre os
mestres — Mestres em morte! — (Eles agora pensam que
é chegada a altura
de ensinar os montes a ler e a escrever...)

Estrela de Todas as Horas Odasashor — Asest — R

Daqui até Saturno sempre houve muito que andar
a não ser que se tome o caminho mais íngreme
eu tomei — se tomei! — o caminho mais íngreme
a raia da floresta entre onda e lua
quando voltei não estavas só a sombra de um deus
falava da tua força e do teu hábito

Mas hoje as tuas mãos parecem-se comigo

Já não se trata de dançar com os mortos
ou de pedir à vida catedrais
maiores que o outro sono

Já não se trata de elmos e clareiras
onde o demónio grita deslumbrado

Mas de se olhar nos olhos a torrente
mas de tocar com o pulso um sol antigo
lá longe, onde se cruzam as nascentes

A ANTONIN ARTAUD

I

Haverá gente com nomes que lhe caiam bem.
Não assim eu.
De cada vez que alguém me chama Mário
de cada vez que alguém me chama Cesariny
de cada vez que alguém me chama de Vasconcelos
sucede em mim uma contracção com os dentes
há contra mim uma imposição violenta
uma cutilada atroz porque atrozmente desleal.

Como assim Mário como assim Cesariny como assim ó meu deus de Vasconcelos?
Porque é que querem fazer passar para o meu corpo
uma caricatura a todos os títulos porca?
Que andavam a fazer com a minha altura os pais pelos baptistérios
para que eu recebesse em plena cara semelhante feixe de estruturas
tão inqualificáveis quanto inadequadas
ao acto em mim sozinho como a vida puro
eu não sei de vocês eu não tenho nas mãos eu vomito
não quero
eu nunca aderi às comunidades práticas de pregar com pregos
as partes mais vulneráveis da matéria

Eu estou só neste avanço
de corpos
contra corpos
Inexpiáveis

O meu nome se existe deve existir escrito nalgum lugar «tenebroso e cantante» suficientemente glaciado e horrível
para que seja impossível encontrá-lo
sem de alguma maneira enveredar pela estrada
Da Coragem
porque a este respeito — e creio que digo bem —
nenhuma garantia de *leitura grátis*
se oferece ao viandante

Por outro lado, se eu tivesse um nome
um nome que me fosse realmente o meu nome
isso provocaria
calamidades
terríveis

como um tremor de terra
dentro da pele das coisas
dos astros
das coisas
das fezes
das coisas

II

Haverá uma idade para nomes que não estes
haverá uma idade para nomes
puros
nomes que magnetizem
constelações
puras
que façam irromper nos nervos e nos ossos
dos amantes
inexplicáveis construções radiosas
prontas a circular entre a fuligem
de duas bocas
puras

Ah não será o esperma torrencial diuturno
nem a loucura dos sábios nem a razão de ninguém
Não será mesmo quem sabe ó único mestre vivo
o fim da pavorosa dança dos corpos
onde pontificaste de martelo na mão

Mas haverá uma idade em que serão esquecidos por completo
os grandes nomes opacos que hoje damos às coisas

Haverá
um acordar

YOU ARE WELCOME TO ELSINORE

Entre nós e as palavras há metal fundente
entre nós e as palavras há hélices que andam
e podem dar-nos morte violar-nos tirar
do mais fundo de nós o mais útil segredo

entre nós e as palavras há perfis ardentes
espaços cheios de gente de costas
altas flores venenosas portas por abrir
e escadas e ponteiros e crianças sentadas
à espera do seu tempo e do seu precipício

Ao longo da muralha que habitamos
há palavras de vida há palavras de morte
há palavras imensas, que esperam por nós
e outras, frágeis, que deixaram de esperar
há palavras acesas como barcos
e há palavras homens, palavras que guardam
o seu segredo e a sua posição

Entre nós e as palavras, surdamente,
as mãos e as paredes de Elsenor

E há palavras e nocturnas palavras gemidos
palavras que nos sobem ilegíveis à boca
palavras diamantes palavras nunca escritas
palavras impossíveis de escrever
por não termos connosco cordas de violinos
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar
e os braços dos amantes escrevem muito alto
muito além do azul onde oxidados morrem
palavras maternais só sombra só soluço
só espasmos só amor só solidão desfeita

Entre nós e as palavras, os emparedados
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar

PASSAGEM DO ANTI-MUNDO
DANTE ALIGHIERI

I

O amor que é só o amor é já o inferno
diz Dante
mas isso era antes de ser traduzido pelos palhaços
era quando os Titãs asseveravam
que só no interior de grutas inabordáveis

sob gigantescas moles de granito
haviam conseguido viver livres

Era quando o inferno queria ser inferno
e para aborrecimento dos tenentes do empíreo
não havia a menor possibilidade de drama
depois houve e logo um fez a todos palhaços
os que estavam em baixo alaram os pés, para cima
os que estavam em cima puxaram a pista, para baixo

Fez-se um grande intervalo
este intervalo onde ainda hoje a Terra rola à força de vácuo
com homens que crescem e minguam pela força de inércia do vácuo
abandonados pelos grandes faz-tudos
que riem lá muito em cima e ainda mais lá em baixo

E que quer dizer isso de amor só amor?
partes alíquotas de dois na cama
que Dante nunca viu aos pés de Beatriz
Petrarca também não ao pescoço de Laura
Abelardo esse então no ventre de Catarina

Tudo isso são histórias de encarregados
que andam a ver se não pagamos a conta
se damos sem vencimento a letra antiga
marcada a hebraico na carcela da história
São contos miseráveis de miseráveis
com vinte e cinco séculos de ódio ao corpo
o único transporte navegável
a única matéria que se aguenta
e aguenta
com dentro dele a linfa que varre tudo

O amor que é só o amor é já o inferno?
Bandido

Inferno é o nome do primeiro amor?
Vadio

Vós que entrais perdei toda a esperança?
Gatuno

II

Primeiro segundo terceiro quarto quinto
ao homem dos elevadores o cuidado de prosseguir

mas que amplexo de homem poderá dividir
somar
subtrair
o amor seu amor todos os braços da esfinge?
essa que quatro ao raiar da manhã
essa que dois ao longo do sol a pino
essa que três quando caída a noite
os passos voam no areal do tempo

O amor só amor é já o inferno
diz Dante
mas é o amor que é um fogo devorante

Não me refiro à prestação do calor
o pra baixo e pra cima também os êmbolos fazem
e todos os dias vêm navios ao mundo
Refiro por exemplo a estrela sextavada
que há no corpo do rio que é o amante
é aí que o amor é um fogo devorante

III

Aqui o limbo além o paraíso além o inferno
que cheiro a despegado meu general

Eu todos os meus anjos vão juntos para a guerra
se falta algum é como faltar o chão

OLHO O CÔNCAVO AZUL

Olho o côncavo azul do firmamento
é tarde
um sobretudo agita-se para os lados de alcântara

Felizes os que morreram canta um sino
e com certo compasso certa razão se se pensa
na quantidade de espaço ocupado
pelos que sopram coisas há séculos debaixo de terra
nem um pequeno vaso uma estatueta de bolso

os que vêm aqui fazer eternidade grandes ovas do espírito
a uma mesa de mortos galvanizados
um balão de criança que é tão leve
e não levam para lá coisa nenhuma
nada
porque o lá não existe lá, nós que carreguemos
as mil missas em ré do bicho de conta
as quinhentas pinturas do mão já nenhuma
o bilião de palavras do caveira três
e mais os planetas desertos, que também mandam coisas

Felizes os que morreram realmente ó sino
mas mais felizes ainda os que mataram
mais felizes os que ergueram à altura simples do corpo punhal fundente
as molas sete e oito da grande máquina
e a quebraram nos ossos do espectáculo
porque ele é a usura
da noite de cavalos submergidos no lago
a estrada contra-curva
onde Harcamone passa a caminho do teatro
a uma mesa de mortos galvanizados

Porque a poesia não é para galvanizar isso
a poesia a poesia
o recôncavo azul do firmamento
que é negro
e outras coisas mais
se ainda é tempo de ver por cima do prato
os vigia os paloma os clandestinos os lâmpara
os invisíveis anjos guardadores
do trabalho que não pode ser adiado
e não esta linguagem de lamento esta linha de rogo que frustra a voz
não este verso exposto a mil vagares na almofada branca de uma página
mil vezes decapitada na praça pública
em oitavas e quartas paralelas e sétimas dominantes cheias de horror
e ainda assim contentes
de bailarem em torno do seu próprio círculo
mas o que na manhã só uma vez quase ouvimos
um para o outro
um dentro do outro
mais interiores à magnificência da espécie
do que aos espaçosos e nobres labirintos do canto

[O NAVIO DE ESPELHOS]

O navio de espelhos
não navega, cavalga

Seu mar é a floresta
que lhe serve de nível

Ao crepúsculo espelha
sol e lua nos flancos

(Por isso o tempo gosta
de deitar-se com ele)

Os armadores não amam
a sua rota clara

(Vista do movimento
dir-se-ia que pára)

Quando chega à cidade
nenhum cais o abriga

(O seu porão traz nada
nada leva à partida)

Vozes e ar pesado
é tudo o que transporta

(E no mastro espelhado
uma espécie de porta)

Seus dez mil capitães
têm o mesmo rosto

(A mesma cinta escura
o mesmo grau e posto)

Quando um se revolta
há dez mil insurrectos

(Como os olhos da mosca
reflectem os objectos)

E quando um deles ala
o corpo sobre os mastros
e escruta o mar do fundo

Toda a nave cavalga
(como no espaço os astros)

Do princípio do mundo
até ao fim do mundo

XÁCARA DAS 10 MENINAS

Era hũa vez dez meninas
de hũa aldeia muito probe.
Deu o tranglomanglo nelas
não ficaram senão nove.
Era hũa vez nove meninas
que só comeam biscoito.
Deu o tranglomanglo nelas
não ficaram senão oito.
Era hũa vez oito meninas
em terras de dom Esparguete.
Deu o tranglomanglo nelas
não ficaram senão sete.
Era hũa vez sete meninas
lindas como outras não veis.
Deu o tranglomanglo nelas
não ficaram senão seis.
Era hũa vez seis meninas
em landas de Charles Quinto.
Deu o tranglomanglo nelas
não ficaram senão cinco.
Era hũa vez cinco meninas
em um trianglo equilatro.
Deu o tranglomanglo nelas
não ficaram senão quatro.
Era hũa vez quatro meninas
qu'avondavam só ao mês.
Deu o tranglomanglo nelas
não ficaram senão três.
Era hũa vez três meninas

em o paço de dom Fuas.
Deu o tranglomanglo nelas
não ficaram senão duas.
Era hũa vez duas meninas
ante hũ home todo espuma.
Deu o tranglomanglo nelas
transformaram-se em só uma.
Era hũa vez hũa menina
terrada em coval mui fundo.
Deu o tranglomanglo nela
voltaram as dez ao mundo.

ANTÓNIO MARIA LISBOA

Nasceu em Lisboa em 1928, e aí morreu em 1953. Publicou: *Ossóptico* e *Erro Próprio*, ambos em 1952. Postumamente editaram-se *Isso Ontem Único* (1953), *A Verticalidade e a Chave* (1956), *Exercício Sobre o Sonho e a Vigília, seguido de O Senhor Cágado e o Menino* (1958), *Poesia* (1962), *Poesia de António Maria Lisboa* (1977), onde foi reunida toda a sua obra: poemas, textos, cartas, desenhos.

[ERRO PRÓPRIO]

Nunca o caminho percorrido é o mais acertado logo que reavemos a nossa capacidade de autocrítica e nos imaginamos pelo outro que não percorremos. O percurso que não fizemos é sempre melhor, e o melhor que teríamos feito, só porque se pensa que se se pensasse não se faria. Nós sabemos: somos um erro — mas a consciência disso isola-nos do erro alheio. Qualquer que seja a conduta humana não é falsa nem verdadeira — É (embora se possa pensar e sentir sempre errada).

Assim, também, a existência do Universo não necessita de demonstração, porquanto ele existe e mesmo que não existisse, era assim que existia. A investigação deste Universo, de que falo, e há tal como o vou descobrindo e não como os outros o encontraram, fá-la-ei como me aprouver, sem ter que dar contas a ninguém, nem pedir licença para o que possa dizer, pois desde o início é para mim mesmo que afirmo e o que afirmo, antes de mais, para meu uso pessoal.

Não me peçam grandes explicações os que, tímidos, ignoram ou temem a afirmação exaltada, o erro e a verdade requerida; não me perguntem os timoratos pelos fundamentos das minhas afirmações, porque se perguntam é porque não são Livres! porque não Amam! Os que não afirmam não estão — fora disso não há ignorantes. A verdade não se pensa — sabe-se; o que se pensa é a explicação da verdade. Não existem pensamentos verdadeiros, mas pensamentos certos no sentido de bem pensados. O pensamento apenas serve ao indivíduo para lhe mostrar a evidência do que pretende. «O pensamento não é uma imagem nem uma forma, mas um julgamento.» (N. Calas); «Os sentidos e as paixões não falam senão por imagens, só entendem por imagens. Todo o tesouro do conhecimento como da felicidade humana consiste em imagens.» (Hamann O Mago do Norte). A única verdade é o Objecto.

É ao «Génio» que me dirijo, sendo ele a capacidade de repelir ou atrair sob qualquer forma, desde que impositiva. Quando eu sou montanha repilo e atraio uma quantidade infinita de objectos diferentes, e na minha paisagem

preferida tudo se encontra em movimento e em choque. Assim o Hemisfério Astral se comporta identicamente, quando a harmonia do céu é cortada pelo Cometa — a que chamarei O POETA DOS ASTROS!

Não me movem atlruísticos destinos de origem Política ou Religiosa e não penso dignificar esta, ou outra qualquer, sociedade, à qual pertenço por desejo alheio e puramente burocrático. Só existe uma Sociedade quando todos os seus componentes apelam para um único Objecto e, francamente, não é meu o Objecto para que apelam. Não defendo o que para subsistir necessite de toda a espécie de escravatura mental. Eu sei que é precisamente pela contribuição individual que se consegue o Grande Desígnio a que todo o Homem em princípio se propõe: Viver Livre! E a conquista da Liberdade e do Amor são indubitavelmente conquistas individuais e só como indivíduos as podemos fazer. Renunciei a todas as grandes limitações que, construídas pelo homem, sufocam o homem. A liberdade do Espírito é incompatível com o seu aprisionamento. Qualquer balança é sempre falsa e eu estou farto de ser roubado. É este desejo profundo, a necessidade de expressão total e de total realização, de Amor verdadeiro e Livre, como assim a oposição em que estávamos com a sociedade moderna, que fez surgir no nosso espírito e com os nossos actos este Movimento Poético.

Retirem da minha frente os que «jogam» com o Povo e o Homem da Rua. As paredes do meu quarto são a paisagem a que me habituei e se saio pela janela às vezes é para ofender quem me pede submissão. Retirem da minha frente todos os que olham com o espanto dos idiotas. A minha mais grata paisagem são os meus próprios olhos, mesmo quando olho as coisas.

— Uma vez por todas não escrevo para os que não sabem ler!

A nossa experiência é a nossa única riqueza. (Reparar que me refiro única e simplesmente à experiência psicológica. Uma experiência social é ainda e sempre uma experiência psicológica). Toda a vida, todo o pensamento só são válidos desde que fundidos pela nossa experiência. Mais, toda a acção de vida, e, portanto, todo o pensamento, só é, digo: só existe, dada a nossa experiência íntima-social-pessoal.

Não são válidas as fórmulas de vida que não sejam as próprias e espontâneas adquiridas por nós desde que começámos a mamar. Apenas os que gostam de medir os passos pela experiência dos outros e à Luz Fria duma Razão Qualquer (há tantas!), ou fazer medir os outros pela sua, apregoam a «histórica» experiência — quando a História não é mais do que o pior caminho! A existência não se pensa, pois o Imprevisto enche-a. A existência é imprevisível pelo processo racional 2 + 2/4. Prendermo-nos ao que a História nos ensina seria dar um passo atrás. E se a minha experiência e a Dialéctica não me enganam, os passos são sempre para a frente, porque nunca se regressa — mesmo quando aparentemente regressamos. Um objecto pensado é um segundo objecto.

O Corsário Misterioso de mãos eléctricas, digo: iluminadas electricamente por um processo meu e propositadamente complicado para não se poder soletrar qualquer que seja a posição do observador e do observado,

mesmo empregando os processos Alquímico ou Cabalístico (este é uma conjugação estranha), pois à força de misturar todas as cores possíveis neste Universo, onde vivemos sepultados — onde se escrevem coisas esplêndidas e os homens possuem leitos de todas as espécies próprios para a exaltação e consumação amorosa —, morreram irrefutavelmente, deixaram de existir, é melhor, seres tão solidamente fixos que suportem eternamente a escravatura.

Nós consideramos como decisiva esta verdade: — Os homens são fortes desde que defendam o que amam.

Seja-me permitido, uma só vez por todas, apontar a Grande Legenda que encerra a Chave da acção deste Universo, ignorado dos outros Universos Superiores, com outras constelações e outras órbitas e outras Legendas semelhantes (se fosse possível traduzir correctamente o seu equivalente emocional); seja-me permitido fixá-la para que a decorem a fadiga das bestas, que as leva a encostarem-se reciprocamente umas às outras:

— Chamei de Olho de Chacal uma pequena criança que sonha 24 horas por dia e percorre a pé os mais altos montes: LIBERDADE!

Já não é só a Religião que me limita os passos e o Horizonte para onde se dirigem, é também a Ciência. O Pensamento Poético é para mim o único com valor porque é o único interessado na Realidade que se nos apresenta num todo e não parcelada.

(Entenda-se aqui por Ciência o conhecimento parcelar — embora tendendo a uma unificação — do Universo — Absoluto — pela Observação, Classificação, Hipótese e Experimentação; por Filosofia o conhecimento do Absoluto — Universo — pela Pura Especulação Racional).

A Poesia marca a dissolução das Artes e, dentro do que se entende por pensamento, a negação dos pensamentos Religioso e Científico. Ela apreende num Mundo Amoral «Fechado, Independente e Circunscrito» (Hegel — III Parte ESTÉTICA — vol. 4.° POÉTICA), Hermético, a Totalidade Real. O acto poético é todo aquele liberto de esquemas morais impostos, portanto essencialmente LIBERTÁRIO (no sentido de libertar) e AMOROSO (no sentido de posse do amado).

Vim, de facto, para falar do Poeta e da Poesia, duas coisas esquecidas pelos Políticos ao elaborarem os quadros do trabalho remunerado ou remunerador, duas coisas sempre fora do tempo e dos interesses de quem esquece: — Eles são os complicadores perpétuos dos Sistemas e da exaltação do Trabalho. É que o POETA não ama o trabalho, ele não dignifica, e sabe-se afastado incondicionalmente, e cada vez mais, da sociedade dita moderna e civilizada.

A tentar remediar o que não tem remédio, vejo andrajosos, alguns filósofos, pseudo-filósofos, políticos-mascarados, etc., a falar de Poesia, ou sobre ela a dizerem asneiras — a falar de Utilidade e de Inutilidade, de Objectivo e de Subjectivo, de Mais Intelectual e Mais Emotivo. Agrupados como estão e integrados dentro de certas correntes partidárias dum estilo único de vida, não sabem que o Útil e o Inútil estão sempre em referência à porcaria e à

nossa vida privada, porquanto ela é boa para o Lavrador e não serve ao Escriturário; que o Objectivo e o Subjectivo são uma e a mesma coisa visto serem os nossos próprios olhos a verem e doutra maneira não existirem as coisas; e que não há o Mais Intelectual e o Mais Emotivo porquanto todo o sensível é inteligível, todo o inteligível é sensível e todo o «sensível-inteligível» «inteligível-sensível». A separação do Objecto e da Emoção é falsa e apenas serve para defender interesses estranhos (que é sempre, pelo menos, um Sistema Obrigatório!...). Todo o Objecto é Emocional — toda a Emoção é Objectiva.

O mal do tempo não é da Tolerância nem da Intolerância, sei que ambas navegam o mesmo Mar, como não podia deixar de ser e creio que o pior é o fruto de pensar-se se devemos ou não ser tolerantes. Tudo é e não é alternadamente, ou tudo é o mesmo com aspectos diferentes. Se toda a medalha tem reverso, ao homem corresponde o santo e o assassino, a fúria e a paciência, o crime e a bondade, o ódio e o amor, a arrogância e a humilhação, o mau e o bom. Tudo é ambivalente. Acreditar em Deus é acreditar-se num EU que existe em nós na medida em que se acredita, acreditar-se no Diabo é ainda ser-se Diabo, subir-se a montanhas e descer-se a vales é também ser-se montanha e vale, adorar a Pedra é ser Pedra!

Isolado do outro lado da paisagem ela me parece petrificada e sem vida, a existir falsa existindo real. Inesperadamente, nesta região que antecede o meu país natal, apareceu-me um Bicho estranho, sem forma equivalente, não só na língua que usava, como meio mais directo de expressão, como também nos dois séculos de existência descomunal. Desde os mais remotos tempos viveu morto e insepulto numa terra distante dos homens. Quando se ergueu, e recordou os sonhos que tivera, possuiu-o uma força desconhecida e deu o primeiro passo no Universo fazendo nascer meteoros luminosos e sibilinos que entravam e saíam por numerosas janelas, tombando depois aos pés de enormes pássaros-trampolim. Fechavam-se-lhe os olhos de todas as vezes que os seus enviados-cometas transpunham vitoriosos uma minúscula porta no fundo do horizonte e tocavam, ao de leve, um pequeno ser-vivo que por detrás dela se recolhia.

— O que é de mais verdade é que ninguém compreende a significação lúgubre deste Montsro! A Morte não é, é uma mudança de situação e condições de subsistência.

A vida que intitulámos de «existência dos outros», repudiámo-la com todas as nossas forças. Nós conhecemos bem a cena que causou a explosão. E uma longa viagem que fizemos para lá da primeira infância do mal, a que nos vimos referindo, pôs-nos em presença dum sonho que, analisado, nos recordou os detalhes esquecidos, levando-nos à solução do conflito actual.

UMA VIDA ESQUECIDA

Eu conheço o vidro franja por franja
meticulosamente
à porta parado um homem oco
franja por franja no espaço
meticulosamente oco uma porta parada.

Um relógio dá dez badaladas ininterruptamente
dez badaladas por brincadeira dança
um homem com pernas de mulher
e um olhar devasso no Marte
passo por passo uma criança chora
uma águia e um vampiro recuados no tempo.

VARECH

Eu estimo sobre tudo os teus olhos incolores
as tuas mãos inúteis, a tua boca verde

Eu falo somente dos relógios caídos, dos autocarros

Eu falo somente dos pés vermelhos

Eu falo... eu falo... eu falo...

No vigésimo século as nuvens são árvores
e os pássaros mais pequenos grandes paquidermes

Sim, é verdade, os cabelos loiros

Então, meia-noite!

Senhora, se me dá licença, este dia acabou
por este dia
simplesmente

A criança é porca, é inútil

Muito obrigado.

CONJUGAÇÃO

A construção dos poemas é uma vela aberta ao meio e coberta de bolor
é a suspensão momentânea dum arrepio num dente fino
Como Uma Agulha

A construção dos poemas

A CONS
TRU
ÇÃO DOS
POEMAS

é como matar muitas pulgas com unhas de oiro azul
é como amar formigas brancas obsessivamente junto ao peito
olhar uma paisagem em frente e ver um abismo
ver o abismo e sentir uma pedrada nas costas
sentir a pedrada e imaginar-se sem pensar de repente

NUM TÚMULO EXAUSTIVO.

POEMA DO COMEÇO

Eu num camelo a atravessar o deserto
com um ombro franjado de túmulos numa mão muito aberta

Eu num barco a remos a atravessar a janela
da pirâmide com um copo esguio e azul coberto de escamas

Eu na praia e um vento de agulhas
com um Cavalo-Triângulo enterrado na areia

Eu na noite com um objecto estranho na algibeira
— trago-te Brilhante-Estrela-Sem-Destino coberta de musgo

ACENTO

Vem dos montes friíssimos da Noruega
onde te sonhei para beberes estrelas
e caminhar a custo entre as cascatas
onde a ternura é um escadote
e o ar um caracol de planetas nas órbitas.

H

Sei que dez anos nos separam de pedras
e raízes nos ouvidos

e ver-te, ó menina do quarto vermelho,
era ver a tua bondade, o teu olhar terno
de Borboleta no Infinito

e toda essa sucessão de pontos vermelhos no espaço
em que tu eras uma estrela que caiu
e incendiou a terra

lá longe numa fonte cheia de fogos-fátuos.

RÊVE OUBLIÉ

Neste meu hábito surpreendente de te trazer de costas
neste meu desejo irreflectido de te possuir num trampolim
nesta minha mania de te dar o que tu gostas
e depois esquecer-me irremediavelmente de ti

Agora na superfície da luz a procurar a sombra
agora encostado ao vidro a sonhar a terra
agora a oferecer-te um elefante com uma linda tromba
e depois matar-te e dar-te vida eterna

Continuar a dar tiros e modificar a posição dos astros
continuar a viver até cristalizar entre neve
continuar a contar a lenda duma princesa sueca
e depois fechar a porta para tremermos de medo

Contar a vida pelos dedos e perdê-los
contar um a um os teus cabelos e seguir a estrada
contar as ondas do mar e descobrir-lhes o brilho
e depois contar um a um os teus dedos de fada

Abrir-se a janela para entrarem estrelas
abrir-se a luz para entrarem olhos
abrir-se o tecto para cair um garfo no centro da sala
e depois ruidosa uma dentadura velha

E no CIMO disto tudo uma montanha de ouro

E no FIM disto tudo um Azul-de-Prata.

Z

As formas, as sombras, a luz que descobre a noite
e um pequeno pássaro

e depois longo tempo eu te perdi de vista
meus braços são dois espaços enormes
os meus olhos são duas garrafas de vento

e depois eu te conheço de novo numa rua isolada
minhas pernas são duas árvores floridas
os meus dedos uma plantação de sargaços

a tua figura era ao que me lembro
da cor do jardim.

ISSO ONTEM ÚNICO

A fita desfiada e amarela que trazes ao pescoço equilibrada nos teus dedos de marfim; a gruta onde nos fixámos sobre o brilhante rubro; o jogo

de sínteses ainda em esboço primário na curva imensa; o rosto sem olhos atravessado por uma seta do guerreiro do lago, do corsário oceânico, do legendário argonauta.

Persisto, idêntico e semelhante a uma multidão de garotos sem memória, na estrada de parafusos que contornas medindo a compasso a distância quilométrica que percorres, imagina! Imagino-te a dez quilómetros certos sem um gesto.

Persisto na noite que nasceu para além dos olhos, no vento que fundiu a planície, igualmente em todo o mundo visível, em tudo que me toca e resplandece alargando-se até ao infinito onde estão os teus olhos de Mulher-Mãe, Magnífica na tua veste de cabelos!

Procura-me quando encontrares, na viagem que vais fazer, o teu número fatídico no triângulo negro onde está representada a Mulher de cinco cabeças e, sobre a pedra, a palavra mágica do nosso encontro.

Virás ao saberes da existência do Surreal quando os homens furiosamente afirmam a sua vida, quando das paredes derruídas vêm palavras estranhas e prevêem o futuro e hieróglifos indecifráveis inscritos nas pedras dos túmulos te indicam.

Virás ao saberes que te ocultaram a existência do teu ser autónomo e real ao acordares um dia com o céu, o vento, na erecção das árvores, quando o teu nome nasceu virgem nas estrelas ao nasceres tu.

Procura-me quando a morte for impossível e já não seja possível viver — quando já nada for possível SAGIR! e então opor-me-ei ao mundo a que nos opomos, apontarei a mulher-morta onde o opaco é transparente e cairá a estrela cadente, rápida e precisa, que os mortos dizem e dizem que estou louco no movimento perpendicular.

Procura-me quando já não for possível nem morto, lento, alto, ruidoso de claridade, com objectos exóticos intensamente iluminados, quando já nada for possível e apareceres sem nexo, estranha a ti mesma, diferente, como um bloco de prédios demolidos ou ave negra.

FALSA a nossa vida sabotada no pasmo em que vivemos, na negação do que nos é mais grato — o AMOR prevista a LIBERDADE!

Mulher-Mãe! a afirmação exaltada que nos queima os dedos entrelaçados. Mulher-Mãe tumulada! sem sabermos um do outro ambos nos procurámos no labirinto, Nós Amor! que existes porque existo e existimos assim para além das montanhas de mar que nos cercam, para além da noite, para além de ti, de mim, do corpo que formamos, síntese de toda a poesia feita.

Dedico-te este poema para existires integral, completa, real como o objecto que não se nega, como o invisível, como o universo onde vivemos separados-unidos para sempre — REAL e LIVRE!

Afirmo-te, antes de partires e antes de regressares da tua viagem em direcção ao Oriente, no muro longo onde ficou inscrito fundo o NÃO que nos move. Afirmo-te porque nos reconheceremos mesmo mortos, mesmo transformados.

Na paragem que teve a nossa Vida, eu e tu, Mulher-Mãe, tumulados num sonho, numa noite, na estação de embarque, na mesma onde me encontrarás parado, quando regressares, sem um aceno, sem uma lágrima, porque eu sei o inevitável onde nos conduziremos a ambos Mulher-Mãe.

Mulher-Mãe sabemos!

Magnífica a misteriosa sedução do nosso amor
Magnífica que as palavras não dizem e tu dizes e eu digo
com os nossos corpos exageradamente trémulos e ferozes apesar de meigos
Magnífica que decorei de ponta a ponta na memória
— o teu olhar brilhante e escuro, o cordão que te cerca
—os nós de que és feita e é feita a nossa união
— o oceano em que navegas e naufragas para ressurgires completa
depois da forma do mundo no azul da montanha
depois das reacções estranhas na tempestade de vento
depois do grito de Liberdade que soltámos, Magnífica!

Nós Mulher-Mãe sobreviventes!

RAOMOMAR

amor confuso, amor repetido, amor esotérico, amor mágico
— MAR

mar perdido de conchas no meio do mar
mar de marés justapostas de amor num mar de marfim
perdido no teu joelho de marfim
mar de bosques que anuncia ao estrangeiro a terra perfumada
oceano no teu oceano de olhar
Ísis a mulher de Osíris — a realidade misturada
no MAR
mar que te apontei do alto da torre coberta pelo nevoeiro
pelo avião que atravessa o espaço
pelo incêndio que percorre o mundo num autocarro
pelo soerguer do teu corpo semiquente na madrugada

mar azul-vermelho queimado de arestas
mar de dedos frios, de velas sibilinas na noite de cristal
mar de sonâmbulos esquecidos a medir o espaço com fitas de estrelas
mar de passageiros estranhos e abismados
mar de casas altíssimas onde habitam as cidades

MAR para que não me chegam os olhos
mar branco de nuvens sobrepostas para lhe podermos passar por cima
mar de esquecimento, de objectos sensíveis e distintos
mar onde guardei o aquário azul que trouxe até hoje na memória

e só hoje te espalho para o mundo MAR
    onde é possível e provável o envenenamento total da espécie
    onde descanso a minha mão esquerda sobre uma pantera negra
    e todos os dias mergulho em fogo

Amor sem nexo, amor contínuo, amor disperso — MAR

mar com uma bala direita no cérebro
mar sem apoio em nenhum ponto do espaço, mas preso apesar de tudo numa
    enorme teia diabolicamente construída para conseguir ser livre
mar de submarinos insondáveis que navegam o infinito do mar
mar espacial de sons, de cores, de imagens, de mil anos passados
    que percorremos

MAR que flutua no MAR abusivamente medonho

amor esquecido, amor distante, amor insolente

RAOMOMAR

O teu corpo envolvente vestido de água
os teus braços em túnel que trazes desde a infância
o pelourinho azul que se ergueu na praça ampla
    e fotografei dez vezes dez anos volvidos

Ficar depois energicamente deitado
até à descoberta da máquina de que só eu tenho o projecto
até que me rebentem os pulmões de tanto descanso
    e os meus pés criem bichos multiformes e ganhem raízes
até a caridade e o crime serem de qualquer modo um arrojo impossível
até dizer a minha enorme e persistente capacidade de nojo
até me crescerem as barbas e com elas amarrar-me
    à cama onde me encontro deitado
    e ficar a arquitectar crimes e caridades

até tu vires lenta lavar-me os pés inchados e vermelhos de tanto descanso,
de tanto não mexer uma ilusão
até tu vires ler-me as minhas ideias rascunhadas na minha outra Liberdade
contar-me as histórias da minha infância sem omitir um detalhe
recitar-me todos os meus poemas e todos os poemas do princípio do mundo
e descrever-me a nossa pesca à mão das trutas que navegam o Rio

Ficar energicamente deitado
até que os prédios cresçam e arranhem o céu fazendo cair dele gotas de sangue como chuva
até nos esquecermos totalmente dos que existem e para que existem enquanto nos envolvemos de sedas, de veludos e plantas aquáticas e assim terminarmos mais depressa de contar os nossos dias

E ASSIM PERDEREMOS TUDO — perder-te a ti Infinita construída de estrelas, de nuvens, de oceanos, de pérolas esquecidas
construída de histórias de corsários loucos

Saber-te depois distante entre as pedras no meu sonho
saber-te RAINHA nas árvores da noite
MINHA em todas as histórias da minha infância
LOUCA nos olhos diabolicamente frios que me espreitam
no sonho do monstro que habitamos
saber-te ÁRVORE que sobressai nítida na inacreditável superfície
e estende os ramos em baloiço
e as raízes para o outro lado da superfície sem espessura
onde os homens andam ao invés de pés para o espaço
e cobrem-se de mares para dormirem nas montanhas

AMOR — nunca como agora o Amor foi tão significativo
tão único baluarte da realidade real
da negação negada, da perca total que procuro

Saber-te ASSIM até saberes isso completamente, tão completamente
como sabes ser uma estrela o ponto cintilante que criaste
como sabes ser verdade a verdade que cegamente no nosso sonho

AMOR — no nosso sonho afirmaste

SABER-TE ASSIM ATÉ À ETERNIDADE LIBERTA NAS SOMBRAS

O AMOR DE ARTHUR RIMBAUD
O MESTRE DO SILÊNCIO

Na montanha onde moram as estrelas
bosques que existem há mil anos
de cabelos negros como o luar e a brisa da tarde
quando entra branda entre as pétalas das flores
que se inclinam sobre o morto que dorme
e misteriosamente repete:

«Sur l'onde calme et noire où dorment les étoiles
Un chant mystérieux tombe des astres d'or»
semi-saído da terra com um olho infinito aberto
morto há um ano ao nascer da lua
morto há um dia ao nascer da rosa
morto há um sonho, morto há um gesto
frente ao sopro das árvores da noite
tocou o seio infante numa primavera
e misteriosamente repete:

«Ô pâle Ophélia! belle comme la neige!
Ciel! Amour! Liberté! Quel rêve, ô pauvre Folle!»
transparente sobre a terra mole de lava de estrela
sobre cabelos idênticos aos dos mortos desolados
morto há mil anos repete:

«La blanche Ophélia flotte comme un grand lys»

o morto misteriosamente diz:

«Il y a une horloge qui ne sonne pas»

[POEMA]

No pátio de astros calcetados abriu-se uma leve fenda muito parecida com um arranhão de mulher feito na mão esquerda. Poderemos chamar Azul de Prata a uma dentadura velha esculpida num horizonte suspenso em enormes braços.

Ando isolado na planície. Os cadáveres passam e erguem-se muito direitos num cumprimento militar. Sento-me na Torre Gelada.

Com um aquário e um pequeno peixe dourado, Eu-Pedra das regiões do Lusco-Fusco, retirado dos horrores, em qualquer tarde, por exemplo, sobre planos preconcebidamente dispostos, para dar resultado, evocarei:

«— ILHA DE ESTRELA
sai
decepa ao longe
atira o novo crime para a rua
aluga o céu convulso dum deus terrível
esmaga a estrela de través e fria
a flor muda sobre o leito de pedra preciosa

em cada pérola — um voo solitário
no cristal — o grito duma cidade arruinada»

A chave de pedra desceu suspensa do alto da torre por um cabelo. Nele existe um orifício fino e longo por onde passa um Mar e moram Montanhas e Abismos. Apenas um Bicho povoa o Tempo rodando até à fascinação.

A VERTICALIDADE E A CHAVE

ESTE LIVRO É DE RIMBAUD

Dos mais queridos o nome não se profere:
o nome, o número, a Letra — destes os mais
queridos não os pronunciaremos

ESTRELA DE SETE PONTAS

Osíris é um deus negro! no momento que
foi de mo dizer electricamente parado
Osíris é um deus negro! tinha-o tomado
de outro *Osíris é um deus negro!* assim
de outro a outro *Osíris é um deus negro!*

Estranha coincidência: levar para fora da vida e do pensamento, ou então doutro modo sensível aos nossos dedos — ou a tristeza ou o abandono — e no entanto esperar morrer de uma forma especiosa! porém todo o corpo resiste: sultão que leva acorrentada a esposa, uma ânfora e um prato de oiro! e já não é possível tirá-lo ou dar-lhe outro lugar — nada poderá nada contra quem partiu. Nada já o inibirá de viver a outra aventura. A questão é esta: não se trata de saber viver, ou da sabedoria da vida — mas de vida sábia.

Falo do Amor — a Loucura, regresso a um pré-tempo — talvez aonde menos se esperava (de real que não houve tempo para escolher a idade — em que Idade estamos?), onde menos se esperava pois não lhes era dado preservarem-se tal como eram ou do que fosse sem que isso lhes não destruísse as possibilidades de uma certa *preparação íntima* que continuará e será enriquecida ou mutilada, mas sempre irremediavelmente ligada ao que se quiser ou não quiser ser. A Poesia: Realidade Liberta — que de novo se fica só, abandonado e de novo se é a noite! OURO VERMELHO AZUL PRETO.

Não há conceito válido de Poesia, não há conceito válido de Realidade, não há conceito válido de Existência: vêmo-los cada um desregradamente: o mais íntimo é *pré-íntimo* é mundo! Serão sempre poeira para os olhos — repare-se quando eles dizem, repare-se como falou como quem responde já não a esta pergunta mas a outra que poderia. As suas palavras não são pois o curso da imaginação, a sua transposição — mas o originado!

Que pensar destes poemas: mundo sem classificações, esquemas, meios diversos e opostos de ser e conhecer, de se comportar e fazer comportar, de amar e ser amado, pulverizando as escalas, aparências, arbitrariedades dialécticas do Bem e do Mal, da sua reversibilidade, da sua interconexão? — Porque funde num só corpo: porque contém a Lei e contém o que destrói a Lei, é o Paradoxo a forma do Saber Oculto.

Não é uma mensagem que temos para decifrar — mas uma mensagem que temos. Antes: havendo como há uma que exige a *decifremos* não são os processos dos de quem estuda que se exige se empregue. Também não são as pirâmides um mundo geométrico mas limite de onde se propagam olhos de enormes ângulos que me olhais e eu remo, remo sempre na pupila fixa menina de tenra idade morta assim para a eternidade. — O Abstracto é o originado.

Impossível falsear o Invisível — este não se vê! Não pode o sensível pintar aquele conhecido com o manto do invisível: a amizade é uma estrela, um caminho solitário, o amor duas estrelas e o crime uma noite sem estrelas ou a claridade — já nada para o chefe de um Industão seja qual for imaginário que quer. — A Rimbaud o Invisível, o Intocável, o Inaudível.

ANTÓNIO JOSÉ FORTE

Nasceu na Póvoa de Santa Iria em 1931. Antes da edição de *40 Noites de Insónia de Fogo de Dentes numa Girândola Implacável e Outros Poemas* (1960), aprontara dois livros que entretanto destruiu. Durante os vinte anos posteriores apareceram alguns dispersos seus em folhas volantes, revistas e jornais, que, juntamente com o volume anterior, viriam a constituir *A Faca nos Dentes* (1938). Publicou ainda o folheto *Azuliante* (1984).

RETRATO DO ARTISTA EM CÃO JOVEM

Com o focinho entre dois olhos muito grandes
por trás de lágrimas maiores
este é de todos o teu melhor retrato
o de cão jovem a que só falta falar
o de cão através da cidade
com uma dor adolescente
de esquina para esquina cada vez maior
latindo docemente a cada lua
voltando o focinho a cada esperança
ainda sem dentes para as piores surpresas
mas avançando a passo firme
ao encontro dos alimentos

aqui estás tal qual
és bem tu o cão jovem que ninguém esperava
o cão de circo para os domingos da família
o cão vadio dos outros dias da semana
o cão de sempre
cada vez que há um cão jovem
neste local da terra

O BOM ARTÍFICE

Entretanto
dez séculos mais tarde no local do drama

o diabo
diante do seu forno
levanta por instantes seus doces olhos
para quatro mil cadafalsos

Vede
mais além o bom artífice
mostrando
anjos
ou
batéis

ainda uma canção

se gostais
de belas torturas
não ouvireis nada

RESERVADO AO VENENO

Hoje é um dia reservado ao veneno
e às pequeninas coisas
teias de aranha filigranas de cólera
restos de pulmão onde corre o marfim
é um dia perfeitamente para cães
alguém deu à manivela para nascer o sol
circular o mau hálito esta cinza nos olhos
alguém que não percebia nada de comércio
lançou no mercado esta ferrugem
hoje não é a mesma coisa
que um búzio para ouvir o coração
não é um dia no seu eixo
não é para pessoas
é um dia ao nível do verniz e dos punhais
e esta noite
uma cratera para boémios
não é uma pátria
não é esta noite que é uma pátria
é um dia a mais ou a menos na alma
como chumbo derretido na garganta

um peixe nos ouvidos
uma zona de lava
hoje é um dia de túneis e alçapões de luxo
com sirenes ao crepúsculo
a trezentos anos do amor a trezentos da morte
a outro dia como este do asfalto e do sangue
hoje não é um dia para fazer a barba
não é um dia para homens
não é para palavras

POEMA

São eles — os amantes no seu leito de morte chegando a espaços de clareiras infernais, quarenta noites de insónia, de fogo, de dentes numa girândola implacável, todos os suicidas e as mães que tiveram antes, as mães que tiveram depois e aqui e ali, por toda a parte, automóveis abandonados às chamas, animálculos, perguntas, cortesãs, decapitações atrás dos cartazes, dois rapazes no cais enquanto a morte rouba flores à infância, grande festa do poeta na gare esperando o comboio para uma morte horrível, a trapezista dos meus tempos de ócio medieval e do trapézio dos adolescentes, minha mãe das minhas noites de menino e hélices lunares cobrindo de cristais e de pavor as tuas mãos, simples roda de cores e anel de namorada; fotografia dela guardada ainda na mesma carteira velha, ainda rugindo pela infância, ainda viva pelas coisas imperdoáveis, próxima e feroz como um punhal nas costas, desde Lisboa, desde uma flor na minha boca e uma hora ao pé de ti, vertiginosa e alta nos teus olhos, nos teus ombros velozes ao crepúsculo, numa salva de prata à esquerda pelas nuvens, pelos naufrágios de vento à mão direita, entre cães de latidos luminosos e a muralha da china — esta noite em que a terra é um ponto em Lisboa e não tem importância que não haja outro lugar para estar morto, mas para viver é muito importante que seja um continente que nos espere.

MEMORIAL

As tuas mãos que a tua mãe cortou
para exemplo duma cidade inteira
o teu nome que os teus irmãos gastaram
dia a dia e que por fim morreu
atravessado na tua própria garganta
as tuas pernas os teus cabelos percorridos
rato após rato tantos anos
durante tanta alegria que não era tua
os teus olhos mortos eles também
na primeira ocasião do teu amante
assim como as palavras ainda fumegando docemente
sob as pedras de silêncio que lhes atiraram para cima
o teu sexo os teus ombros
tudo finalmene soterrado
para descanso de todos
— mesmo dos que estavam ausentes

LISBOA REVISITADA

Frio frio
como a pedra do rio
— as artes as letras
os cafés do rossio

frio frio
— as mãos
presas à noite por um fio
os amantes ao demónio
anjos e arcanjos ao cio

frio
— a morte
ela e a sua corte
de caudas de pavões
no alto do navio

LIBERTAÇÃO

Descerão por paredes sangrentas
e subirão do asfalto
ganindo com um prego na língua
com os pulsos atados às patas
sobre pulmões raivosos em barcos de esterco
e não olharão nem para baixo nem para o alto
mas para a frente
para o horizonte de fatias vermelhas
e para trás
para os afogados sem mar sem terra natal
    sem paisagens marinhas
cada um com um buraco em seu peito
esguichando palavras estridentes
descerão atravessando gargantas
e subirão pela espinha a golpes de jejum
descerão empurrando palavras
transportando-as ao pescoço como cintos de salvação
abrindo crateras nas cabeças queridas
e olhos nos olhos dos aflitos
subirão do asfalto
transparentes e feridos
com os olhos nas mãos
a cabeça no sangue
chegarão aos pares ligados pela boca
com um estandarte negro seguro nos dentes
e descerão sempre cada vez mais e cada vez de mais alto
até chegar à orla do inferno chorarem as últimas lágrimas
    e partirem de vez

O POETA EM LISBOA

Quatro horas da tarde.
O poeta sai de casa com uma aranha nos cabelos.
Tem febre. Arde.
E a falta de cigarros faz-lhe os olhos mais belos.

Segue por esta, por aquela rua
sem pressa de chegar seja onde for.
Pára. Continua.
E olha a multidão, suavemente, com horror.

Entra no café.
Abre um livro fantástico, impossível.
Mas não lê.
Trabalha — numa música secreta, inaudível.

Pede um cigarro. Fuma.
Labaredas loucas saem-lhe da garganta.
Da bruma
espreita-o uma mulher nua, branca, branca.

Fuma mais. Outra vez.
E atira um braço decepado para a mesa.
Não pensa no fim do mês.
A noite é a sua única certeza.

Sai de novo para o mundo.
Fechada à chave a humanidade janta.
Livre, vagabundo
dói-lhe um sorriso nos lábios. Canta.

Sonâmbulo, magnífico
segue de esquina em esquina com um fantasma ao lado.
Um luar terrífico
vela o seu passo transtornado.

Seis da madrugada.
A luz do dia tenta apunhalá-lo de surpresa.
Defende-se à dentada
da vida proletária, aristocrática, burguesa.

Febre alta, violenta
e dois olhos terríveis, extraordinários, belos.
Fiel, atenta
a aranha leva-o para a cama arrastado pelos cabelos.

UM HOMEM

De repente
como uma flor violenta
um homem com uma bomba à altura do peito
e que chora convulsivamente
um homem belo minúsculo
como uma estrela cadente
e que sangra
como uma estátua jacente
esmagada sob as asas do crepúsculo
um homem com uma bomba
como uma rosa na boca
negra surpreendente
e à espera da festa louca
onde o coração lhe rebente
um homem de face aguda
e uma bomba
cega
surda
muda

UM POEMA

Ceux qui lancent les révolutions
sont toujours les cocus de l'Histoire

Daniel Cohn-Bendit

Deves ter razão
e certamente a História não demorará a pôr-te os cornos
um corno vermelho o outro corno negro
grande e delirante cornudo
meninotauro bufando
e investindo à altura do sexo
Sou pela razão ardente dos teus cornos!
Pisaste bem o rabo de deus
mordeste bem o pescoço do diálogo
enfiaste admiravelmente bem
primeiro um corno depois o outro
no Cu Pró Ar da política

que era o que ela estava a pedir
Corno detonador e mais nada já sabes
«porque ninguém representa ninguém»
e «a Poesia deve ser feita por todos»
Dádá cá o teu corno vermelho
Dádá cá o teu corno negro
quero acariciá-los quero vê-los deitar fumo
fumo negro e vermelho
antes do incêndio
onde eles os teus cornos arderão definitivamente
Saúda-te sussurrealisticamente
um homem quase sem esperança de cornos portugueses
não sei se compreendes
Outros antes de ti
mas da mesma família colérica
já o tinham dito:
o sono do materialismo dialéctico engendra monstros
donde essa monstruação sagrada
que se farta de sujar lençóis
fizeste bem em pegá-los pelos cornos
e ires estendê-los na torre Eiffel
Ceux qui tricolorent (Pré Vert)
vão agora vomitar (Misère)
Viva Dany!
Corno-Satã
Marrada na porta do Amanhã!
Cancan cantáridas
nos testículos operários!
Pan Panfleto metido nos ovários!
Puseste de fora as tripas da sociedade capitalista
tiraste a tampa do caldeirão da democracia
mas com o cuidado de uma mão no nariz
e a outra eriçada de flores
tudo isto com a naturalidade da cólera
tu que inventaste
fazendo o pino sobre a pele esticada do tambor de Paris
o Livro das Grandes Excitações
Pseudónimo dos desejos recalcados
analfabeto do abecedário revolucionário
que assinaste de corno
o abaixo-assinado pela Revolução
Viva!
Lobisomem (Pravda) que trincaste
pela primeira vez neste século
o clítoris de Paris
e provaste
que a linha do horizonte do futuro

passa pelo umbigo
e a Freud Karl Marx Fourier e Bakunine
chamaste um FIGO!
Viva!
Quando todos julgavam que desta vez era verdade
o bandulho de Breton principiava a apodrecer
e os martelos da arte da democracia e o mais
começavam a pregar sorrateiramente
os pregos da última cena da Viúva Alegre
eis que o bandulho como um tremor de terra
arreganha os dentes
Tu Dany que sempre usaste o barrete frígio como preservativo
tu sorriste à dentuça arreganhada
e com teu dedo de bronze escreveste nas paredes
frases inventadas
por exemplo: o poeta devorará o seu poema ou não
— o poeta devorará o poema para haver Revolução
o poema devorará o poeta para não
Fique entendido que te exalto apenas para que ardas
para ao menos sentir nas narinas
o doce novo cheiro do enxofre
que anuncia a Aurora Boreal
e a pólvora no Fígado
Cornúpeto Ímpeto Sinal
Neste momento és apenas um pretexto
para a navalha de barba fechada envergonhada que sou
se abrir razoavelmente agressiva
e talvez nunca mais se fechar vamos lá ver
porque eu debaixo da gabardine
esta película literária própria para cumprimentar
e receber cumprimentos
eu estou de facto na pele e no osso
relativamente no tutano da esperança
apenas a carne mínima para as noites na cama
esse cordão umbilical que me prende à Revolta
e me exalta no Amor
Porque sei também
há quem espere a visita da liberdade
há quem não espere a visita da liberdade
há quem ponha a liberdade fora de casa
três espécies de gente que há-de ser julgada pela própria liberdade
todos pavões das artes e das letras arganazes do jornalismo
tartarugas da política
todos de escadote às costas
para falar de cima pelo funil do diálogo
ir de automóvel urinar ao litoral para ver o pôr-do-sol
todos os que usam o sexo como gravata

e amam de gravata no sexo todos definitivamente avestruzes
Não entro neste tango à meia-luz para não ver o sangue
sou pela patada no sobrado
pela cornada no tecto
sou pelo salto da pantera
e o ódio e o amor raiados de vermelho
Sou pela mão no martelo
e o martelo contra o espelho!
Sou por ti pelo teu Olho Selvagem
pelo teu esquerdismo de Berro e de Chavelho!
Já o disse uma vez:
pelo meu relógio são horas de matar
de chamar o amor para a mesa dos sanguinários
Estou-me nas tintas
para a pesca à linha das ideias
para a fila de chapéus alentejanos
em coro desafinando a esperança
Sou talvez um violento
um homem com labaredas à roda da cintura
e a língua de fora apesar de ranger os dentes
Dany Anti-Suicidado
sei muito bem que também te chamas Rudi e Vietname e Che Guevara
e outros nomes mais
e um só nome: Proletariado
Estou farto de fazer tricot com as próprias tripas
de beber e de escrever nos intervalos
ter por destino fumar cigarros para divertir os pulmões
até que deles saiam serpentinas e pronto
e não é isto que quero
Dany Possesso
Anel Vermelho e Negro
Fogo no Abcesso

Peixe-Dádá na Corrente Quente Surrealista

Até à vista!

AZULIANTE

Este poema
começa com um homem de tronco nu
à sua mesa de trabalho e hiante

a esta hora em que de oriente a ocidente
se acendem lâmpadas trémulas e bárbaras e ferozes
e o mar é o teu nome a esta hora pétala a pétala
em que subirei de avião para ir beijar-te os olhos
e ver no meio do deserto o único
o magnífico devorador de rosas a comer um pão
enquanto do Oceano resta apenas
o silêncio de uma lágrima caindo nos joelhos de uma criança
Espera-me onde um nome há no Ar escrito com saliva azul
com raiva azul
como a urina violenta dos amantes
com a sua flor azul à superfície onde crepita a morte

Choverá muito eu sei choverá muito
e não porei uma pedra branca sobre o assunto digo
sobre o tremor de terra em que tu danças
na tua roda de cigarros cada vez mais depressa cada vez mais depressa
e lento o peixe de plumas de águia letra a letra
dá a volta ao mundo dos teus olhos
enquanto a dentadura cintilante pronuncia o grande uivo
de oriente a ocidente

Certas palavras muito duras quando a noite cai
não devem ter outra origem sabes tão bem como eu
porque agora a lava das lágrimas ao crepúsculo
são as rosas com que o poeta fala
à multidão em volta do crocodilo o animal repugnante
de costas para a luz contra o grande uivo:
de oriente a ocidente a mesma flor podre o estado
os segredos de estado as razões de estado a segurança do estado
o terrorismo de estado os crimes contra o estado
e o equilíbrio do terror
de oriente a ocidente meu amor de oriente a ocidente

Digo não Eu digo não
digo o teu nome que diz não

No entanto às portas da cidade e ao pé de cada árvore
à espera que tu chegues ou passes simplesmente
estão os grandes do império com o chapéu na mão para cumprimentar-te
Então passas tu com a lua no peito
dividindo distribuindo os alimentos
passas tu devagar atirando as moedas
que os dias não aceitam e gastamos depressa
noite mil e uma noites de quem espera

Meu amor países pátrias têm todos um nome
de letras imundas que não é para escrever
Se ainda podes ouvir o búzio da infância
ouvirás com certeza o sinal de partir

No comboio multicor sobre carris ferozes e azuis
que há mil anos dá a volta ao mundo
sou eu o homem que viaja nu porque eu sou
o arco-íris e a rosa no trapézio
e tu toda a paisagem que atravesso
como se fosse de bicicleta
como se fosse sílaba a sílaba
a primeira frase sobre a terra
tu com as tuas luvas de amianto ao lado do vulcão
com a tua máscara de olhar a aurora boreal
de me olhares para sempre nua eu a tempestade
de coração a coração

Roda sórdida da razão cínica e canto de galos
depenados vivos que cantam nos intervalos da morte
no meu livro de horas deste século
está escrito que o homem livre fará o seu aparecimento
sob a forma de um cometa de cauda fascinante
que arrastará os amorosos até o centro do mundo
donde partirão na rosa-dos-ventos e este será o sinal

MANUEL DE CASTRO

Nasceu em Lisboa em 1934, e aí morreu. Uma autodestruição sistemática, premeditada, conduziu-o à morte prematura, em 1971. «A ultrapassagem de um certo limite é (...) uma mudança de situação, nunca uma consequência» — escreveu ele algures, quatro anos antes de «mudar». Publicou *Paralelo W* (1958) e *A Estrela Rutilante* (s/d, 1960). Existem alguns textos seus, a maior parte de circunstância, espalhados por revistas e jornais.

[POEMA]

para lá da cortina além da porta errada
silencioso e só está sentado
e lê num livro velho
a sua própria história

PARALELO W

Largos largos largos LARGOS HORIZONTES
— não te recordarei. Há um país fatal,
existe uma zona de aventura, um segredo.

O amor possui o tempo — Ignora
que já não há velas nem os capitães
são agora donos de seus barcos.
Tudo que nos transporta participa
do nosso imparável movimento.

Ignora

que os ancoradouros são para navios
mas os navios partem
e por vezes não regressam

Todos os meus amigos são rosas brancas
todo o meu amor é ave lenta

No entanto

prefiro-me veneziano rápido
oferecendo anéis aos mendigos
vestir-me de rubro e negro para ti
ao som dos clarins
fluir viagem de flores súplice de perigo

os navios partem
por vezes não regressam e todavia
eis O SUL — uma palavra, um gesto
um lugar, um anel
— rápido som de clarim
Viagem de Flores
Perigo

este é o tempo em que morrem os Príncipes
ao sol-posto num final sereno
e se iniciam os ritos bárbaros
da Grande Velocidade

manchas no céu da noite
quebram e reúnem seus corpos
em cósmicos espelhos
enquanto um mágico aceno de flúor
descreve a partida das nossas frotas
na imensidão azul escura
cristalizando no oculto um sentido
para a vida e a morte
concretizando o movimento dos nossos músculos
— um brilho que cheira a limo e sal.

Sobre os cadáveres assim incorruptíveis
dos velhos príncipes desagregados no mar
passam os navios
e a geração angélica e terrível
talha o seu destino sobre-humano
onde a noite vai expulsar os astros
iniciar-se, e ter um nome diferente.

A ERC JOSAMU JOVE

Nós os intocáveis, os imundos, recusamos
nossa vida à condição comum.
Porque é intemporal a rosa que nos leva
entre o dia e a noite.
Nós os derrotados, impuros, oferecemos
nossa miséria a um significado
oculto e diferente —

asa branca na varanda
nome escrito nos telhados
estrada atravessando a terra de ninguém

Nós os últimos dos últimos coroamos
impérios e jardins

O PESQUISADOR DE LUAS

O crescente na fronte.

Lua, cicatriz da noite, gôndola de vidro
onde voga meu romance — bronze sob a água...
No coração da árvore, no búzio,
o transporte certo de uma folha
— balada na região d'esferas
— reino exceptuado de alga e cinza...

Nuvens.

Um tépido clarim risca no vento
subtis nostalgias, gentilezas, cores...
Perfeitamente suspendo uma figura
entre espelhos e estrelas...

Lírios.

PÓKER

Enquanto
os rins os fígados os sexos os esófagos
as vértebras o esfíncter a espinal medula
se discutem num vórtice progressivo
de molas de aço de pequenas roldanas satisfeitas
de micróbios auto-suficientes nadadores
de pequenos macacos campeões de xadrez
e o miguel ângelo e o miguel arcângelo
e a influência dos aquários na tranquilidade do lar
tem visões é doente mental de bicicleta todavia
o que o salva é que já há pastilhas
e se não houvesse pastilhas uma boa fricção
ou a ordem do mestre carpinteiro
com muita ginástica sueca por cima
a prestações é muito mais fácil

os vagabundos apontam às crianças
uma cortina um rosto
espantoso terrível rastejando no solo
perdido num diabólico ciclone de peixes
num caos de círculos e ângulos fosforescentes
por vezes estampado no peito das bruxas metálicas
enclavinhado e distorcido nas unhas neblinas do poente

os heróis de guerra destroçados recordam-no
surge por vezes na espuma amarela das marés
está ao longo das vias férreas transcontinentais
oscilante no topo da torre Eiffel
os russos sabem-no de cor
os chineses vestem-no
os yoguis praticam-no
e os cadáveres descrevem-no aos abutres

este
é um jogo mecânico
em que nada é inútil
e tudo possui a construção corpórea do tempo
do tempo que não é medido do tempo espelho
consumação líquida de pontes de tijolo
dos olhares da súbita descoberta dos ruídos
com o braço introduzido no ar

[POEMA]

A noite está líquida oclusa vegetal
é um corpo longilíneo e desmembrado
flui como um rio de si mesmo alheio
flui e envolve presagiando cárceres
a noite tem hoje uma altitude especial
com aves negrejando lentamente
neste desintegrar-se de memória

e eu sou uma alucinação rítmica
com um tempo corpóreo a devorar
um mar excessivamente quieto na cabeça
excessivamente muscular e lúcido

a noite distribui pedaços de lua
aos farrapos na inconsciência dos prédios
sobre a cidade a cidade a cidade louca
que desvairou nas minhas mãos nos dedos
possuída de um candelabro antigo a partir-se
um lampadário cristalino e rutilante
a quebrar-se com súbitos estilhaços pela noite fora

viajo nitidamente pelo passado
na organização de um jogo de perigo:

o meu amor é a aquisição de uma técnica
um processo de transformação dos corpos
a prospecção dramática dos ritos
uma queda livre e vertical
um olhar imóvel sobre o mar
a oferta do tempo sem comércio nem ódio
fibra a fibra
do tempo crivado de buracos baleado
assassinado corrupto perdido

o meu amor é a correcta magia dos sons
a ultrapassagem da noite
fulminante e arrebatada num círculo de fogo
coberta de engenhos de destruição
correndo extensamente sem peso

o meu amor é uma trovoada nas margens da noite
uma proposta veinulada a sangue
patrocinada pelos mortos deambulantes

e é ainda a carcassa húmida dos barcos
destroçados n'areia

a noite é um coral magnífico na noite

A ESTÁTUA

Súbita como um punhal brilhante lançado
através da cúpula do dia
aparece a estátua

suas mãos ondulam
suas mãos de membrana fugidia
ondulam
na claridade suave

o olhar gelado
das espantosas órbitas terríveis
contém túmulos
iluminados abertos e vazios

nudez-carícia
o corpo inclina luz sobre a cidade
luz imóvel
extensa
musical

Súbita
como um punhal vibrante lançado
através da cúpula do dia
desaparece a estátua

ÁGUIA DE PRATA

Águia de prata
caminho de espuma

Repousa no meu ombro e desata
teu lânguido cabelo A suma
lividez dos astros nos envolva

Águia de espuma
caminho de prata

Estrelas negras sejam uma a uma
teus olhos onde o verde desbarata
cintilações A noite nos dissolva

Águia de lume
caminho de nuvem

Estatuemos nossos corpos no negrume
que a lua ilumine sobriamente Ouvem
murmúrios de água as nossas mãos cansadas

Águia de nuvem
caminho de lume

Invenção que o tempo não contém
que um rio de cor e música assume
em vida e morte serenas e caladas

CÂMARA (música)

Tríptico desmesurado, descoberto painel
nas caves do museu, como te julgam, Mágico Manuel,
as pessoas das coisas!...

Câmara — inclino-me na música.

Fim comprado, balança sem fiel
fora das lojas, Mágico Manuel...

Câmara por fora estou.

Política lembrança, distorcido anel,
como te julgam, Mágico Manuel...

Câmara.

RITUAL

vive nos livros o espírito dos mortos
sua cadência direcção e nome
flores que o vento ampara luz que se dissolve
palavras simplesmente mágicas
nascidas num gesto campo de lilases
clima de silêncio pleno e conventual
retrato antigo que se afasta e esbate

A VOZ QUASE SILÊNCIO

vai-se perdendo a voz quase silêncio
um corpo agora oco gasto frio
a morte é uma cor que foi escolhida
para encontrar a direcção do vento

o homem que foi um feto que foi um peixe
que foi o ar que foi o sangue e o gesto
atravessa o mar com círculos nos braços
possuído no seu próprio destino
na descoberta dos focos submarinos

ao nível das estrelas mais brilhantes
e no entanto desde há muito extintas
pode encontrar-se o grande amor final
pesar-se no seu som e qualidade

garganta de alcatrão fundente
vai-se perdendo a voz, quase silêncio

ERNESTO SAMPAIO

Nasceu em Lisboa em 1935. Publicou: *Luz Central* (1958) e *Para uma Cultura Fascinante* (1959). As reflexões sensíveis deste autor, os seus poemas-meditações — ou como se lhes queira chamar — são dos textos mais agudos e corajosos que entre nós se escreveram, na modernidade, dentro da e sobre a «experiência poética».

[LUZ CENTRAL]

A literatura exige solidão. A solidão é o estado de equilíbrio da consciência que prolonga a lucidez desde a mais simples percepção até à mais complexa representação de formas interiores *sagradas*. Estado de equilíbrio que resulta da oposição entre a necessidade de duração, de continuidade, frequentemente ligada às representações do Bem e da felicidade, e a tensão para o Sagrado [1] onde convergem a substância e a essência do Ser. Esta tensão — o Desejo, manifestado desde as suas formas mais arcaicas (entre as quais podemos englobar o erotismo, na ascensão para a evidência espiritual em que finalmente se transforma) até às suas formas superiores (a busca amorosa do ser essencial) — é o maior perigo que a consciência defronta. E é-o porque se estrutura segundo um sentido e um tempo históricos inalienáveis e o Desejo é a sua alienação, no reivindicar de uma forma e um acto para todas as virtualidades cósmicas do Ser, na sua natural tendência a integrar as particularidades que constituem cada individualidade, orgulhosa do seu número e da sua solidão, na universalidade da vida. Porque eu penso ser a consciência oposição ao Desejo. A consciência valor máximo, a consciência tradicional. A consciência que cada indivíduo carrega para se sentir *relativamente* vivo, seguramente vivo; a paragem, a escolha, entre os mil objectos estranhos que nos rodeiam, de os que melhor preenchem a nossa individualidade e a razão de ser dessa individualidade. A consciência nega-se à *comunicação* e utiliza, de acordo com o evolucionar da sua própria noção, um sistema convencional de trocas, especulando continuamente sobre a sua estrutura perceptiva. Se eu digo que a consciência se nega à comunicação é porque *comunicação* exige morte e consciência é cristalização, é negação obstinada à arriscada operação que a morte implica. Por isso mesmo, a comu-

[1] Para mim, o «Sagrado» representa elementarmente uma energia. Não estou a considerar as suas formas sociais, normalmente religiosas e servindo de estrutura à boa ordem da sociedade, mas as suas formas imediatas, individuais, psicológicas por assim dizer. O sagrado, dizia, representa a energia polarizada e, aos olhos do *profano*, ambígua, onde vibra a essência da Vida.

nicação é absolutamente inintegrável em qualquer projecto da consciência (o projecto é o processo de definição do *eu* por referência aos objectos que o rodeiam, em face de um universo reduzido ao valor de paisagem ou de parede).

Disse há pouco que a comunicação exige morte. O sentido desta exigência é o sentido de toda a grande criação, o de toda a comunhão cósmica. «Toda a grande criação»: como a Poesia, que é a anulação da individualidade do poeta em benefício do conhecimento expresso no Verbo e nos signos que se lhe revelam ao violar os interditos que separam o Desejo da sua natural origem: o Sagrado. O sagrado que, por subtilíssimas habilidades lógicas, tem sido prodigiosamente afastado do homem até se transformar na habitação dos ídolos abstractos diante dos quais ele se curva e em cuja contemplação afoga a sua liberdade, o seu desejo e a sua inigualável soberania. Se dou a Poesia como exemplo de grande criação é porque o poeta realiza, na magnífica definição de Georges Bataille, «uma operação sacral», [2] à semelhança do homem que ama, ao transformar-se ele próprio em comunicação «na medida em que participa da poesia». [3] O significado desta participação é o que tentaremos discernir.

Recorro de novo a Bataille: «Ela [a poesia] parte de um autor soberano, para além das servidões de um leitor isolado, e dirige-se à humanidade soberana. O autor nega-se a si próprio, nega a sua particularidade em proveito da obra, nega ao mesmo tempo a particularidade dos leitores em proveito da leitura», [4] autor e leitores deixam de ser solidão, individualidade, e transformam-se em comunicação. Quando, na proposição inicial deste texto, eu disse que a Literatura exige solidão, referia-me à solidão que precede a morte, ao despertar para o reino da humanidade soberana, incompatível com o interesse e com a superficialidade do real limitado pela razão. E, já que falo em razão, ocorre dizer que a liberdade humana não terá lugar nem sentido no Universo enquanto o pensamento lógico e determinista animar a mecânica dos processos que o homem utiliza para atingir fins que, na maior parte dos casos, não existem como fins no sentido integral da palavra, mas sim como extremos da cadeia de causa a efeito que esse processo constitui. Determinados *fins* da ciência, da arte e da filosofia racionalistas só existem como *meios* de justificar os meios empregados para os alcançar.

Inútil é insistirmos nas deficiências do racionalismo em relação às necessidades e aos objectivos superiores do homem, dadas as limitações advindas da relatividade dos esquemas traçados pela razão; a razão, que tende para um único objecto em cada período do seu funcionamento lógico-matemático, mais ou menos mediato conforme a alavanca que o põe em movimento e é o interesse, ou a necessidade, de prolongar intelectualmente as ressonâncias de um clarão de absoluto, escassas vezes alcançado, furtiva e relativamente. É inútil porque a característica fundamental do racionalismo é o *controlo*

[2] In *La Littérature et le Mal.*
[3] *Ibid.*
[4] *Ibid.*

que impõe ao espírito. Ora, nós sabemos que um espírito dirigido — se fecha; e sabemos, ainda, que o conhecimento só é possível mediante um espírito excessivamente aberto e absolutamente disponível, que simultaneamente se assista, num desdobramento dialéctico do consciente e do inconsciente, resolvido na síntese destes dois elementos, reflexo no homem de todas as sínteses que, finalmente, constituem o universo. Esta supra-consciência é exigida a quem nele queira ver e prever. A quem a alcançar, suponho, tudo lhe é revelado num só acto do espírito.

Escrevi ao princípio que a operação pela qual a consciência se dura e perpetua encontra-se, frequentemente, ligada às representações do Bem. É evidente, então, que o Desejo se acha ligado às representações do Mal, ao exigir liberdade como condição da sua metamorfose de pequeno em grande. A liberdade, ou é uma reivindicação total do Ser ou não é nada. Se considerarmos esta reivindicação como exigência fundamental da integração do homem no universo, fácil é verificarmos que: a liberdade de que falamos se identifica com destruição, a lenta e apaixonada purificação a que se referem alguns grandes mitos orientais. Destruição que sobretudo diz respeito e sobretudo põe em perigo as normas, os valores, as trocas sociais que criam ao homem um número, um espaço, uma experiência própria, a meio das nossas brilhantes sociedades de produtividade. Um acto livre põe em perigo este armazém de estruturas, porque o seu objectivo será a provocação, a destruição desta sociedade de limitações, conforme for ou não densa a ambiência ética que lhe deu origem e o seu consequente sentido revolucionário. Por isso a definição legal que lhe dão é a de *crime*, e por isso há nele a luz soberana de todos os grandes crimes da história.

Para não dar lugar a confusões precipitadas esclareço que o sentido revolucionário de que falo tem raízes na revolta contra o conceito de *condição humana*. Eu não sei o que é *condição humana*. Sei que o conceito habitualmente assim designado é usado para justificar todas as formas de expoliação e abdicação de que o homem é vítima. O homem mede-se pela não aceitação das circunstâncias dadas que o desfiguram, pela sua revolta contra essa condição. Cada vez que o homem se lembra, digo quando imagina, porque imaginar é recordar, aí está uma etapa da revolução que ele tem de operar desde a sua estrutura mental até a todo o espaço que ocupa. A revolta não é impotência, irredutibilidade à natureza ou movimento que crie ao homem um destino particular. A revolta é a base da revolução, e a revolução é a libertação das formas contingentes do espírito. Não lhe traz nada de novo mas restitui-lhe todos os seus poderes reconduzindo-o às origens. Revolução é marcha, é transformação. Para que um homem possa marchar e transformar-se é preciso que se disponha a morrer, a abandonar o pequeno e parcial ser que constitui, a fim de transformar-se ele próprio em Ser através da já citada metamorfose do pequeno Desejo em grande Desejo. Creio ser oportuno falar do maior entrave que se opõe a essa metamorfose: a experiência. É a maior contingência que o Ser defronta porque cristaliza o infinito pensando-se finito, o macrocósmico reduzindo-se a microcósmico. É preciso recusá-la a cada momento — porque o seu sentido é a justificação da consciência, que se adapta à decepção. Contra a experiência: a Poesia, a comu-

nicação para além de todos os interditos e contra todas as limitações. [5] Não uma moral, mas uma hiper-moral; não um fecharmo-nos nos nossos actos, mas um abrir a essência e a substância do fragmento que somos à penetração do Ser «de onde a vida e a morte, o real e o imaginário, o passado e o futuro, o comunicável e o incomunicável, o alto e o baixo cessam de ser percebidos contraditoriamente». [6] A Poesia coincide, então, com a destruição a que já nos referimos, correspondendo esta destruição ao desregramento dos sentidos exigido por Rimbaud como condição preliminar do acto poético. Assim, quem não se situar adentro dele tende, dada a sua estreiteza de vistas e o seu natural desejo de arrumação... a considerá-lo, ao *acto poético*, o grau máximo das formas que o Mal pode assumir. Ora, para a Literatura — que é a continuidade da Poesia (e não me refiro, evidentemente, à pacotilha que, aqui e lá fora, passa normalmente por Literatura) — não há Mal nem Bem, não há interditos: há comunicação. O que só por si chegava para justificar o «escândalo» que constitui para a consciência a percepção da existência do corpo quente e vivo que dela faz parte. Ah, que se não fossem as possibilidades extraordinárias que não cessam de deixar entrever ao homem o *ponto radioso*, até agora atravancado de deuses e de ídolos que a desonra de uma pretensa «propensão religiosa do homem» lá tem posto...

E é a vez de falarmos no movimento que, em princípio e quanto ao método, ou «forma», que lhe corresponde e seu respectivo objectivo, é uma revolução no espírito e na matéria, melhor: uma correcção na concepção de matéria. O corpo novo que há-de aparecer, os indícios seguros da experimentabilidade das transmutações e das transcomunicações universais, os objectos mágicos e magicizantes que assinalam e justificam a estrutura mental que os animou, deixam para trás, metamorfoseiam, transformam em certezas anímicas a-conceptuais os conceitos de matéria e de espírito; e a tal ponto que, esotericamente, não percebemos senão um fluxo, um mono-estado do Ser, infra- e super-estruturado; comum a tudo o que existe, com forma e essência, imediata e transcendentemente, do grau zero ou grau infinito, do ponto extremamente parcelado ao ponto onde as antinomias cessam, do átomo ao Universo. Como «prova» «visível» da viabilidade deste estado, temos a «harmonia» do mundo que habitamos, — mundo cheio de opostos e choques que o perpetuam. Este *movimento* é, na sua expressão intelectual, um monismo dialéctico que ultrapassa, contendo-os, tanto ao marxismo como aos idealismos hegelianos (os românticos e os orientais). Contra a teoria da exclusividade da matéria *(a)*, do primado do espírito *(b)*, da ausência ou gratuitidade das formas de vivência humana: Desejo e Paixão *(c)*, — afirma-se a existência de um ponto de onde tudo — matéria e espírito (para não nos perdermos de vista) — emana. Este ponto central querem muitas metafísicas que seja Deus,

[5] [...] «les vrais poèmes semblent vivre une vie entièrement personelle. Ce que nous devons chercher dans un poème, n'est donc pas une référence à quelque chose d'extérieur à lui-même, mais le principe intérieur d'individualité et de vie qui en est l'âme ou la "forme" — Thomas Merton. In *Poésie, Simbolisme et Typologie.*

[6] André Breton.

já que se trata de um *mito* [7] que extrema a existência. Ora, todos nós sabemos que os mitos que extremam a existência têm vindo a ser objecto de uma deprimente especulação religiosa. O mito do ponto central, como todos os mitos, contém dois elementos: um, radicado na tensão que liga o homem à transcendência; outro, na transcendência ela mesma. É na tendência para a cristalização resultante do desejo de paz, de imobilidade, desejo que objectiva a transcendência algures fora do Universo, divinizando-a, — é aí que a especulação se revela. Isto acontece porque o homem, ao negar-se a viver fora-de-pé, em perigo, em constante luta, isola cada um dos elementos que compõem o mito. Assim, os mitos funcionam não como factores de exaltação, mas sim e ao invés como expedientes de consolação. O que se deve atribuir ao facto de — pelo menos no Ocidente — toda a aspiração religiosa partir de uma, consciente ou inconsciente, *desesperação humana.* Todos os exegetas das religiões do Ocidente — o Cristianismo, sobretudo — apontam a ***angústia*** como o mais seguro meio de transporte para alcançar Deus. (Uma vez *lá,* parece, o estado é o de *graça.*) Fala-se muito, entretanto, da dissociação homem-mundo, e diz-se a propósito ser ela o factor primeiro da tragédia da condição humana. A mais humilde experiência, sem pretensões culturais, nos ensina que — onde exista Desejo não existe dissociação, existe Amor. E Amor é o mito que mais absolutiza o homem. É por ele — o Amor — que a divindade é forçada a «descer» ao seu elemento inicial: o mundo. Todas as Religiões se opõem ao Amor [8] e a razão disso está em que a divindade não é, para o Amoroso, mera abstracção; é, sim, um *corpo* susceptível de *posse,* [9] e a cujo contacto este provoca as *explosões de luz* que iluminam o Sagrado.

[7] «O mito é o nada que é tudo.
.....
O corpo morto de Deus
Vivo e desnudo.»
(Ulisses, de Fernando Pessoa.)

[8] [...] Jusqu'ici l'humanité n'a conçu qu'un seul mythe de pure exaltation, l'amour sublime, qui partant du cœur même du désir, vise à sa satisfaction totale. C'est donc le cri de l'angoisse humaine qui se métamorphose en chant d'allégresse. Avec l'amour sublime, le merveilleux perd également le caractère surnaturel, extra-terrestre ou céleste qu'il avait jusque-là dans tous les mythes. Il revient en quelque sorte à sa source pour découvrir sa véritable issue et s'inscrire dans les limites de l'existence humaine. [...] Par suite, l'amour sublime s'oppose à la religion, singulièrement au christianisme. C'est pourquoi le chrétien ne peut que réprouver l'amour sublime appelé à diviniser l'être humain. Par voie de conséquence, cet amour n'apparaît que dans les sociétés où la divinité est opposée à l'homme: le christianisme et l'Islam, encore que, dans ce dernier, le poids de la théologie l'ait, dès sa naissance, empêché de s'intégrer à l'être humain. L'amour sublime représente donc d'abord une révolte de l'individu contre la religion et la société, l'une épaulant l'autre.» — Benjamin Péret. In *Anthologie de l'Amour Sublime.*

Dir-se-ia, à primeira vista, haver na religião uma aspiração ao amor sublime. Mas esta impressão não resiste a uma análise mais demorada. A religião rejeita o objecto humano, fazendo incidir na divindade atributos que pertencem a esse objecto, conferindo-lhe (à divindade) um valor carnal, como é o caso posto em evidência em textos de grandes místicos.

[9] Há uma *mística* do amor; do amor *humano.*

É *um corpo* que nos restitui o equilíbrio inicial; e as suas palavras são sempre extremas. É um corpo *essencial* — porque só o conhecemos na ascensão para a extremidade emocional da vida — e porque somente dele comungamos na transcendência.

Voltando, pois, ao ponto central. O movimento do espírito que temos vindo a considerar instaura um elemento novo, até agora ausente de todas as tabelas químicas e metafísicas. Por ele se pretende conquistar a chave do compartimento onde se esconde, para observar-lhe os movimentos mais íntimos; é, enfim, aspiração a uma Sabedoria Universal, [10] que é um conhecer dos ritmos secretos da Natureza, da qual nós, o homem, somos parte privilegiada.

Como uma das múltiplas definições possíveis da sua forma, podemos propor a seguinte: pensar de *outra maneira* em *outra coisa*; *maneira* que nasceu de algo já revelado e perdido; *coisa*, inicialmente vivida, recordada de cada vez que a imaginação conduz o espírito e que o espírito completa o corpo e que o corpo contém a terra. Libertar e seguir a imaginação demonstra-nos o quanto estamos afastados da Vida, das preeminentes situações, do Amor. Sentir este afastamento, senti-lo no corpo de uma maneira incisiva e violenta, vem a ser a condição, única, do nascimento do Desejo; que, tendendo para o real, integra a verdade particular na verdade universal. Esta integração constitui o vértice da pirâmide moral que o homem é. À tendência irresistível no homem para o conhecimento que definimos por *ponto central*, empregando uma fórmula que todos os ocultismos mencionam: («A Grande Obra é a conquista do ponto central onde reside a força equilibrante» — afirma Eliphas Lévi, na sua *História da Magia*), a essa tendência irresistível, dizíamos, dá-se o nome de revolução — que o mesmo é dizer, a instalação da verdade desde a estrutura mental a transformar para recuperar o maravilhoso Paraíso Perdido [11] até ao espaço, todo, que o homem ocupa. [12]

[10] Afastada toda e qualquer implicação do enciclopedismo.

[11] De Teixeira de Pascoaes, in *Regresso ao Paraíso* (pp. 9 e 179, 5.° volume das *Obras Completas*):

.....
«Eram almas de Poetas
Que tiveram a audácia de fazer
Falar a muda Esfinge;
Que interrogaram Deuses e Fantasmas
E comeram o fruto proibido
Da árvore do Mistério.»
.....

.....
«Vede o homem sonhando; e pelo sonho
Remindo as ermas cousas transitórias,
Concluindo a imperfeita Criação,
Que Deus iniciara...»
.....

Para mim, a iluminação, a densidade poética de alguns objectos que o homem cria, numa transfiguração surrealista da clássica «obra de arte», resultam elas do choque extraordinário que se opera entre a «forma» e aquilo que é absolutamente estranho a qualquer espécie de linguagem, poética ou plástica, o que nasce e cresce até mais não caber na carne do poeta, e metaforicamente se revela, então, numa linguagem nova, estranha e pura, particularizando e a-historicizando a forma, numa palavra: negando a arte. A arte, que, no seu para nós mais válido conceito, é definida pelos grandes construtores de exegeses como ligação entre a estrutura carnal (ou espiritual, como quiserem) do artista, e o tempo, — ligação esta objectivada na *obra*, a qual é gerada no ponto onde convergem (dizem) a metafísica e a moral, sendo que a arte é acção que se quer livre no princípio que a determina e no fim que dura enquanto ela (acção) durar. Ora, eu penso que há no processo da criação artística um *desviacionismo*, uma omissão essencial. O artista detém-se, concentra o que pode ser dado, e dá. Liberta-se de parte do que nasceu e cresceu em si, de parte do que constitui uma séria ameaça ao seu equilíbrio (que é o seu número, a sua particularidade), e de parte da sua responsabilidade moral (histórica). As outras partes continuam-lhe dentro da carne e da consciência, à espera de vez, e assaltam-lhe o espírito reduzindo-o a uma dualidade impotente. Temos, assim, em vez de comunicação, *ersatz*. Em vez do acto amoroso, directo e absoluto, imitação do amor, *estética*. Esta imitação do amor —... porque o artista quer ser amado e compreendido — conduziu à simplicidade de grande parte da arte contemporânea, e é o actual estado da lógica artística.

.....
«E a árvore da nova Fé
Levanta, para o sol, os ramos verdes;
E na amorável sombra que projecta,
Rebrilham, como estrelas, os dois olhos
Da Cobra tentadora.»

(De notar é que esta última estrofe transcrita é, também, a estrofe com que termina o livro.)

[12] O surrealismo identifica Revolução com Poesia, e veja-se como se empenham, hoje, como se têm empenhado sempre os profissionais do espírito, em proclamar a sua morte, deste; porque tais profissionais têm «força»; porque invadem eles todos os planos da actividade cultural possível; porque o público não tem tempo para ler, e mercadeja os *digests* que eles servem regularmente; porque o público exige uma arte que torne a existência melhor, mais agradável, que o faça rir, chorar, que *eleve a alma*, e quer uma filosofia *para já*, que aponte soluções, que seja «objectiva», que se possa reduzir a romance, peça de teatro, filme ou colóquio, ao alcance de quantos cretinos letrados aqui e lá fora aparecem a fazer alarde de uma impudica desnaturação intelectual, de uma vergonhosa impotência... Brilhante desfile de talentos, de habilidades, de domínios, predomínios e condomínios, mais ou menos virtuosísticos dos meios de expressão, de *réussites*, de «protocolos», * de tudo aquilo, enfim, que de perto ou de longe é produto de uma... *intenção* artística.

* A expressão é de Kierkegard e envolve a noção de — compromisso(s).

Contra esta lógica insurge-se a soberania do homem, reclamando, queimando-se à procura de uma expressão de libertação total do pensamento, da concreção do espaço poético, à procura do momento em que o Espírito se une à Forma, repelindo e aniquilando tudo aquilo que o constrange.

O Poema surgirá então como um acto livre mas não arbitrário. Surgirá como acto do pensamento aberto às determinações superiores do tempo e da natureza, como anunciação de que o ponto central está à vista e com ele o princípio da remissão definitiva de Prometeu.

[PARA UMA CULTURA FASCINANTE]

Uma arte poética, admitida a relação analógica tradicional entre as estruturas do homem e do universo, é sempre uma cosmogonia. As leis que regem os mais íntimos e essenciais fenómenos da criação humana dizem respeito à mesma realidade que criou o homem, dele fez a sua expressão impermanente, mutável como a expressão do próprio homem, mas mais livre, porquanto a humana expressão é reflexo doutra realidade prestigiosa e a expressão dessoutra realidade não é reflexo senão do infinito, cujo conceito e cuja imagem próxima do olhar humano nos espiam por trás de cada objecto, órbitas vazias geradoras da angústia que raspa, imagem após imagem, todas as que não reflectem a Lei, e estas são as que exprimem termos de encontro superficiais e falsos, ou simplesmente menos *reais*, com o mundo e com a vida, comodamente integrados na consciência humana por tudo o que no homem é criação intelectual mas não é *conhecimento*.

A análise dos fenómenos da criação humana à luz de uma mítica Consciência universal pode, por alguns, ser considerada demasiado arbitrária, embora, e no plano sensível, sejam muitos os fenómenos que permitam elaborar uma relação entre o incriado e a sua emanação — o cosmos, e a inconsciência e a sua emanação — a consciência, cosmos e consciência que se organizam similarmente segundo uma sua interna necessidade — a de saírem do caos e revelarem-se, limitando-se num objecto onde a ideia encarna para que a consciência que a criou *se conheça*. O objecto criado é depois reabsorvido pela noite de onde saiu, regressa ao caos, apagada a Ideia viva que o formou, extinto o reflexo do arquétipo universal, da Ideia pura que alimenta o homem e os seus esforços para alcançar de si mesmo a Consciência absoluta, Ideia que é ela própria alimentada por esses esforços, sem os quais, admitindo que a consciência humana dela não teria conhecimento se dela não fosse um reflexo, não existiria.

Considerar arbitrária a realidade mítica do mundo que o homem pretende alcançar equivale a negar a possibilidade de o sujeito se poder *equivaler* ao seu objecto, equivale a negar ao homem a conquista de um estado unifi-

cado da consciência, equivale *a negar a Poesia.* Porque o poeta é o homem que consegue, quando o seu Verbo encarna, alcançar estados de consciência absoluta, de absoluta *vidência.* O poeta é precisamente o único homem cujo funcionamento espiritual não é arbitrário, *é real*, o único que consegue mover-se no presente e dele falar. O resto é ignorância.

É claro que este poeta a que me refiro é raro, tão raro como são raros os verdadeiros iniciados, e isto porque o *conhecimento* pressupõe a anulação individual de quem conhece, depende da capacidade que o *eu* porventura possua de substituir o seu inconsciente particular pelo inconsciente colectivo, aplicando contra este a sua consciência, dilucidando-o, e assim dilucidando uma primeira realidade mais vasta e *concreta* que a realidade do *eu*, condição básica para o conhecimento da Realidade Mítica, o qual é pura descontingenciação, libertação.

Para que o *eu* prossiga sem falhas o seu esforço pelo conhecimento, precisa de encontrar formas definitivas, reais formas de comunicação com os outros *eus.* Sem essa comunicação não pode provar, não pode medir absolutamente a veracidade da expressão do real no seu corpo.

A expressão do real é a Poesia.

A expressão do real no *meu* corpo é o Teatro.

O Teatro é a Poesia concreta.

Ritmos e sons, eis o concreto. Eis o objecto original, a redução ao sensível de todo o conceito, de toda a ideia criadora. O Teatro é a expressão da necessidade demiúrgica da consciência humana: concretizar ritualmente, por transmutação analógica, o primeiro ritmo e o primeiro som. Integrar a consciência no corpo, carregar o corpo dos prestígios criadores que circulam na natureza — eis a função do Teatro. O lugar onde esta operação se efectua é o único onde o homem se pode inserir na sua realidade total, o único onde o poeta-actor pode fazer agir a realidade total sobre a humana inconsciência da sociedade e pode vencê-la, o único onde pode *obrigar* a sociedade a participar da sua consciência, a ser dela elemento activo e integrante.

Ser absolutamente consciente — eis o primeiro objectivo. Eis a condição especiosa e teatral para ultrapassar a nojenta situação de ser condicionado, fantoche do Bom e do Justo, imundo agente dos sentimentos, dos juízos, da luxúria, do temperamento «humano, demasiado humano». «O homem é uma coisa que deve ser ultrapassada» (suponho que a afirmação é de Nietzsche), esta é a primeira aquisição a purificar a nossa vontade, o primeiro esboço terrivelmente inquieto de um sangue destinado a ser livre ou, pelo menos, a tentar sê-lo até onde o permitir a sua resistência à força da dor.

A ÚNICA REAL TRADIÇÃO VIVA

Uma tremenda força reaccionária cobre de noite a Poesia. Aos raros espíritos que tentam reivindicar para ela os antigos prestígios, o seu poder de encantação, de transposição dos secretos ritmos do mundo, de vidência, magia e ciência, mal lhes chega a força e o tempo para elevar o seu amor um tudo nada acima das paupérrimas formas de vida deste século onde a conjunção tenebrosa da religião, do capital e do resto dispõe de um eficaz arsenal de artifícios para aviltar os homens: técnicas psicológicas para mutilar a tensão inicial que os liga à realidade exterior; coacções económicas para limitar a liberdade propulsora do seu acesso às grandes zonas perigosas onde as forças obscuras arpoadas pela *necessidade* humana se objectivam, se transformam em realidade tangível; valores, noções e obrigações para torná-los vis degradando o seu sentido do Maravilhoso, substituindo o Amor e as altas circunstâncias da vida que o realizam — único contexto da Dignidade e da Grandeza humanas — por fórmulas obtusas e vulgares que são o penhor do poderio da mediocridade e da miséria moral; enfim, uma religião masoquista para os *habituar*, para fazer deles cidadãos submissos, viciando-lhes a sensibilidade e fechando-lhes o espírito.

É esta a orla de um tempo onde todo o pensamento grande e rigoroso vai dar ao inferno. Mas em todos os tempos, naturalmente, a sua tendência não foi acomodar-se ao sono do tempo, não foi pacificar as querelas e as contradições que o uniam, a sua tendência foi exasperá-las. O inferno, a noite, o caos, a natural violência dos monstros, dos dilúvios, das convulsões da terra, dos vapores venenosos das origens sempre foram o crivo onde o pensamento se teve de perder antes de encontrar o porto interdito aos que em vez do universal demandaram o particular, em vez do verdadeiro só puderam ver o comum. Em todos os tempos, também, tal como a água a insinuar-se por entre as falhas das rochas, lá longe, absolutamente sós, à *frente*, os guarda-avançados do espírito têm estado atentos às falhas da grande noite que os rodeia, procurando aberturas, espaços iluminados onde possam abrir a estrada da emancipação do homem, num combate árduo pela conquista duma absoluta semelhança entre o que ele é e a mais alta ideia de si mesmo. Foram já dados alguns passos em frente, etapas que nenhum Thermidor, nenhum refluxo reaccionário conseguiu fazer recuar porque foram definitivas, forneceram novas e superiores perspectivas à luta pela interpretação e transformação do homem e do mundo. Em vão se procurará fundamentar validamente qualquer acção que, reclamando-se do conhecimento e da criação, se inscreva fora dos quadros dessa luta. Ela apela para todas as forças objectivas e subjectivas dos diversos modos de actividade libertadora. Apela para a Poesia — função do desejo e raiz do conhecimento, o qual incide sobre a descoberta do *elemento* que permite ao sujeito *organizar-se* de maneira a se integrar totalmente no objecto que o reclama, que

permite à particularidade de cada homem, num excesso de real, harmonizar-se com a universalidade, como um homem e uma mulher, quando o desejo é tão grande que o contacto dos seus corpos é *conhecimento*, sem domínio nem escravidão, se harmonizam — no ponto onde toda a energia se cristaliza nessa maravilhosa jóia negra que obriga a perder quem a quiser ganhar, que dana quem por ela se quiser salvar. É essa aceitação dos riscos extremos, mediada pelos danadores-salvadores que interceptam a corrente magnética e a distribuem, que dá aos homens a senha das sucessivas passagens das trevas para a luz, do caótico para o ordenado, da realidade dispersa do sonho para a realidade concentrada do estar acordado.

Atento a todos os sinais *reveladores*, o poeta espera acordar. O prémio dessa espera, mais ainda do que as partidas e chegadas, é ela própria: sexualização da vida, casamento do homem com o mundo para além de todo o desespero, toda a angústia, toda a merda — cuidadosamente organizada pelos macacos pensantes — que os séculos acumularam enterrando o homem num fosso de miséria e de injustiça. O poeta quer tornar essa espera extensiva à humanidade inteira. É esse — nenhum outro! — o seu compromisso. O sentido e a medida da sua acção ultrapassam de longe todas as *soluções de continuidade* das condições actuais: é que ele, considerando bons e estimáveis alguns lances do caminho já andado, acha que em verdade *ainda está tudo por fazer*. Quanto aos que exploram a actual situação (os que não deixam *passar*), o poeta não pode senão — e da maneira mais activa — desejar o seu extermínio.

A Moral é a acção da Poesia. Quero dizer: o poeta é exemplar. Ele não pode aceitar que à sua volta se *coisifique* o homem. Sabe muito bem precisar a sua subsistência da liberdade dos outros, porque sem a crítica engendrada por essa liberdade as suas perspectivas não se definem, ficando ele como uma máquina a projectar um belo filme sobre um espaço vazio; sabe muito bem que, sem a disponibilidade condicionada por esta liberdade, o trabalho altamente poético da vagabundagem à procura de choques reveladores transforma-se, de exaltante, em amargurado. Para ele, ser livre é conservar intacta a necessidade da consciência que visa à transformação do estado entre a multiplicidade de estados relativos do ser, que mais se ajusta ao ponto equilibrante onde se fundem a lei contingente da matéria e a liberdade do espírito. A preservação dessa necessidade vai de par, nele, com a denúncia de todo o sistema arbitrário cuja estrutura seja precária e pretenda possuir um valor absoluto. Ele tem de descobrir o seu próprio sistema de aferição do real, a sua própria *física*, arruinando a actual, comportando-se sempre em relação às «verdades» do mundo e em relação à sua própria percepção duma maneira subversiva. Nas condições actuais, não há nada mais miserável do que a «recuperação» social dos poetas, nem há nada mais canino do que o prestarem-se os poetas a uma tal recuperação, ou por envelhecerem ou por não terem sabido manter a *distância* suficiente, conscientes da sua direcção *única*: essa «vontade prática» que procura restabelecer os verdadeiros fundamentos da relação homem-mundo e de alguma maneira coincide com a

obscura sensação de *gravitarmos* em volta de um objecto que, mesmo sendo desconhecido, corresponde concretamente à nossa mais íntima e essencial necessidade. Pertence este fenómeno a uma ordem galvanizada de relações interiores tão determinante e incoercível que dificilmente cabe em qualquer esquema da consciência. Trata-se de um desses fenómenos psíquicos mais obscuros e axiais por referência à direcção do espírito, à vibração da sensibilidade e à consciência moral. São as migrações de forças que atravessam a matéria e o espírito, ambos permanentemente animados por um dinamismo a que os alquimistas procuravam descobrir as correspondências e as afinidades que o produzem. O choque, o encontro com esse objecto — condutor duma força que simultaneamente é atraída e se opõe à que nós próprios conduzimos — é susceptível de produzir uma descarga capaz de iluminar, ainda que brevemente, o campo vago eternamente cerrado de bruma onde o que o homem *é* e o que o homem *não é* têm os seus «rendez-vous» numa ambiência subitamente prenhe de reminiscências encantadas e infantis. Essa descarga luminosa — a imagem poética tal como a concebo — resulta do choque de forças atractivas puras e ocupa um lugar essencial no esquema motor do surrealismo que, procedendo a uma sensibilização absoluta da relação sujeito-objecto, considera a sensação estética igual à sensação de passagem de corrente e acha ser da intensidade dessa corrente e da vibração dessa passagem que pode vir algum remédio para o estado viciado em que se encontram as estruturas da percepção reputadas de normais. Efectivamente, é esse viciamento cuja génese não faremos agora que fundamenta todas as inversões do verdadeiro funcionamento do espírito, especialmente a mania da descrição dos objectos que tanto atenta contra a principal *virtude* do espírito: reproduzir a *virtude* das coisas, recriando-as. O poeta, existindo pelo que lhe é reversível, está menos sujeito a esse viciamento que separa a vida latente da vida manifesta. Ele acha (devemos também ao surrealismo a formulação objectiva desse instinto milenário) ser a vida para o contexto de forças que definiremos por destino o que a linguagem é para o pensamento. O poeta sente conduzir a vida e ser conduzido por ela. Crê ser um dever o procurar ler um destino na trama emaranhada dos seus encontros, nas neves da sua existência orgânica, com esse ar das grandes montanhas que «exalta antes de matar», esse ar que já é *outro*. Da gravidade duma tal concepção da vida, resulta o poeta atribuir aos seus valores a mesma importância que os antigos navegadores davam às conjunções celestes que os orientavam. Esses valores, esses ímans correspondem a necessidades concretas da vida humana. Esses valores *puxam* o homem, orientam-no, são estrelas que ele utiliza para tirar o seu *ponto*, pólos magnéticos que se chamam o Sonho, o Amor, a Liberdade — tutelas da única real tradição viva que a Poesia encarna.

(Antologia «Surrealismo/Abjeccionismo», 1963.)

[UMA ESTRADA SEM FRONTEIRAS]

Relegadas, nos séculos em que imperou a tradição clássica, para longe do feudo privilegiado da Razão, as forças incontroladas que actuam no mais profundo das «cavernas do ser», as potências irracionais que constituem a face nocturna da existência foram-se acumulando até irromper pela brecha que o Romantismo alemão abriu no dique laboriosamente erguido em tantos séculos de dualismo selvagem. E eis que uma constelação resplandecente de grandes espíritos (Novalis, Kleist, Arnim, o Goethe do «Segundo Fausto», Büchner, Nerval, Lautréamont, Rimbaud, Jarry) lança, nesse esplêndido século XIX, os fundamentos de uma revolução total da ética, da sensibilidade, da vida e do mundo — aquela que o surrealismo, receptáculo enfim exacto de todas as forças sem forma que se foram desenvolvendo e crescendo contra a corrente dos valores fundamentais da civilização ocidental, viria a proclamar: pegar nas ruas e mostrá-las, pegar no mundo e mostrá-lo, mostrar ao homem o seu Objecto, mostrar que tudo é percorrido pela mesma seiva, que existe um certo estado de efervescência comunicante entre tudo o que nos rodeia a perder de vista, entre os conceitos e as imagens, e, deste modo, subir (ou descer) a esse meio «paranormal» onde o símbolo se integra totalmente no simbolizado, o possível no real, a matéria no espírito. E preferir, à complicada trama do pensamento mais ou menos abstracto, o conhecimento poético que apreende as coisas directamente, com sensibilidade espontânea e imaginação vigorosa. Preferir o princípio de analogia ao de identidade, à maneira dos peixes, que distinguem os cheiros em claros e escuros, ou das abelhas, que classificam a luz em termos de peso (claridade-leve, escuridão-pesada). Na verdade, comparar uma coisa com outra semelhante para lhe descrever as propriedades e qualidades, e insistir exclusivamente nessa estreita maneira de «conhecer», equivale a obrigar a sensibilidade a «tourner en ronde» e a pôr antolhos na afectividade. Nesta belíssima pedra que os meus dedos afloram, vejo um sinal do amor único e exclusivo que, do exterior, vai abrindo caminho na minha inconsciência, libertando o meu desejo das escórias que o desviam do seu objecto. Esta pedra, cujos contornos lembram a cabeça de um pássaro de alto voo, é assim um raio de luz do farol que me impede de naufragar nos recifes do hábito e da rotina. Neste fósforo, seguindo uma sugestão de André Breton, vejo o leão simbólico do fogo elementar: basta riscá-lo para que surja uma juba flamejante. Este maço de cigarros é a provisão de bengalas que me amparam na arriscada travessia quotidiana dos pântanos da solidão e da demência. Os gatos que me fitam enquanto escrevo, além de serem uma parábola viva de espontaneidade, de independência e de beleza, são sabres que cortam cerce todas as veleidades de arrumação no meu cubículo e implantam à minha volta a atmosfera salubre da desordem.

Na analogia, o sujeito reflecte o objecto ao mesmo tempo que o ilumina, pois todos os objectos, componentes de um único conjunto ilimitado, estão ligados entre si por uma necessidade recíproca; um garfo é uma garrafa

de vinho que é uma escada, e esta é ainda uma madeixa de cabelos que é um ferro de engomar. As características supra-lógicas de tal *modo de ver* constituem o motor da mais humana e livre das actividades: a criação poética. De facto, a metáfora poética é tanto mais activa quanto mais afastadas se encontram uma da outra as realidades que ela junta, e assim voltamos ao célebre «belo como o encontro fortuito de um guarda-chuva e de uma máquina de costura sobre uma mesa de dissecção». Porém, em jogos surrealistas que tomam por base a teoria das correspondências, o carácter limitativo da imagem privilegiada (a escolha das mais belas imagens pressupõe sempre uma restrição estética) é largamente ultrapassado pela analogia e pela sua demonstração de um mundo totalmente ligado pelas mesmas ramificações. Suponho que todos terão compreendido qual o valor essencial destes jogos. Como sempre, apesar da «falta de seriedade» que relega os jogadores para o escalão mais baixo da hierarquia social da «cultura», é ainda o instinto lúdico que *abre os olhos* ao homem, pulverizando algumas das mais queridas antinomias da nossa civilização, tais como a dos inconciliáveis prazer-trabalho ou divertimento-conhecimento. Os referidos jogos («Um no outro», «Cartões de identidade analógicos», etc.), nas várias implicações individuais e colectivas que patenteiam, desobstruem até ao infinito as vias de comunicação que ligam entre si os mecanismos afectivos, iluminando o sujeito a partir do objecto e, por consequência, ultrapassando uma das antinomias mais paralisantes: o dualismo que separa *um do outro*, a consciência e o mundo, a realidade e a imaginação.

(Volume colectivo «Grifo», 1970.)

... NESTE ESPAÇO QUE EMBRANQUECEU COMO UM CABELO

A Alma é um tique.
A. Jarry

A alma é um tique. Os gestos que esse tique inspira constituem o *tipo*. Por uma espécie de mimetismo inverso, o tipo arrasta sempre atrás de si o mesmo cenário, igual figurino —, e assim, se queremos evocar o orador, ocorre-nos logo a sua gaguez; do escritor, o modo especioso como deforma as palavras e lhes retira toda a esperança de virem um dia a alcançar qualquer sentido exacto; do general, nem se fala; são muito mais militares o monóculo no seu estojo e a farda no seu cabide do que aquele homenzinho em pijama, confuso, privado de continência e de identidade. Na verdade, a alma do juiz é a sua toga, e daí a ausência absoluta de naturalismo no espectáculo que estas personagens se dão umas às outras, marionetas e fantoches sem nome, simples sinais abstractos das convenções que cumprem.

Em *Da inutilidade do teatro no teatro*, texto introdutório ao *Rei Ubu*, Jarry pede a supressão rigorosa, no teatro, da acção e da personalidade matizada. Gente, na vida, não passa de grupúsculo. Uma pessoa não dá nada em cena, ninguém percebe o que diz ou faz, nem por que está ali, de onde veio, para onde vai. Ao teatro, nestes tempos que Jarry baliza, convêm mais funções e objectos. Nada de pessoas, de nomes — apenas papéis: o Presidente, o Juiz, o General, o Rival, o Objecto Amado, fantoches promovidos à categoria de realidade, bailando a giga do falso e do autêntico a velocidade tão acelerada que tudo fica indistinto, secretamente minado, hipertrofiado, acumulado em mitos simplificadores, sorte de espelhos irredutíveis a outras representações que não sejam as imagens vorazes da Pança e do Fálus, como concreções do mais intrinsecamente dual, confuso, risivelmente trágico da natureza humana.

A alta inspiração, os ritos antigos, os rumores feudais que a certas horas entretecem o lirismo de Jarry são constantemente turvados por uma presença obscena, tripalhada insaciável, anterior ao espírito e à poesia, que anarquiza a ordem sagrada dos lugares sublimes. Mas esta voracidade vertiginosa que sacrifica a um só todos os instintos da vida, este Rei Ubu sem outra identidade que não seja a do seu monstruoso apetite, não chegam para dar satisfação absoluta ao amor de si próprio que consome Jarry-Narciso. À Pança, falta o Fálus. À digestão generalizada de tudo quanto existe, falta o instrumento perturbador escolhido pelo Anticristo, celebrado por Jarry nestes termos definitivos: «*Outrora gerador, és para mim o gládio; ninho de víboras, semeias e queimas; pau inflamado, o teu sopro é o fogo. Tu és o mocho, o sexo e o Espírito; hermafrodita, crias e destróis.*» E contudo, se entre o Tarot e a Cabala vamos encontrar, *em César Anticristo*, o Fálus no papel de exterminador enviado por Deus a Sodoma fustigada por bátegas de enxofre, não é só disso que se trata: é também de Amor, das estações de uma Paixão que constitui a parte confessional da obra de Jarry, onde se explana a distância exacta que deve ser mantida entre o homem e o objecto do seu desejo em fábulas que não visam a glorificação de Amor, mas o esconjuro do medo que Amor provoca, já que no fundo, para Jarry, o *Outro* é vão e vazio como um túmulo.

O amor absoluto, quimicamente puro, coroação de Narciso no termo da sua caminhada, não precisa de duplos vivos e reais; contenta-se com a sua presença onírica, à imagem de um passado e de um presente que vivem simultaneamente no instante e na eternidade. Aqui chegado, Jarry-Narciso constrói uma academia obscena e desmedida, alta muralha contra o olhar alheio, a cujas torres assomam Messalina, o Supermacho, Ubu, Faustroll, espécie de guarda, de anel protector intransponível em volta da solidão sumptuosa, imperturbável, de Emmanuel Deus. Poeta demiurgo, Jarry não podia viver literalmente. A quem de si mesmo é Pai, Filho e Espírito não convêm as sombras dissemelhantes do exterior, nem o vento que atravessa as cidades, nem mesmo, às melhores horas, a púrpura das montanhas. Singular, solitário, Jarry mutila-se para viver no tempo, antecipando-se à loucura certa, ao desespero sem remédio que o tempo lhe reservava. Assim seu irmão Artaud

tomava drogas, *apenas* para estar ao nível da realidade: poder ir ao café, conversar com os amigos.

Reflectindo, como reflecte, uma deserção permanente às formas e às tendências colectivas, aceitando deliberadamente a reclusão interior e o seu universo povoado de fantasmas e complexos, exorcizando-os, desdobrando-se noutras personalidades que viriam a constituir esse seu Duplo multifacetado para o qual nunca deixou de avançar tacteando na noite, inventando a Patafísica, «ciência das soluções imaginárias que estuda as leis que regem as excepções» — a obra de Jarry é a ordenação sistemática do princípio de insubordinação total que preserva o espírito da esclerose e da dissolução definitiva. A Jarry, a poesia *serve* para isso: transformar as alienações em instrumentos de libertação. E porque é da liberdade e da vida que se trata, tudo é indizível e tudo deve ser dito.

Jarry não cabe aqui, neste espaço que embranqueceu como um cabelo. É um Carnac contra o qual se volve aragem o tornado da agitação intelectual contemporânea, sobretudo essa que se traduz em especulações desenfreadas sobre os *sinais*, cuja proliferação, em lugar de ser acompanhada duma baixa do seu valor intrínseco, antes lhes acrescenta uma mais-valia puramente artificial.

(Magazine «& etc», n.º 16, 31-10-1793.)

LUIZA NETO JORGE

Nasceu em Lisboa em 1939. Livros: *A Noite Vertebrada* (1960), *Quarta Dimensão* (1961), *Terra Imóvel* (1964), *O Seu a Seu Tempo* (1967), *Dezanove Recantos* (1969), *O Ciclópico Acto* (1972), que recolheu, com outros poemas, no volume *Os Sítios Sitiados* (1973). Após mais de dez anos de silêncio, publicou quatro poema avulsos, dois dos quais figuram nesta antologia.

A PORTA APORTA

a porta roda ao invés da lua
a porta roda bússola enterrada ao invés dos olhos
a porta geme é um cão nocturno
a porta geme extinta na trela da noite
a porta areia
a porta caruncho pária de mar
a porta maré que vem e que vai que bate e que fecha
a porta com máscara de morte
a porta sem sorte
a porta joelho na alma das portas
a porta mulher da casa de passe
a porta manchou a manhã com o grito de porta
a porta enforcada no mastro da casa
a porta por asa
a porta roda
a porta sexo a vida toda
a porta tosca da madrugada pregos são estrelas mortas
a porta pregada
a porta leilão
a porta batente a porta aranha por coração
a porta tu
a porta eu
a porta ninguém na terra pequena
a porta roda
a porta geme
a porta facho
a porta leme

O CORPO INSURRECTO

Sendo com o seu ouro, aurífero,
o corpo é insurrecto.
Consome-se, combustível,
no sexo, boca e recto.

Ainda antes que pegue
aos cinco sentidos a chama,
por um aceso acesso
da imaginação
ateiam-se à cama
ou a sítio algures,
terra de ninguém,
(quem desliza é o espaço
para o corpo que vem),

labaredas tais
que, lume, crepitam
nos ciclos mais extremos,
nas résteas mais íntimas,
as glândulas, esponjas
que os corpos apoiam,
zonas aquáticas
onde os órgãos boiam.

No amor, dizendo acto de o sagrar,
apertado o corpo do recém-nascido
no ovo solar,
há ainda um outro
corpo incluído,

mas um corpo aquém
de ser são ou podre.
um repuxo, um magma,
substância solta,
com pulmões.

Neste amor equívoco
(ou respiração),
sendo um corpo humano,
sendo outro mais alto,
suspenso da morte,
mortalmente intenso,
mais alto e mais denso,

mais talhado é o golpe
quando o põem em prática
com desassossego na respiração
e o sossego cru de quem,
tendo o corpo nu,
a carne ardida,
lhe pede o ladrão
a bolsa ou a vida.

A MAGNÓLIA

A exaltação do mínimo,
e o magnífico relâmpago
do acontecimento mestre
restituem-me a forma
o meu resplendor.

Um diminuto berço me recolhe
onde a palavra se elide
na matéria — na metáfora —
necessária, e leve, a cada um
onde se ecoa e resvala.

A magnólia,
o som que se desenvolve nela
quando pronunciada,
é um exaltado aroma
perdido na tempestade,

um mínimo ente magnífico
desfolhando relâmpagos
sobre mim.

O PODER DE ENCANTAÇÃO

Olha uma única vez
dentro de um corpo fechado
que se abrirá e progride
e cresce durante os anos
que cresce o que é humano.

E já tu te desprendeste
desse objecto olhado
e já conheceste outra gente
com outro nome de invento

ainda o que fixaste te prende
no posto antigo
prendendo a força do olhar
o sentido que lhe deste
na única vez que viste

e o sentido que lhe é próprio
o poder de encantação
que se escapou dos olhos
se muito alerta viste.

A CABEÇA EM AMBULÂNCIA

Há feridas cíclicas há violentos voos
dentro de câmaras de ar curvas
feridas que se pensam de noite
e rebentam pela manhã

ou que de noite se abrem
e pela manhã são pensadas
com todos os pensamentos
que os órgãos são hábeis
em inventar como pensos

ligaduras capacetes
sacramentos

com que se prende a cabeça
quando ela se nos afasta

quando ela nos pressente
em síncope ou desnudamento
ou num erro mais espaçoso
ou numa letra mais muda
ou na sala de tortura
na sala escura, de infância.

O POEMA ENSINA A CAIR

O poema ensina a cair
sobre os vários solos
desde perder o chão repentino sob os pés
como se perde os sentidos numa
queda de amor, ao encontro
do cabo onde a terra abate e
a fecunda ausência excede

até à queda vinda
da lenta volúpia de cair,
quando a face atinge o solo
numa curva delgada subtil
uma vénia a ninguém de especial
ou especialmente a nós uma homenagem
póstuma.

AVENTURA, UM VERBO ANDA, É UMA PESSOA

Entra na maneira de eu mostrar o poema
é um verbo andante imprime velocidade
a tudo quanto sinto até ser veloz
sentir até senti-lo
(ao poema) amante.

Entra como um volume sem vento
a face viva onde está
uma palavra que corre para mim
como um laço.

Entra nos séculos que a mim correspondem
o miolo do mundo. Jovens lendas.
Aproximações de ti a ver-me.
Leques cheios de vento do sul
uma espécie de mecânica solar
para o calor que vem contigo.

Aventura com sismos, com aparências.

Verbos andantes como mulheres
a andar
como objectos em festa num andar
homens a reter uma rua estrangeira
homens à mistura com fêmeas
e rios maiores.

Transfusões.

A OUTRA MÃO

Entre o ser possuído e aquele saco
onde cai e aquele
que irá possuir-se dele
vagueia uma outra mão em estado
revolto

seus satélites dedos
róseos
sobre a rosácea do ser
em suspensão

Mão rota franjada numa
leveza distraída
Abre-se a mão como a boca
de uma flor falando em dons
Estende-se ao pátio interior
dos seres em possessão

pois os dedos
são insectos poedores
põem o ovo o rastilho
no ninho da intromissão

Às vezes como uma cobra
a mão só deixa a pele
e então a verdade surge;
que não há mão por baixo.

A mão para actuar
tem que sofrer as palmas
como um actor no palco
da acção que vai estrear.

Comer, peixe, o seu plâncton
do ar valer-se bebê-lo
ir dentro do mundo e vir
ou ser vírgula soleníssima
numa vida corredia

ou ser tão negra beleza
ou revolta mão de cintura nova
que em tombar, mata.

A CASA DO MUNDO

Aquilo que às vezes parece
um sinal no rosto
é a casa do mundo
é um armário poderoso
com tecidos sanguíneos guardados
e a sua tribo de portas sensíveis.

Cheira a teias eróticas. Arca delirante
arca sobre o cheiro a mar de amar.

Mar fresco. Muros romanos. Toda a música.
O corredor lembra uma corda suspensa entre
os Pirinéus, as janelas entre faces gregas.
Janelas que cheiram ao ar de fora
à núpcia do ar com a casa ardente.

Luzindo cheguei à porta.
Interrompo os objectos de família, atiro-lhes
a porta.
Acendo os interruptores, acendo a interrupção,
as novas paisagens têm cabeça, a luz
é uma pintura clara, mais claramente lembro:
uma porta, um armário, aquela casa.

Um espelho verde de face oval
é que parece uma lata de conservas dilatada
com um tubarão a revirar-se no estômago
no fígado, nos rins, nos tecidos sanguíneos.

É a casa do mundo:
desaparece em seguida.

OS FRUTOS FRIOS POR FORA

A vida está cada vez mais cara
no meu tempo a vida
era mais em conta
fazia menos calor
as cidades não mudavam de lugar
corria uma brisa, como uma vassoura.

O fruto, um autómato surpreendido.
Desprendeu-se da casca, que viu?
Um autocarro, um avião, um submarino.
Os frutos frios por fora
são por dentro aquecidos a electricidade.
Os frutos davam frutos, flores, brinquedos.

No meu tempo o rio corria limpo
como um corredor novo
nadávamos nus
uns pelo meio dos outros
extraíamos um amante do vulcão mais próximo.

A um dos meus o mais novo
o mais próximo da sua idade
matou-o o fumo!

Vivia-se até à última.
A vida era mais em conta; depois
derramaram-se histórias sobre mim
os olhos de Buda destilavam
penicilina, eram o que se chama uns olhos
divinos.

Nunca mais quero animais
em casa. Morriam os animais
comprava-se veneno, matava-se gente.

Muito amantes dormindo sobre a lava.
Morríamos em ilhas separadas por
um cordão de rios ininterruptos.
Nem tínhamos idade para ser crianças num
continente.

Havia no meu tempo fábricas
sumptuosas. Onde se fabricava uma constelação
exacta e limpa, um amor sumptuoso e seus afluentes,
e ínfimas máquinas purgatórias.
Fabricava-se mais e melhor que hoje.

Não há respeito por ninguém;
por exemplo o diamante
não tem a utilidade de uma jóia:
é só um diamante (para um asceta)
só um dia amante (para um suicida).
Com uma jóia, sim, compra-se o mundo.

No meu tempo mal se via a terra
às escuras. Uma luz satélite, um olho
artificial,
uma luz de fruto verde frio por fora
operava esse milagre, essa visão.

Meu pai, que se ausentara,
sabia que seu pai ia ser morto.
Estendia-se a roupa sobre o fogo.
Crescia o pão largo como uma
ampola de penicilina, em tempo de guerra
de guerrilhas.

RECANTO 9

Do lado de cá nem só havia o sangue
e do lado de lá nem só atmosfera
nem só por baixo sol e, flutuando, o écran panorâmico
mas a pele entre espelhos imagens sobrepostas
de uma transfusão
progressiva
como no filme em que deus se investia
sobre outra divindade de demónios longínquos.

Tão à flor da pele estavam as rugas do saber
tão ao nosso alcance as ruas mágicas tanto os poros
facilitavam a inundação da alma
que alguém,
vindo do sonho,
purificou, refulgindo, os ares.

Tanto os poros facilitam
a queda no alçapão
que um poeta se identifica com um seio
para desvendar o leite.

RECANTO 19

Vejo por fim alguém morrer
que era uma pessoa a inventar uma escrita
a sorrir inventando letras para o relato de tudo
o que na neve é níveo e
do que nas letras há de esferas a rolar
de um para o outro lado da invenção

alguém que à hora a que estou tinha a dizer
que a sua liberdade era precisa como a pata de um
pássaro
pisando o solo
ou (flash) o amor impreciso como outro pé ou
pássaro a morrer de uma doença
fosforescente

ou: que Ele-e-Ela sorriam ambos nus para toda a gente.
Que ambos usavam o melhor sabão para a pele.

ou: que no seu canto, pois, cantava.

Assim termina.

FILMAGEM

Pulmão arpado no meu oxigénio, parando
a meio do ar incendiado, incêndio no teu pêlo,
no fundo bosque enterro os dedos

Desenrolo pelo teu dorso um invólucro devastador
de lençóis abruptos e tu pesas
sobre o revolto sítio
onde aferida me sinto
ao teu pesar.

Que timbre haverá a proteger cada sílaba
dentro da tua íntima palavra

Que estrela abundante encerra o perpétuo coração
de Nefertite

E tu, lépido corsário, e tu ainda, concentra-te
canta contra tua própria intrepidez.

Põe tua mandíbula a devorar-te, agora, nu.
Recorda à pressa o que mais sussurrar no teu passado
de rústico amador de fêmeas, aquilo que maior
cometimento foi entre coragens e cruezas do teu
corpo aquelas manadas que detiveste
com o sexo fervente erguido
a mim

As paisagens que foste incendiando só para filmares
o novo astro a pôr-se
no meu púbis.

FRACTURA

Despedaça expor esta fractura,
espiar por ela os meus amigos,
fechando vários peitos, várias artérias,
pela máquina morte removidos.

Escritas daninhas: pouca me sinto já
para expurgá-las! Em lava aluem,
riscam a lume páginas estremes,
e um braço na tormenta salienta-se das vagas,

frutífero implanta-se
no seio do nosso corpo escasso.
Membro em viço, irmão braço vem
por dentro semear-nos!

(Revista «Colóquio/Letras», n.º 78, Março de 1984.)

ENCANTATÓRIA

Custa é saber
como se invoca o ser
que assiste à escrita,
como se afina a má-
quina que a dita,
como no cárcere
nu se evita;
emparedado, a lá-
grima soltar.

Custa é saber
como se emenda morte,
ou se a desvia,
como a tecla certa arreda
do branco suporte
a porcaria.

(Ibid.)

ANTÓNIO GANCHO

Nasceu em Évora em data que deve situar-se nos começos da década de 40. Com pouco mais de 20 anos foi internado numa clínica psiquiátrica, tendo vivido desde então, inicialmente com algumas interrupções, em estabelecimentos desse género. Em 1973 António Gancho entregou ao organizador desta antologia uma cópia dactilografada de 36 poemas, dos quais se publicam aqui os melhores.

SINTAXE

Aonde a planície já não tiver um sentido
e os campos forem já só o horizonte
aí o teu vestido há-de ser cor esmaecido
e sobre ti a minha fronte.
Por te sobre os joelhos uma flor rubra
por te no lugar das pernas o mais amor que me houver
aí onde a flor deixa o pólen
aí o sémen mulher.
Por te sobre o sémen o gemido do teu acto
por te sobre o gemido
a planície sem sentido
aí o teu vestido há-de ser cor esmaecido
por te sobre as pernas me dilato.

AMOUR

Para que os teus dois seios sejam duas pombas brancas
e eu seja para ti o dono do pombal
para que o teu pombal seja nas tuas ancas
e eu o teu senhor matinal

Para que te a manhã te seja nos teus seios
e as tuas pombas brancas fiquem da cor de mulher
para que as tuas ancas já sejam as tuas ancas
e o teu pombal uma metáfora qualquer

Para que te eu o grão de todas as manhãs
de todas as manhãs a te distribuir
para que as tuas pombas voem do pombal
e todas as manhãs assim me distrair

Para que os teus dois seios as tuas pombas brancas
que o teu senhor há-de afagar
por ti e sobre ti e sobre as tuas ancas
o teu senhor te há-de amar.

TU ÉS MORTAL

Tu és mortal meu filho
isto que um dia a morte te virá buscar
e tu não mais serás que um grão de milho
para a morte debicar

Tu és mortal meu anjo
tu és mortal meu amor
isto que um dia a morte virá de banjo
insinuar-se-te senhor

É-se mortal meu Deus
tu és mortal meu Deus
isto que um dia a morte há-de descer
ao comprimento dos céus

SEGUNDA

Por sobre a noite uma voz me preenche
e assim se dirige uma voz por sobre a noite
uma ausente luz desce, mexe e enche
o coração açoitado e onde o açoite

E é por sobre a noite que uma voz assim
e que assim dirigida se me a mim, se me a mim
e assim por sobre ausente uma desce e enche
luz que preenche o coração em açoite

E assim o poema e assim finalizado
e por sobre a noite ai uma luz a mim
e onde o açoite o coração açoitado
e é por sobre a noite que uma voz assim

ULISSES-OLISIPO

Desenham-se no céu os números da solidão
por onde James Joyce conseguiu escrever o romance
Ulisses há-de sê-lo bem o meu coração
eu, a minha solidão, o meu transe

A chaminé na cidade deita o fumo da minha angústia
o meu desespero projecta a minha intoxicação
Ulisses, cidade de Dublin, eu, Lisboa, minha cidade
eu, Lisboa, a chaminé, o meu coração

O fumo sobe que sobe sobe que sobe e enche o ar
cidade de Dublin, Lisboa
também eu te vou a cantar

Grande a nostalgia do teu néon luminoso
a sentir-se dentro de mim e a dizer-se que já não posso

Aqui a enorme cidade aqui a tentacular
o meu crime é de estudar o céu que me invade
e onde arranha o arranha-céus.

CONSTELAÇÃO VEGA

E tinhas o brilho duma estrela gravado pelo peito
como se fosse uma tua tatuagem de luz
era um olho amarelo que te brilhava no peito
no sítio onde o esterno é metade.
Isso era a sapiência do teu tórax todo feito luz
era precisamente a sapiência dos teus pulmões
a explorarem fogo por fora do peito
e tinhas o brilho da constelação de Vega
gravado pelo peito todo
feito por que mulher não sei e não sei em que praia
porque é na praia que as tatuagens se iluminam ainda mais
ao brilho do iodo que do Sol desce
e cobre as pestanas do peito que são os cabelos.
Tinhas uma estrela de luz gravada no meio do esterno
reconheço-te a pousada da mesma o sítio onde ela se põe
e o teu peito era a gruta.
Se imagino um presépio abre-se-te a cova da garganta
que da garganta te vai
até onde o dito começa
e onde o fluxo da luz da dita inundaria depois
a dimensão do teu presépio
a dimensão do teu presépio virado para o Norte
ao confronto da Estrela Polar
que de noite viria escrever pela sua própria mão
o nome dela por cima dos bicos da tua.
Fusão da fusão, cíproco do recíproco
a tua que de estrela seria depois Polar
nos indicaria depois o caminho dos Celtas
o caminho do Norte e da Inglaterra de Ricardo
e então uma cruzada nasceria na imaginação do teu peito
uma cruzada para pôr em bico de guerra
a glava do princípio do teu esterno.
Se imagino a recuperação do túmulo
nasce-te um milagre
no sítio da tábua do dito
há uma aparição no sítio da mesma tábua.
Lázaro vem nu
se traz a Bíblia na mão é o começo dos Evangelhos.
Vê-se João no sítio do horizonte
onde o Sol põe cobre por cima da cabeça do apóstolo
nasce a Bíblia na mão do Sol
e então o astro ensina à galáxia
o sentido que o homem tem.

Tem um galo nas costas e não vê
Adão que não acorda ao sentido do corpo da cobra.

NORTE

A penumbra vinha do Norte
aonde ficavam todas as manifestações
do mistério velado
punhas flores indigitais à flor da estrela nona
que há no sítio do encontro impessoal
havia uma estrela brilhante onde existia o mar
nós cavalgávamos por uma estrada de horizontes
onde havia soluços de regiões desconhecidas
onde tu punhas flores nasciam mágoas de orientes
nós conhecemos a China porque a viagem regista
há uma noção na cabeça por onde passa o planalto
é enorme e regista sismograficamente
o que o tempo conta de passageiro
e o que não há de novo no mistério inquebrado
tu caminhavas por uma região onde havia mar de prata
e onde tudo ressumava o ambiente singular
por onde nós caminhamos há uma solidificação da matéria
há uma abertura de cimento que leva
até onde nós indicarmos o caminho fiel e enorme
onde tudo fica à nossa espera
à espera do silêncio ancestral que há
onde nós fomos simples e manifestámos
alegria e efusão.

*

Como tu tinhas todas as ambientações do campo
como se o campo fosse mandado construir-se
em amor por ti.
Punhas os amantes dos quadros fiéis e conhecidos
dos bons impressionistas franceses
a trabalhar por cima da relva
num circo de imaginação depois a ficar perpétua
gravada no coração
como se tudo te saísse das mãos e fizesses sementes
duma paz eterna.

Punhas horas a regular o teor do campo
punhas o tempo a sair-te das mãos
e sobretudo punhas uma canção no ouvido
do deus das grandes criações helénicas
que são as planícies da Tessália.
Viajava por lá porque a tua mão direita
estendia-se de luz a indicar-me o caminho.
Eras como que uma direcção eterna
um braço só decepado ao vento
a indicar-me de luz o caminho das grandes planícies
ricas de muitas propriedades ainda por descobrir.
No teu peito inventava-se todo o epicentro do beijo
o epicentro onde só fosse lábio
casca de maçã vermelha
posta lá no epicentro
onde o beijo fosse depois inaugurado em manhã.
Tudo era tu inventares isso mesmo isto mesmo
tudo era tu inventares um sentido vermelho nas coisas
pois se imaginavas o campo
imaginavas o beijo dado em manhã
de céu de linho branco.
Recitavas idades arcaicas de poemas
idades médias de poemas de aedos
jograis que te passeavam
vestidos em coevo
pela cabeça dentro.
Vai-la velida lavar camisas
e a tua mão direita era
a imaginação duma camisa
estendida em fusão com o vento
o vento lavava ou não
era tudo construção da virgindade do céu.
Tudo em ti resultava nobre
nobre como se tu fosses uma deambulação de água marinha

ABERTURA

Eu abria o rádio
eu abria o aparelho
era uma flor branca que eu abria
de sopro

eu soprava e eu abria a flor
A flor tocava música com as várias mãos
das pétalas
A flor tocava uma simbolização dum tempo
caído podre de espera de cor branca
O tempo espera-se em pintar-se
de branco
para cegar em cor
mas a minha flor abria-se de
pétalas
e as várias mãos escreviam um
piano por cima de teclas grãos vários
seguidos uns dos outros.
Era assim uma harmonia
entre flor
tempo a querer-se de cor branca em cegar
era assim umas teclas cantarem filhos de grãos
por dentro dos grãos mesmos
unidos que eram em dimensão de lado
era assim um cantar-me o tempo todo
não era assim um cantar-me o tempo todo
era assim um pairar-me
o tempo todo em Nijinsky
o tempo em um fazer-me ballet pelo quarto inteiro
quando eu tinha aberta a cabeça que imagino
da música
Abria a pétala favorita do harém
onde no centro um sultão da flor
no centro que era o amarelo da flor
abria a pétala favorita da flor
e então
e era então que me soava dentro da manhã
do quarto
uma música desfibrada de tempo serôdio
como se tudo me fosse em longe
como se a música levasse longe
o céu.

PRISÃO

Tu tinhas uma nascença que era uma prisão
uma certeza de estar concreto e unido

com a matéria da pedra.
Que era uma tua sedimentação de vida
uma tua construção de movimentos a sair das grades.
Era rico em sol o teu peito de grades
concreto e unido sedimentavas dias de espera
duma letra que te abrisse os instintos para
falares de nada.
Era uma certeza de tu estares unido como uma raiz de mesa própria
uma certeza de estares virado para um
nascente de inconcretidade material.
Tinhas uma mão de peça de artilharia
de disparares para fora o conteúdo dos dias com raiz
de mesa própria.
Eras um sol a nascer-te no sítio da grade
onde se punham ramos de quinta-feira de campo.
Tinhas uma natureza de estares sentado
sobre uma cadeira que era a tua
esperança de estar unido com a nascença do movimento.
Tinhas um cantarem-te os cabelos no dia de dentro
um ser-te uma mágica a fusão de
olhar com dimensão de esperança fora.
Eras-te igual à matéria da tua animação de selva
íntima
igual ao cantar-te serôdio o tempo de pendular
na cabeça.
Conhecias uma esperança de cortares os cabelos com uma
navalha de vento
mas era tua a inspiração de um modo interior de vida.
Criavas um espaço aberto na clareira duma grade
que era um espaço celeste a cobrir de grego o cimento.
Tu tinhas uma invenção de disparares saúde de dias
por fora duma mão.
Tinhas uma sensação absoluta de estares aberto com o espaço
duma grade
tinhas um ser-te grave o olhar para fora do dia
inaugurado de verde.
Que se te abrisse a letra
era desejo de teres fonemas no nada duma mão aberta
sem um rogar de branco.
O sol aberto em sentido de alusão a uma palavra de ti
era nada de o poente estar no sentido inverso.

MÚSICA

A música vinha duma mansidão de consciência
era como que uma cadeira sentada sem
um não falar de coisa alguma com a palavra por baixo
nada fazia prever que o vento fosse de azul para cima
e que a pose uma nostalgia de movimento deambulante
era-se como se tudo por cima duma vontade de fazer uma asa
nós não movimentamos o espaço mas a vida erege a cifra
constrói por dentro um vocábulo sem se saber
como o que será
era um sinal que vinha duma atmosfera simplificante
silêncio como um pássaro caído a falar do comprimento.

ARTÉRIA, TU TENS RAZÃO

A única coisa que eu aprendi meu Deus
a sofrer a desilusão duma passagem de rua
ficar com o lado esquerdo a ajudar a falar
mas a única coisa que eu aprendi.
Que um bocado de vidro inundasse de luz uma artéria
eu era um bocado de vidro que não inundasse de luz
artéria nenhuma
era uma desilusão a olhar para mim
e dizer movimento de rua
é assim movimento de rua
aí está nós cá estamos nós somos tal e qual
uma desilusão em passagem.
Tinha era ainda mais que tudo isso
um inchaço dum vidro em bocado
espetado em cima de pedra.
Havia um estendal de desilusão a devorar-me
todo com os olhos
eu era uma continuação do meu ser.
Onde um simulacro estava a vantagem
de uma desilusão.
Eu não
eu cá.
Que um cá estamos considerasse ou não

eu não tinha nada com isso.
Eu fum, eu...
Ah,
Havia é que era eu cá estamos nada disso
eu cá não eu nada eu não tinha eu não tenho
tu quê
nós consideramos.
Onde punha fum
tudo por dentro era duma urânia
tudo por dentro era duma constipação palpável
pelo sentido da pedra e do bocado de vidro.
Não eu cá não vou.
Quem olha descontenta.

(Inéditos)

INDICE

7 (*Nota*)
9 [Cantiga d'amigo] de Pedro Eanes Solaz (*epígrafe*)

GOMES LEAL
13 À memória de minha irmã
16 O visionário *ou* Som e Cor
18 Nevrose nocturna
20 A duquesa de Brabante
22 [A rainha de Kachmir]
24 O viúvo
26 Miserere mei!...

CAMILO PESSANHA
31 Inscrição
31 [Soneto]
32 [Soneto]
32 [Soneto]
33 [Soneto]
33 Branco e vermelho
35 Violoncelo
36 Ao longe os barcos de flores
37 Viola chinesa
37 [Poema]
39 Poema final

ÂNGELO DE LIMA
43 [Autobiografia]
45 [Soneto]
46 Deus
46 Edane! (À Lua)
47 Cântico Semi-Rami
48 Neitha-Kri
51 Ninive
52 [Poema]
52 [Poema]
53 Edd'ora Addio... — Mia Soave!...
53 [Poema]
54 O Mar
54 Epitáfio
55 [Carta]

TEIXEIRA DE PASCOAES
61 Vento do Espírito
62 A sombra da vida
67 A sombra do luar
72 Senhora da noite
86 Diante de mim

FERNANDO PESSOA
95 [Poema]
95 Gomes Leal
96 Chuva oblíqua

100 Episódios (A múmia)
103 Dois excertos de odes (Fins de duas odes, naturalmente)

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO
111 Álcool
112 A queda
112 7
113 16
113 A inigualável
114 Sete canções de declínio
120 O Lord
120 Ápice
121 Último soneto
121 Fim

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS
125 Prefácio ao livro de qualquer poeta
128 Amadeo de Souza-Cardoso
129 Poesia e criação
132 Civilização e cultura
133 [Elogio da ingenuidade ou As desventuras da esperteza saloia]
141 O cágado

EDMUNDO DE BETTENCOURT
147 Ar livre
147 Tertúlia
148 Horas
149 Poema da emoção ausente
149 Nocturno fundo
150 Noite vazia
150 Vigília
151 Atmosferas
151 Bucólica
152 Abrigo
152 Circunstância
153 Vertente lunar
153 O segredo e o mistério

VITORINO NEMÉSIO
157 A minha voz
158 A questão de limite
160 A furna
161 O falecido poeta
163 Canto à boa esperança
164 [Poema]
165 [Poema]
165 [Poema]
166 [Poema]
166 [Poema]
167 [Poema]
168 Pedra de canto

CARLOS DE OLIVEIRA
173 Retrato do autor por Camilo Pessanha (colagem)
173 Infância

174 A Gomes Leal
175 Visão de José Gomes Ferreira no Vanderman
175 Debaixo do vulcão
178 Árvore
182 Soneto fiel

NATÁLIA CORREIA
185 Mãe infusa
186 Autogénese
188 Mãe ilha
190 Rebis
191 O nascimento do poeta
192 As anamorfoses
193 As máquinas infernais
195 As metamorfoses e a alquimia surrealista
196 As interpretações delirantes

MÁRIO CESARINY (DE VASCONCELOS)
201 Algumas ligações
202 Autografia
205 A carta em 1957
208 Autoractor
212 [Mário de Sá-Carneiro]
212 A António Maria Lisboa
214 A Antonin Artaud
215 You are welcome to Elsinore
216 Passagem do anti-mundo Dante Alighieri
218 Olho o côncavo azul
220 [O navio de espelhos]
221 Xácara das 10 meninas

ANTÓNIO MARIA LISBOA
225 [Erro próprio]
229 Uma vida esquecida
229 Varech
230 Conjugação
230 Poema do começo
231 Acento
231 H
231 Rêve oublié
232 Z
232 Isso ontem único
237 O amor de Arthur Rimbaud o mestre do silêncio
237 [Poema]
238 A verticalidade e a chave

ANTÓNIO JOSÉ FORTE
243 Retrato do artista em cão jovem
243 O bom artífice
244 Reservado ao veneno
245 Poema
246 Memorial
246 Lisboa revisitada
247 Libertação
247 O poeta em Lisboa
249 Um homem

249 Um poema
252 Azuliante

MANUEL DE CASTRO
257 [Poema]
257 Paralelo W
259 A Erc Josamu Jove
259 O pesquisador de luas
260 Póker
261 [Poema]
262 A estátua
262 Águia de prata
263 Câmara (música)
264 Ritual
264 A voz quase silêncio

ERNESTO SAMPAIO
267 [Luz central]
274 [Para uma cultura fascinante]
276 A única real tradição viva
279 [Uma estrada sem fronteiras]
280 ...Neste espaço que embranqueceu como um cabelo

LUIZA NETO JORGE
285 A porta aporta
286 O corpo insurrecto
287 A magnólia
288 O poder de encantação
288 A cabeça em ambulância
289 O poema ensina a cair
289 Aventura, um verbo anda, é uma pessoa
290 A outra mão
291 A casa do mundo
292 Os frutos frios por fora
294 Recanto 9
294 Recanto 19
295 Filmagem
296 Fractura
296 Encantatória

ANTÓNIO GANCHO
299 Sintaxe
299 Amour
300 Tu és mortal
300 Segunda
301 Ulisses-Olisipo
302 Constelação Vega
303 Norte
304 Abertura
305 Prisão
307 Música
307 Artéria, tu tens razão

EDOI LELIA DOURA

antologia das vozes comunicantes da poesia moderna portuguesa

organizada por

HERBERTO HELDER

assírio e alvim